

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

*Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de
Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das
Sciencias, e das Letras, e Socio Correspondente do
Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.*

TOMO V.

*Tros, Tiriisque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.*



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA,

1853.**

119138-B



ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO VIII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Francisco Rodrigues Lobo.

Na Provincia da Extremadura, doze leguas distante de Coimbra, vinte e cinco de Castello-Branco, e vinte e duas de Lisboa, existe a pequena, mas formosa Cidade de Leiria, conquistada outrora aos Mouros por D. Affonso Henriques, recostada graciosamente em campinas verdejantes, e amenas, e regada pelas aguas do Liz, e do Lena, que devolvem suas correntes limpidas, e mansas por baixo de frondosos arvoredos, e posto que pouco mencionados dos Geographos, muitas vezes cantados, e celebrados nos versos, e nas Canções das Musas Lusitanas.

Foi no seio desta Cidade que viu a luz do dia Francisco Rodrigues Lobo, um dos Poetas mais amenos, engenhosos, e populares da nossa nação.

Apesar com tudo de tanta popularidade, e da grande estima, que doutos, e não doutos sempre tem feito dos seus Escriptos, será difficil de encontrar entre nós Escriptor cujas circumstancias individuaes sejam menos conhecidas; tal tem sido sempre o desleixo da nossa gente em pôr em memoria as noticias relativas áquelles, que mais tem honrado a patria pelas armas, e pelas letras.

Sabemos que o Pai de Francisco Rodrigues Lobo se chamava André Lazaro Lobo, e que sua Mãe havia o nome de D. Joanna de Brito Gavião: que tanto um como

outro eram pessoas de qualificada nobreza, e possuidores de opulenta fortuna.

Diogo Barbosa Machado louva muito a sua erudição, e conhecimentos moraes, e scientificos, o que bem se demonstra das suas Obras; mas nem Barbosa, nem outro algum Escriptor nos informa de quaes foram os seus estudos, onde feitos, e debaixo da direcção de que mestres correrá a sua educação, posto que alguns affirmem que elle frequentára a Universidade de Coimbra.

Dizem que viveo sempre retirado da cõrte, que então existia em Madrid, havendo-a por habitação perigosa, e funesta para quem professava a virtude, e clima pouco favoravel, para quem queria dar-se ao commercio das Musas, e ao cultivo das Sciencias.

É muito natural que está aversão para a cõrte lhe proviesse do odio, e indignação contra o jugo estrangeiro, que então largamente fermentava, e lavrava no coração de todos aquelles, que eram dignos do nome de Portuguezes, e que desejavam, á custa de todos os sacrificios, a patria livre, e independente á sombra do throno dos seus Monarchas legitimos.

O que mais me convence desta opinião é considerar que Francisco Rodríguez Lobo, nem abraçou a proffissão das armas, nem exerceo cargo algum, ou emprego civil, o que mostra que julgava indigno da sua prohibidade, e patriotismo, o alistar-se entre os servidores de um Governo intruso, e usurpador.

Foi pois a vida de Francisco Rodrigues Lobo a de um proprietario abastado, que contente dos meios de viver, provenientes da herança paterna, nem depende do thesouro, nem dos favores dos cortezãos; e que reparte os seus dias entre os prazeres do campo, e o *occio tranquillo*, e venturoso, que lhe dá logar para ornar o seu espirito com os conhecimentos uteis, e para dar-se á *phylosophia* e á poesia.

As multiplicadas composições, que sabiam da sua pena singela, e elegante, lhe grangeavam grande número de amigos, e admiradores, e faziam conhecer seu nome, não só em Portugal, e na Hespanha, mas até no resto da Europa.

Francisco Rodrigues Lobo vinha repetidamente a Lisboa, ou para vêr os seus amigos, ou para tractar de al-

guns negócios, e foi em uma destas viagens, que embarcando em Santarem, se levantou tal tempestade no Téjo, que a falua, em que vinha embarcado, succumbio á força dos ventos, e das vagas, e assim pereceo affogado no Téjo o Poeta, que tantas vezes havia celebrado em seus versos as formosas margens, e a formosa corrente deste rio.

Este funesto acontecimento foi chorado como uma calamidade pública, tal era a estima em que o Poeta era tido pelos seus contemporaneos, e quando, alguns dias depois, o rio arrojou ás praias o seu cadaver tumido, e desfigurado, foi elle recolhido com veneração, e desgosto, e levado ao Convento de S. Francisco, onde se lhe fizeram exequias honorificas, e sepultado nã Capella dicta das Quimadas, e na sua campa, se gravou como Epithaphio um Soneto hespanhol, composto por um anonymo.

Poucos serão os nossos Poetas, que tenham gozado de uma popularidade tão decidida como Francisco Rodrigues Lobo, doutos, e indoutos se juntavam no sentimento de admiração, e estima para com as suas Obras, as edições dellas se multiplicavam, e esta popularidade tem permanecido quasi entacta até aos nossos dias, pois que será mui difficultoso encontrar pessoa, que saiba lér, que não repita de cór alguns trechos de Francisco Rodrigues Lobo. Eis aqui o Cathalogo das suas Obras, e as datas das suas primeiras edições.

Côrte na Aldêa, ou Noites de Inverno, Lisboa 1619 : esta Obra foi traduzida no idyoma castelhano por João Baptista de Morales.

Primavera, Primeira Parte, Lisboa 1601, em 4.º

Pastor Peregrino, Segunda Parte da Primavera, Lisboa 1608, em 4.º

O Desenganado, Terceira Parte da Primavera, Lisboa 1614, em 4.º

O Condestabre de Portugal D. Nuno Alvares Pereira, Poema Epico, Lisboa 1610, em 4.º

Eclogas Pastoris, Lisboa 1605, em 4.º

Romances, Primeira, e Segunda Parte, Coimbra 1596, em 16.º

La Jornada de la Magestad Catholica d'El-Rey Fellippe III., al Reyno de Portugal, Lisboa 1623, em 4.º

Canto Elegiaco ao lamentavel successo do Santissimo Sacramento, que faltou na Sé do Porto, Lisboa 1614, em 4.º

Auto do Nascimento de Christo, Lisboa 1676, em 4.º

Historia da Arvore Triste; é um Poema em Oitavas, que unicamente se encontra no principio do Tomo quarto da *Phenix Renascida*.

Depois de Camões, Sá de Miranda, e Ferreira, é talvez Francisco Rodrigues Lobo o Escriptor que prestou mais importantes, e valiosos serviços á Lingua, e Literatura Portugueza; a prosa com especialidade lhe deveu um grau de elegancia, de harmonia, e de pureza classica de que até ali havia carecido; nesta parte os Authores subsequentes não poderam fazer mais que seguir as suas pisadas: elle soube ser eloquente sem precipitar-se na declamação, judicioso sem conceitos pueris, claro sem degenerar na vulgaridade, os seus periodos sempre redondos, e sonoros, nem demasiado longos, nem demasiadamente cortados lisongeiam o ouvido, e não cançam a respiração, descreve os objectos com tanta perspicuidade, e clareza, que parece que os vemos, e que os tocamos, rico de gosto, e boa critica, censura sem melindre, mas sem azedume, o estylo vicioso, e inelegante de alguns Escriptores do seu tempo; nos seus reparos, sempre assados, não ha malignidade, ha zêlo puro, e ardente da gloria da lingua patria, e das boas letras.

A sua *Côrte na Aldêa*, que tem bastante semelhança com a Obra de Balthasar Castiglione, intitulada *Il Cortegiano*, e em que o Author pertendeu sem dúvida imitar a maneira de Cicero nas suas Composições Academicas, tem é verdade perdido uma parte do seu interesse, pelas mudanças occorridas depois nos costumes, opiniões, e modo de existir da Sociedade Lusitana, não deixa por isso de conter bastantes cousas, que podem ser proveitosas, mesmo no nosso tempo, e pôde muito especialmente servir de modelo aos que pertenderem tractar assumptos moraes, ou scientificos pelo meio da discussão dialogada. Ali poderão aprender a dar-lhe uma fôrma dramatica, a propôr argumentos, a contradicta-los, ou a apoiar-los com citações a proposito, e sem pedanteria, a introduzir engenhosamente aneddotas, historietas, e comparações.

que alegrem a materia, a passar sem disparate do serio ao jocoso, e do elevado ao natural.

Outro proveito que pôde tirar-se deste livro, e quanto a mim não pequeno, é a noticia, e conhecimento de muitos costumes, opiniões, e preconceitos, que reinavam no tempo do Author.

Finalmente, a *Côrte na Aldêa* prescindindo de todos os outros meritos, entre os quaes avulta não pouco o ser o primeiro livro em prosa classica que se escreveu em nossa terra, é uma das leituras mais amenas, e recreadoras que eu conheço.

As poesias de Francisco Rodrigues Lobo sam muito superiores ás suas composições prosaicas, alumno da Escho-la Italiana, adoptou o colorido romantico dos Poetas da quella nação, que muito conhecia, e tinha estudado muito, sem, como o Doutor Antonio Ferreira, lhe misturar as imitações Latinas, e Gregas: porém Francisco Rodrigues Lobo não era como Ferreira um Poeta de pouca imaginação.

Entre muitos pontos de semilhança, que elle tem com Luiz de Camões, ha uma muito notavel, que é o não haver abandonado de todo as fórmãs da primitiva poesia nacional, antes, como o grande Epico, trabalhou quanto pôde por aperfeiçoá-las.

A sua mui consideravel erudição não soffocou o seu genio poetico, e a sua véa corre perenne, e inexaurivel. Nada mais suave, e encantador que as suas pinturas, e sentimentos tirados dos objectos, e vida pastoral, e nisto é que elle se mostra inimitavel. O proprio Montemayor não pôde rivalisar com elle; os seus versos sempre harmoniosos, e faceis susurram aos nossos ouvidos como o murmurio de uma amena fonte, como o brando rumor dos ramos agitados por uma placida viração; como a suave ondulação das ondas, que em dia puro, e sereno se deslisam sobre as arêas da praia.

Ha pessoas que consideram as Eclogas de Francisco Rodrigues Lobo como as melhores poesias que sahiram da sua penna; francamente confesso, que não posso ser desta opinião. Estas Eclogas parecem modeladas pelas de Francisco de Sá de Miranda; a maior parte dellas escriptas em versos octosyllabos, e como ellas peccando por de-

masiada extenção; sem nexo dramatico, sem poesia descriptiva, e como aquellas em estylo rustico. Tem porém sobre as de Miranda a vantagem da versificação, sempre muito superior á do antigo Poeta, que é quasi sempre ruim, por sua dureza, e desalinho.

Os Pastores de Francisco Rodrigues Lobo sam como os de Miranda, demasiado rudes na linguagem, mas falladores, e dogmaticos, tractando quasi sempre de cousas alheias da sua profissão, e fóra do alcance da sua intelligencia presumivel. Em estes Phylosophos de currão, e caçado começando a arrebeçar sentenças nunca levam caminho de terminar: basta lêr os titulos das suas Eclogas para se conhecer, que Francisco Rodrigues Lobo trabalha sobre um systema vicioso, e que não tinha estudado, nem comprehendido a Ecloga na sua pureza primitiva, como a observamos em Theocrito, e Virgilio, e nos Poetas modernos, especialmente Alemães, que melhor cultivaram este genero. Ecloga sobre o desfavor com que se tractam as letras; Ecloga contra o Odio, e a Inveja; Ecloga contra os enganos da Cobiça; Ecloga sobre a Peste; Ecloga, &c. estes assumptos poderão ser muito uteis, muito interessantes, e muito bons, porém não para se tractarem em Eclogas, e é por isso que estas não passam de dialogos, em que dous Pastores conversam, moralisam, cantam, e ouvem cantar outros ao longe. O melhor que ellas contém é sem dúvida estes cantares, e nisso mesmo é necessario muitas vezes abstrahir de que sam entoados por homens do campo.

Não ignoro que sobrá gente que acoime de demasiado severo este juizo, mas affirmo que elle é justo, que os grandes Escriptores, entre os quaes não pôde negar-se logar distincto a Francisco Rodrigues Lobo, devem ser julgados com mais rigor, para livrar a mocidade da tentação de imitar como bellezas os seus defeitos, os seus descuidos, e as suas negligencias.

Como porém não pertendemos ser acreditados sob nossa palavra, citaremos alguns exemplos dos defeitos, de que havemos fallado. Abra-se a Ecloga segunda, e veja-se como o Pastor Riseo discursa a respeito do odio.

Quantos enganos urdio,
Quanto mal fez, quanta guerra?
Quantas forças poz por terra!
Quantos Reynos destruiu!

Quantas vezes quebron leys,
De Assirios, Gregos, Romanos!
Quantos Reys fez ser Tyrannos,
Quantos Tyrannos fez Reys!

Que de Cidades, Povoades
A ferro, e fogo assolou!
Que de Capitães matou!
E que matou de Soldados!

Olha por Odio o estrago,
Que aquelle Carthaginez
No Romano Imperio fez,
E o mal que fez a Carthago!

E do que me eu maravilho
He, que por ficar seguro
Deixou o odio de juro,
Quando o fez jurar ao Filho.

E Annibal tambem o toma
Nos tenros annos, que logo
Desfaz os montes com fogo,
Só para o pôr nos de Roma.

Contam de outro que fez guerra
A hum Irmão que elle offendeo,
E tão grande odio o venceo,
Que poz a Patria por terra.

Nem aqui pára a dureza
Desta peste, e deste mal,
Que não quiz ser natural
Por passar a Natureza.

Ouvi contar de hum Thebano,
Inimigo de outro Irmão,
Que alcançara delle em vão
Victoria, com grande damno.

Porque a este mal nada atalha,
O vencedor, e o vencido,
Ambos a braço partido
Morreram n'huma batalha.

Houve hum novo caso estranho,
Que nunca se imaginou,
Que inda a Morte não bastou
A apagar odio tamanho.

Queimam os corpos na guerra,
Ambos juntos n'hum logar,
Partem-se as chammas no Ar,
Partem-se as cinzas na terra.

Tanta força inda fazia
Este mal soberbo, e forte,
Que acabando tudo a morte,
Esta paixão não podia.

Ah odio! infernal ardor!
Ira, que nunca se enfreia,
Mal pôde ser que te creia
Quem não provou teu rigor.

~~Que tração teu mal incita,~~
~~Que tu só não solicites?~~
Como podes ter lemites,
Si a morte não te lemita!

Pagou-te o Mundo tributo,
E tu tanto além passaste,
Que entre as feras habitaste
Por me mostrar que heras bruto.

Peixes, Aves, Animaes
Do mar, do vento, e da terra,
Inda entre elles fazes guerras,
Como iguaes, e desiguaes.

Porém nesses ha maior
Causa, porque odio os offenda,
Que tem odio por contenda
Por fraqueza, ou por temor.

Entre nós tanto a maldade
Nos leva ao Lago profundo,
Que além destes ha no Mundo
Odio por fallar verdade.

Em fim que nos juntos vemos
Nessa justa perdição,
Que em semrazões tem razão,
Nos com odio nunca a temos.

Olha de huma, e de outra parte
Qual pôde mais offender-te,
Franco amigo, si envejar-te
O Mundo, si aborrecer-te.

Este trecho, considerado em si, está escripto com grande vigor, e força de poesia; mas visto como falla de uma Ecloga, apresenta os vicios de prolixidade, e de inconveniencia, de que fallámos acima. Será este o estylo da Ecloga? Serão estas idéas proprias de um Pastor? Quando e que os nossos Saloios foram tão graves moralistas, e tão versados na historia antiga, e na mythologia? Não tem aqui todo o cabimento aquelles versos de Diogo Bernardes

Está tão mal a hum Pastor de Cabras
Tractar d'Astrologia, e Medicina,
Como a hum grande Rey de Gado, e labras.

O Pastor Franco tractando da Inveja, não fica inferior a este nem na prolixidade, nem na erudição. Quçamo-lo.

Quam bem a dizer ensina
O mal passado, e soffre-lo,
Que hera dita si o dize-lo
Servisse de Medicina.

Porém vê si he perigoso
Este que me dá cuidado,
Que até de ser invejado
Em ti acho hum invejosó!

Ah Riseo, que não vês
Mais que hum mal, a que hes sujeito
Sabes o que elle tem feito,
Não sabes o que outro fez.

Todos esses, que tu dizes,
E outros que contar não val,
Si odio foi nelles o mal
Invejas foram raizes.

Esses Reynos assollados
De Persios, Gregos, Romãos,
Foram invejas de Irmãos,
Inimigos de invejados.

Olha de Roma a valia
Que seu Imperio, e poder
Já podia mal suster
Pelo muito que podia.

A que estado, e termo veio
Tão differente, e tão vil
Por huma inveja civil
Entre Cesar, e Pompeio.

Pompeio não soffre igual,
Cesar não quer ser menor,
Morre o Réo, e o vencedor
E ambos deste mesmo mal.

E a mais perigosa guerra
Esta Inveja se atreveo
Quando foi buscar o Ceo,
Porque não coube na Terra.

Dizia o Sengo porém
Debaixo seu fingimento
Salvando o conhecimento,
Que os Homens já de Deos tem.

Que hera Jupiter Deidade,
Que os Ceos mandava, e regia
E só por Senhor se havia
Naquelle primeira idade.

E os temerosos Gigantes
Que a terra então sustentava,
E a quem ella não bastava
De soberbos, e arrogantes.

Invejando aquelle Deos
Juntam montes sobre montes,
Passam sobre os horisontes,
Põem-se a combater os Ceos.

E fizeram tanto damno
Com seu desejo obstinado,
Que a Jupiter foi forçado
Valer-se então de Vulcano.

Com raios os derribou,
Forjados no fogo ardente,
E de tão desforme Gento
Nenhum com vida ficou.

Mas do somno procedeo,
Diz elle, outra gente tal,
Que inda deste mesmo mal
Se levanta contra o Ceo.

E deixando o fingimento,
Cheio de tanta razão,
Porque em hum sugeito vão
Não façamos fundamento.

Olha o Anjo principal
Tão subido, e tão formoso,
De soberbo, e invejoso
Como veio a tanto mal.

Que fazendo-se inimigo
De todo o poder eterno
Na sepultura do Inferno
Pena agora o seu castigo.

Que mór mal queres que seja,
Ou que chegue a mór extremo?
Que não fôra o Demo o Demo,
Sem soberba, e sem inveja.

Ah inveja aborrecida,
Mais praguejada que a sorte,
Mais odiada que a morte,
Mais importuna que a vida.

Si teus effeitos sam taes
De que serve contender,
Que mais se póde dizer,
E a quem póde chegar mais?

~~Sô nos Imperios da Terra~~
Teu poder não se estendeo,
Pois ao Imperio do Ceo
Fizeste entre os Anjos guerra.

Nelle arvoraste Bandeiras,
Delles teu campo formaste,
E em huma, que procuraste,
Perdeste tantas Cadeiras.

Ah Riseo, que enganado
Com este mal te acharias,
Si, como agora dizias,
Por elle o visses trocado.

Não assimelhes, e iguaes
Hum damno tão desigual,
Que o teu mal tem só ser mal,
Inveja tem muitos males.

Com qualquer outro faz liga,
Por desviado que esteja,
Verás odio sem inveja,
Inveja a todos obriga.

Ah Fortuna fementida,
Que a tantos pões nesta affronta,
Dando os bens sempre por conta,
E os males tão sem medida.

Igual nos fica o tormento,
Que desigual nos causaste,
Pois nelle a todos passaste
As forças ao soffrimento.

Sem fogaça he nossa lucta,
Pois para tão curta vida
O bem pozeste em fugida,
Deixando o mal em disputa.

Mas assim inda te vêjas
Riseo, nestes perigos,
Livre de falsos amigos,
E de encobertas invejas.

E assim comas descansado
O Leite do teu Rebanho,
Sem andar por pasto estranho,
Como agora desterrado.

Que me contes o successo,
E a ventura que te traz,
Verei si no que a ti faz
Que a mim só não foi avesso.

Se exceptuarmos as quatro ultimas Coplas, haverá neste longo trecho alguma cousa de pastoril? Não poderá dizer-se com razão destas Eclogas, que ellas são a cousa menos campestre, que nos deixou o Poeta, que entre nós foi mais habitualmente campestre? Que nellas ha muitas cousas para o espirito, e muito poucas para o coração?

O que prova porém que os defeitos destas composições nascem, não da falta de talento do Poeta, mas da falsa idéa, que elle havia formado do genero, e do prurido de alardear philosophia fóra de proposito, é que em muitas se encontram passos, em que apparece o verdadeiro character da Ecloga, e do colorido que lhe pertence. Tal é este exordio da Ecloga I.

BICITO.

Huma Novilha dourada,
Que anda naquella floresta,
Com huma Estrella na testa,
Sylva branca, e remendada,
Viste, Aleixo, d'onde veio,
Que anda ali sem companhia?

ALEIXO.

~~Quiaes se derramaria.~~
Será d'algum Gado alheio.
Para nós se vem chegando,
E si eu tenho inda o meu tino,
A Novilha he de Corino,
E o Pastor anda-a buscando.
He nestes pastos estranha,
Veio ha pouco a seu corral,
Acha-se no campo mal,
E foge para a montanha.

BICITO.

E d'onde houve aquella Rez,
Que elle poucas vaccas cria?

ALEIXO.

Ganhou-a n'huma porfia
Nas festas, que Ergasto fez.
Houve então gran desafio
Em lucta, canto, e louvores,
Venceo todos os Pastores,
Da Serra, e d'além do Rio.

E estes versos da mesma Ecloga.

GORINO.

Dizem que já n'outra idade
Fallavam os Animaes,
E eu creio que por signaes
Inda hoje fallam verdade;
Ouvi contar como então
Se fez valente, e temido
Hum vil jumento escondido
Nos despojos de hum Leão;
Em quanto de longe o viam
Os outros fugiam d'elle,
Heram milagres da pelle
Do Rey a que elles temiam,
Quiz fallar, buscou sua damão,
Que os outros, com raiva crua,
Fazem pagar pela sua
Da outra pelle os enganos.
Quantos ha na nossa Aldéa
Leões, e Lobos fiagidos,
Que houveram de andar despídos
Si não fôra a pelle alheia.
Sem saber, sem consciencia,
Andam com ella entre nós.

Conhecem-os pela voz,
Honram-os pela apparencia.

O mesmo pôde dizer-se do principio da Ecloga III.

BENTO.

Como estás, Gil descansado
A' sombra desse Amieiro,
Seguro no teu Rafeiro,
Que anda vigiando o Gado.
Ora cantando a sabor,
Das Pastoras deste monte,
Ora rodeiando a fonte
Quando tem sombra melhor.
Eu, mal peccado, em contenda,
Dando-me sempre de rosto,
Inimigo do meu gosto,
Do meu socego, e fazenda.
Dá mil graças á ventura,
Que te consente descanso,
Que eu triste, que não o alcanço,
Nenhum bem se me affigura.
Pôde ser que em Madanella
Estavas cuidando agora.

GIL.

Antes estava bem fóra,
Bento, de me lembrar della,
Senta-te junto de mi,
~~Descançarás neste assento,~~
E não corras tanto, Bento,
Que ninguem corre traz ti.
Que o descanso, que me invejas,
Consiste em saber goza-lo,
Mas queres mais deseja-lo,
Que alcançar o que desejas.
Pois não te tolhe a razão
Gozar das flores do Monte,
E das agoas desta fontê,

Si não tua condição.
 Hes Pastor, e injustamente
 Queres mais que o teu cuidado,
 Quem não vive descansado
 Mal pôde viver contente.
 Serve, e guarda o teu rebanho,
 Veste a lã, e come o leite,
 Que eu fico que te aproveite,
 Mais este, que essoutro ganho.

Os primeiros versos da Ecloga VI. fazem lembrar o
 estylo pastoril do Doutor Antonio Ferreira.

SERRANO.

Torna essas Vaccas, Bento, que inda agora
 As fui tirar de dentro do Serrado,
 E não nas posso haver do damno fóra.
 Herva ha neste Olival, herva ha no prado,
 Não sei porque é melhor a defendida,
 E assim se inclinam mais ao que he vedado.

BENTO.

Sempre a vontade, amigo, se convida
 A'quillo que lhe negam; sempre engeita
 O que nem se lhe arreda, nem dúvida:
 Parece que o desejo nosso espreita
 O que mais impossivel lhe parece,
 Então contra o desejo que aproveita?
 Hum cantar ouvi eu, que hora me esquece,
 Que aqui nos trouxe Amintas, o Vaqueiro,
 E cada hora lembra-lo me acontece.
 Vês tu pelo travez deste Salgueiro
 Naquella riba estava, a mão na face,
 E estirado a par delle o seu Rafeiro.
 Os olhos postos lá onde o Sol nasce,
 Com a voz the os Passaros detinha,
 Tambem detinha, o Sol que não passasse.
 Hia cantando hum pé, e em cabo vinha
 A dizer vou fugindo da vontade
 Que a tão grandes enganos me encaminha.

Tudo aqui está rigorosamente no genero ; a recommendação, que Serrano faz a Bento para deitar as Vaccas fóra do serrado, e seu enfado porque ellas teimavam em hir para lá, tendo cá fóra herva em abundancia, as reflexões de Bento sobre a tendencia, que nos impele para quanto é prohibido, e sobre tudo a pintura de Amintas cantando com a mão na face, olhando para o Oriente, em quanto o Rafeiro jaz estirado a seus pés.

Na mesma Ecloga depara-se a descripção da lucta de dous Pastores, que faz muita honra ao pincel do Poeta. Ei-la.

Foram Dino, e Montano os luctadores,
Cada qual do seu cabo levou trez,
Da Serra, e os mais dispostos, e os melhores.
Tangem-se as gaitas huma, e outra vez,
Põem no terreiro a boa da Fogaça,
Que nunca neste vodo tal se fez.

Despem-se os dous, rodeiam toda a praça,
Eis hum se chega, eis outro se apartava,
Comettendo por geito, e por negaça.

Arcou Dino primeiro, e não chegava
Quando a Montano lhe arma huma Travessa,
Que imaginei então que o derribava.

Se não quando chegando o arremessa
De si, com tanta força, e tanta ira,
Que lhe valeu soltar-se bem depreça.

Tornam de novo á guerra, quem os vira !
Como os nossos almalhos com ciúme,
Da Juvenca, que a vê-los se não vira !

Os olhos mostram sangue, e vortem lume,
As mãos tremendo, e o roste traspassado,
Cada qual teme, e cada qual presume.

Remettem, pegam, arcam, e abraçado
Ficou Montano hum pouco mais a geito,
Elle da parte esquerda subjugado.

Meteu-lhe então com força o pé direito,
Cahio Dino, e Montano juntamente
Na terra poz a mão, como eu suspeito.

Gritam de hum bando, e d'outro, brada a Gente,
Cobrem logo a Montano os do seu bando,
Cobrem Dino tambem, mas descontente.

Os de huma, e de outra parte estão gritando,
Que foi d'ambos a queda, e sobre o caso
Armou Vicente brigas com Fernando.

Pedio Corino então, por não dar azo,
A móres desavenças, que o julgassem,
E poz da causa athe Domingo o prazo.

Accrescentemos a estes trechos o seguinte tirado da
Ecloga VIII., uma das menos defeituosas.

FERNANDO.

Gado tão mau de reger,
Gonçalo, como este meu,
Quando a ventura mo deu
Já me ensinava a soffrer,
Outro mór encargo seu,
Não ha tê-lo nos corrais,
Nem nos pastos naturaes
Perdoa a nenhum serrado,
E então he mais desmandado
Quando eu me desvelo mais.

Ando traz elle de dia,
E si na charneca o lanço,
Pela noite não descanso,
Nem socego a phantasia,
Porque athe dormindo canço.
E diz Gil, que o seu vallado
Lhe tem roto, e derribado
Este meu Novilho fusco,
E eu já de indignado busco
Hum pasto tão remontado.

Si disso murmura alguém,
Como eu vejo no teu rosto,
Não he por hir traz meu gosto,
Que, inda mal, nem logar tem,
Nem eu neste o tenho posto.

GONÇALO.

Navegar contra o querer,
Fernando, não pôde ser,
Sem custar muito da vida;
E traze-la repartida
Com tantos he mau viver.

Dás huma parte á tristeza,
E a cuidar sempre o peor,
Outra parte dás a Amor,
E a menor á Natureza,
E a teu gado ontra menor.
Trazes captiva a vontade,
E não deixas liberdade
A razão, e ella perdida
Vens a te queixar da vida
Como de huma enfermidade.

Serves amor de giolhos,
Ea não sei deste o respeito,
Que te obriga, mas suspeito
Que si tens a alma nos olhos,
Não tens coração no peito.
Eu sei que amaste a Tareja
A quem confessava inveja
O melhor de toda a Aldéa,
E agora ouvi que Cimea
Tem vencida esta peleja.

Desta mudança, em ti rara,
Queres dar satisfação,
E encobrir huma afeição,
Que he nos teus olhos tão clara,
Como incerto o galardão.
Servir a Amor juntamente
A's satisfações da Gente,
A' firmeza, á cortezia,
He pesada companhia,
E Amor nenhuma consente.

Vive, e ama a teu sabor,
Passa no valle, e na Serra,
Não vivas contigo em guerra,
Em cautellas com amor,
E em culpas com toda a Terra.
Sou teu verdadeiro amigo,
He d'alma tudo o que digo,
Sem falsia, e sem engano,
Vêjo, e conheço o teu damno,
Descubro-te o teu perigo.

Tu fazes a Amor pesado,
Sendo prasenteiro, e leve,
Quem ama paga o que deve,
E em tractar do seu cuidado
Sem tractar d'outro que teve;
Tens a victoria, e receias?
Tu escolhes, e te enleias?
Tu hes o que amas, e deixas?
Fernando, de que te queixas?
Tens o caminho, e rodeias?

FERNANDO.

Inda mal que passo assim
No que busco, é no que deixo,
Mas não me culpes, que em fim
Muito menos sei de mim,
Do que sei do que me queixo.
Hei-te de fallar verdade,
Porque em Amor, e Amisade,
Eu conheço o que te darei,
E nas obras não me atrevo,
Atrever-me-hei na vontade.

Verdade he que eu fiz mudança
No cuidado, e no desejo,
E nenhuma na esperança
Das culpas, que em outrem vêjo.
Pões-me culpa em me cançar,
E em querer dissimular

Erro tão bem acertado,
Que farei? si em meu cuidado
Não mudei mais que o logar?

Seguia hum contentamento
Impossivel á razão,
Hoje tinha hum pensamento
Que á esperanza he tão vão,
Quão pesado ao soffrimento.
Vi Cimea, e logo nella
Tantas razões de querella,
Que inda em presença do damno,
C'os pés sobre o desengano
Dera mil vidas por vê-la.

Este dialogo, verdadeiramente pastoril, é escripto com muito vigor de pensamentos, e muita graça de expressão, assim como outros trechos da mesma Ecloga por exemplo.

O teu Novilho formoso,
Tão arisco, e indomado,
Mau de pasto, e mau d'arado,
Entre as Vaccas bolicoso,
Entre os Homens espantado,
Que Pastor lhe não passava,
Nem outro quando pastava
Na Ribeira do Sahugo,
Não veio a tomar o jugo,
E a amansar furia tão brava?

O Urso, que Alberto cria,
Animal de tal fereza,
Não vai perdendo a braveza,
Porque basta a companhia
A mudar a Natureza?
Huma Charneza maninha,
Que só mouta, e Carlos tinha,
E infructiferos sylvados,
E estes barrancos quebrados
Por onde a agua ao valle vinha,

Não vês que o trabalho alheio,
E a dura continuação,
Fez com que agora nos dão
De Trigo, Milho, e Centeio
Cheia Espiga, e louro grão?
Pois como não pôde ser,
Gonçalo, que huma Mulher,
Que tem razão conhecida,
Sabendo que he tão querida
Que se sugeite a querer?

Resumindo; as *Eclogas* de Francisco Rodrigues Lobo, posto que contenhão muitos traços de excellente poesia, e muitas idéas engenhosas, me parece que não podem ser preferidas ás de Ferreira, Bernardes, e Caminha; e muito menos ás de Luiz de Camões, nem pela pureza da composição, nem pelo gosto, e escolha dos assumptos, nem pela imitação campestre, nem pela graça, e riqueza da expressão poetica.

Algumas, ou quasi todas, das *Eclogas* de Francisco Rodrigues Lobo sam precedidas de *Epistolas* em *Tercetos*, dedicando-as a alguns amigos, e mostram que elle poderia, si tivesse cultivado mais este genero de Poemas, para que tinha grande disposição, grangear um logar muito distincto entre os nossos antigos Poetas *Epistolares*, nestas composições poderia elle dar redêa larga ao seu espirito moralizador, e alardear a sua muita erudição, e a sua philosophia; para dar idéa do seu talento para a *Epistola Poetica* transcreverei a que precede a *Ecloga V.*, e que é endereçada a um amigo anojado pela morte de seu irmão, o Leitor verá que elle neste genero de escripta se aproxima um tanto da maneira de Camões.

EPISTOLA.

Entre estreitos limites encolhido,
Em varios pensamentos espalhado,
Competidor da sorte, e perseguido.
Aldeão no tractar, e exprimentado
Dos enganos, e enleios da Cidade,
Pobre contente, e rico sem cuidado.

Não me esquece, Senhor, vossa amisade,
Que como vossa está sempre segura,
De mudança, de inveja, e falsidade.

Mas como andais nos braços da Ventura,
Crescendo, como he justo que cresçais,
E eu debaixo da roda incerta, e dura.

Nem vos busco, Senhor, nem me buscaís,
Que o que Amor igualava antigamente,
Poz a ventura em termos desiguaes.

Bem creio que este mal he só de ausente,
E sei que vos não muda a Natureza,
O que mudar costuma a tanta Gente.

Porém entre estes montes, e asperiza
Si não sou para os gostos companhia,
Não a achareis mais certa na tristeza.

A Ave, que ama a luz, festeja o dia ;
A que do Sol se teme, occulta espera,
Para sahir, a noite escura, e fria.

Não a esperava eu, nem a quizera,
Sinão hum dia claro, em que vos visse,
Subido como o Sol na sua esphera.

Mas já que o Sol tal bem não permittisse
Para mim no presente sentimento,
Aconselhou-me a sorte que sahisse.

Podéra aconselhar-vos soffrimento,
Que o costume dos males me ensinou,
Quando me não valia entendimento.

Mas he o vosso tal, que me atalhou
As queixas, as razões, que concertava,
Quando tão triste nova me chegou,

Pela parte da dôr, que me obrigava,
E que devia áquella alma ditosa,
Que com seu nome o vosso nome honrava,

Não estava a razão tão poderosa
Em mim, que desse alivio, ou desse côres
A' vossa pena triste, e saudosa.

Tornei-me então ás Musas, e aos Pastores,
Que me sam neste monte companheiros,
Quicá por serem taes serão melhores.

Enturvaram-se as fontes, e os Ribeiros,
Assombraram-se os valles, e Arvoredos,
C'os meus tristes accentos derradeiros.

O Echo, pelo vão destes penedos,
Ficou hum grande espaço repetindo
Queixumes da ventura, e seus segredos.

Consolou-me depois Franco, e Clorindo,
Deram-me taes razões, que eu fui com ellas,
Mil enganos da vida descobrindo.

Buscamos mil rodeios, mil cautellas,
Encontramos em todas sempre a morte,
Que a vida está nos Fados, nas Estrellas.

Razões só deste estylo, e desta sorte,
Como quem dellas usa, vos offreço,
Remedio natural isso he mais forte.

E pois nos mais cuidados, que padeço,
C'o tracto de Pastor tão bem me avenho,
Que depois que os tractei viver começo,
Mando-vos do que estimo, e do que tenho.

Os nossos antigos Poetas da Eschola Toscana, cultivaram com muito esmero, e predileção a Elegia, especialmente Erotica, como vimos nos Capitulos de Sá de Miranda, Bernardes, Ferreira, Caminha, e Camões, que nos deixaram livros dellas. Francisco Rodrigues Lobo não se pagava, ao que parece, destas composições; escreveu poucas, e essas mesmas as deixou entrecalladas em suas outras Obras, entre ellas me parece uma das que mais estima merecem a seguinte, cantada pelo Pastor Gil, na Ecloga IV.

ELEGIA.

Aqui nestes Outeiros levantados,
Que descobrem do mar a rouxa entrada,
Nesta verde ribeira, e nestes prados.

Aqui nesta floresta celebrada,
Semeada de flores, e boninas,
De cristalinas fontes rodeiada,

Aqui nestas moradas peregrinas,
Que dispoz a Fortuna nossa imiga,
Daquellas Semideosas dellas dinas.

Aqui foi, olhos, vossa Troya antiga,
Onde vos apparece este deserto,
Que a suspiros, e lagrimas obriga.

Aqui o fero Achyles em concerto
Seus ousados guerreiros ordenava,
Ali andava Ulysses encoberto.

Ali Simon, o astuto, fabricava
O soberbo Cavallo de Madeira,
Que c'o nome de Palas enganava.

Ainda foi o incendio, e a fogueira
Da riqueza de Troya em mãos alheas,
Que o Fado converteo desta maneira.

Por ali foi fugindo o pio Eneas
Com os Deoses, e o Pai na companhia,
Que do Tybre depois teve as areas.

Aqui foi Troya, eu foi minha alegria,
Que, em quanto o consentio amor tyranno,
Nos meus contentes annos florescia.

Não foram Gregos causa deste damno,
Mas si lá foi engano, e foi inveja,
Tambem cá foi inveja, e foi engano.

Durou mais de dez annos a peleja,
Foi hum ardil sómente o fim da guerra,
E o meu não quer a sorte que inda seja.

Este fogo do Ceo, que abraza a Terra,
Não ha dos mais ousados quem o aguarde,
Quem se esconde, quem foge, e se desterra.

O verde casco, o secco tambem arde,
E tu, Patria, dos Fados tão mimosa,
Para ser mór teu mal foi ser mais tarde.

Estava a mão divina, e piedosa
Para te levantar este castigo,
Mas não mereces ser tão venturosa.

Si em fogo tão cruel, tão inimigo
Lagrimas, que nasceram desta magoa,
Tem força de atalhar algum perigo,

Si pouca agua lançada em humna fragea,
Em fogo mais cruel se não resume,
Tornai-vos olhos meus, em fontes d'agoa.

Inda que se escureça o vosso lume,
Tirai dessas entranhas rios della,
E não vos vença o aspero costume.

Porque si para haver Patria tão bella
Desejais vêr a luz serena, e pura,
Si o mal ha de deixar qual podeis vê-la.

Já não vereis colhêr sobre a verdura
As Dryadas capellas de mil flores,
Competindo co'a côr a formosura.

Vereis, cortando o prado, os Lavradores
Com seus curvos arados hir ferindo
Os mal cobertos ossos dos Pastores.

Já não vereis as agoas hir fugindo,
Temerosas das sombras dos Salgueiros,
Que a praia contra o Sol estão cobrindo.

Mas vereis as pisadas, e os carreiros
De outros Eneas mil que se apartaram
Com Anchyses tambem por companheiros.

Já neste prado as flores se seccaram,
Já se seccou a nossa Primavera,
Já nossas alegrias se acabaram.

Ah doce Patria minha quem podêra
Resgatar com a vida o teu socego,
Que como Curcio fez tambem fizera.

Tornou-se turvo o Téjo, e o Mondego,
Envolvei vossas agoas, Liz, e Lena,
Assombrai tristemente o fundo pego.

Cahi, soberbos montes, e alta pena,
Baixos valles, abri vossas entranhas,
Claros fontes, seccai que amor o ordena.

Escondei-vos no mar altas montanhas,
Que já vossos Pastores conhecidos,
Peregrinando vam terras estranhas.

Huns da timida morte andam fugidos,
Outros della vencidos, se esconderam
Nas entranhas da Mãi dos mais nascidos.

Já vossas alvas Nymphas pereceram,
E por estes Outeiros cavernosos
Em Echos de temor se converteram.

Ah Pastores do Liz, mais venturosos,
Que já gozaes do Ceo claro, e sereno,
E da vil morte estaes pouco medrosos.

Deste Desterro, aonde agora peno,
Accetai por offerta este desejo,
E estes suspiros tristes de Lereño.

Que em quanto vos não sigo, e vos não véjo,
Não me fica que dar mais que dar ais,
E lagrimas, que cresçam mais que o Téjo,
The chegarem, Pastores, onde estais.

Esta Elegia, apesar de alguns pequenos descuidos, é
excellente, mas convirá ella na bocca de um Pastor, co-
mo o Author a collocou?

CAPITULO II.

O Condestabre.

Francisco Rodrigues Lobo consultou mais o seu zêlo, e patriotismo, do que as forças, e temperatura do seu engenho, quando tentou a empresa de dar á patria um novo Poema Epico.

Todos conhecem que sam tantas as difficuldades, que offerece a composição de uma Epopeia ; que demanda tanta força de engenho, tanta variedade de saber, tanta invenção para dispor a Fabula, tanta originalidade, tanta eloquencia, e tanta flexibilidade de estylo, e metro, que a sua execução perfeita se torna quasi superior ás faculdades do talento humano ; o pequeno número de Poetas, que entre os antigos, e os modernos tem conseguido neste genero a approvação geral, bastaria para confirma-lo ; mas é tal a gloria, que resulta, não só para os que sahem victoriosos deste certame de intelligencia, mas até para os que se aproximaram mais da meta da carreira, que em nenhum seculo, tem faltado, nem faltarão homens, que aspirem ao Laurel de Caliope.

Francisco Rodrigues Lobo vivia em um tempo, em que a Poesia Epica era a paixão dominante de toda a Europa Literaria : e quando para estimula-lo não houvesse o choro de louvores tributados na Italia a Ariosto, ao Conde Boiardi, aos dous Tassos, o exemplo recente de Camões sobriaria para exaltar o seu enthusiasmo, e despertar a sua emulação.

Resolvido pois a compôr um Poema Heroico, escolheu para seu Protagonista o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. A escolha não podia ser mais feliz. Em poucos heroes poderá encontrar-se mais valor, mais virtude, mais grandeza epica, mais interesse popular, que no Li-

bertador da Patria, no Guerreiro sempre vencedor, no Idolo dos Portuguezes, no Homem, que Luiz de Camões, que sabia applicar bem as denominações, havia appellidado o Scipião Portuguez.

O interesse, que inspira o Condestavel, tem conservado a este Poema até aos nossos dias a honra de ser lido, e estimado, posto que não admirado, a despeito da fraqueza da execussão: com outro heroe elle ha muito que estaria esquecido como muitos, em que talvez baja mais poesia, e mais artificio poetico. Isto mostra quanta razão tinha o judicioso Boileau quando na sua Arte Poetica recommendava aos Poetas Epicos que para Protagonistas dos seus Poemas escolhessem sempre heroes de prestigio, e de interesse popular, ou nacional.

Voulez-vous long-temps plaire, et jamais nous lasser ?
 Faites choix d'un Heros propre à m'interessar,
 En valeur éclatant, en virtue magnifique,
 Qu'en lui, jousqu'aux defauts, tout se montre heroique
 Que ses faits surprenants soient dignes d'être ouïs ;
 Qu'il soit tel que Cesar, Alexandre, ou Louis.
 Non tel que Polynice, et son perfide frere,
 On s'ennuie aux exploits d'un conquerant vulgaire.

Mas si Francisco Rodrigues Lobo foi feliz na escolha do assumpto, não o foi na maneira de despo-lo. Em vez de procurar a acção mais brilhante do seu heroe para sobre ella architectar uma fabula dramatica, enlaçando com ella artificiosamente as outras acções delle, de variar o seu quadro por meio de episodios bem inventados, e de illumina-lo com a luz do maravilhoso, adorno indispensavel da Epopeia, por mais que digam em contrario os Criticos sem imaginação, e desprovidos do sentimento poetico, procurou cuidadosamente todos os feitos, successos, e auecdotas da vida de D. Nuno, collocou-as mui exacta, e chronologicamente, e deu-se ao trabalho de versifica-las em oitava ryma, sem inspiração, nem fogo, nem espirito, nem colorido poetico, e sem conhecer que assim compunha não um Poema, mas uma Chronica em verso.

Como é possivel que um homem de talento, e erudicto, versado na leitura dos antigos, e Poeta de grande

merecimento cabisse em um absurdo semelhante? Aqui não ha outra explicação si não o espirito do seculo, que avassalla, e tyrannisa os melhores espiritos, atando-lhe nos olhos a venda da preocupação: a idéa fixa, e dominante, tanto em Portugal como na Hespanha, era que a Epopeia não devia conter se não a verdade, que tudo, que não fosse historico, era indigno della. Francisco Rodrigues Lobo adoptou este principio, e com tanto rigor, que, ao lêr o seu Condestabre, todo o homem entendedor da materia está vendo que elle a cada momento refreia a sua imaginação, e de proposito procura não levantar o estylo para o não dessemilhar muito da historia, demostra-se com grande complacencia em miudezas da vida commum, individuando-as em estylo, e metro rigorosamente prosaico, como póde vêr-se nestas Estanças do Canto terceiro, em que descreve a vida domestica de D. Nuno, recém-casado depois de voltar ao seu solar em companhia da noiva.

Passados alguns dias, que gastaram
Naquella alegre Terra os desposados,
Para as do Douro, e Minho se apartaram,
Com vassallos, amigos, e criados.
Na saudade interna, que deixaram,
Nas lagrimas, e termos costumados
Não gasta tempo agora a minha Musa,
Que hir passando a diante não se excusa.

Achou Nunalvres casa nobre, e rica,
Mulher perfeita, e terras abundantes,
O Ceo na Terra os bens lhe multiplica
Com mais fertilidade, que nunca antes.
Ao tracto Aldeão logo se applica,
C'os pequenos benigno, e c'os possantes
Amigo liberal, e generoso,
Mais invejado ali, que cubicoso.

Por costume ordinario se servia
Com quinze, e mais valentes Escudeiros,
Que pelo nome, e partes conhecia
Por fieis, esforçados Cavalleiros.

Com trinta Homens de esporas, que trazia,
Apessoados, bons, e verdadeiros,
Caçava, e monteava, oh bem jocundo!
Temia a Deos, e estava bem c'o Mundo.

Trez annos nesta vida socegada
Com a chara consorte assim viveo,
E nelles houve a Filha desejada,
Que a nossa Lusitania enriqueceo,
Dous filhos, cuja vida em flor cortada
Logo entrando na terra foi do Ceo,
Antes que ella nascesse feneceram,
Tornando a ser do Ceo d'onde vieram.

Hera já o Velho Pay, de longa idade,
Sentia perto o fim da despedida,
Chamou-o o alto Deos, cuja vontade
Dispõem, ordêna, e traça o fim da vida,
Chama os Filhos de esforço, e de bondade
Para se aperceber para a partida;
Nuno das terras vem que o Douro banha,
E com mais dezesete o acompanha.

Deu o espirito a quem lho tinha dado
Na Amieira, aonde então vivia,
Dali á Flor da Rosa foi levado
Co'a pompa funeral da Clerezia
Naquella mesma Igreja sepultado,
Que ergueu ao Santo Nome de Maria;
Repousa lá no Ceo livre de Guerra,
Que obras dignas do Ceo deixou na terra.

Neste trecho, idéas, linguagem, estylo, versos tudo é prosaico, tudo é indigno da magestade da Epopeia. De que servia a este homem a leitura de Homero, de Virgilio, de Tasso, e de Camões? Foram elles acaso quem lhe ensinou a dar uma Biographia por um Poema Épico! É possível que as erroneas doutrinas do seu tempo lhe não deixassem conhecer que, quando escrevia estas Estanças, não fazia mais que rymar prosa historica!

O Condestabre de Francisco Rodrigues Lobo consta de vinte Cantos, não pouco extensos, como a Jerusalem de Torquato Tasso; mas si os dous Poemas sam iguaes na extensão, na belleza sam muito desiguaes: as poucas Estanças de Camões, no Canto IV. dos Lusíadas, a respeito do Condestavel, pintam melhor este heroe, e fazem mais honra a seu valor, que toda a longa Biographia outavada do Cantor da Primavera.

Chamo-lhe Biographia; e parece-me que com razão, pois que outro nome merece um Poema, que conta toda a vida do heroe, desde pouco antes do seu casamento até morrer Donato no Convento do Carmo de Lisboa? Um Poema pobre de maravilhoso, sem fabula bem construida, carregado de incidentes triviaes, e de particularidades ociosas, e cujo tom habitual raras vezes passa das raias do familiar: um Poema em que não apparece aquelle empenho de um podêr, que atraza, e de um podêr, que adianta a acção, para me servir dos termos de Torquato Tasso no seu discurso sobre o Poema Epico, e de que nascem aquellas alternativas de susto, e esperanza, de que mana o interesse que o Leitor toma na leitura de uma Obra semelhante?

O que tem feito conservar este Poema na memoria dos Portuguezes, e que lhe torna agradavel a sua leitura, é quanto a mim, além da boa escolha do assumpto, a pureza, e propriedade da linguagem, sello particular de todos os escriptos do Author, uma versificação, com poucas excepções, fluida, e harmoniosa, a clareza do estylo, a belleza de algumas comparações, o colorido vivo de algumas pinturas, e algumas intenções epicas, que de longe em longe interrompem a languida monotonia da sua narração; tal é no primeiro Canto o Sonho de El-Rei D. Fernando, em que resombram alguns visos do estylo vehementemente, e hum tanto declamatorio de Lucano.

Huma noite que qual outras passava
No mimoso descuido, em que vivia,
Que só com Leonor lêdo sonhava,
Contente si acordava, ou si adormia,
Em hum profundo sonho o sepultava
A sua mal segura phantasia,

E de mortal suor coberto, e cheio
Lhe mostrava isto em sonhos o receio.

Com espantosa furia vio descendo
Huma nuvem dos ares despedida,
Que ao estrondo, e rumor que vem fazendo,
Faz abalar a Terra estremecida,
O Rey com tal visão ficou tremendo,
Qual a Hervinha dos Ventos combatida,
A morte este tremor lhe representa,
E a voz dentro no peito lhe arrebenta.

Vio abrir-se esta nuvem pelo meio,
Rompendo c'hum trovão mui furioso,
Que o ar de escura treva deixou cheio,
E só no meio hum raio luminoso,
Timido ali ficára, e com receio
Qualquer coração forte, e valeroso
Olhando hum vulto humano, que apparece,
Que mais que o raio offende, e resplandece.

Qual se costuma achar desacordado
Quem dormindo ficou em casa escura,
Que trazendo-lhe luz fica enleiado,
Co'a vista, que mil cousas lhe affigura,
Os olhos abre, e cerra de turbado,
Quanto mais olha a luz menos a atura,
Tal o Rey quebra a vista só de olha-la,
E o Medo dos cabellos prende a falla.

Com a tremida luz indifferente
Hum Cavalleiro armado vê diante,
Com as armas, e escudo transparente,
Que parecem finissimo diamante,
Alevantado o Elmo relusente,
Com huma crôa de ouro radiante,
E no escudo as Quinas Portuguezas
De eterno lume por milagre accesas.

A espada, com que fere o leve vento,
De si despede os raios de Vulcano,

Com aspeito cruel, hum termo isempto
Olhava ao Rey medroso do seu damno,
Os olhos fictos nelle, o rosto intento
Soltando a voz do peito mais que humano,
Com grande ira, que nelle se accendia,
Esforçando as palavras lhe dizia :

„ Rey descuidado, indigno da Corôa,
„ E nome Portuguez, que inda o Ceo ama,
„ Que hoje por ti tão vil se infama, e sôa,
„ Quam claro o eu deixei na voz da fama,
„ Soccorre os fortes muros de Lisboa,
„ Acode Rey ao Reyno, que te chama,
„ E antes que da Fortuna a roda deça,
„ Levanta o coração, ergue a cabeça.

„ Teu imigo não vês que livre, e lêdo
„ Vai pisando do Téjo a rica praia?
„ E que subido aqui com risco, e medo
„ Tu vigiando estás como Atalaia?
„ Não vês que já conhece, e verá cedo
„ O como teu poder, e honra desmaia?
„ Não vês que o campo seu vai perguntando,
„ Onde fica escondido El-Rey Fernando?

„ Olha este armado, e forte Cavalleiro
„ Com as insignias reaes, de que te esqueces,
„ Acorda, olha-me o rosto verdadeiro,
„ Que com justa razão me desconheces;
„ Eu sou o grande Affonso, o Rey primeiro
„ A que em obras tão pouco te pareces,
„ Eu sou o que ganhei com braço forte,
„ A Terra, a que tu vás trocando a sorte.

„ Eu sou, o que do barbaro inimigo
„ As bandeiras ganhei, com tanta gloria,
„ Eu sou o que deixei, com meu perigo,
„ Este divino escudo por memoria,
„ Eu sou o que te chamo, e que te obrigo
„ A sustentar a fé desta victoria,
„ E a liberdade antiga Lusitana,
„ Que por teus vãos descuidos se profana.

„Deixa a vontade escrava, que te offende,
„Segue o nome que tens com peito altivo,
„C'o poder da razão captiva, e prende,
„O desejo, que assim te traz captivo.
„A afeição leve, o leve amor suspende,
„Vê que o preço da honra he excessivo,
„E obrigue-te, si a honra não te obriga,
„Vêr que te ha-de vencer gente inimiga.

„Olha o bom Rey David por quantas vias
„Foi no Reyno, e no sceptro castigado
„Por tomar a Mulher ao forte Urias,
„Retrato natural do teu peccado.
„Da culpa, que sem fim chorar devias,
„De Deos, de ti, da pena descuidade,
„Pelo suave engano desta vida,
„Te não lembra cobrar a honra perdida.

„Põem os olhos no Ceo sereno, e claro
„Nelles o coração, thegora impuro,
„De lá verás descer teu certo amparo,
„Teu defensor, castello, forte, e muro.
„Verás, que o que me a mim custou tão caro,
„Está no aureo seculo futuro,
„Por divino poder predestinado,
„A ser por largos annos sustentado.

„E si por teu descuido negligente
„Fôr offendida a Patria liberdade,
„O sceptro passará da illustre gente
„A quem nella renove a minha idade.
„A hum Rey tão valeroso, e tão prudente,
„Que honra será dos Reys da Christandade,
„Que te detem, Fernando? vê que aguardas?
„Que outro já se adianta, e tu só tardas.

„Este que vês comigo, o Ceo benino
„Para remedio guarda do teu damno,
„Este c'o braço, e e'o favor divino
„A outro dará o Imperio Lusitano,
„E tingirá do Téjo cristalino

» A corrente c'o sangue Castelhana,
» E com novo louvor do Reyno, e Terra
» O temor vencerá da incerta guerra. »

Isto dizendo hum Moço lhe mostrou,
Que pela mão direita preso tinha,
Cujo sereno rosto assegurou
A furia, com que o Rey bradando vinha.
Armado o elmo só desenlaçou,
No qual hum raio estranho se detinha,
E o escudo na côr, que affronta as côres,
Huma flor branca aberta em quatro flores.

Esta visão ao Rey desaparece,
Que com frio temor em nada acerta,
Vai a fallar-lhe, a voz se lhe immudece,
Tendo para a pergunta a bocca aberta,
Nisto suando acorda, e lhe parece
Que de hum grande perigo se liberta,
Da voz, que ouvio suspenso, e do que vira
Nem depois de acordado os olhos tira.

Si Francisco Rodrigues Lobo tivesse espalhado pelo seu Poema, um sufficiente número de trechos escriptos neste gosto, verdadeiramente epico, elle apesar dos seus defeitos de ordenança seria mais lido, e mais estimado; mas não acontece assim, e o Leitor, ainda o mais bem disposto, e mais preocupado com o grande talento do Author, a cada passo cede ao enfadamento de uma narração tão longa, e tão pouco variada, tendo a cada passo impetos de abandonar um livro, que o fogo das Musas não aquece, e em que encontra tão pouco, que dá abalo á sua imaginação.

Um dos poucos episodios deste Poema é uma caçada, que faz o Prior D. Alvaro Gonçalves Pereira, Pai de D. Nuno, onde vai dar com um Ermitão velho, que pronostica as grandes venturas, que estão guardadas para seu filho, o melhor deste episodio é a parte descriptiva, que contém uma pintura da caça de volataria.

Hum dia quando o Sol formoso, e louro
Pelos cerrados montes se subia

Na sasão, que fugindo ao bravo Touro,
Aos dous Filhos de Leda apparecia,
Por gozar da manhã, que rosas, e ouro
Sobre a verdura alegre desfazia,
A' caça vai, dos seus acompanhado,
Que este he seu exercicio, e seu cuidado.

Partem-se de galope os Caçadores,
E os cascaveis soantes sacudindo,
Os Falcões se debatem, e os Açores,
As Aves, que medrosas vão fugindo,
Os Celticos Podengos corredores,
Que vam á vista o matô descobrindo,
Descobrem de Perdizes nescia banda
A's quaes o velho huma Ave soltar manda.

Logo o ligeiro Açor nas unhas leva
A que de traz das outras se partira,
Empolga, desce á terra, ali se ceva,
Athe que o Caçador das mãos lha tira.
Não ha huma das outras, que se atreva
A querer revoar d'onde cahira,
E tal as torna o medo, com que decem,
Que á côr da mesma terra se parecem.

Correm de novo as buscas diligentes
Por valles, por campinas, por ladeiras,
Descobrem logo as Aves imprudentes,
Da, que levam vencida, companheiras;
The que, soltando as vidas innocentes,
Como rale das azas mais ligeiras,
Só huma falta ao Prior do fraco bando,
Que ante o furioso imigo vai voando.

Entre huns espessos ramos se meteo
A Perdiz temerosa, e perseguida,
O Açor sobre as nuvens corta o Ceo,
Que já despresa a presa já vencida,
Cada hum dos seus por vér onde desceo
Toma caminho, e estrada conhecida,

The que o Prior famoso o vê primeiro,
Que vai mais apartado, e mais ligeiro.

Atravessa correndo hum Arvoredo
Do qual hum Rio o passo atravessava,
E encostando-se ás fraldas de hum rochedo
Por entre os brancos seixos murmurava,
D'onde vio que do meio de hum penedo
Huma pequena Ermida se mostrava,
A cuja porta hum velho venerando
Estava sobre as pedras repousando.

O descorado rosto penitente
Representava idade assás comprida,
Huma calva mui pallida, e lusente,
A barba branca, espessa, e mui crescida;
Sobre hum pardo burel estreitamente
Huma larga corrêa tem ciugida,
E no peito huma imagem milagrosa
Da que foi Virgem, Mãi, Filha, e Esposa.

Por este verso pensou o Poeta designar a Virgem Maria, mas a sua expressão não representa bem a idéa, todas as mulheres nascem virgens, e filhas, e a maior parte dellas vêm a ser mãis, e esposas; agora reunir todas estas qualidades ao mesmo tempo, é que foi o privilegio de Virgem, e isto é que era necessario exprimir: mas, não o fazendo, a expressão fica sendo vaga, e ociosa.

A scena em que D. Nuno no Canto III. se despede de sua esposa para acodir ao chamado d'El-Rei, que o mandava ás fronteiras, não é desprovida de interesse dramático.

Mas como aquelle espirito mais ufano.
Que aspirava á immortal, e eterna fama,
Despresa outro qualquer respeito humano
Para seguir a Estrella, e Rey, que o chama,
Depois que o Sol se ergueo do largo Oceano,
Repousando na casta, e branda cama,
Já da amada Mulher se despedia,
Nestas, e outras palavras, que dizia:

„ Bem me aconselha Amor, que não me aparte
„ Da gloria deste bem, que está presente,
„ Que a alma, de que vós sois tão grande parte,
„ Só convosco, e por vós vêjo contente ;
„ Manda-me que desprese as Leys de Marte,
„ Que outro nenhum poder que o seu consente,
„ Mas mandado d'amor cêgo, e minino
„ Não o segue a razão, que he desatino.

„ Desatino d'Amor aos olhos cêgo,
„ De quem erra o caminho, que hoje atalho,
„ Não he para altos homens o socego,
„ Pois he a honra o fruito do trabalho ;
„ Inda que em vós está meu certo emprego,
„ Muito por vós me extremo, posso, e valho,
„ C'o Rey, com Deos, c'o Ceo, co'a Terra, e Gente,
„ Mostre-se o valor meu, que he differente.

„ Forçoso me he deixar a amada Terra,
„ E a vós, que sois o bem do meu desejo,
„ E o mais caro penhor, em que se encerra,
„ A luz dos mesmos olhos, com que vêjo,
„ Esta he a mór batalha, que ha na guerra,
„ Pois que só contra mim nella pelejo,
„ Levando já daqui certa a victoria,
„ Alcançarei nas armas nome, e gloria.

„ Dai-me, Senhora, os braços, e a licença,
„ Sêde em favor, e ajuda deste intento,
„ Para que quando armado, e forte vença,
„ Seja igualmente vosso o vencimento.
„ Conheça em mim a terra a differença
„ Com que ante os inimigos me apresento,
„ Dai-me só por empreza o nome vosso,
„ Vereis quanto vos quero, e quanto posso.

„ Não vos sugcite, e vos obrigue a tanto
„ A affeição natural, que a honra impida,
„ Olhai que a môres cousas me alevanto,
„ Do que sam Terras, bens, socego, e vida,
„ Deixai que os Fados siga agora, em quanto

- „ O Ceo para victorias me convida,
- „ Vereis quanto ganhaes, e eu quanto alcanço
- „ Em me cortar ventura este descanso.

- „ Que nestes mesmos braços, em que agora,
- „ Como em laços estou d'afeição cheios,
- „ Em outro tempo espero vir, Senhora,
- „ A gozar mil victorias, e tropheios.
- „ Vosso não merecêra eu ser, si fôra
- „ Vencido por amor de vãos receios,
- „ Nem posso dar de honrado maior prova,
- „ Que vêr que o que vos quero não me estrova. ”

Estes sentimentos sam cheios de nobreza, de coragem e conformes com a idéa, que a historia nos dá do Scipião Portuguez, e a travez da firmeza do guerreiro lá vislumbra a ternura do esposo. A resposta de D. Leonor d'Alvim não é menos bella no seu genero.

Estas razões ouvia a clara Esposa,
Enlaçando-lhe os braços com que o prende;
Das lagrimas, que chora tão formosa,
Como quando o cristal c'o Sol se offende,
Ou como com o orvalho a fresca Rosa,
Que está mais engraçada, e mas transcende.
Nos seus olhos ferindo hum vivo lume,
Entre suspiros solta este queixume :

- „ Razões buscadas para consolar-me,
- „ Não me podem, Senhor, livrar do damno,
- „ Que nem eu sei com ellas enganar-me,
- „ Nem se encobre na vista o desengano.
- „ Meio não ha entre hir-vos, e deixar-me,
- „ Contra o mal, que se vê não basta engano,
- „ Vós já para a partida estaes disposto,
- „ He morte para mim, mas vosso gosto.

Estas poucas razões desfazem todas as engenhosas argucias, com que acabamos de ouvir D. Nuno justificar a sua partida; é porque D. Leonor falla inspirada meramente pelos sentimentos naturaes, e seu Esposo falla con-

forme esses sentimentos fictícios, que a sociedade decora com os nomes especiosos de virtude, e de brio, que, estando em opposição com a natureza, não podem defender-se si não com razões sophisticas, que fazem, é verdade, grande effeito no espirito embuido de preconceitos sociaes, mas contra os quaes o coração se revolta, e reclama, porque é elle que sente, e conhece a pouca solidez dos seus fundamentos: isto mostra que a vida social é um estado violento, que só póde manter-se a custo de sacrificios, e ás vezes bem penosos!

“ Hide, e ordene o Ceo que na tornada,
 “ Viva eu para sentir vossa presença,
 “ O coração levais para a jornada,
 “ E os braços, com razão, negam licença.
 “ A vida vai da vossa pendurada,
 “ Esperando d'amor qualquer sentença,
 “ E queira o Ceo que a vida tanto possa,
 “ Que quando se perder sustente a vossa.

“ E si vos pede o animo esforçado
 “ Ser sempre nos assaltos o primeiro,
 “ E no perigo grande, e arriscado
 “ Ser o vosso Cavallo o mais ligeiro.
 “ Mudai a condição de ser ousado,
 “ E lembre-vos, Senhor, por verdadeiro,
 “ Que me levais na vossa a minha vida,
 “ Que he de Mulher, e he menos atrevida.

“ Mas si quereis guarda-la facilmente
 “ Fugi ao risco, e transe perigoso,
 “ Sêde por vós qual sois fêro, e valente,
 “ Sêde por mim cobarde, e vagaroso.
 “ Sacrificar a vida do innocente
 “ Não he d'animo forte, e valeroso.
 “ Sois obrigado á vida, que vos ama,
 “ E não já á custa della a ganhar fama.

“ Porém a minha seja o vosso escudo
 “ Para o mór risco, e transe da peleja,
 “ Que na vossa, Senhor, perder-se-ha tudo,

„ E não monta sem vós que a minha o seja.
„ D'alma a parte melhor c'o mesmo estudo
„ Hirá seguindo o bem, que só deseja,
„ Que si vós a deixaes por honra, e fama,
„ Ella deixar não pôde o que mais ama. ”

Nestas, e outras palavras, que dizia,
A descontente Esposa se occupava,
Quando o Sol já dourava o novo dia,
E o seu amante Esposo se apressava.
Já dos seus a animosa companhia
Com as armas, e valor á porta estava,
Deixa o valente Nuno o brando leito,
E cobre de aço duro o forte peito.

Arma-se o valeroso sem detensa,
E a formosa Leonor ajuda a arma-lo,
Com lagrimas mostrando a differença
De querer mais detê-lo, que ajuda-lo,
E em quanto ella lhe nega, e dá licença
Rinchando fere as pedras o Cavallo,
Que como que já vê presente a guerra,
Mordendo o duro freio rompe a terra.

Já com estreito abraço se despede,
E Leonor entre os braços lhe desmaia,
O sentido chorar a voz lhe impede,
Que os suspiros encontra antes que saia,
A generosa Filha a benção pede,
Que para as saudades já se ensaia,
Elle descendo aos seus, na sella salta,
Que o que amor o detem, ao valor falta.

Ella em lagrimas vãas faz seu queixume,
E subindo ao alto das janellas,
Segue c'os tristes olhos o seu lume,
Culpando ao do Sol, e ao das Estrellas.
Nesta dôr, que depois se fez costume,
A consolam as Donas, e as Donzellas,
Que o pouco experimentado soffrimento
Faz, dos males mais agro o sentimento.

Ha poucas situações no Poema de que Francisco Rodrigues Lobo sahisse tão felizmente como da pintura deste quadro, em que ha muita graça, e natureza, elle soube rodeia-lo das circumstancias mais pictorescas: apinham-se á porta os Cavalleiros, e Homens d'armas, que devem acompanhar o Heroe, o seu Corsel cheio de fogo, relincha, e bate a terra com as patas, impaciente por caminhar; D. Leonor chorando ajuda o seu marido a vestir as armas, mas com o fim de demorar ainda por alguns instantes a sua partida; eis aqui uma pincelada de mestre; e depois aquelle desmaio della nos seus braços, no momento em que elle a aperta ao peito! e depois o açoitamento com que elle desce, salta sobre a sella, e parte, como se temesse ceder em fim ás rogativas e pranto da Consorte, ou esperando com o movimento destrahir a magoa, que leva no coração! D. Leonor, que corre á mais alta janella, e o segue com os olhos no horisonte; tudo isto é poetico, pathetico, e digno da magestade da Tragedia, ou da Epopeia! tudo isto prova, que se o Author não era um Virgilio, ou um Camões ao menos não lhe faltava engenho, nem conhecimento do coração humano.

Os discursos deste Poema estão mui longe de poderem emparelhar-se com os da Pharsalia de Lucano, que por elles deve, segundo pensou Quintiliano ser contado mais como Orador, que como Poeta, apesar disso não faltam ás vezes em Francisco Rodrigues Lobo discursos animados, e vehementes tal é este, em que D. Nuno no Canto IV. desabafa o seu resentimento por El-Rei lhe vedar o medir-se em duello com um Capitão Castelhana, que elle havia desafiado.

“ Ah! (diz) vil sugeição, que a tanto obriga
” Hum coração leal, forte, animoso!
” Rigorosa prisão, baixa inimiga
” De qualquer peito illustre, e valeroso!
” Sempre dos sabios foi sentença antiga
” Que o ouro menos vale ao cobiçoso,
” Que ao forte a liberdade, cujo preço
” Eu, por meu damno, agora ja conheço!

„ Si a Annibal por sorte acontecêra
 „ Obedecer a hum Rey desconfiado,
 „ Seu animo immortal, que lhe valêra,
 „ E ser tal Capitão como Soldado?
 „ Nem os Alpes com fogo desfizera,
 „ Nem Roma, por seu mal, o víra armado,
 „ Que quem a outro querer vive sujeito
 „ Qual he seu Capitão tal he seu feito !

„ Mal Leonidas forte, e valeroso
 „ Com quatro mil dos seus se aventurára,
 „ A'quelle feito, agora tão famoso,
 „ Sabindo com a empreza, que tomára.
 „ Mal de Xerxes o campo numeroso
 „ N'hum estreito logar desbaratára,
 „ Si outrem, que o risco, e transo mais temia,
 „ Lhe podera atalhar essa ousadia !

„ Que val este desejo, que me incita ?
 „ Este valor, e esforço que me monta ?
 „ Si onde esperei ganhar gloria infinita
 „ Quem me deve animar, esse me affronta ?
 „ Mas o bom Macedonio me acredita,
 „ Que tinha hum campo armado em menos conta,
 „ De Liões, sendo hum Cervo Capitão,
 „ Do que hum de Cervos, sendo o Rey Leão.

„ Ah braços Portuguezes tão temidos,
 „ Quem, qual a mim, vos prende, e vos acanha ?
 „ Que de hum receio vil andaes vencidos
 „ Não já desses Leões da brava Hespanha !
 „ Ajudai-me, famosos, e atrevidos,
 „ Vamos livres entrar na Terra estranha,
 „ Não baste o Rey, que agora nos governa,
 „ A que percaes no Mundo a fama Eterna !

No *Condestabre* sobram combates, mas debalde se procurará nelles aquella terrivel grandiosidade das batalhas da Iliada ; aquelles choques geraes dos exercitos em massa, que fazem tremer a terra, e atroam os ares com a vozaria, e alaridos dos combatentes, e com o estrepito das

armas, e intervallados pelos combates singulares dos heroes, não menos ferozes, nem menos sanguinolentos; Francisco Rodrigues Lobo conta os conflictos, mas não os pinta; diz-nos o que succedeo nelles, mas não nos faz assistir áquellas mortíferas lides: não é assim que Camões celebra as pelejas; o seu estylo energico, a viveza da sua eloquencia, e a robusta harmonia dos seus versos nos transporta, nos arrebatam, e colloca no meio dos combatentes, mas Camões era um Poeta soldado, e representa com precisão, e verdade aquellas scenas de mortecinio, em que tantas vezes havia sido actor.

Uma das pinturas deste genero, que Francisco Rodrigues Lobo desenhou com mais força é, quanto a mim, a da escaramuça das margens d'Alcantara; talvez que a singularidade do facto commovesse a phantasia do Poeta.

Uma armada hespanhola, entrando pela foz do Téjo havia lançado ferro diante de Lisboa, que se havia preparado para a defesa. Alguns soldados daquella frota metendo-se nas lanchas, navegavam pelo rio, que então se não achava como hoje, obstruido, e tornado um foco de infecção, e saltando em terra, hiam roubar as uvas das quintas, que então bordavam as suas margens. Consta isto a D. Nuno, e o seu espirito inquieto lhe suggerio logo a idéa de dar-lhe uma saltada. Communicou o seu pensamento a seu cunhado Pedro Affonso do Casal, e ajustaram que a facção teria logar na madrugada seguinte.

Inda não tinha despontado a Aurora, e já D. Nuno estava montado a cavallo á frente de vinte e quatro Cavalheiros, e trinta Peões, e como Pedro Affonso tardasse, elle impaciente da demora, parecendo-lhe que lhe fugia o tempo, partio sem elle.

Chegando a Alcantara embuscou-se entre uns penedos, chegaram em breve algumas lanchas de Castelhanos, que descuidados, e sem receio de serem ali acommettidos, entraram nas vinhas, e começaram a despojar as cepas: porém D. Nuno, sahindo do seu esconderijo, e os seus, os carregou com tal impeto, que matando muitos, os outros fugiram para os bateis, e vogaram para a armada com mais preça, do que tinham trazido.

Os vencedores em logar de retirar-se, como a prudencia prescrevia, ficaram na praia rindo dos fugitivos, e

affrontando-os de longe com suas apudaduras ; mas quando menos o esperavam, viram vir pelo rio acima uma multidão de lanchas da armada, carregadas de soldadesca, que vinham desaffrontar os seus camaradas da surriada, que haviam levado. A' vista de tão grande número de inimigos, que hiam desembarcando, o terror succede á alegria, menos em D. Nuno, que folgando de ter nova occasião de ensanguentar a espada, começou a exhortar os seus para darem sobre os Castelhanos, mas préga-va a surdos, porque o medo lhe havia atado as mãos, e nem para fugir tinham resolução ; Pereira exasperado com tanta cobardia, tomou um partido digno de Mandricardo, ou Rodomonte, e correo sósinho a acometter aquella turba de inimigos. Vejamos agora como o Poeta pinta este feito d'armas romantico, e cavalleiresco, que as Chronicas referem, mas de que me parece que podemos duvidar, sem incorrer no crime de heresia.

O nosso Cavalleiro, que conhece
Quanto he o premio delles differente,
Só c'humia lança armado se offerece
A'quella multidão de armada Gente ;
E o Ceo que já estima, e favorece
Aquelle Esprito, e animo excellente,
Faz conhecer aos seus, e a todo o Mundo
Seu esforço sem medo, e sem segundo.

Forte sobre os estribos arremete,
A receber a Gente que então chega,
E em sentindo as esporas o Ginete,
Ao perigoso assalto se não nega :
Por entre inimigas lanças acomette,
Obrigado da furia incauta, e cega,
Triste do que esperou o encontro forte,
E lhe não vio na lança a propria morte.

Nem da grossa bombardas despedido
O pelouro veloz faz tanto damno,
No seguro esquadrão mal advertido,
Que vai pisando a praia do Oceano,
Como o forte mancebo destemido

Fez, entrando no campo Castelhana,
Naquelles rompe a lança, a que a ventura
Tinha no campo feito a sepultura.

E levando da espada não vencida,
Que os corpos igualmente, e as armas tracta,
Revolvendo-a com furia sem medida,
Atropella, golpea, fere, e mata :
O que póde nos pés salvar a vida
Este remedio a seu pesar dilata,
Que nenhum, dos que o fero braço alcança,
De tornar a fugir cobra esperança.

Na multidão da Gente que o rodêa,
Vai fazendo o Cavallo larga estrada,
Correm fontes de sangue pela arêa,
Vôa a malha em pedaços levantada,
Qualquer aguda vista ali se enlêa,
Si sam todos os golpes de huma espada ;
Mas só a do Pereira abala, e fere,
Que não ha Aventureiro, que lha espere.

Bem se acabára o fim deste successo
Com lhe ficar o campo, que deixavam,
Si não foram as lanças d'arremesso,
Dardos, pedras, virotes, que vôavam.
O ar sobre Nunalvres hera espesso
C'os muitos, que sobre elle se juntavam,
Nenhum nas fortes armas faz aballo,
Mas não póde valer, ao bom Cavallo.

Por mil partes andava mui ferido,
Pola praia o seu sangue se reparte,
A furia lhe detem inda o sentido
Com que voltava a huma, e outra parte ;
The que d'alento já desfallecido,
O que tão bom Ministro foi de Marte,
No mór aperto em fim daquella guerra
Com seu Senhor se deixa vir a terra.

Cabe o Portuguez forte, e deixa presa
Huma perna debaixo do Ginete,

Quando o tropel da Genté mais accesa,
Depois de o vêr cahido o accomette;
Mas elle que conhece desta empreza
O fruito, que a ventura lhe promete,
Dali c'o braço irado alcança tudo,
E o Cavallo o repara como escudo.

Nem o sabido Anthéo, que cobrava
Outra força maior quando cahia,
Porque a Mãi poderosa o sustentava,
Si a seus braços c'os pés chegar podia,
Mostrou poder maior, força mais brava,
Da que Nuno mostrou naquelle dia,
Que meio sepultado em terra dura,
Abre a quantos alcança a sepultura.

Em quanto mais se accende esta porfia,
E elle, offendendo a tantos, se defende,
Hum dos seus vinte, e quatro que isto via,
Aos outros companheiros já reprende.

« Ah (diz) valente, e armada companhia,
» Que fraqueza sem causa assim nos rende?
» Para que morra aqui sem nosso amparo
» Hum Portuguez tão forte, illustre, e raro.

» Vamos ao soccorrer, que já me pesa
» Da vida, que sem gloria me deixou,
» Segui-me, oh Gente amiga Portugueza,
» Que eu sigo o Capitão, que me guiou.»
Nisto batendo os dentes de braveza,
Entre as imigas armas se lançou,
Fazendo mil encontros na peleja
Dignos de tanta fama, como inveja.

Chegou, rompendo, a força do perigo,
Onde inda Nuno em terra faz batalha,
E como bom, fiel, e certo amigo,
Com obras, e razões seu damno atalha:
« Matai, Senhor, (dizia) que eu me obrigo,
» Que nem essa prisão, em que estaes, valha,

» A' multidão de imigos, que o mar brota,
» Que pouca he para nós toda essa frota. »

O Pereira esforçado, que já achára
Quem seguisse em tal passo o seu intento,
Dobra os pesados golpes, mostra clara
Prova de seu valor, e soffrimento.
Bem mostra, que si o pé desenlaçára
Tivera em pouco tempo o vencimento,
Porém sómente os fortes braços muda,
Quando em soccorro o Ceo lhe manda ajuda.

A' rédea solta vem trez Cavalleiros,
Que bem foram dos nossos conhecidos,
A quem seguem na praia alguns Guerreiros
Com ameaças, gritos, e alaridos,
Estes, rompendo as lanças nos primeiros,
Que estavam de fugir mais esquecidos,
A Nunalvres soccorrem neste ensejo,
Que sempre o Ceo valeu ao bom desejo.

Diogo Alvres Pereira o valeroso
Hera, e Fernão Pereira o esforçado,
Irmãos do Moço ousado, e animoso,
A quem o estribo tinha embaraçado,
O outro hera o do Casal, que cobiçoso
De vir dos dous Irmãos acompanhado,
Tardou ao prazo, e termo que pesera,
O que só contra tantos se opposera.

Com elle toda a Gente se moveo,
A de Nuno, e a dos outros, que acodiram,
Pedras, virotes cobrem terra, e Ceo,
Que os que sahem do mar ao longe tiram,
Mas cada qual os seus tanto rompeo,
Que o valeroso Irmão desempediram,
Do perigo da perna magoada ;
Triste do que então prova a sua espada !

Eis se começa já dura batalha,
Porque nenhum dos seus mostra descudo,

A Gente de Nunalvres se baralha,
Que quer da honra perdida cobrar tudo,
Contra elle nenhum ha que então se valha
De malba, de couraça, nem de escudo,
A pé sustenta a furia do combate,
Todos os golpes dá, nenhum rebate.

Qual o Leão da Libia generoso
Dos barbaros monteiros acoçado,
Que depois de ferido, e furioso
Engeita a vida, e quer ver-se vingado,
Aqui fere, ali mata, e de bravoso
Busca o mais defendido, e mais armado,
Deixa o campo á fugida descoberto,
Corre onde vê mór turba, e mais aperto.

Assim andava o fero Lusitano,
Buscando o Hespanhol, que mais lhe insiste,
Como o raio veloz que faz mór damno,
Ao que com maior força lhe resiste.
Nenhum revez dos seus fere de engano,
Em cada qual a vida perde o triste,
Que não pôde voltar o passo leve,
Porque a furia dos outros o deteve.

Hum valente Soldado, que então vinha,
Com muitos de soccorro, livremente
Para o bom do Casal logo encaminha,
Que rodeiado está de armada gente,
E vendo que ante si mais corpos tinha
Feridos já por terra amargamente,
Com hum hacha de armas, que trazia
Contra elle ousadamente arremettia.

Foi tal o forte encontro, que passou
Humas laminas de aço duro, e fino,
Por onde o ferro agudo resvalou
Atravessando hum jaco jazerino;
A lança feita em aspa lhe ficou,
Mas como o Portuguez não perde o tino,

« Rende-te Castelhana » ousado brada,
Meneando sobre elle a forte espada.

Mas Nunalvres que via o bom cunhado
Sem se poder livrar da imiga lança,
Imaginando que hera atravessado,
Corre ligeiro ali para a vingança,
E vendo que resiste o bom Soldado
Com hum pesado golpe se abalança,
A que elle só com rogos se defende,
E, cruzados os braços, se lhe rende.

Porém aquelle Esprito generoso,
Que não consente affrontas ao rendido,
Passa adiante alegre, e cuidadoso
Dando por preso o que deixou vencido :
Mas o Soldado ingrato, e orgulhoso,
Como livre se vio desempedido,
Outra vez á batalha torna acceso,
E outra vez de Nunalvres ficou preso.

Fernão Pereira, o bravo Cavalleiro,
A huma parte feria em roda viva,
Que de seu braço intrepido, e guerreiro,
Nenhum quer já provar a força esquivã;
Depois que o bando vil fuge ligeiro,
Hum atropella, hum fere, outro captiva,
E a Gente Castelhana se desmaia,
E os Portuguezes vão tomando a praia.

Diogo Alvares Pereira, por vir tarde,
Procura arrecadar como convinha,
Nenhum acha conselho, que lhe aguarde,
Pelo desejo, e preça, com que vinha.
Mas da Gente, que foi menos cobarde,
Alguns, bem mal feridos, presos tinha,
Pedro Affonso, que a lança já arrancára,
Muito mais cara a dá do que a comprára.

O que primeiro a Nuno soccorrera
Com tão grande valor, que o segue, e ama,

Bem mostrava entre os quatro que podera
Entre taes pares sê-lo em voz da fama.
E porque deste aqui saibaes quem hera,
Vasqueannes do Couto o Mundo o chama,
De ordem Sacerdotal, mas na ousadia
Dá-la a bons Cavalleiros merecia.

Dos extremos, que fez nesta contenda,
Nuno os premios lhe deu traz do louvor,
Que lhe houve de Lisboa a mór Prebenda,
E das Habitureiras foi Prior;
Da Igreja, Beneficios, Clero, e Renda,
Da antiga Mafra o fez Governador,
Que Joanne, Bispo illustre, que a fundára,
Estas trez dignidades lhe juntára.

Já o Campo fica livre aos Vencedores,
Já estam nos Bateis os que escaparam,
A recolher se tocam os tambores,
Os imigos, e as armas desamparam,
Os que se alongam mais sam os melhores,
Que os fracos por vileza se atrazaram,
Os Soldados, que vem á sua empreza,
Nos despojos dos outros fazem presa.

Qual Besteiro peão do braço leva
Captivo o Cavalleiro desarmado,
Qual o elmo, espaldar, o peito, a greva,
Qual o rico colar desabroxado,
Qual ha destes tambem que a lança ceva
No sangue já dos outros incetado,
Mostrando o braço vil, pouco atrevido,
Quanto corta huma espada em hũ rendido.

Athe ás ondas os nossos vam seguindo,
Elles cortam, remando, na agoa pura,
As vélas despregadas vam fugindo,
E nem o mar profundo os assegura.
Os que ficaram presos repetindo
Queixumes vam tambem, contra a ventura,

Já o Pereira toma outro Cavallo,
E outra vez para os muros faz aballo.

Eu não condemno, antes louvo, o Poeta por haver adornado o seu Poema com esta façanha maravilhosa, e cavalleiresca: sei que a opinião popular, e a affirmação dos Historiadores, sam fundamentos sufficientes para a verosimilhança poetica.

Examinando porém em si, e em suas circumstancias este facto, a sua veracidade me parece muito suspeitosa. O ser unanimemente referido, pelos Historiadores Portuguezes, não me faz peso nenhum, porque qualquer que seja o seu merecimento como escriptores, que de fórma nenhuma pretendo contestar-lhe, vêjo, que com poucas excepções, eram homens credulos, desprovidos de critica, e dispostos a acceitar como verdades provadas os maiores absurdos, uma vez que lhe parecessem honrosos para a nação.

É possível, até muito provavel, que os soldados, e marinheiros da esquadra hespanhola, fundeada no Téjo, saltassem em terra para furtarem as uvas das quintas de Alcantara, que naquelle tempo não fazia parte da Cidade; com muito maior perigo os nossos soldados, que guardavam as linhas de Lisboa, quando as tropas da usurpação occupavam o Campo Grande, sahiam das trincheiras para hir colher as uvas das quintas do Arco do Cégo, e de outros pontos, de que resultou muitas vezes, que os que hiam vendimar, ficassem vendimados; é possível, e muito verosimil que chegando isto á noticia de fidalgos moços, valentes, e destemidos, resolvessem entre si dar-lhe uma corrida; tanto mais que estas funçanatas militares estavam muito em moda naquelles tempos de menos exacta disciplina. O que porém me parece um mal inventado conto de velhas, é o modo porque este facto se nos pinta succedido.

Não parece incrível que um cavalleiro tão brioso, e tão valente como Pedro Affonso do Casal faltasse á hora indicada, e que seu cunhado D. Nuno, o tivesse em tão pouca conta, que partisse sem saber se elle podia, ou não vir? Pertendem palliar esta falta dizendo que a tardança nascêra de querer levar comsigo Diogo Alvares, e

Fernão Pereira; mas é natural, que D. Nuno não convidasse seus irmãos para aquelle feito d'armas, conhecendo o seu valor tantas vezes provado? Ainda me parece mais absurdo, que D. Nuno, que sempre andava rodeiado de valentes a toda a prova, levasse para aquella aventura um rebanho de poltrões, que vendo que os inimigos se tornavam mais numerosos, depois de haverem derrotado os primeiros, se tornassem de repente tão medrosos, que não quizessem combater, apesar de todas as exhortações, e rogos do Capitão! Será possível que aquelle Capitão, que não nos constâ que fosse dondo, nem costumado a embriagar-se, fosse como um cavalleiro andante acommetter um número de inimigos, que punham medo a sessenta, e quatro homens bem armados? E esses sessenta e quatro homens si eram tão cobardes, como não deitaram a fugir, mas ficaram immoveis a vêr aquella vergonhosa peleja de um contra tantos, como quem vê touros de palanque? Como é que os Castelhanos, que eram tantos não carregaram sobre elles, e só accometteram D. Nuno? Cabe nas forças humanas que este cahido em terra, e com o cavallo morto sobre uma perna, se defendesse de tanta multidão de inimigos? É possível que sessenta e quatro Portuguezes, muitos dos quaes eram fidalgos, não corressem todos a salvar o seu Chefe, e que depois só um Clerigo se resolvesse a hir em seu soccorro? Isto é incrível, absurdo, e até direi impossivel! Ainda mais, como é que aquelles coelhos tímidos se tornaram de repente leões com a chegada de Pedro Affonso, Fernão, e Diogo Pereira? Tinham acaso mais confiança nestes trez homens, que em D. Nuno Alvares Pereira? Si fossemos a pesar assi todas as circumstancias de muitos factos, chamados historicos, força seria classifica-los, como este, entre as mentiras impressas.

O assassinato do Conde Andeiro, o alboroto do Paço, e da Cidade por esta occasião, e os lamentos da Rainha D. Leonor pela desastrada morte do seu amante, estão descriptas com muita viveza, e sam um dos melhores trechos do Poema, nelle se distinguem as seguintes Estancias pela energia da expressão.

Entram de noite os feros homecidas,
Os Porteiros encontram, e desviam,
Pelas portas se vam não defendidas
Movendo as armaduras, que encobriam,
E c'o lume das tochas accendidas
As laminas, e as malhas relusiam,
Por entre as vestiduras dos Soldados,
Enchendo de temor os descuidados.

A Raynha a tal tempo sem receio,
Enleada ficou vendo o Cunhado,
Que com a cortezia, e termo alheio
De imigo encobre intento tão damnado:
Ella pouco segura neste enleio,
Que mal socega o animo culpado,
C'o grande sobresalto o peito frio,
Perdeu do rosto a côr, a falla, o brio.

Nisto os do Mestre entraram sem mais tento,
Porque os Guardas das portas não valeram,
Na Camara Real, que hera aposento
Aonde entrada igual nunca tiveram.
Leonor, humilhando o soffrimento,
Com mortaes sobresaltos, que a moveram,
A côr do rosto pallida, e defunta,
Da novidade a causa lhe pergunta.

Não me parece menos bello o principio do Canto XIV.,
em que se descreve a batalha de Leiria, em que o Rei
de Castella ficou desbaratado.

C'o som medonho os montes se abalaram,
O Téjo se turbou, e o Guadiana,
Pavorosas as Serras se inclinaram,
Tremeo a Terra antiga Lusitana,
Os Cavallos d'Apollo se encrespam,
E elle negou o rosto á vista humana;
E retumbando o écho em vão dos montes
Fez responder gran tempo os horisontes.

Torna-se o Ar de settas logo escuro,
Nuvens de negro pó ao Ceo subindo,
As pédras resoando no aço duro,
E as lanças de arremesso vam zenindo:
Cerram-se as alas juntas, fica hum muro
De lanças campo, e campo dividindo,
Tudo em designaes vozes arrebenta,
Estrondo, confusão, grita, e tormenta.

Foram do som horrisono espantados
Muitos da primeira ala Lusitana,
De alguns tiros, dos nossos desusados,
Que vinham na vanguarda Castelhana.
Que athe áquelles bons tempos celebrados
Nos não mostrára a vil malicia humana,
Que com estrondo, e fumo que faziam
Aos nossos forças, e armas suspendiam.

Mas já de Nuno a rigorosa espada
Com golpes sem medida, e sem defesa
Fazendo entre os imigos larga estrada,
Abre caminho á Gente Portugueza;
Vallos fazendo vai de Gente armada,
Com desusada, e estranha fortaleza,
Para huma, e outra parte os golpes dobra,
E atraz delle a vanguarda esforço cobra.

A parte maravilhosa é no *Condestabre* pouca, e debil, como é costume nos Poemas Historicos; afóra algumas predicções, como a do Ermitão ao Prior Alvaro Gonçalves Pereira, a do Alfageme de Santarem; as mais salientes machinas sam, o Espirito, que no Canto XI. arrebatava D. Nuno em sonhos ao Templo da Fama, onde lhe mostra as grandezas dos seus descendentes, e no Canto X. o Ermitão, que no Canto II. fallára a D. Alvaro, que invocava um Espirito, que o transporta ao Inferno, d'onde traz a Peste para dissolar o Exercito Castelhano, que sitiava Lisboa; copiarei este trecho para se vêr como Francisco Rodrigues Lobo tractava estas materias.

Aquelle Sabedor astuto, e velho,
Que a Nuno conheceo quando se armava,

E da pequena Ermida deu conselho
Ao Prior valeroso, que caçava ;
Que nas Estrellas como em claro espelha
Os futuros successos contemplava,
Do Reyno Portuguez, que em tanto aperto
Tinha entre fogo, e agoa o fim tão perto.

Deixando a cova escura aonde tinha
A morada encoberta em tantos annos,
Com o zêlo da gloria, que convinha
Ao fim dos claros feitos Lusitanos :
Cuidadoso de vêr como encaminha
O cerco a patria terra, immensos damnos
Novo termo imagina, e modo estranho
De a Portugal tirar jugo tamanho.

Hum Esprito tirou do Lago escuro,
Que obedecer costuma a seu mandado,
E sobre elle invisivel, e seguro
Os ares passa em nuvem transformado :
Da Zona fria, e congelado Arcturo
Os negros horisontes tem passado,
E vôando atravessa o Mar profundo
The descobrir no centro hum novo Mundo.

Chegou á Cova estranha do castigo,
Cheia do vão queixume, e triste pranto,
Ilha do Reyno escuro do Inimigo
Onde Minos governa, e Rhadamanto,
Qual Ethna vomitando o fogo antigo
Entre nuvens de fumo, e luz de espanto,
O ar de espessas trevas se cobria,
Como que nunca ali chegára o Dia.

Parou o negro Esprito ali diante,
E achou patente a temerosa entrada,
Entra na Cova o cauto Negromante
Como quem sabe os passos da mórada ;
Sobre hum globo de fogo triumphante
Vio a Ira no meio estar sentada,

Com aspeito feroz, medonho, horrendo,
Ante o qual toda a terra está tremendo.

Negro o cabello, e crespo que teciam
Venenosas Serpentes assanhadas,
Que mil linguas de fogo azul lambiam,
Daquelle globo ardente levantadas.
Raios de Euxofre os olhos descobriam,
Nuvens de fumo, as ventas inclinadas,
Das mãos deitava ferro, sangue, e fogo,
C'os pés pisava amor, brandura, e rogo.

Logo em outros assentos, que ficaram
Cercando o Tribunal desta inclemente,
Os Castigos do Mundo se mostraram,
Cada hum com rosto, e fôrma differente;
He sangue, e fogo a terra, que habitavam,
O ar sanguineo fumo, espaço ardente,
E ante todos, em pé, sem força, ou brio
Se mostrava o Temor pallido, e frio.

Sem côr o rosto, os olhos enfiados,
A bocca aberta, os braços descachidos,
Os pés menos seguros, que pesados,
No ar sempre os cabellos, e os ouvidos,
Atropellando bens, honras, estados,
Glorias, bonanças, gestos, e appellidos,
E o mais que sem temor na Terra alcança
Quem não se acanha á vil desconfiança.

Sobre hum tropheo d'armas destroçadas,
Pernas, braços, cabeças sobre a terra
Vertendo sangue em veias desusadas
Se vio estar sentada a dura Guerra.
Carniceiros os olhos, e indignadas
As juntas sobranceiras para a terra,
Os dentes apertados, e huma espada
Na mão, de sangue, e fogo desbotada.

Logo a misera Fome differente
C'os descobertos ossos divididos,

E os olhos scintilando tristemente,
 Nas profundas cavernas escondidos,
 C'o frio alento está continuamente
 Debelitando os corpos, e os sentidos,
 Raros cabellos grossos, e empeçados,
 A bocca branca, os dentes descarnados.

Traz ella aquelle Mal triste, e funesto,
 The no nome odioso á Gente humana,
 Que a maior força, e animo mais presto
 Abate, acanha, vence, e desengana.
 Com turbado, medonho, e frio gesto,
 Sobre a tumba, intractavel, e profana,
 Respirando da bocca o frio alento,
 Corrompe a vista, a terra, o ar, e o vento.

Ante ella pardas nuvens se enrolavam,
 De hum veneno mortifero, e de sorte
 Que os Espritos sem fim, que ali moravam
 Em viva pena estão temendo a morte.
 As outras Furias della se apartavam,
 Como que o seu poder hera o mais forte,
 De esbolhadas caveiras tudo cheio,
 Que inda á terra, onde estam, fazem receio.

Ali o velho astuto, com cuidado,
 Do seio tira hum vidro mui pequeno,
 Por magicos encantos fabricado,
 Onde o Sol nunca doura o Ceo sereno,
 E daquelle ar cruel inficionado
 Enchendo-o de mortal, triste veneno,
 O esconde no peito, e já se vinha,
 Si huma Visão estranha o não detinha.

Porque voltando já pela outra parte
 Quatro Furias achou com que se enleia,
 Que castigam do Mundo tanta parte
 Quanta o mar cerca, e quanta o Sol rodeia,
 Por quem honra, valor, juizo, e arte
 Se escurece, se perde, se receia,

Por quem anda a Virtude em grande aperto,
O Mundo em confusão, e desconcerto.

Vio a Inveja infame, e tragadora,
Que os ossos pela pelle descobria,
A côr pallida, e verde, e por de fóra
Bichos, que a roem, e cobras que comia :
Do veneno mortal, que nella mora,
A lingua azul, e verde parecia,
C'os olhos esquinados, d'ira cheios
Vigiando de continuo os bens alheios.

Logo estava a Cobiça, que avarenta
Athe da terra infôrme, que ali havia,
C'a bocca aberta está ao ar que venta,
E com a sêde hydropica o bebia,
O peito hera outro Euripo na tormenta,
O ventre hum monte estranho parecia,
A vista tão aguda, e tão ligeira,
Que o Lynce não a tem de tal maneira.

No terceiro lugar, mais espaçoso,
Porém não destes dous muito apartadas,
Sobre hum tropheo mui alto, e sumptuoso
Ignorancia, e Malicia estam sentadas,
O rosto mui risonho, e gracioso
Em seus gestos airosos confiadas,
Ambas n'hum sceptro ás vezes se pegavam,
Mas nunca as mãos, e os rostos apartavam.

Oh castigos do Mundo não temidos
Tractados entre nós continuamente !
Peste, e Guerra civil dentre os nascidos
Ambiciosa Fome, e descontente.
Si como perigosos, conhecidos
Fosseis da miseravel, céga Gente,
Mais fugira de vós, mais vos temera
Que Thesyphon, que Alecto, e que Megera.

Que desejo ? que intento ? que esperança ?
Que Virtude ? saber ? que fortaleza ?

Que gosto? que interesse? que bonança?
Que titulo? que cargo? que nobreza?
Se deseja, se espera, nem se alcança,
Que não atalhe logo com presteza
Qualquer destes imigos vencedores?
Que nem os ha, nem podem ser maiores!

Arrendido o Velho bem quizera
Levar desta peçonha por mais fina,
Que a da Peste odiosa, que escolhera
Para o castigo, e fim, que determina
Mas de espaço imagina, e considera
Que esta será do Reyno a mór ruína,
E que o fim não daria a tanta guerra
Quem foi principio della cá na terra.

Torna a voltar, e os ares vem cortando
Naquella nuvem negra, que o rodêa,
Si em diametro o Sol o fica olhando,
Naquella região nada alumêa.

.....

No silencio da noite escura, e cega
As tendas mais humildes vesitando,
Desse Estigio licôr, que a vida nega,
Vai por occultas partes derramando.
De modo o ar corrompe aonde chega,
Que herva, ou planta, que toque, esta seccando
A terra, onde respira este ar corrupto
Nega ás Plantas a flor, nega-lhe o fructo.

Parte-se em dando fim a aquelle intento,
Para o logar occulto onde morava,
Nasce o dia, começa o sentimento
Da miseravel Gente a que tocava.
Aqui sahe hum ferido, e macilento,
De cujo alento ali outro espirava,
Acolá outro cahe, outro o soccorre,
Que sem poder valer-lhe a seus pés morre.

Este trecho me parece um dos mais poeticos do Poema, e mais no espirito epico, e mostra que si Francisco Rodrigues Lobo não pôde remontar-se á altura do genero, foi menos por falta de talento, que por estar subjugado pelas erradas idéas, que no seu tempo regiam ácerca do Poema Heroico; ousou pouco, e não fez o que podia; mas neste quadro soube romper o cerco apertado, em que se encerrára, e mostrar para quanto era. As Furias, isto é, a Ira, o Temor, a Guerra, a Fome, a Peste, a Ignorancia, a Inveja, a Cobiça estão pictorescamente caracterisadas pelos seus effeitos. O Velho que vai de noite pelo arraial castelhando impestando as tendas dos soldados, que dormiam, faz tremer de horror!

Muitas vezes me tenho admirado de que a preversidade dos homens, tão engenhosos em buscar, e inventar meios de se destruirem, se não lembra-se ainda de á maneira deste Velho, levar a peste a algum paiz para devastar-lo!.. Os negociantes, gente egoista por natureza, pela ambição do ganho, e os governos para não diminuírem o rendimento das Alfandegas, tem ás vezes sido propagadores da peste; os primeiros recebendo por contrabando, ou por outra qualquer fraude, objectos vindos de portos suspeitos, ou infectos, e os outros não dando as providencias necessarias para prohibir todo o commercio, e communicações com elles, ou não fazendo executar rigorosamente todas as disposições preventivas; isto é de certo um grande mal, mas não é d'elle que eu trato aqui. Fallo de um Governo que premeditadamente mandasse introduzir objectos empestados no Paiz de outro com quem estivesse em guerra, como expede esquadras para destruirem a sua navegação, e exercitos para talar seus campos, e incendiar as suas povoações; deste crime monstruoso é que felizmente não encontro menção na Historia, ainda dos povos barbaros, mas si elle se não tem commettido, não deve attribuir-se á virtude dos homens, mas á providencia de Deos, que tem afastado delles a abominavel idéa de fazer uma arma do mais terrivel flagello da natureza.

O Padre Francisco José Freyre na sua Arte Poetica censura Camões por ser mui prodigo de sentenças, o que segundo aquelle douto Critico, convém mais á Tragedia

do que á Epopeia; isto me não parece exacto, não sei porque a nimiedade de sentenças molde melhor a Tragedia, em que só fallam as personagens, do que ao Poema Epico, onde o Poeta falla muitas vezes em sua propria pessoa, e póde discursar, e reflexionar sobre as materias, e as acções. De mim confesso que se tivesse de decidir-me entre a abundancia de sentenças, e a esterilidade dellas, preferia o de mais ao de menos. A questão não é se as sentenças sam muitas, ou poucas, mas si são usadas no logar proprio, si sam concisas, e si encerram em si profundas maximas, de moral, e reflexões uteis, e neste caso estam fóra do alcance de toda a justa censura, tanto as sentenças de Camões, como as de Francisco Rodrigues Lobo, que as prodigalisou tanto como elle.

O Condestabre, não é um Poema Epico, mas um Poema Historico, que pelas bellezas de linguagem, e de estylo pallia até certo ponto a sua irregularidade, e os seus numerosos defeitos.

CAPITULO III.

Novellas Pastorís de Francisco Rodrigues Lobo.

As trez Novellas, que tem por titulo a *Primavera*, *Pastor Peregrino*, e o *Desenganado*, me parecem os melhores, e mais solidos fundamentos da gloria, e reputação deste Poeta, tanto pela belleza, inimitavel harmonia, e elegancia da sua prosa, como pela amavel philosophia, e affectos que nellas reinam, e sobre tudo pelas numerosas poesias, que nellas se acham inseridas, e que sam as melhores composições deste genero, que sahiram da fecunda penna do Author.

Estas Novellas tem sido sempre muito estimadas pelas pessoas de bom gosto; e o meu amigo Angelo Tallassi, Poeta Ferrarez, Author do Poema que tem por titulo *L'Olmo Abatuto*, e um dos mais fecundos, e facéis Improvisadores Italianos, que tenho visto, mesmo na já avançada idade, em que o conheci, havia concebido tamanha paixão, e enthusiasmo por estas Obras de Francisco Rodrigues Lobo, que muitas vezes fallando delle, me dizia, *Sannazzaro stesso è un fancinlin da Scuola a paragone di questo Poeta*. Pela minha parte não tenho dúvida alguma de prestar o meu consenzo a este juizo, si aquellas palavras querem dizer sómente que a prosa, e a poesia das Novellas, ou Poemas Pastoraes de Francisco Rodrigues Lobo sam muito superiores á Poesia, e Prosa da Arcadia de Sannazzaro; mas nesta ha um plano mais bem concebido do que naquellas, em que verdadeiramente não ha plano, nem nexo, nem solução, tudo se reduz a pastores, que se lamentam, em verso, ou prosa, que se encontram, conversam, contendem, cantam, e separam-se de modo que a obra fica, ou pôde ficar tão bem terminada

no fim da primeira divisão, como no fim da ultima, ou de quantas quizerem accrescentar-lhe; tudo sam historias soltas mais ou menos breves, não ha uma intriga, que interesse, e prenda a attenção, si exceptuarmos a da Montanha, que principia bem, mas de que o Author não soube tirar partido, e acaba sem resultado: parece que o Poeta escrevendo aquellas prosas não teve em vista mais que arranjar quadros, em que, segundo a moda do tempo, encaixasse os Sonetos, Canções, Sextinas, Romances, e outros Poemas, de que tinha cheia a gaveta.

Por uma singularidade, de que não será mui facil dar razão cabal, a Primavera divide-se em *Florestas*, o Peregrino em *Jornadas*, e o Desenganado em *Discursos*. É esta uma circumstancia, que distingue o Author de todos os Compositores de Novellas Pastorís, metrico-prosaicas pois tal nomenclatura divisoria se não encontra na Diana de Jorge de Montemayor, nem na de Peres, nem na de Gil Polo, nem na Galathea de Miguel de Cervantes, nem nas Arcadias de Sannazzaro, e de Lope de Vega, nem na Lusitania Transformada de Fernão Alvares do Oriente, que por isso me parece que não perdem nada de sua belleza.

O grande merecimento destas composições, consiste, si não me engano, além da pureza, e elegancia de linguagem, e estylo, em uma multidão de descripções campestres, amenas, pictorescas, e verdadeiramente romanticas de bosques, de prados, de fontes, e de costumes, e festas pastorís, nas suas discussões engenhosas, apaixonadas, e encantadoras, nas variadas, e agradaveis narrações, de que abundam, e sobre tudo nas lindissimas poesias, que nellas se lêem, e parece-me que isto sam sobrejos titulos para lhe grangear os votos dos Leitores, que se interessam, commovem, e arrebatam com a sua leitura.

Destes trez Poemas o Desenganado me parece muito inferior á Primavera, e ao Peregrino: é mais pesado, tristonho, monotono, é mais pobre de poesia. O Leitor acaba com certo descontentamento, e pouca vontade de tornar a lê-lo; pelo menos é isto o que me aconteceu todas as vezes, e não sam poucas, que o tenho passado pelos olhos: não quero porém dizer com isto que o Desenganado seja uma Obra destituida de merecimento, mas

sim que a sua leitura não é tão attractiva como a das outras duas.

A Primavera, depois de uma breve, e formosa descripção do logar da scena nos mostra o Pastor Lerenó, que sentando-se junto a uma fonte, á sombra de um alto freixo, canta, acompanhando-se com a sua çamphoninha, uma Canção, em que descreve aquella estação; nada me parece mais proprio que esta poesia para abrir uma pastoral, que se intitula a Primavera: porém o que a torna mais notavel é ser talvez a mais bella Canção descriptiva, que até ali havia produzido a nossa Lyra: ei-la.

Já nasce o bello Dia,
Principio do Verão formoso, e brando;
Que com nova alegria
Estam denunciando
As Aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella Aurora
Com nova luz as portas do Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de Boninas
Aljofradas de gottas cristalinas.

Já o Sol mais formoso
Está ferindo as agoas prateadas;
E Zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas,
A' vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os Arvoredos.

De relusente arêa
Demostra mais formosa a rica prata,
Cuja riha se arrêa
Do Alamo, e da Faya,
Do Freixo, e do Salgueiro,
Do Olmo, da Aveleira, e do Loureiro.

Já com rumor profundo
Não sôa o Liz nos montes seus visinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os Peixes, que nas veias
Deixam tremendo a sombra nas areias.

Já sem nuvens medonhas
Se mostra o Ceo vestido de outras côres,
Já se ouvem as çamphonhas,
E frautas dos Pastores
Que vam guiando o Gado
Pela fragosa Serra, e pelo prado.

Já nas longas campinas
E nas verdes descidas dos Outeiros,
Ao som das çamphoninas,
Cantam os Ovelheiros,
Em quanto os gados pascem
As mimosas hervinhas, que renascem.

Sobre a tenra verdura
Agora os Cabritinhos vam saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noite cantando
O Rouxinol suave,
Com saudoso accento agudo, e grave.

Diana mais formosa
Sem ventos sobre as agoas apparece,
E faz que a noite irosa
Tão clara resplandece
A' vista das Estrellas,
Que se envergonha o Sol d'inveja dellas.

Tudo nesta mudança
Tambem de novo cobra novo estado,
Qual em sua esperança,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento,
Qual melhora na vida o pensamento.

Esta Canção é genuinamente pastoril, escripta em estylo facil, bem collocadas as rymas, e os versos tão fluidos como harmoniosos.

Eis aqui uma bella Elegia, de que o Poeta fez uma Cantiga de um Pastor.

Em quanto está o Avaro em seu thesouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento
Materia á vã cobiça de mais ouro.

Em quanto o Naufragante ao leve vento
Entrega com as vélas a esperança
De tornar dos perigos livre, e isempto.

Em quanto vai regendo a grossa lança
O Soldado atrevido, cujo estado
Só nos braços da morte em fim descança.

Em quanto em vãs promessas levantado
Segue o tracto da Côrte perigosa
Quem tão tarde se vê desenganado.

Em quanto na Cidade populosa
Não cessa a confusão da humana Gente,
Onde reina a mentira poderosa.

Pascei minhas Ovelhas, livremente,
A verde herva deste valle umbroso,
Fartai-vos de esperança tão contente.

Gozai do louro Sol, claro, e formoso,
Agora que vos mostra a face sua,
Sem seu rigor ardente, e furioso.

Nenhuma flor o Ceo vos exceptua
De quantas para os olhos mostra, e cria
De dia o claro Sol, de noite a Lua.

E eu debaixo desta Arvore sombria
Assentado sobre hervas, e entre flores
Vos estarei guardando todo o dia.

Daqui vos cantarei dos meus amores
Ao som do meu rabil já tão gabado
Entre as mais das Pastoras, e Pastores.

A vós darei os olhos, e o cuidado,
Vós me dareis do leite, e da lã vossa,
Trarme-heis assim vestido, e abastado.

Contente viverei na minha choça
Sem querer dar á vida, e ao temor
Os bens, de que a Fortuna desapossa.

Eu gozarei da vida a meu sabor,
E vós a passareis tambem segura
Sem receiar o Lobo roubador.

Ande o rico melhor traz a ventura,
Melhore-se em cobiça, ou em riqueza
Que iguaes nos hade achar a sepultura.

Mais rica he que a Ventura a Natureza,
E quando hum pobre alcança tanto della,
Não tem que querer mais que esta pobreza.

Creio piamente que si Francisco Rodrigues Lobo não fosse rico, este Terceto nunca lhe sahiria da penna. Nada mais trivial do que os opulentos louvarem a pobreza, e exaltarem as suas vantagens, mas si alguma vez cahissem nos braços della, estou bem certo que mudavam de linguagem, e ella então lhe pareceria, como na verdade é, o maior flagello da humanidade, e a origem de todos os crimes.

Prosiga o Navegante a sua Estrella,
E sobre o fraco lenho no mar alto
Ande sempre c'os ventos em cautella.

Que eu livre estou do proceloso assalto
E quando o Ceo se mostra turbolento
Fico vendo os perigos de mais alto.

Nestes dous Tercetos encontra-se *alto* servindo duas vezes de ryma, é uma negligencia muito para estranhar em um Poeta tão correcto.

Si me chovera agora neste assento
Debaixo de outro tronco me amparára
Valendo-me dos pés, não já do vento.

Si a calma lá no campo me apertára
Quam presto achára huma Arvore sombria
Que dos raios ardentes me livrára!

Si a sêde com desejo de agoa fria
Me andára importunando pela Serra
Quam cedo para o valle desceria!

Busque o Guerreiro forte a dura guerra,
Ou pelo largo mar no lenhò breve,
Ou por varios successos cá na Terra.

Ache as pesadas armas trajo leve,
Tenha os móres perigos por victoria,
Athe pagar á Morte o que lhe deve.

E no logar da honra, fama, e gloria
Ache mais certo o fim, que a vida atalha,
De que a poucos depois fica a memoria.

Que eu cá vivo seguro da batalha,
Havendo o meu pellico, e meu cajado,
Por elmo, lança, arnez, escudo, e malha.

Não vêjo o Esquadrão forte ordenado,
Com a estranha invenção, e modo estranho,
De ferro, e fogo, e de furor armado.

Contente os olhos ponho em hum Rebanho,
Cujas naturaes armas para o frio
Para elle, e para mim ficam de ganho.

Seja da Còrte a gala, o termo, o brio
O enganoso estylo, e a privança,
Do que deseja mando, e senhorio.

Que em quanto vive, e morre de esperança
Que tanto dura quanto a vida dura,
E tanto cança quanto a vida cança.

Eu logro as agoas desta fonte pura,
De quem me está mostrando o claro seio,
A buliçosa areia mal segura.

Não esconde outro mal, nem outro enleio
Outros intentos vãos, outros sentidos,
De que me possa vir algum receio.

Livre estou de tractar peitos fingidos,
Que fazem mil enganos á verdade,
E enganam com palavras mil ouvidos.

Estou livre de enganos da Cidade
E sem mais desejar outro poder,
Tenho, si quer, do meu a liberdade.

Trago bem costumado o meu querer,
 Si não tenho do pão, como d'avea,
 Não guardo que esperar, nem que perder.

A minha casa he pobre, he sempre chea
 Não desse metal triste, e descorado,
 Que a tantos teme, a tantos senborea.

He chea de hum çurrão mal pendurado,
 C'hum tarro, c'hum cabaz, e c'hum pellico,
 Huma frauta, huma funda, e hum cajado.

Nella assim pobremente vivo rico
 E porque como só por mantimento,
 Com pouco mantimento farto fico.

O ouro não me offende o Mar, nem Vento,
 O temor, e os despojos que ha na guerra,
 Da Côrte a esperança, e pensamento,
 Em quanto tarda o Ceo quero esta terra.

Esta Canção de Lerenó, voltando á sua Aldéa, nas margens do Lena, e tornando a vêr os logares onde fôra ferido de amor, me parece rica de imagens, e da mais engraçada poesia.

Qual o Cervo ferido,
 Da setta venenosa atormentado,
 Ligeiro corre o monte, a espessura,
 Athe que sem sentido
 Vem cahir no logar mais descuidado,
 Onde a força provou da setta dura;
 Assim minha ventura
 Depois que vida já me não consente,
 Permite justamente
 Que onde teve a ferida
 Venha nas mãos de amor deixar a vida.

Qual simples Borbuleta
 Que enganada na côr do vivo lume,
 Acha na ardente flamma o desengano,
 E com tudo inquieta
 Athe que nelle as azas não consume,
 Livre se não quer vêr de tanto damno,

Assim n'hum cego engano
Corro atraz do meu mal com tanta gloria,
Que perdendo a memoria,
Que podera guardar-me,
Na luz, que me offendeo venho a abraçar-me.

Qual o Menino nobre,
Que levando na mão joia de preço,
Por cobiça d'alguem lhe foi tirada,
Que c'o dedo descobre
Com innocentes mostras o successo
Ao Pai, que lhe pergunta, e que lhe brada.
Eu, a quem foi roubada
Aqui a liberdade, e a razão,
Inda que saia em vão,
Venho com sentimento
Mostrar este logar ao pensamento.

Mas si por sorte estranha
Venho onde fui ferido a perecer,
He hida a caçadora livre, e bella,
Que aqui nesta montanha,
Estranha gloria fôra o padecer,
Si antes de perecer tornasse a véla :
A setta trago, e nella
Já por hum fio a vida se sustenta ;
E o que mais me atormenta,
He não vêr a Belleza
De quem ordena Amor, que seja a presa.

Si na chamma amorosa,
Que as ázas me queimou quando vôava,
Venho a deixar a vida por meu gosto,
Que da luz tão formosa
Que inda por entre nuvens me cegava,
C'o raio, que feria o bello rosto,
Si este Sol he já posto,
Para que madruguei traz minha fim?
Mas quer a sorte assim,
Que pois fiz tal emprego
Em me atrever ao Sol, que morra cego,

Si aqui me despojou
Aquella formosura sobrehumana,
Do ser, e liberdade, que antes tinha,
Que he de quem na roubou?
Si fugio tão ligeira, e deshumana
Como a setta chegou a esta alma minha.
E se foi tão asinha
Por levar como roubo huma alma alheia
E de furtos se arreia,
Ah não ma restitua
Que eu confessarei logo que era sua.

Aqui dormindo estive,
Ali tinha o carcaz, e settas de ouro,
Dali por entre os matos se escondeo,
Aqui só se deteve
Quando o cajado vio, ditoso agouro!
E o que eu nelle escrevi ditoso léo,
Mas si este appareceo,
Em vão a meu sentido cobiçoso,
Por sonho mentiroso
Si eu hera o que dormia,
E imaginára gloria, que não via.

Porém si sonho fôra
Como este prado, e valle inda apparece,
Estas ramas sombrias, este outeiro,
Que mostram inda agora
A verdura das folhas, que escurece,
A falta do meu Sol, como primeiro,
Como não foi ligeiro,
O monte, o valle, as plantas, a verdura,
Traz sua formosura?
Porque hera tudo agreste,
Só o que ella levava era celeste,

É preciso confessar que o enthusiasmo do amor tem em Francisco Rodrigues Lobo uma expressão mais nervosa, e mais singella do que em Jorge de Montemayor, em que ella é de ordinario mais conceituosa, e digamolo assim, quintenciada: muitas vezes tambem os senti-

mentos de Francisco Rodrigues Lobo se combinam agradavelmente com as idéas moraes da falibilidade, e natureza perecedora dos bens, e prazeres da vida, como pôde vêr-se nestas Estanças da Floresta setima.

Passa o bem como a sombra, e na memoria
He maior quanto foi mais desejado,
A pena ensina a conhecer a gloria,
Não se conhece o bem si não passado.
Em mim o caso soube desta historia,
E no que mostrou já o meu cuidado
Vêjo no que não vêjo, e no que via
Quam pouco tempo dura huma alegria!

Quanto melhor me fôra si não vira
Hum enganoso, e vão contentamento,
Que ainda que faltar-me ali sentira,
Era muito menor o sentimento.
Mas vio minha alma o bem porque suspira,
Foi traz elle seguindo o pensamento,
Que, como hera novel não conhecia
Quam pouco tempo dura huma alegria.

Lá n'huma região muito escondida,
Dizem, que gente humana vive, e mora,
Que por ordem do Ceo não corrompida,
Vê cada dia o Sol huma só hora:
Bem fôra venturosa a minha vida
Se por esta medida o bem lhe fôra,
Mas tive só huma hora em hum só dia,
Quam pouco tempo dura huma alegria!

Foi hora, e foi tão breve, que passou
Qual passar sohe o raio transparente,
Hora que no começo se acabou,
Para se conhecer depois de ausente,
O Tempo em fim por hora ma contou,
Que sempre esconde, cega, engana, e mente,
Mas verdade hera o que elle me dizia,
Quão pouco tempo dura huma alegria!

Porém vós, Fados meus, que permittistes,
 Que tão cedo esse bem se me acabasse,
 E que tão largas horas, e tão tristes,
 Hum tão breve momento me pagasse,
 Não me encurteis o bem, com que fugistes,
 Pois que em tempo o não vi que me alegrasse,
 Vi-o para me vêr nesta agonia,
 Quão pouco tempo dura huma alegria!

Todos os Sonetos, que temos de Francisco Rodrigues Lobo, acham-se espalhados por estas Pastoraes: um dos mais pictorescos, e imaginosos é o seguinte, que se encontra na Floresta primeira da segunda parte da Primavera, que se passa nas margens do Mondego, e contém a pintura de uma cascata.

SONETO.

Agoas, que penduradas desta altura
 Cahis sobre os penedos descuidadas,
 Aonde em branca escuma levantadas,
 Offendidas mostraes mais formosura.

Si achaes essa dureza tão segura,
 Para que porfiaes, agoas cançadas,
 Ha tantos annos já desenganadas,
 E esta rocha mais aspera, e mais dura.

Voltai a traz por entre os Arvoredos,
 Onde caminhareis com liberdade,
 Athe chegar ao fim tão desejado.

Mas ai! que sam de amor estes segredos,
 Que vos não valerá propria vontade,
 Como a mim não valeo no meu cuidado.

É igualmente lindo o seguinte da Floresta oitava da primeira parte, sôbre o podêr irresistivel do amor, e o rigor, com que este Deos custuma castigar aquelles, que se atrevem a resistir aos seus decretos.

SONETO.

Oh Nymphas, que fugis de quem vos ama,
E a morte a muitos dais mal merecida,
E, tendo por victoria tal fugida,
Cahis nas mãos do Fado, que vos chama.

De hum Nympha cruel vos lembre a Fama
Que do silvestre Pan foi tão querida,
E, por ingrata, e dura, convertida
Se vio em canna vã, e em verde rama.

Aquelle peito bello, ingrato, e duro,
Já transformada em canna, e flauta amada,
Tem della o vencedor para divisa.

Não ha contra o Amor poder seguro,
E maior pena a sorte tem guardada
A quem de alheios males não se avisa.

Tambem parece bello o seguinte dirigido ao rio Liz, um dos que banham a patria do Poeta, e que se encontra na Floresta XI.

SONETO.

Formoso Rio Liz, que entre Arvoredos,
Hides detendo as agoas vagarosas,
Athe que humas sobre outras, de invejosas,
Ficam cobrindo o vão destes penedos.

Verdes Lapas, que ao pé de altos rochedos
Sois morada das Nymphas mais formosas,
Fontes, Arvores, Hervas, Lyrios, Rosas,
Em que escondeo Amor tantos segredos.

Si vós, livres de humano sentimento,
Em quem não cabe escolha, nem vontade,
Tambem ás leys d'Amor guardam respeito.

Como si hade livrar meu pensamento
De render alma, vida, e liberdade,
Si conhece a razão de estar sujeito?

Em algumas das poesias, contidas nestas Novellas empregou o Author o estylo joco-serio, mas parece-me que com pouca felicidade; o Leitor o julgará á vista deste Soneto dirigido a uma Pastora por um Pastor que della se havia enamorado, na occasião em que ella estava merendando.

SONETO.

Si quando merendavas sobre o prado
Eu cerrára os meus olhos entrementes,
Quicáis me não trouxeras entre os dentes,
Onde me tens, Belliza, atravessado.

Porém eu hera indouto, mal peccado,
As outras condições mui differentes,
E assim nestes desejos mui contentes,
Amor me enfeitigou c'o teu bocado.

Logo agourei dali tanta mofina,
Que chorar tenho só em boa estrêa,
Sem ter ora outro mal, de que me queixe.

Certo he que heide morrer nesta cantina,
E que se hade dizer por toda a Aldêa
Que morri pela bocca como o Peixe.

Póde bem ser que nisto haja muita graça, mas eu declaro francamente que não vêjo aqui si não sensaboria, talvez que me engane!

Algumas vezes os Pastores de Francisco Rodrigues Lobo tomam a Lyra de Anacreonte, e cantam Cançonetas em versos sextenarios, como esta da Floresta segunda da primeira Parte.

Mancebo do prado,
Não tragaes espada,
Porque onde ha taes olhos
Para que sam armas?

Mancebinho louro,
Andai descoberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabelo.

Tornai-me os meus olhos,
Mancebo do verde,
Que andam traz de vós,
E não sabeis delles.

Tornai-me meus olhos,
Mancebo do rôxo,
Que vam da minha alma,
Para o vosso rosto.

Não quero ser Dama
Do dos olhos brancos,
Que tem mil amores,
E nenhum cuidado.

Vinde-vos, meus olhos,
Vinde-vos da Serra,
Não vos queime o Sol,
Que vos tem inveja.

Pois fiquei na Serra,
Vinde-vos do campo,
Que quem ama muito,
Não espera tanto.

Fôra-se o meu Damo
A lavrar no monte,
Quero-me hir com elle,
Não venha de noite.

Fôra-se o meu Damo
A gradar no valle,
Quero-me hir traz elle,
Que outra não lhe agrade.

Lume dos meus olhos,
Si fôres á Villa,
Levai-me nos olhos,
Vireis mais asinha.

Pois hides á Villa,
Ninguém vos contente,
Que os rostos toucados
Muitas vezes mentem.

Algumas vezes os Pastores, e Pastoras, sentados sobre a relva, á sombra das arvores, e ao pé das fontes susurrantes, além de cantarem alternadamente, formam combates de espirito, respondendo em cantigas improvisadas ás perguntas, que fazem uns aos outros; é a copia fiel do que se passava nos Serões, e nas Sessões Academicas do tempo, em que o Author vivia, e é muito de notar que nenhum Poeta antigo, ou moderno excedeo Francisco Rodrigues Lobo na engenhosa simplicidade, e elegancias destas conceituosas composições, que posto estarem agora fóra de uso, nem por isso deixam ainda hoje de agradar pela fôrma graciosa, de que se acham revestidas.

Uma destas scenas pastoris se depára na Floresta setima da segunda parte da Primavera. Ali se propõem as seguintes perguntas.

PRIMEIRA.

Quem ama sem esperança
Si ama mais perfeitamente.

Resposta de Ardenio.

Ninguém ama sem querer,
Ninguém quer sem esperar,
O que ama, espera, e quer;
Poderá nunca alcançar,
Mas sempre hade pertender.

Si á Hera lhe falta a Planta,
Em cujo tronco se arrime,
Nem cresce, nem se alevanta,
Que em fim não tem força tanta
Que se levante, e sublime.

E si ao Amor lhe faltara
Esperança, que o sustente,

Na raiz propria seccara,
E inda não sei si brotara,
Ou se affogara a semente.

De sorte que em qualquer peito
Sem esperança, ou favor
Do seu desejado objecto,
Não só falta Amor perfeito
Mas falta de todo amor.

Resposta da Pastora Dinarca.

Amor que ao proprio respeito
Todo o desejo offerece,
Só por seu gosto, ou proveito,
Não se chama amor perfeito,
Antes perfeito interesse.

Amor he sómente amar,
Este he seu meio, e seu fim,
E o que pertende alcançar
Nem se ha de lembrar de si,
Nem do que póde esperar.

O que he verdadeiro amante
Não se funda na esperança,
Só seu querer põe diante,
E si por ventura alcança,
Sem ventura he mais constante.

Quando n'alma huma belleza
Mostra seu raio invencivel,
E Amor seu preço, e grandeza,
Não faz differente empreza
Entre facil, e impossivel.

E he já cousa averiguada,
Que sómente este rigor
Merece ante a cousa amada,
E o que quizer mais de amor
Nem quer, nem merece nada.

SEGUNDA PERGUNTA.

Si póde haver pouco amor,
Aonde falta a razão.

Resposta do Pastor Riseo.

Porque Cupido he Senhor,
A quem nada ha que resista,
Como forte, e vencedor,
N'alma que a força conquista,
Tudo converte em amor.

Naquella, que se lhe entrega,
Fica igual a sugeição,
Nada a seu braço se nega,
E cega logo a razão,
Que, onde Amor he grande, he cega.

Daqui podem conhecer
Que d'elle está bem seguro
Quem a razão não perder,
Que amor verdadeiro, e puro,
Puro sem elle hade ser.

Resposta de Florício.

Affronte-se o pensamento,
Que duvida em tal clareza,
Pois não póde haver pureza
Onde falta entendimento.

Amor, Desejo, Affeição,
Na Razão tem seu lemite,
Vontade, Gosto, Appetite,
Não se regem por Razão.

A Razão obriga a amar,
A Razão sustenta amor,
E aquelle, que amar melhor,
Por Razão se hade guiar.

Por isso vive seguro
O que em Razão se assocega,
Que em quanto a Razão fôr cega,
Nunca amor pôde ser puro.

TERCEIRA PERGUNTA.

Que parentesco chegado
Tem Amor com o Ciume ?

Resposta de Ríseo.

Amor, como se presume,
Houve por certa afeição,
Hum Filho da Occasião,
A que chamaram Ciume.

He igual ao Pay, e mór,
Que Amor com muita grandeza,
Palreiro por natureza,
Que em fim he Filho de Amor.

Vê muito onde quer que vai,
Não vò, antes he pesado,
E em qualquer parte tocado,
Tem o topete da May.

Vive de enganos, que faz,
E anda nelles de contínuo,
E como Amor he Menino,
Tambem o Filho he Rapaz.

Dá ao Pay sempre má vida,
E assim não me meravigho
Que o desconheçam por filho,
Porque Amor mesmo o duvida.

Resposta de Egerio.

Estes Irmãos designaes
Ambos de Venus nasceram,
E tyrannos se fizeram
Do Imperio de seus Pays.

Nasceo de Vulcano cégo
O Ciume, e logo então
Tomou a cargo este Irmão
A quem nunca deu socego.

E parecia acertado
Que hum filho, que tal parece,
Da formosura nascesse,
E de hum Pay desconfiado.

Ambos nascem juntamente
E vivem fazendo damno,
Hum com redes de Vulcano,
Outro com seu fogo ardente.

Seguem differente fim,
E vivem sempre em perigo,
Cada hum do outro inimigo,
E acompanham sempre assim.

Mostre por prova melhor,
Quem o contrario presume,
Se vio amor sem ciume,
Ou ciume sem amor.

Resposta de Lereño.

Nestes dous não ha liança,
Nem pôde haver amisade,
Que hum he Filho da Vontade,
O outro da confiança.

Hum he nobre, inda que agora
Degenere do que estava,
Ciume he Filho de Escrava,
E Amor Filho de Senhora.

E claramente se apura
Ser o-outro Escravo seu,
Porque em dote se lhe deu,
Casando co'a formosura.

Serve de Guia, e dá fé
Mil vezes falsa, e errada,
E porque Amor não vê nada,
Lhe mostra mais do que vê.

Da Senhora, e do Senhor
Quem já conhece o costume,
Sirva-se bem do Ciume
Porque he Escravo d'Amor.

Estas contraposições de idéas, a facilidade de dizer o pró, e o contra sobre o mesmo objeto, eram nos tempos de Francisco Rodrigues Lobo havidos pela quinta essencia da discrição, e do engenho, e por isso é facil de ajuizar o applauso, com que seriam recebidas, quando o livro sahio pela primeira vez á luz!

A segunda Novella, ou Romance, que tem por titulo o *Pastor Peregrino*, não é mais que uma continuação da *Primavera*. O pastor Lereno, levado da furia dos seus desgostos, quebra a sua çamphona, sobre um rochedo, e abandonando as margens do Téjo, em vez de voltar para as do Liz, e do Lena, onde nascêra, muda de traje, e toma a resolução, que põe em pratica, de hir perigrinar terras alheias, e o que lhe acontece em suas jornadas fórma o assumpto do Poema.

Esta nova composição contém as mesmas bellezas, e os mesmos defeitos da antecedente: a mesma falta de concentração de partes, e de unidade, e acção; a mesma prosa sempre elegante, facil, harmoniosa; o mesmo vigor, e graça pictoresca das descripções, certames de canto, luctas, amores, discuções eroticas, ou m...

historias, affectos de ternura, ou de ciúme, festejos, e sobre tudo uma grande quantidade de excellentes poesias de todo o genero.

Para dar aos Leitores alguma idéa da prosa de Francisco Rodrigues Lobo, pôrei aqui um dialogo da primeira Jornada.

O pastor Lereno, tendo-se embrenhado por um bosque espesso, e emmaranhado, senta-se em um rochedo, canta um Soneto, conversa um pouco com o echo, imaginando que era a sua pastora, que lhe respondia, até que conhecendo o seu engano, ergue-se, e continúa a caminhar.

Ouve então dous Pastores, que em companhia de um Velho, vinham cantando em perguntas, e respostas: espera que elles acabem, e dirigindo-se para elles os saudam cortezmente, elles lhe correspondem com igual benevolencia, e logo principia a seguinte conversação.

VELHO.

É este caminho tão desviado das Aldéas, e tam poucas horas passadas do dia, que imagino, que tornas para traz donde partiste, ou vaz desencaminhado por falta de guia. Pareces-me estrangeiro, e eu aos que o sam, estou-lhe obrigado, e costumo a lhes offerecer a pobreza da minha cabana, porque já em as alheias achei saboroso agasalhado andando em desterro.

LERENO.

Não é essa má nova, para quem determina gastar em outra a vida, porém no que perguntas te digo, que vou por este valle, e que sei d'elle tão pouco, que te não darei razão do para onde me guio, porém folgarei de te acompanhar em quanto durar a jornada, e dahi hirei para onde quizeres.

VELHO.

Não me pareces homem sisudo, porque vás para onde não sabes, e deixas na vontade de quem te não conhece o que a ti releva.

LERENO.

Por mais seguro tenho eu, deixar isso na tua vontade, que na minha escolha, porque por melhor que a faça, tudo para mim é um caminho, e um perigo, e assim pôde ser que tu me levasses por outro, em que me arriscasse menos.

VELHO.

Não entendo o que queres dizer; porque ainda que as palavras sam boas, as razões sam de homem sem juízo, ou pelo menos embaraçam o de quem as escuta.

LERENO.

Que muito é, si eu que as digo, estou mais enleado!

VELHO.

Agora vêjo que ha nescios, que fallam bem, e doutos, que o não parecem: mas dize, si te parecer, pois não sabes para onde vás, de que parte vens?

LERENO.

Ainda nisso me terás por menos sisudo; porque venho donde podera em algum tempo viver a meu gosto, para hir aonde me quer dar a morte um inimigo, que eu sustento á minha custa.

VELHO.

Certo que bom hospede agasalhas! Não era melhor, pois o levas contigo, fazer-lhe o que elle a ti tenciona, e acabar juntamente essa determinação, e a tua jornada?

LERENO.

Não me atrevo a offender, a quem quero grangear, porque quanto elle mais procura meu damno, tanto mais desejo de lhe fazer a vontade.

Aqui deu o Velho grande risada, dizendo para os companheiros,

VELHO.

Já vós outros ficaeis menos culpados com o desatino deste pastor !

LERENO.

Isso não quero eu confessar até não saber o seu pelas razões, que tenho da minha parte.

VELHO.

Saberás que a estes meus companheiros, que também hoje foi o primeiro dia em que os encontrei ao sair da minha cabana, e querendo saber elles o seu caminho, me disseram que pela fama de uma fonte, que está ao pé daquella serra branca, que apparece, vam experimentar a verdade de um juramento, que lhe tem feito uma pastora, a quem ambos amavam, pois sabendo um do outro, que della estava igualmente favorecido, ou para melhor dizer, enganado, se concertaram em que o costume desta fonte desenganasse ao que com menos fundamento espera galardão : e eu que os vi amigos, e companheiros, e sem differença virem buscar odio, e contenda á custa do seu trabalho, havendo por força de hir um desesperado, do em que ambos mostram igual confiança, me estava rindo do seu pouco siso ; porém depois que te ouvi, não me parece o caso tão feio.

LERENO.

Tens razão ; que si elles buscam o desengano tão longe donde poderam saber a verdade d'elle, eu ando pelo Mundo atraz do que em qualquer parte d'elle se póde achar sem nenhum trabalho, e offereço a vida a muitos por me ausentar do remedio, com que me poderia curar.

VELHO.

Deve de ser o teu mal como o de uas enfermos, que

tem o jaizo leve, e a cura pesada, e póde ser que por isso temas a tua dessa maneira.

LERENO.

Antes te affirmo que não durará mais o mal, que em quanto não vir o remedio, porém estou tão incapaz delle por parte da ventura, que me ausento até das esperanças.

VELHO *rindo*.

Ora temperai este desconcerto! tomai-vos com amor, que é o mestre deste jogo, e tão grande cigano, que ensina estas linguagens differentes, para cada um significar, e encarecer seus cuidados, sendo todos os seus tão parecidos, que com o mesmo nome podiam correr.

LERENO.

Por eu agora não tornar por elle, te rogo que me contes o segredo dessa fonte, que elles buscam; já póde ser que me a mim aproveite.

VELHO.

Sabe que ha poucos annos que é conhecida nesta Aldeia a verdade de suas aguas, e tem ellas tal qualidade, que não soffrem enganos, e quem deseja saber a verdade de algum, nellas o experimenta facilmente. Contar-te-hei de que maneira, pelas muitas vezes que já me achei presente a esta experiencia; escrevem a pergunta com o juramento, ou promessa, de que duvidam, em uma taboa, ou em uma pedra, e ao nascer do Sol, quando seus raios começam a revolver as aguas, a lançam nellas, e succede assim, que a falsidade, e mentira se vai ao fundo.

Por aqui póde conhecer-se a facilidade, e singeleza com que Francisco Rodrigues Lobo faz dialogar os seus pastores, misturando nas suas conversações ficções agradaveis, como esta da fonte dos juramentos. Passando porém ás poesias, deste Romance, objecto principal deste

trabalho, citarei as Estanças, immediatamente cantadas por este pastor ancião, que sam cheias de moralidade, e bom senso, e optimamente versificadas.

O que esteve arriscado na tormenta
Não se fia do mar quando ha bonança,
O que aos outros apraz me descontenta,
Porque tenho os perigos na lembrança.
Melhor sahe do mal quem o exprimenta,
Que o que vai traz do bem, que não alcança.
Ah! quanto á custa minha em tantos annos
Soube de Amor o que heram desenganos.

Receio o que passei como acontece
Ao Peixe, que do anzol ficou ferido,
Que na isca, que no fundo lhe apparece
Cuida que vai tambem elle escondido:
Como o Cordeiro o verde monte dece
Já do faminto Lobo perseguido,
Que no seu pasto os balos repetindo
Do Rafeiro, que o guarda, vai fugindo.

A Cerva que das ramas encoberto
O sagaz Caçador deixou ferida,
Das folhas, a que move o vento incerto,
Foge medrosa, e desapercebida.
Eu que vi desenganos de tão perto,
E sei o que custaram a esta vida,
Inda que tê-la alegre me importara,
Contra mil desenganos me enganara.

Quicá que tenha amor outro segredo
Contra o qual meu conselho pouco monte,
Mas das agoas dos olhos tenho medo,
A quem busca as verdades desta fonte.
Enganado vivi contente, e lêdo,
Desenganei-me, e vi meu mal defronte,
Oxalá, como agora, o conhecêra,
Que a verdade bradara, e não a crêra.

Si tivera logar na branca idade,
 Que agora vivo, o gosto já passado,
 Não quizera de amor mais liberdade,
 Que deixar-me viver sempre enganado.
 Que mór mal pôde haver que huma verdade,
 A quem têm na mentira o bem dobrado;
 Oh que engano tão doce! oh que mentira!
 Quem nunca vos soubera, e vos não vira!

Os bens d'Amor sam todos fingimento,
 E sombra, que nos cega, e nos enleia,
 Quem procura buscar-lhe o fundamento
 Offende o cego Amor, não o grangeia;
 Quem vende ouro enganoso com mais tento,
 De Batto a pedra em vão teme, e receia,
 Não quer assegurar cautela humana,
 O que vencer costuma quando engana.

A seguinte Canção de Lerenó tem muitos pontos de
 semilhança com a imaginação risonha, e o estylo viçoso,
 e ameno do Cavalheiro Marini.

Serranas venturosas,
 Que inda antes d'offendidas,
 Já vos mostraes queixosas,
 Espinhadas de Amor não já feridas,
 Conhecendo, (primeiro
 Que saibaes ser cruel) que he lisongeiro.

Agora que estranhais
 A leve zombaria,
 He bem que conheçais
 Amor, a quem trazeis na companhia,
 Porque com vosso engano
 Não dilateis o império de hum Tyranno.

Este brando inimigo,
 Que offendendo contenta,
 Este doce perigo
 Que inda então satisfaz quando atormenta,
 Ah não vos satisfaça,
 Que para custar caro vem de graça.

He hum mal disfarçado
Envolto em leve riso,
Que depois no cuidado
Se dá a conhecer como he de siso,
He rede, que se estende
Onde a isca contenta, o laço prende.

Este cégo, e Menino,
Este amargo, e suave,
Este iroso, e benino,
Si da vossa prisão alcança a chave,
Já n'outra transformado,
He Lynce velho, indomito, e pesado.

Nasce nos olhos, logo
No coração se cria,
Vive d'agoa, e de fogo,
Mas della não se farta, nem se esfria,
Só das entranhas pasce,
E por essa razão mata onde nasce.

Nunca iguala vontades,
Nunca admite razão,
Captiva liberdades,
E a tudo, que captiva dá de mão.
Ao mais formoso corre,
E como leve Abelha fere, e morre.

Escondei-vos, Serranas,
Deste inimigo, duro,
Nas humildes Cabanas
Si nellas póde haver logar seguro.
De hum Cégo, que na vista
Humanos corações rende, e conquista.

Armai vossa belleza,
Não d' aço duro, e fino,
Mas de isempta dureza,
E velai-vos dos olhos de contino;
Que ali arma as cilladas,
Onde sem peleijar serejs tomadas.

Armas, armas na Serra
 Contra Amor vingativas,
 Guerra, Serranas, guerra,
 Sede crueis, isemptas, sede esquivas,
 Não vos fieis d'Amor,
 Que de tudo o que he bello he roubador.

Francisco Rodrigues Lobo gozou de grande fama pelos seus Romances, de que publicou uma Collecção, em que ha muitos de grande merito, além de um Poema escripto neste genero de combinação metrica, celebrando a entrada de Philippe III. em Portugal no anno de 1619. Além destes Romances espalhou alguns por estas trez Novellas, de que transcreverei o seguinte, para mostra do talento do Author para semelhantes composições.

Entre estas Arvores tristes,
 Que a sombra da noite cobre,
 E com manso movimento
 Tristes pensamentos movem.

A longo desta ribeira
 Que por entre as pedras corre,
 Fazendo hum doce rugido,
 Que o mudo silencio rompe.

Debaixo deste arvoredó,
 Que dos carregados montes
 Tomando a côr, vai perdendo
 Vista, graça, sombra, e côres.

Perguntar quero a meus males
 Pois sei que os males respondem,
 Si exprimentei quanto custam,
 Que me digam quanto podem.

Si podem matar, que esperam?
 Si dar vida, qual escolhem?
 Pois a que entre elles padeça,
 He vida, que sempre morre.

Mil annos ha que a sustento,
E inda que mil annos conte,
He porque em pesares crescem,
Como para os gostos fogem.

Conjuraram-se contra ella
Dous cégos, que estam conformes,
Contra a Razão, e o Desejo,
Que he hum Amor, e outro a Sorte.

Mandaram-na desterrado,
E eu vou sem saber aonde,
Só porque ambos vam comigo,
E que, si eu ando, elles correm.

Males, si haveis de acabar-me,
Para que sam tantos golpes?
Que o menor delles pedia
Hum soffrimento de bronze.

Contra mim vós, e a ventura,
E eu sem outros valedores,
Mais que só meus pensamentos,
Para que me faço forte?

Si quereis viver comigo
Porque trazeis vossa morte?
Que os males não duram mais,
Que em quanto hum triste os esconde.

Descobri-me algum remedio
De esperanças, que essas podem
Sustentar-me, e sustentar-vos,
Neste valle, e n'outros montes.

Porque inda que sam veneno,
Que vai matando de longe,
Creou-se com elle a vida,
Que lhe tem posto outro nome.

Que he isto? não respondeis?
Mas outrem por vós responde,
Que aos males pedir razão,
He pedir firmeza á sorte.

O canto alternado dos dous Pastores Lereno, e Floricio, formam um lindo Idyllo, em que se encontram arremedos do estylo, e gosto de Theocrito : este canto tem lugar na quarta Jornada.

LERENO.

Cante, Amor, teus poderes,
Celebre teus enganós
Quem inda vive delles pèndurado;
Festeje teus prazeres
Quem não provou teus damnos,
Que o mal he só depois de exprimentado;
Porém o que os conhece
Chore o que já cantou, e o que padece.

FLORICIO.

Tema tua insolencia,
E tua tyrannia,
Amor, quem de teus bens não tem memoria:
Mas si por experiencia
Conheceu algum dia
Que o menor gosto teu da tanta gloria,
Compre com todo o damno
Não digo hum bem, mas hum suave engano.

LERENO.

Em quanto da esperanza
Vivia o soffrimento,
Tinham por leve pena meus sentidos,
Porém hoje que alcança
O livre entêndimento
Que sam teus bens sómente bens fingidos,
Desminto á minha custa
Hum mal, que tanto offende, e tanto custa.

FLORICIO.

Os damnos, que thegora
Passei sem esperança,
Armando-me para outros o receio,
Me tirou n'huma hora
Da vida, e da lembrança
Só a sombra de hum gosto, que me veio.
Que n'hum alegre estado
Logo em bem se converte o mal passado.

LERENO.

Quem dos teus gostos teve
Mais que a sombra enganosa,
Que deixou os sentidos encantados?
E si gosto tão breve
Com pena tão custosa
Si hade esperar em annos dilatados,
De gloria tão escassa
Que mór mal pôde ser o bem, que passa?

FLORICIO.

Si já no fim da vida
Em te servir gastada
Alcança hum triste a gloria, que deseja,
Quando por ti perdida
Então melhor achada,
Porque não ha sem ti vida que o seja,
Oxalá que só fôra
A minha para amor vida de huma hora.

LERENO.

Nunca vi sem queixume
Algum dos cobicçosos,

Que a teu poder entrega a liberdade;
Todos do teu costume
Andam sempre queixosos,
Invocando a Razão contra a Vontade,
Triste que quando a sigo,
Fugir não posso, e vejo o meu perigo.

FLORICIO.

Quem ha, que não te entregue
Contente a Liberdade,
A troco de se vêr por ti captivo?
Quem ha que, Amor, te negue,
A vida, e a vontade?
Quando te chama ingrato, cego, esquivo?
E olha que signal deixa
Quem ama o mesmo mal, de que se queixa.

LERENO.

Jágora me despido
Dos enganos, que a sorte
A tua conta em vão me fabricava;
Que atraz d'hum bem perdido
Buscando a propria morte,
Segui fóra de mim quem me enganava,
E si inda te obedeco,
Não he vontade, he força, que padeço.

FLORICIO.

Quem não sentio o mal,
O bem nunca estimou,
Que o que mais custa, he sempre mais amado,
E tanto o gosto val
Quanto pesar custou,
Si póde hum bem com males ser comprado.
Venturoso o que alcança
Traz do maior tormento huma bonança.

Este canto amabeo vale mais que muitos, que se encontram em Eclogas de outros Authores, que gozam neste genero de bem merecida reputação; o estylo é facil, e a versificação harmoniosa, e fluida, como é quasi sempre a do Author, e os conceitos não são tão subteis, e agudos, que saiham da esphera de um intendimento pastoril.

Resta vermos como Francisco Rodrigues Lobo tractava os assumptos funebres, e para exemplo haremos buscar á sexta Jornada uma Canção, em que o Pastor Ferino (nome certo de mau agouro!) lamenta a morte da Pastora Florela, que julgava ter assassinado.

Alma bella, e queixosa,
Que do meu cego, e ingrato desatino
Agora pedireis ao Ceo vingança,
Florela tão formosa
Quam deshumano, e perfido Ferino!
A quem castiga já vossa lembrança,
Si essa desconfiança
Com que vos chamo agora,
E este arrependimento tam perdido,
Póde ser alguma hora,
Galardoado não, mas conhecido,
Ouvi meu triste accento
Estareis já presente ao meu tormento.

Não peço piedade,
Que de mim proprio sei que a não mereço,
Nem tenho á minha culpa igual castigo,
Sómente esta vontade
Quero que conheçaes, com que padeço,
O que errou em meu damno hum falso amigo,
Fragil hera o perigo,
Em que eu vós offendia,
Mas deu-lhe força hum odio mais ousado,
Fez o que não queria
Por seguir hum querer cego, enganado,
E com favor alheio
Venci a Razão, sob capa de receio.

Custa vêr este verso duro, e mal formado servir de no-
doa a tão bella composição.

Feras desta montanha,
Que empregando nos Gados innocentes
A famulenta furia, os degolais,
Si maldade tamanha,
Que offende a Natureza, os Ceos, e a Gentes,
Me obriga a vos buscar, que me esperais?
Como me não tirais
Este coração fero,
Que veio a consentir tão fero engano?
Mas nem a morte espero,
Que fôra já remedio do meu damno,
Que a culpa conhecida
He a mais cruel pena do homecida.

Sol piedoso, e claro,
Que com a luz igual aos altos montes,
E humildes valles sempre enverdeceis,
Como não sois avaro
Dos raios que espalhaiis nos horisontes
A quem por tão culpado conheceis?
Si não he que quereis
Que neste triste estado
Outro maior castigo me atormente,
Que viva desterrado
E a minha pena propria me sustente,
Que o meu tormento seja
Que não possa esconder-me, e que vos veja.

Benigna, e grata terra,
Que só no ser de May piedosa, e firme,
Não negaes a ninguém vossas entranhas,
Nesta intestina guerra
Como vos não abris para encobrir-me,
No mais profundo vão destas montanhas?
E si por tão estranhas
As culpas, que confesso,
Tiram do natural vossa brandura;
Ao Ceo invoco, e peço

Me dê sobre esta Terra a sepultura;
E mande hum raio ardente,
Que me sepulte, e mate juntamente.

Acabe a vida triste
Entre o rigor maior que a crueldade
Usou co' hum peito, extremo de dureza,
E si a morrer resiste
Porque vê que matar-me he piedade,
Ou porque teme a vida, que me peza,
Estranho á Natureza,
Aborrecido á Gente,
As agoas, animaes, aos arvoredos,
Vivirei tristemente
Habitando o rigor destes penedos,
Athe que sem sentido
Fique nelle, e entre elles convertido.

Offendida Pastora,
Feras, Pastores, Ceos, Terra, Elementos,
Pois não pago já agora
Si não com largos annos de tormento,
A culpa cometida,
Acabe-se com ella a minha vida.

Esta Canção repassada de melancolia, e de saudade, é o accento intimo do remorso, e o grito da desesperação, ella me parece uma das melhores producções lyricas de Francisco Rodrigues Lobo.

Parece-me escusado demorar-me com o Desenganado, que pôde considerar-se como continuação da Primavera, e do Pastor Peregrino: pôde ter-se na conta de uma irmã mais moça, que é inferior na belleza, e na vivacidade, sem que por isso seja desprovida de formosura, e atractivos, visto que lhe não faltam flores lyricas, que encantem, e prendam a attenção de quem o lê.

Parece tambem que o Poeta trabalhára muito por tornar instructiva esta parte da sua Obra, e essa mesma diligencia a tornou mais pesada, e menos agradável, e muito mais para o fim, em que talvez para alongar mais a

escriptura, quando lhe escaceava a materia, prodigalison grande parte dos seus conhecimentos historicos, mythologicos, geographicos, e physicos, juizo claro, e profundo talento de observação.

Não me atrevo a terminar este Capitulo sem dizer alguma cousa ácerca de um enunciado de Faria e Sousa, que importa nada menos, que uma accusação de plagiato contra Francisco Rodrigues Lobo.

Depois de Manoel de Faria nos Commentarios ás rymas de Camões haver larga, e atiladamente provado que oito das Eclogas, que andam no Livro de Diogo Bernardes, não sam delle, mas de Luiz de Camões, accrescenta.

« No es solo Diego Bernardes el que yo creo que si aprovechó de las Obras de mi Poeta, viendolas andar perdidas por su muerte. Ahi arriba acabé de dizer que en mis manos tuve una, y es deste modo. Mi abuelo Estacio de Faria concorrió con Luiz de Camões un tiempo, y fué su amigo en Lisboa, despues que el vino de la India. O ya porque poco antes de la enfermedad, de que murió, le ubiesse fiado aquel libro, que compuzo intitulado, Parnasso Lusitano, o ya porque despues desto le viniesse a las manos, entre las cosas, que del por su muerte quedaron a mi Madre, habia algunos papeles, y libros, y entre ellos un manuscrito de prosas, y versos, que yo tuve por de mi Abuelo por haber el sido de grande ingenio, hasta que en una de las Decadas de Diego do Couto hallé escripto que Camões habia hecho aquel Libro, y que haziendo el mismo Couto en Lisboa grande diligencia despues de fallecido el Camões, por alcanzar-le, no le habia sido possible. Desde entonces tuve para mi, que esto libro (no era grande en Tomo) era aquel, porque *accordando-me aun de algunas clausulas* hallava en ellas el alien-to de Luiz de Camões. Al tiempo que impezê a estudiar, que fué por los años de 1600, y los *onze de mi edad*, me cogió esto libro un Moço, que luego se fué a estudiar a Coimbra, aonde entonces florescia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó su Libro intitulado *Primavera*, que consta de prosas, y versos, y siempre me pareció que en el habia algunas cousas de las que estavam en aquel Libro, mas porque yo no vi esto de Lobo en el tiempo en que salió, tiempo en que de essoutro teria algo en memoria, si

no mucho despues, quando ya no la tenia de el, *no pudo assegurar-me bien*, pero *imagino* que unas Octavas, que alli tiene Lobo luego al principio, a que llama Historia de Sileno estaban en aquel Libro, y tambien unas Coplillas, que estaban antes dellas, y tambien una Cancion, que se ve a la entrada de la Floresta sexta. Las Octavas empieçan assi

Sileno sou, que em fonte convertido
 Vou regando a verdura deste prado;
 Nas ribeiras do Lena fui nascido,
 E nas do Liz guardava manso gado.
 Amor, de quem vivi mais esquecido
 Com transformar-me aqui ficou vingado,
 Que foi para este mal, que me condena
 Homecida na culpa, algoz na pena.

Dos casos ay en esta primera Estancia de aquellas, que son vinte y duas mui proprias de Camões; una es dezir que viviendo libre de amor fué preso del en gran manera, y esto dize de si con gran ponderacion algunas vezes mi Poeta en algunos Sonetos suios, y en la Estancia II. de la Cancion VII. y tambien en la Ecloga II. otra lo que dize en estos dos ultimos versos, que es totalmente lo que dice de si mi Poeta en otros dos, con que fenece la Estancia de la Cancion II. assi

Saibam que o mesmo amor, que me condena,
 Me fez cair na culpa, e mais na pena.

As Coplillas empieçan assi

Quem por seu cuidado
 Em Pastora loura,
 Não veja a lavoura,
 Nem sirva o arado.

Y aun que ellas non sean cosa grande, porque esta suerte de composicion no da mucho de si, no dexan de tener lances parecidas a los de Camões. La Cancion empieça

Qual o Cervo ferido

Da venenosa setta atormentado,
Ligeiro corre o monte, e espessura.

Y aun que el Lobo en sus escriptos tiene algunas Canciones, ninguna iguala a esta. Las tres primeras Estancias tienem tres comparaciones; la primera del Cierco, la segunda de la Mariposa; la tercera de un Niño. Es la Cancion al assumpto de ser vencido de la hermosura de una Dama, vista en el campo, y a esto mesmo es la Cancion VII. de mi Poeta. Fenece una Estancia de esta Cancion de Lobo con esto

Si se foi tão asinha
Por levar como roubo uma alma alheia,
E de furtos se arreia,
Ah não ma restitua
Que eu confessarei logo que hera sua.

Y a demas de ser esto estilo tão proprio de mi Poeta, es suio esse pensamento, de que aun que la amada le robó el alma no quire pedirse-la. En la Ecloga VIII.

Dar-te-hei minha alma; lá ma tens roubada,
Não te condemnarei.

Contiene la Estancia II. que fué sonho aquella vista, y de estos sueños de ver a su querida ay muchos en mi Poeta. »

O arrazoado é longo, vejamos si é igualmente forte, e concludente. Estacio de Faria, Avô de Manoel de Faria e Sousa, possuia um livro manuscripto de prosas, e versos. Manoel de Faria e Sousa, que perdeu este livro quando contava doze annos de idade, pensava que aquelle livro fosse obra de seu Avô. Já é mui difficil de acreditar que uma criança de doze annos se entretivesse a lêr livros manuscriptos, dado mesmo caso que os soubesse lêr, e que tractasse de indagar quem era o Author delle; depois, ou esse livro tinha o titulo de Parnaso de Luiz de Camões, ou

não o tinha; no primeiro caso como podia elle suppor que fosse de seu Avô? No segundo como pôde persuadir-se, porque lêo em Diogo do Couto, que se havia perdido o Parnaso de Luiz de Camões, que esse livro fosse o que tinha seu Avô, e que outro rapaz lhe levára para Coimbra? « Porque (diz elle) lembrando-me de algumas clausulas, achava nellas o espirito de Luiz de Camões! » E certo que Faria não nos diz em que idade fez esta comparação mental do estylo de Camões com o estylo do livro de seu Avô, que havia perdido quando tinha dezoze annos; mas em todo o caso é um facto tão maravilhoso, que não merece credito nenhum.

Nesse tempo florescia em Coimbra Francisco Rodrigues Lobo, lá publicou a Primavera, e como o rapaz amigo de Faria levou nesse tempo para lá o livro, e a Primavera é em prosa, e verso, parece indubitavel para Faria que a Primavera é um plagiato do Parnaso de Luiz de Camões, argumentando assim não ha nada que não possa provar-se.

Mas Faria e Sousa diz que o tal manuscripto era de *pequeno tomo*, e a Primavera é livro bastante volumoso, nem é facil de entender que pôde ter de commum a Novella Pastoral de Lobo, com o Parnaso de Luiz de Camões, salvo no caso inadmissivel de Camões ter posto ao seu livro, um titulo sem relação com o assumpto.

E em que consistio o plagiato? Em Francisco Rodrigues Lobo dar por sua, com differente nome, a Obra de Camões? Não pôde ser, porque confrontadas as pouquissimas prosas que nos restam de Camões com a Primavera; vê-se que é impossivel que sahisses da mesma pena, porque a prosa de Francisco Rodrigues Lobo é tão superior á de Camões, como a poesia d'este á poesia daquelle; e a prosa da Primavera é irmã genuina da que lêmos na Corte na Aldêa.

E pois forçoso reduzir este plagiato a algumas peças de poesia de Camões, que Francisco Rodrigues Lobo inserisse na sua Primavera; mas esse mesmo roubo está provado com evidencia por Faria? De certo que não. Elle mesmo confessa que não pôde assegurar o facto, porque quando vio a Primavera foi muito tempo depois, e quando já se não lembrava de nada do que continha o ma-

nuscripto, porém a pesar disso, imaginou que as *Oitavas da Historia de Sileno*, umas *Coplas*, que *estam antes*, e uma *Canção*, que se lê na *Floresta sexta*, *estavam no manuscripto*, e sem mais fundamento que uma imaginação sua, assaça Faria e Sousa o labeo de plagiario a um homem da esphera de Francisco Rodrigues Lobo, e as provas da sua imaginação devem, na verdade parecer curiosas: transcreve a primeira Oitava, e diz que nella vê duas cousas: primeira que ali diz Sileno que vivendo livre de amor, fôra em fim captivo delle, coisa que o seu Poeta tinha dito muitas vezes de si com grande ponderação? Já se vê que ninguem se não Camões podia dizer uma coisa tão extraordinaria! Porque a excepção delle, todos os homens quando nascem vem já captivos de amor! Segunda porque os ultimos versos da Oitava

Que foi para este mal, que me condena,
Homecida na culpa, algoz na pena.

dizem totalmente o mesmo que o seu Poeta disse nestes, com que acaba a *Estança II. da Ecloga II.*

Saibam que o mesmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, e mais na pena!

Já se vê que estes quatro versos dizem todos o mesmo só com a pequena, e insignificante differença dos primeiros conterem um rasgo de Gongorismo, que já então principiava a inficionar os maiores engenhos, e que o segundo delles, com o seu contraposto de *homecida na culpa*, e de *algoz na pena*, basta para fazer duvidar que a Obra pertença, a Camões, e os outros contém um conceito razoavel, e natural, sem expressão affectada, nem affectação de estylo.

Quanto ás *Coplas* diz Faria e Sousa que não sam grande coisa, mas não deixam de ter lances parecidos aos de Camões! Não faltará por ahi gente a quem isto não pareça muito claro.

A *Canção* é indubitavelmente de Camões: primeiro por

que Francisco Rodrigues Lobo não tem nenhuma como esta, asserção que hade achar muito quem a contradiga. Segundo porque nas trez primeiras Estanças tem trez comparações; na primeira a do Viado, na segunda a da Mariposa, na terceira a do Menino. Ficamos pois entendendo que toda a Canção, que tiver uma comparação em cada uma das trez primeiras estrophes, ou em que houver comparações de viados, mariposas, ou meninos, sam indubitavelmente de Camões, porque Manoel de Faria e Sousa não dá licença a mais ninguém para usar disto. Terceiro porque aquella Canção tem por objecto ser vencido de formosura de uma Dama vista no campo, e a Canção setima de Camões tem o mesmo assumpto. Já se vê que se algum Poeta fizer uma Ode em louvor de Vasco da Gama, ou de Affonso de Albuquerque fica *ipso facto* incurso no peccado de palagiato, e roubo a Antonio Diniz, e a Francisco Manoel, posto que não empregasse nem uma só das idéas, e imagens contidas nas duas bellas Odes daquelles Poetas. Quarto porque na Canção de Lobo ha cinco versos que se parecem com verso, e meio da Ecloga VIII. de Camões, o que prova evidentemente que elle os roubou do Parnaso daquelle Poeta, posto que é natural que a dita Ecloga não existisse no tal manuscripto, aliás se teria perdido com o resto. Quinto porque na Estancia seguinte si diz que foi sonho aquella vista, e destes sonhos de vêr a sua querida ha muitos no seu Poeta, nada mais concludente; não é permittido aos Poetas namorados sonhar com as suas amadas, excepto Luiz de Camões, logo em qualquer sonhando em verso com alguma Dama está convencido de plagiario, e os versos do sonho sam necessariamente de Luiz de Camões.

Custa a crêr que um homem sério, e instruido, posto que de muito ruim gosto, tivesse a leviandade de macular a reputação de um escriptor estimavel sem mais fundamento que estas cinco razões, que todas juntas não valem uma, e supposições que só assentam em vagas reminiscencias da infancia.

Dirá talvez alguem que si Manoel de Faria e Sousa merece ser acreditado quando accusa Bernardes de plagiario de Camões, deve merecer o mesmo credito quando afirma o mesmo a respeito de Francisco Rodrigues

Lobo. Respondo que este argumento não colhe, porque o credito deve resultar das provas adusadas, e as que elle dá no primeiro caso me parecem bem concludentes. Achou as cinco Eclogas, que reivindica para Camões, em um manuscrito antigo, onde estavam em nome do cantor do Gama, e sem as prosaicas dedicatorias, e algumas outras alterações, com que se encontram no Lima de Bernardes; a confrontação do estylo das, que sam verdadeiramente de Bernardes, com as que elle se attribuiu, foi feita na idade provecta, e não quando tinha doze annos; mostra depois por combinações mui judiciosas, que naquellas cinco Eclogas ha cousas, que só podiam ter referencia a Camões, e não a Bernardes; e sobre tudo o que é para mim decisivo, comparadas as cinco Eclogas usurpadas com as, que sam verdadeiramente de Bernardes, estas acham-se muito inferiores áquellas, em pensamento, em affectos, em poesia de estylo, e sobre tudo em versificação: é sabido que é tão impossivel confundir os versos de Camões com os dos seus contemporaneos, como os de Bocage com os de algum dos Poetas modernos.

Mas não é assim que elle formolou a accusação contra Francisco Rodrigues Lobo, que se reduz a isto. Supponho que a Primavera é roubada de um livro, que tinha meu Avô, que eu perdi quando tinha doze annos, e de que nada me lembrava já quando li a Primavera; já se vê que isto não merece credito algum.

Existem as Obras de Luiz de Camões, existem as de Francisco Rodrigues Lobo, confrontem-se, e dessa confrontação resultará que ha grande differença na linguagem; e que as poesias de Francisco Rodrigues Lobo a pesar do muito merecimento, que nellas ha, estão mui longe de emparelharem com as de Camões, em phantasia, em colôrido, em invenção, em força de expressão, e sobre tudo em harmonia metrica. Desta regra não está isempta a mesma Canção de que Faria e Sousa faz o seu cavallo de batalha, pois não só não é superior a todas as outras de Francisco Rodrigues Lobo, como elle affirma, mas tem entre ellas algumas, que a igualam, e apresentam o mesmo character de estylo, que todas as composições do Author. Tal é a minha opinião, sobre o plagiato imputado a Francisco Rodrigues Lobo por Manoel de Faria e Sou-

sa, os Leitores examinarão, e sentenciarão este processo como lhe parecer mais razoavel, porque eu, como já mil vezes o tenho affirmado, nunca tive a fatuidade de querer dar as minhas convicções como regra.

De tudo quanto havemos expellido, ños persuadimos que podemos sem escrupulo concluir que Francisco Rodrigues Lobo foi homem de grande erudição, prosador elegante, e harmonioso, e o Poeta que mais honra fez á Eschola Italiana nos tempos em que o bom gosto começava já a alterar-se sensivelmente.

O Padre Antonio dos Reis no seu *Enthusiasmo Poetico* deixou o seguinte testemunho do apreço, que fazia deste Poeta.

Nobilis ille senex odio quem vastus habebat

Oceanus, siquidem prohibebat ferre tributum

In mare suspensum cantus dulcedino Mondam.

Tu que, Lupe, insontum quondam celebrator amorum

Qua tenues rivi Lis, Lenaque flumina ducunt,

Laurea pro meritis ab Apolline serla tulistis,

In que choro Vatum primis nunc jure sedetis.



ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO IX.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

O Doutor Antonio de Sousa Macedo.

Antonio de Sousa Macedo, tronco da illustre casa dos Condes de Mesquitela, foi um dos homens mais instruidos do seu tempo, e como tal empregado nos mais importantes cargos da Magistratura, e da Diplomacia, e ultimamente collocado á frente dos Negocios do Estado.

Deu-lhe o berço a Cidade do Porto, onde nasceu em 15 de Dezembro de 1606. Foram seus Pais o Desembargador Gonçalo de Sousa Macedo, Contador Mór do Reino, e Juiz da Corôa, e Fazenda; e sua mulher D. Margarida Moreira, ambos elles de muito nobre sangue, e nascidos de familias mui bemquistas, e respeitadas na Provincia do Douro.

Esmeraram-se seus Pais em dar-lhe uma educação propria de um mancebo de clara linhagem, e que elles haviam destinado para seguir a carreira da Magistratura, em que muitos dos seus Avós se haviam distinguido; e que dava por sua singular viveza de espirito, facil comprehensão, e affecto aos estudos, as mais bem fundadas esperanças de que seria com o tempo um consumado literato.

Antonio de Sousa Macedo não desmentio os felizes agouros, que se fizeram do seu talento; tornando-se em breve mui habil nos idyomas Grego, e Latino, na Philosophia racional, e Moral, e no conhecimento das principaes li-

guas da Europa moderna, e com especialidade no Castelhano, em que escreveu muitas Obras, que os nossos visinhos tem em grande apreço pela elegancia, e pureza da sua linguagem.

Com o mesmo aproveitamento frequentou na Universidade o Curso Juridico, em que tomou o grau de Doutor, amenisando a austeridade destes estudos enfadosos com o commercio das Musas, grangeando em breve a reputação de um dos melhores Poetas do tempo.

Havendo desempenhado os primeiros logares de letras com grandes provas de aptidão, e integridade, e muito a contento dos Povos, e do Governo, foi despachado Desembargador Aggravista da Relação, Desembargador do Paço, qualificação de que se acha feita menção em o assento do baptismo de um de seus filhos, exarado em um livro delles existente no cartorio da Freguezia de Santa Catharina desta Cidade, e foi ultimamente nomeado Juiz da Corôa, Juiz das Justificações, e Deputado do Conselho da Fazenda, Commendador da Ordem de Christo, e Alcaide Mór da Villa de Freixo de Nomão.

Havendo Portugal, caçado de sessenta annos de dominação estrangeira, sacudido o jugo de Castella e collocado no throno o Duque de Bragança, a quem de direito pertencia, El-Rei D. João IV. resolveo enviar por Embaixador á Córte de Londres a D. Antão de Almada, para tractar de importantissimos negocios com Carlos I. de Inglaterra, e sendo necessario que o acompanhasse na qualidade de Secretario um homem, que tivesse o saber, e capacidade necessaria para missão de tamanha consequencia, em circumstancias tão melindrosas, e difficeis, depois de maduras reflexões, recahio a escolha em Antonio de Sousa Macedo, em quem se julgavam as partes, e requisitos, que convinha para auxiliar com seus conselhos, o Embaixador.

Agradecido Antonio de Sousa Macedo áquella prova de confiança, e do bom conceito, que delle formava o Monarcha, aceitou o encargo, e partio para Londres com o Embaixador em 1641.

Chegado áquella Capital, deu Antonio de Sousa Macedo tão boa conta dos negocios, de que hia incumbido, que retirando-se o Embaixador daquella Córte, El-Rei deter-

minhou que o Secretario ali ficasse permanecendo com o caracter de Enviado, ou encarregado de negocios como hoje dizemos.

No longo periodo, que permaneceu naquella côrte, e no exercicio daquelle cargo, teve elle occasião de fazer grandes serviços á sua patria, tanto pela sagacidade, e tino diplomatico, com que promovia, e tractava os negocios d'El-Rei, como pelo zêlo, e efficacia, com que defendia as pessoas, e interesses dos subditos portuguezes, que ali se achavam por causa do seu commercio, ou por outros quaesquer motivos, El-Rei o honrou sempre com a sua graça em attenção á sua probidade, e talentos, e os seus Ministros tiveram sempre para com elle a maior differença, e respeito.

No meio deste labyrintho de negocios diplomaticos, e das intrigas de uma côrte como a de Carlos agitada pelas discordias, que o fanatismo religioso promovia no paiz, e pelas influencias estranhas, que lhe sopravam o fogo; achava Antonio de Sousa Macedo o tempo necessario para cultivar a poesia, como se vê de diferentes Obras metricas, que nesse periodo sahiram de seu sempre incançavel, e fecundo engenho.

Correndo o anno de 1651 foi Antonio de Sousa Macedo nomeado Embaixador de Portugal, junto aos Estados Geraes da Hollanda, onde teve logar de exhibir novas provas do seu zêlo, e habilidade como negociador, e homem de Estado.

Desta maneira Antonio de Sousa Macedo sempre favorecido pela fortuna, e pelo merecimento, cheio de honras, e de favores da corôa, chegou á ponto de não ter já a que aspirar si não ao Ministerio. Essa mesma ambição, si acaso a teve, lhe foi em fim satisfeita por El-Rei D. Affonso VI., que sempre fizera d'elle grande apreço, pois em 1663 houve por bem nomea-lo, seu Ministro, e Secretario de Estado, cargo que honrosamente exerceo até ao anno de 1668, em que foi demittido pela revolução de fabrica Jesuitica, que deu em resultado a deposição de D. Affonso VI., e a regencia do Infante D. Pedro, que depois subio ao throno por morte de seu augusto irmão, conforme a ordem de successão estabelecida no reino.

O nosso Poeta, que fôra sempre fiel ao seu soberano,

e amigo, era por isso desagradavel, e talvez odioso ao partido dominante; e em vez de voltar-se para o sol nascente, segundo os exemplos de muitos, que estavam em iguaes circumstancias, tomou a resolução generosa de retirar-se da scena politica, e acolher-se ao descanso da vida privada, entregando-se todo aos livros, e ao culto das Musas, passando assim tranquillamente o resto dos seus dias até ao anno de 1682, em que no primeiro de Novembro terminou uma existencia toda consagrada ao serviço da nação, e á gloria das letras.

Antonio de Sousa Macedo foi sepultado com as devidas exequias em uma Capella contigua á Igreja do Convento de Jesus, hoje Parochia das Mercês, onde ainda hoje se observa o tumulo, onde descansam seus ossos com os de sua esposa D. Marianna Lamark, de quem deixou um filho, chamado, como elle, Antonio de Sousa Macedo, que depois foi condecorado com o titulo de Barão da Ilha Grande.

Neste mausoleo está gravado em lingua latina o seguinte Epitaphio.

Hic

Dignitatem, splendorem que deposuit,

Antonio de Sousa de Macedo

Quem mortalitatis elegit occasum,

Immortalitatis spectato Oriente,

Donec veniat immutatio sua,

Una cum Conjuge sua clarissima

Dona Marianna Lamark,

Requieuit

Ille die I. Novembris, anno 1682.

Illa IV. Decembris, anno 1682.

Fratres,

Orate pro eis, si vultis alios orare pro vobis.

Além deste Epitaphio, e de outras Inscriptões latinas, que se acham gravadas nas paredes da sobredita Capella, que hoje se encontra em perfeito estado de abandono, existe tambem em azulejo a seguinte Oitava em lingua portugueza composta pelo mesmo Antonio de Sousa Macedo.

Trabalha o Homem, anhelante aspira
A gloria, que o desejo lhe afigura;
Sendo o jogo pueril, que em quanto gira
Vai cavando a si mesmo a sepultura.
Quanto melhor fizera si advertira
Que a vida vai morrendo no que dura!
Ah! peito humano, de cobiça enfermo
A quem pequena cova he largo termo.

Esta Oitava foi sem dúvida escripta quando o Poeta longe dos negocios publicos, no meio dos encommodos da idade provecta, e sentindo pouco a pouco hir-se apagando o facho da vida, hia sentindo o nada das grandezas humanas, e as illusões dos poderes, das honras, e glorias do mundo! É então que o homem contempla a fragilidade da sua natureza, e inevitavel necessidade de morrer, é este um desengano, que chega tardio para muitos, e para outros nunca.

Como tenho por não pequena desgraça estar um homem moderando o leme da nau do Estado, quando ella geme no meio do furor das tempestades politicas, não posso considerar como desaventura para Antonio de Sousa Macedo o haver sido demittido de Secretario de Estado na epocha de 1668, e por isso me parece que posso considerar este Poeta como um dos homens mais felizes do seu tempo, e um dos melhores escriptores d'elle, tanto em prosa como em verso, as principaes Obras que d'elle sahiram á luz pública foram as seguintes.

Eva, e Ave, Maria triumphante, Theatro de Erudição, e Philosophia Christãa, Lisboa 1676; tem tido muitas reimpressões.

Harmonia Politica &c. Exemplos de Principes, offerecida ao Serenissimo Principe D. Theodosio, Haia 1651; foi tambem reimpresso em Lisboa.

Dominio sobre a Fortuna, ou Tribunal da Razão, &c. Lisboa 1682; tambem sahiu á luz junto com a *Eva, e Ave*, em 1716.

Genealogia Regum Lusitaniæ, Londres 1643, formato de 4.º Esta Obra é escripta com elegancia, e clareza, mas parece-me que o Author se mostra nella sobejo lisongeiro.

Flores de España, Excellencias de Portugal, Coimbra

1737. Esta Obra é escripta em lingua Castelhana ; contém muitas noticias curiosas, mas o estylo é pesado, e a escolha das materias nem sempre é ali regulado pelo bom gosto, e pela boa critica.

Juan Casamuel Lobkowitz, Religioso de la Orden de Cister, Abade de Melrosa, &c. Convencido in su Libro intitulado Philippus Prudens, Caroli V. Imperatoris Filius, Lusitanæ legitimus Rex demonstratus, impresso en el año de 1639, y en su respuesta al Manifiesto de Portugal impresso en esto año de 1642, Londres 1642, 4.º

Lusitania Liberata ab injusto Castellorum dominio, restituta legitimo Principi Joanni IV., Londres 1643, 4.º

Nestas duas Obras justifica o Author com grande aparato de razões, e argumentos juridicos a revolução de 1640, e prova com evidencia o direito, que chamava ao throno a Serenissima Casa de Bragança, na pessoa de El-Rei D. João IV.

Panegyrico sobre o milagroso successo, com que Deos livrou El-Rey Nosso Senhor da sacrilega traição dos Castelhanos, Lisboa 1647, em 4.º Esta composição tem por objecto a abominavel perfidia, com que Domingos Leite comprado para isso pelo Governo de Hespanha, tentou tirar a vida a El-Rei D. João IV. disparando-lhe alguns tiros de uma casa situada no logar onde se edificou depois o Convento dos Carmelitas Descalços, vulgarmente chamado dos Torneiros, na occasião, em que aquelle Monarchia acompanhava a procissão de *Corpus Christi*, no dia 20 de Junho de 1647, felizmente os tiros não acertaram, o réo foi preso, processado, e executado : pagou, como muitas vezes acontece, o instrumento do crime, a pena, que devia recahir nos authores, e instigadores d'elle.

Razão da guerra entre Portugal, e as Províncias Unidas dos Paizes Baixos, com as noticias das causas, de que procedeo. Esta Obra sahio pela primeira vez á luz sem nome do Author, em Lisboa, no anno de 1637.

Relacion de las Fiestas, que se hicieron en Lisboa, con la nueva del casamiento de la Serenissima Infanta D. Cathalina con El-Rey de la Gran Breteña Carlos II., y todo lo que succedió hasta embarcar-se para Lisboa, 1662, 4.º Esta relação tambem foi publicada sem o nome do Author.

Relação summária do que se passou sobre a pretensão

de se confirmarem por Sua Santidade os Bispos de Portugal, e suas Conquistas, nomeados por El-Rey, Lisboa, 1663, 4.º

Esta Obra, então de grande interesse, appareceo no mesmo anno impressa, e traduzida em lingua latina com o titulo seguinte, *Narratio compendiosa rerum omnium, quæ acciderunt super confirmandis á Summo Pontifice Regni Lusitani Episcopis.*

A Côrte de Roma sempre attenta, aos interesses materiaes, por morte d'El-Rei D. Henrique, apresentou-se entre os Pertendentes á Corôa destes Reinos, allegando que se lhe devolvia como espolio de um Cardeal, retirou porém as suas pertençaes respeitando o poderio, e as armas de Philippe II.; pela gloriosa acclamação d'El-Rei D. João IV., fiel ao seu systema de abraçar sempre o partido do mais forte, declarou-se a favor de Philippe IV., e chegou ao excesso de negar a confirmação aos Bispos nomeados por El-Rei para as Dioceses Vacantes deste Reino, e suas Conquistas. Este procedimento deu logar a este escripto de Antonio de Sousa Macedo, e ao do Desembargador, e Lente de Direito Canonico, e Civil, Manoel Rodrigues Leitão, e de outros Varões graves, e doutos, que destruíram com solidas razões os fundamentos desta injusta denegação, que transformando em questão religiosa uma questão puramente politica, deixando o rebanho de Christo sem pastores, abria inconsideradamente, e só por interesses humanos, o caminho para novo Scisma na Igreja de Deos, e talvez para a total existência da Religião Catholica nas Provyncias Ultramarinas pela falta de Sacerdotes, que trabalhassem nas Missões, na Conversão dos Barbaros, por não haver quem lhes desse as Ordens, e conferisse jurisdicção.

Qualquer porém que seja o merecimento dos escriptos prosaicos de Antonio de Sousa Macedo, é certo que o seu nome jazeria agora sepultado, como o de muitos outros, nas livrarias dos Jurisconsultos, e dos exclusivamente eruditos, nem figuraria brilhante, e respeitado na memoria dos amadores do bello idyoma, e da poesia da Lusitania, se o seu Poema sobre a edificação de Lisboa, intitulado *Ulyssipo* lhe não houvesse dado um logar distincto no nosso Parnaso, entre os melhores Epicos Portuguezes.

É cousa na verdade notavel, que tendo a Capital deste Reino dado o berço a quasi todos os mais celebres Poetas, que temos tido, todos elles se esquecessem de cantar, e celebrar a sua fundação, e antiguidade, deixando esses cuidados a dous Poetas, que lhe eram estranhos, a saber Gabriel Pereira de Castro, que nascêra em Braga, e Antonio de Sousa Macedo, que era natural do Porto. É porém certo que qualquer delles compensou bem Lisboa, do desamor, e esquecimento de seus filhos, pelo modo porque tractavam este assumpto, posto que seguindo differente systema.

Gabriel Pereira de Castro era mais Poeta, na accepção rigorosa deste termo, tinha imaginação mais viva, estylo mais brilhante, versificação mais facil, e mais harmoniosa que Antonio de Sousa Macedo; e tanta erudição como elle; mas parece a quem lê o seu Poema, que elle tem mais em vista celebrar Ulysses, que a fundação da Ulyssea: ambicioso de ajuntar no seu quadro tudo, que os outros haviam dicto de melhor, deixou nelle pouco logar ás bellezas de propria lavra, copiou com muito talento, e ás vezes um pouco servilmente a Iliada, e a Olysseia, e não attendeu bastante ás particularidades do seu assumpto, Gregos, e Lusitanos fallam, e pensam do mesmo modo, e apresentam na Ulysseia quasi os mesmos usos, e os mesmos costumes, mas a sua brilhante poesia posto que bastante Gongoristica, a boa contextura da sua fabula lhe haviam dado o segundo logar entre os nossos Epicos na opinião da maior parte dos Leitores.

Antonio de Sousa Macedo não recebeu medir-se com este gigante, e tractar o mesmo assumpto, que elle tractava. Sem copiar o Poema do seu antecessor, encarou a materia de um modo inteiramente diverso, tratando-o em uma escala mais ampla, dando á sua fabula combinação mais complicada, mais movimento, e maior interesse. Os seus caracteres sam mais numerosos, e além disso bem sustentados. Os episodios mais bem ligados com o assumpto: pinta com mais exactidão os costumes dos antigos Lusitanos, posto que nesta parte ainda deixasse muito que desejar; fundamenta melhor os seus meios de acção, e á maneira de Homero, e de Apollonio Rhodio, não perde occasião de recordar por meio de ficções engenhosas ás

nossas legendas, e tradições, e a origem mythologica dos nomes de algumas povoações, e localidades do reino.

Nos trechos, em que o seu assumpto o obriga a recorrer a materias já tractadas pelo Epico Grego, elle o faz ordinariamente com grande descripção, e artificio, aproveitando-se da Iliada, e da Odysseia, sem com tudo as traduzir servilmente.

Si no Ulyssipo não ha o estylo brilhante da Ulyssea; si a sua versificação não é tão cadente, o seu Author mostrou um gosto mais puro, e modelando-se pelos Italianos, cuja eschola seguia; não pecca tantas vezes na inchação, nas expressões hyperbolicas, nem nos contrapostos, e jogos de palavras. Os seus versos sam faceis, ainda que um pouco monotonos, e as rymas mais ricas, e menos triviaes, as suas comparações sam proprias, e raras vezes imitadas de outros Poetas.

E sobre tudo Antonio de Sousa Macedo muito superior a Gabriel Pereira de Castro na originalidade, circumstancia que deve ser muito attendida em um Poema Epico.

Não quero porém que se entenda que tudo me parece bem no *Ulyssipo*; cousas ha nelle que me parecem reprehensiveis, e muito mal combinadas, tal é a viagem de Antinoo, um dos Procos de Penelope, que vem de Itaca á Lusitania, sem proveito para acção do Poema, que não adianta, nem retarda, sendo verdadeiramente uma personagem inutil, e além de inutil inconveniente, pois diz o Poeta que, havendo elle sahido de Itaca para esparar Thelemacho, e mata-lo entre Itaha, e Samos, fôra trazido pelas tempestades até á foz do Téjo; isto é pouco verosimil; pois não sendo aquellas tormentas movidas por agentes superiores, porém naturaes, e fortuitas, custa a comprehender como se affastasse tanto das duas Ilhas, onde podia acolher-se; e no caso de não o poder conseguir na força da borrasca, parece que logo que esta amainasse devia procura-las, e não aventurar-se a mares desconhecidos; e mais estranho parece, que elle em um dos seguintes Cantos parta para Itaca com tanta facilidade como o poderia fazer um piloto, que tendo vindo de Cadiz a Lisboa, partisse depois desta para aquella parte, cuja derrota conhecia perfeitamente.

Outro inconveniente desta viagem de Antinoo, é dimi-

nir a admiração da chegada de Ulysses á Lusitania, por mares tão desconhecidos dos Gregos, e só porque um Decreto da Providencia o chamava aqui a edificar Lisboa.

A falsa noticia, que elle espalhou de que Penelope é fallecida, e de que Thelemaco reina tranquilla, e prosperamente em Itaca, com o fim de que Ulysses se resolva a não tornar á sua patria, é tão excusado como inefficaz. Era acaso sua esposa o unico objecto que chamava Ulysses a Itaca? Não existia lá seu Pai Laertes? Não amava elle seu filho? Não tinha lá amigos? Ser-lhe-bia indifferente o reinar na Grecia descansando de tantas fadigas, e no meio da gloria, e dos applausos, que ali devia ganhar-lhe a destruição de Troya, devida mais aos seus conselhos, e prudencia, que ao valor de Achyles, e de Neoptolemo? Porém si nada disto lhe fazia força, o amor da sua nova Cidade, de que era o fundador, e o amor de Calypso eram incentivos bastantes para o obrigarem a ficar no Téjo, e escolher aqui nova patria.

O amor de Calypso, disse eu, e esse amor é que obrigou Antonio de Sousa Macedo a recorrer a este inutil, e insipido episodio, julgou segundo as idéas Christãs sobre este objecto, que o matrimonio de Ulysses, e Calypso, não podia ter logar, sem a morte da primeira esposa, e quiz absolver da culpa o seu heroe á custa de um defeito poetico, mas essa culpa não existia segundo as opiniões, e costumes da antiguidade.

Ha tambem algumas cousas que censurar no emprego que neste Poema se faz do maravilhoso, o Poeta o tirou do Christianismo, e não é certo isso, o que eu condeno, mas sim a pouca grandiosidade das machinas, e sobre tudo a mistura delle com o maravilhoso pagão de que o Poeta ás vezes faz uso. Lucifer que Antonio de Sousa Macedo chama Plutão, como Tasso tambem praticou, nem pelas suas palavras, nem pelas suas referencias á rebelião contra Deos deixa a menor dúvida ao Leitor, de que é o Archânjo, que conspirou contra o Onnipotente, vencido pelos Anjos fieis, expulso dos Ceos, e sepultado no Inferno, e não o terceiro filho de Saturno, e o irmão de Jupiter, e Neptuno; a sua morada é o Inferno Christão, e não o Tartaro dos Gregos. Este espirito das trevas, que o Poeta pinta com uma força de colorido dignos de Milton

por um vago presentimento dos males, que devem provir-lhe do culto do verdadeiro Deos, que na idade futura deve estabelecer-se na Lusitania, resolve que uma tempestade impessa Ulysses de abordar ás suas praias, e para isso recorre ao Ministerio de Eolô; e tem por agentes Alecto, e Megera, duas Furias do Inferno Pagão; não é isto um verdadeiro disparate? Pois, segundo as nossas idéas, o Diabo não tem poder bastante para excitar uma tempestade? Esta mistura dos dous maravilhosos Christão, e Pagão, é na verdade um grave defeito, mas poucos sam os Epicos daquelle tempb, em todas as nações da Europa, que mais ou menos não estejam incursos nelle.

Antonio de Sousa Macedo estudou, e imitou o estylo, e maneira de poetar dos Italianos, e pertence sem dúvida alguma á sua escola, e é pena que até os quizesse imitar na linguagem nimiamente rhetorica, e conceituosa, com que elles ás vezes exprimem o amor. Ouçamos Ulysses no Canto IV. exprimindo o effeito, que nelle causara a vista de Calypso.

Mas o Amor, que em Ulysses se ateava,
E só a se augmentar tinha respeito,
A diversas batalhas incitava
O coração, que via já sugeito.
Já rendida a vontade confessava,
A furto da razão o doce affeito,
Que hum cego fogo seu valor conquista,
Podendo tanto a fama como a vista.

Na confusão, e novo Labyrintho
De si mesmo admirado se commenta,
"Si amor não he, que he isto pois que sinto?
"E si he amor, em mim que effeito intenta?
"Si intenta o damno meu, como o consinto?
"Si intenta deleitar, como atormenta?
"Si he voluntaria a pena, que padeço?
"Si involuntaria, porque ao mal me offreço?

"He furor... mas não he, que teme o damno,
"Si, he furor, pois vendo o damno, o sigo,
"Não pôde ser amor, porque inhumano

„ Me mostrara a Penelope inimigo :
„ Mas si elle opprime o coração, tyranno,
„ Por mais que a seus effeitos contradigo
„ Em que me culpo ? mysteriosa culpa,
„ Que no proprio delicto se desculpa.

„ He amor... mas não he, que amor inflamma
„ E eu a frio temor estou sugeito ;
„ Mas ai ! que pouco a pouco sinto a chamma,
„ Que já se estende, já me abraza o peito.
„ Ah que he neve, e he fogo, pois quem ama
„ Se vê gelar, e arder no mesmo effeito :
„ Gran milagre de amor, que facilmente
„ O fogo torna frio, a neve ardente,

„ Oh viva morte, oh pena deleitosa !
„ Quem teus effeitos varios conhecera
„ Quão falsa, quão cruel, quão poderosa
„ He, cégo moço, tua Ley severa !
„ A infelice Ilion fôra ditosa
„ Si eu d'antes tua força conhecera,
„ Porque com taes razões a desculpara
„ Que nunca por Heléna se abrazara.

„ Teu me confesso, e neste presuppôsto
„ Bem posso descobrir-te hum só desejo,
„ Chega-me a vêr aquelle bello rosto
„ Vêja eu o fogo, em que abraçar me vêjo,
„ Mas quando em tal extremo me tem posto
„ A Fama só, que peço ? que desejo ?
„ Quero acabar co'a vista, ai ! venha a morte,
„ Que he melhor vida tão ditosa sorte.

„ Porém si em mim Penelope defende
„ Estes discursos vãos, que digo, cégo !
„ Si hum puro amor com outro amor si offende,
„ Como ao contrario, diz que esta alma entrego ?
„ Como o meu coração de si pertende
„ Fazer em duas partes junto emprego ?
„ Louco hes, Amor, mas ai que não hes louco
„ Pois ao muito que podes tudo he pouco.

» Quem, si não tu, do Olympo luminoso
» Em varias fórmas trouxe o gran Tonante ?
» Quem a Daphne rendeo Phebo glorioso ?
» Quem a Marte enredou sempre arrogante ?
» Quem cingio roca a Alcides valeroso ?
» Tu, Cégo Lince, tu, Rapaz Gigante,
» Mas ah ! que vêjo, vencedor astuto,
» Que em fim só desenganos dás por fructo.

» Enredo he teu favor, tua fé mentira
» Sonho a promessa, risco a segurança,
» Véo a brandura, que disfarça a ira,
» A constancia maior maior mudança :
» Só quem não sabe o que hes por ti suspira,
» Só de errar teu poder victoria alcança,
» Não da prudencia, que conhece as fraudes,
» Que no principio docemente applaudes.

» Hes Caçador astuto a incautas Aves,
» Lobo voraz em fórma de Cordeiro,
» Crocodylo com vozes mais suaves,
» Aspide em flor, amigo lisongeiro,
» Doce Ministro de tormentos graves,
» Guia traidora, falso Conselheiro,
» Guerreira paz, e tempestuosa calma,
» Que a sente o peito, e não a entende a alma. »

Não póde negar-se que muitas destas idéas sejam nobres, e engenhosas ; porém sam demasiadamente subtilezas, argutas, e mais proprias da poesia lyrica, que da gravidade da epopeia ; ha tambem algumas que teriam muita graça na bocca de uma donzella timida, ou de um mancobo inexperto, que amasse pela primeira vez, mas que se tornam muito inconvenientes na bocca de um heroe como Ulysses, que não podia ter menos de quarenta annos de idade, visto que não poderia ter menos de vinte e cinco quando partio para Troya, que o assedio daquelle Cidade durou dez, e que não havia gasto menos de cinco em suas longas perigrinações, e detenças na Ilha de Circe, e de Calypso. E de absoluta necessidade que o Poeta Epico nunca perca de vista estas considerações, se

quizer que os seus heroes fallem sempre com propriedade, e verosimilhança.

Na pintura dos costumes dos Lusitanos me parece que elle peccou, ainda que não tanto como Gabriel Pereira: parece-me vêr nelles mais poder, mais luxo, mais riqueza, e apparato do que o permittem suppor as epochas remotas, em que se passa a acção; os Poetas ambos olharam demasiado para o seu tempo, e não se lembraram da singeleza, com que Homero pinta a civilisação incipiente dos Gregos, e que a dos Lusitanos, e mais povos da Península devia estar ainda muito mais atrazada, pois não estavam como aquelles em contacto com o Egypto, com os Tyrios, e as nações da Asia Menor, onde reinavam o commercio, e as luzes. Os Monarchas Gregos, que foram ao cerco de Troya, não eram mais que lavradores, e pastores opulentos, e Homero os denominou por isso *Pastores dos Povos*; e taes seriam sem dúvida os Caciques, ou Reis da Península Iberica, como Agamemnon e Nestor administrando justiça debaixo dos alpendres das suas grandes cabanas, chamadas palacios, como elles blazonando da multidão dos seus rebanhos, e terras, e como elles dormindo sobre pelles de feras, embrulhados nas suas capas. Não direi que não fosse permittido aos nossos dous Epicos, o embellecer um pouco este quadro, porém nunca transportar para a côrte de Gorgoris, glorioso entre os seus subditos por haver ensinado a fazer uso do mel, a côrte apparatusa de Madrid, ou do Imperador de Alemanha.

Segundo o methodo adoptado por nós nesta Obra transcreveremos alguns trechos do *Ulyssipo*, que façam conhecer o estylo, e o merito poetico deste Poema com razão contado entre as nossas Epopeias de primeira ordem.

FABULA DOS DOUS CACHOPOS DA BARRA DE LISBOA.

Querendo mais dizer se divertia
No alvorço da Gente, que gritava,
Que o crepusculo hums baixos descobria,
Que cada qual naufragio ameaçava.
« Arriba! arriba! o Mestre repetia, »

Obedece o que o leme governava,
Voltou a prôa, mas na volta breve
Quasi a subir o bordo o mar se atreve.

Depois que do perigo a Nau segura
Ulysses vio, com brados lastimosos
Dizia « Ainda, oh Ceos! ainda dura
» Contra mim vossa ira, e sois piedosos?
» Que triste fim! que triste sepultura!
» Que Carybdes! que monstros temerosos
» Apparelhais neste pego fundo
» A afflictas Gentes em remoto Mundo?

» E vós, Pedras infaustas, pois quizestes
» Ser algozes crueis de tantas vidas,
» Como, dizei, no mar vos escondestes,
» Como fostes ás agoas conduzidas?
» Por estranho successo aqui viestes
» Porque me fosseis feras homecidas!
» Tal Estrella me deu a dura sorte
» Que em vario modo me apparelha a morte.

» Pelo grande Neptuno, e Occeano,
» Por Glauco, Polux, Castor, e Nereo,
» Por Melicerta, e Palemon Thebano,
» Pelo velho Pastor, sabio Protheo,
» Por Doris, Amphitrite, e o Soberano
» Choro da bella Esposa de Peleo,
» Dizei quem sois, que em tanta desventura
» Quero saber quem contra mim conjura. »

— « Oh Tu, (hũa voz responde) que rompestes
» Entre conjuros nosso encantamento,
» Ouve teus males, já que assim quizeste,
» Apparelha constante o soffrimento;
» Nós somos Filhos dos que ao Rey Celeste
» Quizeram combater com alto intento,
» Pondo escadas de monte sobre monte
» Para oppor-se ás Estrellas fronte, a fronte.

» Aquella grande Serra, que apparece,
 » Para subir á Lua foi escada,
 » Daqui nome tomou, e inda parece
 » Que está contra os Planetas conjurada ;
 » Mas como o Ceo injurias não padece
 » Tanta machina em fim deixou frustrada,
 » Destruindo com raios fulminantes
 » A soberba insolencia dos Gigantes.

» Destruídos com fogo os Pais ínsanos,
 » Ficamos Filhos seus de pouca idade,
 » Mas nem assim os Deoses soberanos
 » Fiam mais da nossa Lealdade ;
 » Entenderam que já nos tenros annos
 » Em nossos corações temeridade
 » Infundiria o sangue, porque gera
 » O forte ao forte, como a fera á fera.

» Neste mar nos lançaram convertidos
 » Em vivas rochas, e entre os Navegantes
 » Pelos Cachopos somos conhecidos,
 » Por sermos Moços, inda que Gigantes ;
 » Aqui Neptuno ordena que escondidos
 » No disfarce das agoas inconstantes
 » Façamos guerra com perigos varios
 » A hums que espera por fataes contrarios.

» Serão (Protheo lhe disse) os moradores
 » Em seculos futuros da Cidade
 » De que vós, Gregos, claros fundadores
 » Acclamados sereis em toda a idade ;
 » Porque do largo mar feitos senhores,
 » O privarão da antiga magestade,
 » Quando por Senhor unico o Oceano
 » Reconhecer ao nome Lusitano.

» Contra aquelles então nos armaremos
 » Suas soberbas Naus aqui esperando,
 » A's quaes com duro fim nos opporemos
 » Quando tomar presumam porto brando.
 » Quantos com sorte infausta acabaremos

» Que de largas viagens escapando,
» A' vista morrerão da Patria chara
» Para lhe ser a morte mais amara.

» Foge, Grego, não queiras que digamos
» As misérias dos teus com mais crueza,
» Pois dellas athe nós nos lastimamos
» Tendo de viva rocha a Natureza,
» E sabe que athe aqui te declaramos
» Contra vontade nossa, e que nos peza
» De haver a teus conjuros revelado
» O que esconder-te pertendia o Fado.

Não é possível indicar por maneira mais poetica os perigos da entrada no Téjo, em razão dos cachopos collocados na sua foz, que difficultam o penetrar nelle, e que tantas desgraças, e naufragios tem motivado. Esta ficção está no espirito da epopeia classica, e mostra que o Poeta tinha grande conhecimento dos Epicos Gregos, e com especialidade de Apollonio de Rhodes, a quem imita muitas vezes, especialmente no cuidado de dar a origem mythologica dos nomes de muitos logares do paiz.

DESCRIPÇÃO DAS MARGENS DO TÉJO.

Descia ao mar Antello acompanhado
De varios Lusitanos, moradores
Em Povoações visinhas; cujo agrado
Assegurava os Gregos de temores:
Os braços dava, em seu amor fiado,
Ulysses aos humildes, e aos maiores,
E de Antello guiado sobe a Serra
Com poucos mais a descobrir a Terra.

O sitio notam, e o Zenith lusente
Quasi em meio da Zona temperada,
Visinho com distancia conveniente
Da linha, com que a Esphera he demarcada;
Os influxos gozando felizmente,
Do Signo, que primeiro tem morada
No Zodiaco largo, com que espera
Gozar inalteravel Primavera.

Era do anno na Estação florida
Cadente já, que mais os Ceos serena,
Quando a terceira casa ao Sol convida,
Dos geminos Irmãos da bella Helena;
Quando das flores á caduca vida
O rigor dos seus raios morte ordena,
E os Gregos viam entre fructo, e flores
Os Tempos quasi iguaes competidores.

Vem coroado o Campo do copioso
Fruito que Ceres, liberal reparte,
E em flor o que a Lieu faz mais glorioso
Que os insignes tropheos, que lhe deu Marte!
O licôr de Minerva mysterioso
Fértil a Terra cria em qualquer parte,
Cifrando assim fecunda a natureza
Em breve mappa a grande redondeza.

Pomana d'outra parte se mostrava
Tão varia que ao desejo competia,
Mas elle insaciavel não chegava
A desejar o que ella repartia;
Já pela vista o gosto figurava
Doçura, que á do Lothos excedia,
E em verde perfeição, belleza tanta,
Parava o veloz curso de Atalanta.

O Pecego fazia a fama incerta,
Que sem razão lhê chama peregrino,
Vê-se a Romãa em flor, que quando aberta
He competencia do rubi mais fino,
Cuja corôa emulação desperta
Ao Limoeiro, a quem fatal destino,
Com espinhos do Reino despojara,
Que por ter sempre fructos alcançara.

Vê-se a Cidreira ali, que bem quizera
Encostar-se c'os pesos amarelllos,
Junto ao Moral prudente porque espera
Estem de lan vestidos os marmellos;
Aqui purpurea Ginja, e verde Pera,

Ali a rouxa Ameixa, e os fructos bellos
Da Macieira, que entre sangue, e ouro
Ham de affrontar o Hesperico thesouro.

Destes, e de outros pomos, que pendendo
Se viam sobre espelhos fugitivos,
As agoas murmuravam, não sabendo
Que dellas heram filhos adoptivos;
As claras fontes, olhos parecendo
Da Terra fertil, dos Penhascos vivos,
Hiam banhando em lagrimas medrosas
Com doce murmurar faces de rosas.

Ali do vão Narciso a formosura,
Affectando em se vêr outro perigo,
Em transformação nova se aventura
A poder recobrar o estado antigo,
Ali namora o Cravo a Cecem pura,
Abraçam-se os Jamins em laço amigo,
Que parece que a sabia Natureza,
Applicou longo estudo a tal belleza.

Qualquer bonina, a Estrella semelhante,
Mostrava no cheiroso, e no luido,
Com fragrancia lusente, e luz fragrante
Hum estrellado campo, hum Ceo florido;
E como ondas encrespa aura espirante,
No cristal brandamente combatido,
Aqui fazia com diversas côres
Tremular, ondear mares de flores.

Os bosques se mostravam tão formosos
Pertendendo c'os prados competencia,
Que com silvestres Arvores frondosos
Procuravam das Flores precedencia:
Freixos, Louros, e Myrthos amorosos,
Faias, que ao Sol faziam resistencia,
Acyprestes direitos, Choupos frios,
Alamos altos, Platanos sombrios.

As Aves velozmente descorrendo,
O ar de varias pennas esmaltando,
Em reciprocos cantos respondendo,
Hiam suaves choros alternando,
Em confusa harmonia suspendendo
Aos que alegres deixavam duvidando,
Si hera mais grato ouvi-las, si mais vê-las
Cantando doces, ou vôando bellas.

O Melro canto da intrincada rama,
Entre cuja verdura o ninho esconde,
A Tutinegra está dizendo que ama
A quem ingratamente corresponde:
A Chamariz incauta á prisão chama,
O Pintasirgo vario lhe responde;
De huma parte a Calandria fórma hum choro,
O Pintarroxo de outra mais sonoro.

Mas sobre todos, suave na harmonia,
Saudava com canções a tarde amena,
E Mestre ao Choro alado parecia,
A Serea dos Bosques, Philomena,
Tão docemente as queixas repetia,
Que fez alheia gloria a propria pena,
E em requebros de voz, fugas, e accentos,
Movia o Monte quando atava os Ventos.

Com estylo tão vario modulava
Articulada voz, que juntamente
Harpa, Alaude, e Cythara imitava
Com alma em hum só corpo differente,
Que digo corpo? quando a voz formava
Espirito do corpo independente,
Hum canto vivo n'aura só fundado,
Hum Athomo sonante, hum flato alado.

Eis que em alegre valle se descobre
Pouco distante de pequeno monte,
Rustica traça de Edificio nobre
Para onde passo breve dá hũa ponte;
De duas partes arvoredos o cobre,

D'outra banda o cristal, que tem defronte,
No principal a porta mostra os lados,
Com despojos de feras adornados.

Nada mais ameno, nem mais graciosamente colorido que este trecho de poesia descriptiva ! É a pintura fiel das cercanias do Téjo ; desses campos de Cintra, e veiga de Colares, cobertos de vistosos pomares, de densos arvoredos, de messes fecundas, regados de cristalinas fontes, e cortados de arroyos limpidos, e sussurrantes, que os tornam um dos mais bellos Paraísos da Europa, e que ainda hoje tanto nos encantam, e aos estrangeiros, que visitam a nossa patria.

HONRAS FUNEBRES TRIBUTADAS POR ULYSSES A PENELOPE
PELA NOTICIA DA SUA MORTE.

Este golpe sentio tão rigoroso
O grande Ulysses em seu forte peito,
Que o coração capaz, e valeroso,
Para tão grande dôr foi vaso estreito :
Causava o sentimento lastimoso
Na fiel companhia igual effeito,
Culpando todos a fortuna esquivã
O fado injusto, a morte intempestiva.

Oh quantas vezes o fatal destino,
O dia, em que sahiu dos patrios Lares,
Culpon irado o Grego peregrino,
Quantas a furia dos contrarios mares !
Oh quantas vezes do saber divino
Quiz arguir juizos singulares !
Si não o desviara o entendimento
D'onde o levava o grande sentimento.

Para o Ceo da fortuna se queixava,
A' Terra as tristes queixas repetia,
Ao mar com ancias justas perguntava
A verdade da pena, que sentia !
“ Si esta mesma corrente, oh agoas, lava

„Itacha, doce quando o Ceo queria,
„Si vos moveis á petição piedosa,
„Novas me dai da minha amada *Esposa*!

„Dizei si ainda com chorar ausente
„Ondas ao mar de Ionia multiplica,
„Que do Erythreo vençam a corrente,
„Onde em perolas faz a Arabia rica?
„Mas pois não respondeis já claramente
„Meu mal essa resposta certifica,
„E vivo, porque a vida á maior pena
„De sentir que não sinto me condena.

„Oh Fado, executivo em teus rigores
„Como te empenhas em cortar violento
„O fructo acerbo, e por abrir as flores!
„Oh quantas esperanças leva o vento!
„Oh prenda soberana, de maiores
„Annos merecedora! o fero intento
„Devia a Parca de seu golpe activo
„A minha vida, ferrea porque vivo!

„Houve nevoa mortal, que a hum vivo raio
„De teus formosos olhos se oppozesse?
„Houve neve cruel que ao fertil Maio
„De tua rosa, e jasmim descompozesse?
„Houve accidente fero, houve desmaio
„Que a teus galhardos brios se atrevesse?
„Ai! que da morte foi subtil cautella
„Por vencer atrever-se á minha *Estrella*!

„Mas como dos *Elysios* a luz pura
„Deixando-me sem luz, alma buscaste?
„E a que me tinhas dado fé segura,
„Sem me levar contigo quebrantaste?
„Porém fique eu sem ti em vida escura,
„Pois que o feliz caminho me mostraste,
„E eu fui o que, cruel, deixei partir-te
„Porque não chego a merecer seguir-te.”

Assim a sorte accusa em voz piedosa,
Em quanto a Grega Gente levantava
De pinhos grande pyra, que piedosa
Com Acyprestes funebres ornava,
Ardendo de Sabá Myrrha cheirosa,
Crato, grão Sacerdote, collocava
Victimas varias no alto frontespicio,
Os Mannes invocando ao Sacrificio.

Qual si o amado corpo ali estivera
Applicam fogo á consagrada pyra,
Rapido busca a suprior esphera
Entre fumosos circulos, que gira;
A materia obedece, a chamma impera,
Repetida fragrancia o ar respira,
O Busto os Esquadrões cercam mil vezes,
Ferindo o Sol nos lucidos arnezes.

Cessou hum dia do Trabalho a Gente,
Em que se ouviram só varios clamores,
Instrumentos diversos tristemente
E som destemperado de Atambores:
Com jogos respondendo a dôr vehemente
As honras funeraes foram maiores,
Si os Gregos não chamara ao que convinha
O Lusitano, que marchando vinha.

Tambores no exercito de Ulysses devem parecer coisa
muito estranha tanto aos estudiosos da antiguidade, como
aos que forem versados na leitura de Homero.

MYTHO SOBRE A ORIGEM DO NOME DE CACILHAS.

Chegou o Grego ao Campo Lusitano
Quando junto do Téjo o Rey prudente
Sacrificava hum Touro, que cada anno
Dedicou a Neptuno a Lysia Gente;
Em bem ornada tenda o velho Aucano
O recebeo alegre, e variamente,
Com praticas diversas o entretinha
Em quanto o sacrificio ao Rey detinha.

„ Porque a Neptuno, (o Grego lhe dizia)
„ Sacrificaes na Lusitana Terra?
„ Ensinou-vos primeiro a Policia
„ De domar os cavallos para a guerra?
„ Principio deu á vossa Monarchia
„ Como ao muro de Ilion, que me desterra?
„ Este acto pio que segredo esconde?“
Ploto pergunta, Aucano lhe responde?

— „ Cassilia, que ditosa companheira
„ Jupiter dera a Gorgoris famoso,
„ Teve della a Calypso, unica herdeira
„ Dos Reynos, que domina poderoso.
„ Amava a May á Filha de maneira
„ Que por saber seu fado duvidoso
„ Consulta a Chiron, sabio, cuja sciencia
„ Abonou ante nós larga experiencia.

„ Este lhe disse que nos Astros via,
„ Si a Figura astrologica não erra,
„ Que á corrente do Téjo aportaria
„ Hum insigne Varão em paz, e em guerra;
„ Que o nome seu perpetuo deixaria
„ No logar mais sublime da alta Serra,
„ Que a este digno Esposo destinado
„ Tinha Calypso o soberano fado.

„ Que inda que outra Consorte lhe impedisse
„ Outro Hymeneo, daria finalmente
„ O Fado traça, com que o Mundo visse
„ Que o segundo ficava conveniente;
„ E que por mais que a inveja resistisse
„ Capitão valeroso, e Rey prudente,
„ Levantara padrão de tanta gloria,
„ Que infunda alento a mais feliz memoria.

„ Não permittio a rigorosa sorte
„ Que a ventura lograsse promettida
„ A May Cassilia, porque agudo córte
„ Da Parca fera lhe atalhou a vida:
„ Vendo chegar a intempestuosa morte

» De fervoroso Amor internecida,
» Estas palavras com materno affeito
» Entre suspiros arrancou do peito.

— » Posto que o justo Ceo me não permita
» Vêr em Calypso a gloria, que desejo,
» E a esperança, que tinha, se lemita
» Neste transo cruel, com que pelejo
» Espero ainda, e tudo facilita
» A força mysteriosa de hum desejo,
» Que não hade impedir a sorte escura
» Lograr por algum modo esta ventura.

» No monte, que mais alto se lavanta
» Na enseada do Occéano por onde
» Movendo o Téjo a cristalina planta,
» No mar as agoas, não a fama esconde,
» Por onde me hade entrar ventura tanta,
» Si aos Astros o successo corresponde,
» Sepultem minhas cinzas, que ali quero
» Dos fados esperar o bem que espero.

» Ahi, oh Filha, espero que animada
» Me conserve d'amor, o Ceo piedoso,
» Verei entrar a venturosa Armada,
» E com ella teu Fado venturoso ;
» Posto que em frias cinzas sepultada
» Verei, si o quer o Ceo, teu claro Esposo,
» Alma naquelle monte á cinza leve,
» Amor será, que a tudo o Amor se atreve.

» Pedio que neste puro sacrificio
» Que ao sagrado Neptuno celebramos,
» Procurassemos ter o mar propicio
» A fatidica Frota, que esperamos.
» Trez annos ha, que em venturoso auspicio
» Este dia a Neptuno dedicamos,
» Os Deoses façam ultimo o presente,
» Dando tal gloria á Lusitana Gente.

» O Sacrificio já vêjo acabado
» Mas não he conveniente que á presença

„Entres, sem te chamar, d'El-Rey irado
 „Hum pouco aguarda, pedirei licença.”
 Na Tenda ficou Ploto acompanhado
 De alguns d'Aucano, e elle sem detença
 A Gorgoris persuade que a embaixada
 Ouça dos Gregos dando a Ploto entrada.

Para se vér como as ficções dos Poetas sabem dar grandeza, e magestade ás circumstancias mais humildes compare-se esta origem do nome de Cacilhas com a verdadeira causa, de que nasceu.

Cacilhas pequeno Logar situado junto a Almada na margem esquerda do Téjo, e fronteiro a Lisboa, teve principio em algumas cabanas, ou cascas, que ali fundaram os Pescadores, e como estas casas eram pequenas, as denominaram *Casilhas*, cresceu a população, e o nome conservou-se, e se conserva com pequena alteração no de *Cacilhas*.

Outro exemplo; todos sabem que na extremidade de Lisboa junto á Igreja de S. Jorge ha um Largo conhecido pelo nome de *Arroyos*, talvez porque ali vinham dar em regatos as aguas, que corriam das alturas visinhas; sabem igualmente todos que ha ali uma fonte; sobre isto Antonio de Sousa Macedo architectou uma fabula, que no Canto XIII. do *Ulyssipo* é assim contada por Clorindo.

Amava este uma Nympha por nome Nise, filha de Apollo, e formosa como todas as Nymphas dos Poemas; os dous amantes tinham frequentes, e agradaveis encontros naquella valle, e tudo hia para elles ás mil maravilhas, mas por desgraça de ambos

„Aqui de pouco tempo hera chegado
 „Arroyos, hum Gigante, que viera
 „Das Africanas praias desterrado,
 „Por huma Dama a seu amor severa;
 „E cá tambem vivia afeiçoado
 „Mas com menos favor do que quizera,
 „De Silvia, huma Pastora, cujo peito
 „A's leys do meu amor fingem sugeito.

„Persuadiram feros ao Gigante
„Que me tirasse cruelmente a vida,
„Pois hera em Silvia meu amor **bastante**
„Para mostrar-se ao seu endurecida ;
„Eu que de taes euredos ignorante
„Não tinha segurança prevenida,
„Tractava só de vêr a Nise bella,
„Só de servi-la, só de merece-la.

„Quando vinha nascendo o Sol, achava
„Que outro mais cedo em mim amanhecera,
„Quando sahia a Lua, se espantava
„Do Sol que para mim se não pozera :
„Passava o dia, e noite ; não passava
„O desejo immortal, que me trouxera
„A vêr, a contemplar, o que mais vendo
„Em mim fogo maior hia accendendo.

„Com isto me livreí porque o inimigo,
„A quem nunca offendi, não me **encontrando**
„Sem eu com ella estar, ella comigo
„Amorosas desculpas altercando ;
„Com animo cruel propoz consigo
„Huma Deidade tal não respeitando
„Matar-me ante seus olhos pouco **attenção**
„A que hera em mim de Nise o **sentimento**.

„Foi para cometter, mas, impedido
„De força superior, parou turbado,
„Procurando ferir, vio-se ferido,
„Da belleza de Nise assalteado ;
„E dando entre mil ancias hum gemido,
„Do mais intimo d'alma suspirado,
„Tornou atraz deixando-nos medrosos
„Entre temor, e espanto duvidosos.

„Mas como a setta foi tão penetrante,
„Com que Nise o ferio, deixava aberto
„O namorado peito do Gigante,
„E o coração na chaga descoberto ;

» Vio-se a chaga do peito no semblante
» Lingua , e Cyphra de amor que entende o experto,
» Praça onde passeia, e não consente
» Vestido, que lhe cubra a chamma ardente.

» Occasiões de fallar-lhe procurava
» Sahindo-lhe ao encontro por momentos,
» Mas ella com ardil se desviava
» Mostrando-se ignorante em seus intentos,
» O fogo desta neve lhe aqueitava
» Entre incendios crueis novos tormentos,
» Athe que huma manhã nesta Floresta
» Seu atrevido amor lhe manifesta.

» Huma manhã de Abril Nise sahia
» Mais bella Chloris, mais alegre Aurora,
» Trazendo ao campo flores, Sol ao dia,
» Que tudo grato a venerou Senhora ;
» Vendo que elle fallar-lhe pertendia
» E que impossivel desvia-lo fôra
» Affectando valor ficou frustrada,
» Quasi perdido o alento, a côr mudada.

» Como feio hera barbaro o Gigante, •
» Retratada no corpo a natureza,
» Mas pôde tanto Amor, que foi bastante
» A lhe abrandar a natural fereza ;
» Brandas razões fallava, em fim amante,
» Mas sempre acompanhadas de rudeza,
» Em vario estylo, e desiguaes accentos
» Tirou do peito a voz, e a deu aos Ventos.

» Formosa Nise em cuja formosura
» A do prado florido está cifrada,
» Branca, e lusente mais que a neve pura,
» Direita mais que a palma levantada ;
» Pois hes mais agradavel que a frescura
» Deste Bosque na sesta desejada,
» Porque hes comigo só mais rigorosa
» Que Tigre brava, que Aspid venenosa ?

» Não sou tão feio, não, que te espantasse,
» Que já me vi n'hum lago transparente,
» Nem parecera feio a quem me olhasse,
» Não com amor, mas menos cruelmente;
» Antes hera razão que accrescentasse
» Minha Pessoa em ti amor vehemente,
» Pois no que mais disforme a alguns pareço
» Com discretos, oh Nise, mais mereço.

» Este cabelo em ondas dilatado
» Não cuides que orna em vão minha figura,
» He rede certa ao vôo acelerado
» Das Aves, que aqui tem prisão segura;
» Mas não a estranham antes com cuidado
» Julgando-se do monte na espeçsura,
» Me regalam cantando; ai si quizeras
» Os regalos ouvir que aqui tiveras!

Fazendo justiça, em todos os quatorze Cantos deste Poema haverá poucas Estanças que contenham tantas idéas disparatadas como ella; bem advertia o judicioso Longino, que muitas vezes um Author procurando o sublime se despenha no estravagante, e absurdo! Parece fado dos nossos Poetas, e dos Hespanhoes, o dizerem gigantescos disparates quando se metem a fazer fallar os gigantes, e outro tanto póde dizer-se dos Authores dos Romances de Cavallarias.

» Qual Acypreste, ou Alamo subido
» Comigo competir póde em grandeza?
» Si as Estrellas me temem conduzido
» Por grande ao Ceo, si não por natureza!
» Co'a minha sombra o Sol ardente impido,
» A's flores deste prado sou defesa;
» As Plantas contra o Vento caminhando
» Com poucos passos muitas leguas ando.

» Podera athe servir minha estatura
» Para os fructos te dar que appetecesses;
» Sem que do ramo avaro a môr altura
» Difficuldade fosse ao que quizesse:

» Que ave cortara o Ar de mim segura
» Por região mais sublime si dissesses
» Que a desejavas tu ? si te importara
» O maior Rio, o Mar a vão passara.

» Si o Sol a competir-me si arrojasse,
» O arrancara co'a mão da propria esphera,
» E porque o Sol á terra não faltasse
» No logar que elle occupa te pozera ;
» Fazendo que de Sol se melhorassè
» O Mundo porque nunca anoitecera,
» Pois tu sem giros em continua roda
» Poderas alumear a terra toda ;

apage! Muito grande era o resplendor da Senhora Nise !
Em um Poema Burlesco, ou Heroicomico podiam ter logar
estes hyperboles, mas em um Poema Serio !

» Das forças que direi ? cousa he notoria
» Que iguaes o Mundo nem terá, nem teve !
» Hum Palyphemo, que hoje affecta gloria,
» He a hum assopro meu athomo leve ;
» É si Amor me não mata, triste historia
» Ouvirás delle, si a esperar se atreve
» Venha a ajuda-lo Centimano, Anteio,
» Adamastor, Enceledo, Typheio.

» Si ha no Universo Hesperido thesouro,
» Vê si o desejas que não temo o Drago,
» Si ha velocino não receio o Touro,
» Si mo pedires aqui logo o trago ;
» Sem barca de Charon, sem ramo de ouro
» Passarei, si te importa o Estygio lago,
» Queres que ponha o Olympo sobre o Ossa ?
» Nada podes mandar-me que eu não possa.

» Oh mais bella, e gentil que o medronheiro
» De seus alegres fructos guarnecido,
» Não vez quam mal parece hum calvo Outeiro,
» Como he formoso de arvores vestido ?

» Não vez que he o maior melhor Pinheiro
» O Touro mais forçoso o mais valido ?
» Como he possivel pois que não te abrande
» Meu cabelo, estatura, e valor grande ?

» Mas ai que as Feras ouvem brandamente
» A mal formada voz de um bruto amante,
» Tu despresas mais fera a chamma ardente
» Os descritos conceitos de hum Gigante ;
» Ai que no valle, e monte quem não sente
» Responde á voz com echo resonante,
» E teu desdem, e teu rigor tyranno,
» Mais insensivel faz hum peito humano.

» Agora creio que a maior fereza
» Esconde traidor aspide entre as flores,
» Pois de huma alma, que cobre tal belleza,
» Vêjo sahir, oh Nympha, taes rigores ;
» Oh ! que bem nos adverte a Natureza
» Da maior formosura os desfavores,
» Quando no rosal verde mostra espinhos
» A mais formosa rosa mais visinhos.

» Porém já vêjo que isto não consiste
» Em teu rigor si não em minha Estrella,
» Esta sómente a tanto bem resiste,
» Sem que meritos meus possam vence-la ;
» Não posso duvidar que em mim os viste,
» Oh da Noite em que vivo Aurora bella,
» Pois claramente vês, e sabem todos
» Que excedo a Clorinardo por mil modos.

» Herva pequena junto a mim parece
» Nascida ao pé da mais robusta Planta,
» Valle, que escuro os montes obedece
» Illustrados do Sol, que se levanta ;
» Entre as vantagens vê que te offerece
» Em mim a sorte com distancia tanta,
» Que tenho para amante melhor peito
» Pois não seria a grande amor estreito.

„ Só te confessarei que na ventura
 „ Deu o fado a qualquer melhor partido,
 „ Mas si elle tudo contra mim conjura
 „ Nem sempre me verá ficar vencido ;
 „ De quem adorna sua cova escura
 „ Com pelles de mil Feras, que rendido
 „ Tem com proprio valor diria a Fama
 „ Que se sugeita a hum a fraca Dama ?

Si o Poeta nos não houvesse anticipadamente advertido de que este Gigante era Africano, bastaria para no-lo fazer conhecer por tal esta sua eloquencia diffusa, turgida, e hyperbolica, e muito mais a acção violenta, com que dá fim a tantos, e tão enfaticos requiebros.

„ Não será assim ! e nisto mais ligeiro
 „ Que Açor veloz sobre innocente caça,
 „ No movimento, que ella fez primeiro,
 „ Pertendendo fugir, veloz a abraça.
 „ Ao hombro a põe, e qual sobre hũ Pinheiro
 „ Ave pequena, a deixa á vista escassa,
 „ Mas eu vendo-a nos hombros do Gigante
 „ Vi nella hum Ceo, que sustentava Atlante.

„ Sahi d'entre esta Selva onde escondido
 „ O que passava vi, culpando o Fado,
 „ Sendo a culpa só minha, pois perdido
 „ Ficava o meu favor por dilatado ;
 „ Em tanta pena quasi sem sentido
 „ Grito furioso, animo-me turbado,
 „ Mas animo-me em vão, em vão soccorro,
 „ Porque o Gigante vôa quando eu corro.

„ Ella qual mansa Ovelha maltractada
 „ Do carniceiro Lobo parecia,
 „ Favor de Apollo implora, e por mim brada,
 „ Que inda alcançar o Monstro pertendia
 „ E vendo finalmente que forçada
 „ Livrar-se de seus braços não podia,
 „ Ao Ceo, que perto vê, pede confusa
 „ Louro de Daphne, ou fonte de Arethusa.

„ Já neste humilde rogo murmurava,
 „ Que o Ceo piedoso prompto a soccorre-lo,
 „ Com raios de seus olhos, que apurava,
 „ A Neve desatou do corpo bello ;
 „ Em vam c'os fortes braços apartava
 „ O forte Arroyos, sem poder dete-lo,
 „ Huma fonte manou d'agua, que logo
 „ Foi sangue para mim, para elle fogo.

„ Parou confuso, e triste juntamente
 „ Deste successo o barbaro Gigante,
 „ Qual o que em sonhos possuio contente
 „ O que depois não acha vigilante :
 „ Mas logo com affectos de impaciente
 „ No mar se foi lançar pouco distante,
 „ E aonde em secco deu a grãa cabeça
 „ Permite o Ceo que secca permaneça.

„ Assim foi Nisé em fonte convertida,
 „ Fonte, que o vulgo vão de Arroyos chama
 „ Competindo-lhe mais ser conhecida
 „ Pelo suave nome desta Dama ;
 „ Cahi sem me sentir quasi sem vida
 „ Sobre o frio cristal, que mais me inflamma,
 „ Junto á sua corrente, qual penedo
 „ De que as aguas nasciam, mudo, e quedo..

Creio que as formosas, e elegantes moradoras de Arroyos quando fazem uso das aguas daquella fonte, nem si quer pensam que ella fôra *in illo tempore* uma Nympha mais formosa, e mais elegante do que ellas, e que o nome da sua rua tem uma origem tão nobre, e tão antiga ! Embora ! Ellas o saberiam si fossem mais dadas á leitura, ou si não lessem só novellas : para nós basta saber que adornar com estas ficções engenhosas, e poeticas os nomes, e as circumstancias topographicas das povoações, montes, rios, e fontes de um paiz ; é não pequena prova de viveza de invenção, e phantasia imaginosa de um Poeta Epico. Foi por este meio que Virgilio, além de enfeitar o seu Poema, tornou famosos os Cabos Miseno, Palinuro, e de Gaeta, cujos nomes basta ouvi-los pa-

ra nos recordarmos dos quadros encantadores da Eneida. É assim que Luiz de Camões tornou para sempre interessante, e famosa no Mundo a Fonte das Lagrimas, fingindo que nella haviam as Nymphas do Mondego transformado as lagrimas, que tinham derramado pela morte de D. Ignez de Castro; e que a todo o navegante, que de longe bruxulea o Cabo da Boa Esperança, se affigure o Gigante Adamastor levantando-se das aguas, e que os bramidos das ondas rebatidas nas rochas sam os echos da sua voz ameaçadora.

Vejamos agora o modo porque Antonio de Sousa Macedo soube no seu Poema traçar os quadros, que exigiam um desenho energico, e um colorido terrivel.

O CONCILIO INFERNAL.

Ao rouco som das tubas dissonantes
Sabiam já das infernaes cavernas
Monstros disformes, horridos Gigantes,
Despedindo de si chammas eternas;
Nos espantosos olhos fulminantes
Maiores chammas denotando internas,
Terribéis entram pela horriovel sala,
Onde a desordem a injustiça iguala.

Em throno sim, mas throno desluido,
Que sulphurea materia fabricava,
Se via o Rey, de fumo revestido,
Diadema horrendo o fogo lhe formava;
Tão cego, tão feroz, tão presumido,
Que o desejo de sceptro não deixava,
Huma Serpe abrazada lhe fingia
Insignia vã da escura Monarchia.

Os seus o veneravam com respeito
E para os vêr medonho torce a cara
Dous raios fulminantes, cujo aspeito
A' maior pena pena accrescentara;
Entre soluços arrancou do peito
A causa, que a chama-los o obrigara,

Depois que sobre hum braço declinado
Poz em silencio o conclave obstinado.

„ Ministros immortaes do escuro inferno
„ Que privados assim do logar summo,
„ Briosos sustentaes alto Governo
„ Na espessa nevoa do Tartareo fumo.
„ Não sei que me apparelha o Fado Eterno,
„ Não sei da negra Armada o que presumo,
„ Não sei si novo mal se nos decreta,
„ Sei que a mente presaga me inquieta.

„ Aspirei a ser Deos, e me seguistes;
„ Sendo-o, podera vêr causas futuras,
„ Cahi vencido, e em memorias tristes
„ Só me ficou saber por congeturas;
„ Vali-me agora dellas como vistes,
„ Levantei mathematicas figuras,
„ Os Astros pronosticam (não me engano)
„ A nosso Imperio irreparavel damno.

„ Convoquei-vos aqui porque possamos
„ Executar remedio conveniente,
„ Resolvamo-nos já, que já tardamos
„ Mais que a apressada occasião consente;
„ De que haja de morrer não duvidamos,
„ Com nossas armas tam odiosa Gente,
„ Só do vosso conselho astuto espero
„ Hum genero de morte horrendo, e fero.”

Callou, quando Thesyphone, arrancando
A rouca voz do peito embravecido
Com visagens a lingua acompanhando
Lhe respondeu entre hum feroz bramido:
„ Altivo Capitão, de cujo bando
„ Qualquer Soldado he com razão temido,
„ Pois escurece em breve instante os ares
„ Perturba as terras, atropella os mares.

„ Tu não hes esse mesmo, que incitaste
„ Da Torre altiva os vãos Fabricadores ?

„ O que os mortaes soberbos animaste
„ A emular esses Astros superiores ?
„ Não hes aquelle mesmo, que enganaste,
„ Nesta empreza se cifram as maiores,
„ O mais sabio Varão, o mais perfeito,
„ A quem fizeste de Senhor sujeito ?

„ Como consultas o juizo alheio,
„ Si o teu ardil tão raro nos ensina ?
„ Dispõem, o que quizeres sem receio,
„ Pois que o violento Inferno se te inclina ;
„ Por este juro tenebroso seio
„ Por esta privação da luz divina,
„ Que não te hade negar prompta obediencia
„ Quem por ti a negou á Eterna Essencia. ”

O que em nome de todos lhe promette
Os outros approvaram, blasphemando,
O duro Rey o caso a si remette
No sagaz peito a execução traçando,
Despede os Companheiros, accomette
Varios meios consigo imaginando,
Como destruirá, e dará morte
Ao Grego sabio, e á Companhia forte.

Esta pintura me parece bem traçada ; aquellas chammas, que os Demonios exhalam de si ; as chammas internas mais ardentes, que se vislumbra em seus olhos ; aquella sala, em que a Injustiça apparece igual á Desordem, o Rei, que se assenta em throno desluido, o seu vestido de fumo, que contraste o do Eterno, pois que este se figura vestido de luz ; a corôa de fogo, que lhe cinge a cabeça, a serpente, que lhe serve de sceptro, o orgulho, e a mentira, a raiva, e o espirito malfazejo, que se descobre em seu discurso, sam pinceladas de mestre, que provam que os nossos antigos Poetas souberam acertar com o colorido proprio para pintar o Inferno, os Demonios, e o seu Chefe, posto que não fossem tão devotos delle como os Inglezes, que até o escolheram para Heroe do seu melhor Poema ! Embora alguns Criticos daquella nação sustentem que Adão é o Protagonista, do *Paraíso Perdido*, embora Addison em suas extensões observações

empenhe a sua prosa Ciceronica, e a subtilidade dos seus argumentos para provar que o Messias é o heroe do Poema de Milton, porque as provas não colhem. Adão no *Paradise Lost*, não é o agente da acção, mas o fim della; está perfeitamente no caso da Cidade de Jerusalem no Gofredo de Tasso. O Messias é uma personagem secundaria, e quasi occiosa, que o Poeta podia ter supprimido como supprimio o Espirito Santo, e a marcha do Poema nada teria perdido com isso.

Tudo o que faz o Messias podia ser feito por outro, o seu offerecimento de morrer pelos homens, bastava que fosse predicto pelo Eterno, e escusava este de perguntar aos habitantes do Ceo si algum queria sacrificar-se pelo homem, pergunta escusada, pois elle bem sabia que nenhum tinha forças para tanto. Os Anjos rebeldes deviam ser vencidos, e precipitados no abysmo, por Miguel, e os seus Anjos, e poupava-se, o absurdo de Deos dar uma ordem, e os que a receberam não a poderem cumprir; Adão, e Eva deviam ser julgados pelo Padre, como o são no sagrado texto, desejaria que Addison me explicasse como podia ser heroe de uma Epopeia, uma personagem, que della pôde eliminar-se, ficando ella subsistindo com todas as suas bellezas, e alguns defeitos de menos.

Todos, os que tem conhecimento das regras da poetica, sabem que o heroe de um Poema Epico é aquelle que emprehende a acção d'elle, a promove, e a completa. O Messias não emprehende, nem completa a acção do *Paraiso Perdido*, que é a perda de nosso primeiro Pai, logo o Messias nem é, nem pôde ser o Protagonista daquelle Poema, pelo contrario Sátan medita a perda de Adão, trabalha para isso, e o consegue; logo Sátan é o Protagonista, e o Heroe do Poema de Milton, como bem o advertio Dryden, tão erudito, e tão bom Critico como Addison, e sem comparação muito maior Poeta do que elle, e eu perfilho inteiramente o seu julgado.

Vejamos agora o combate singular entre Ulysses, e Gorgoris, um dos trechos mais gabados do Ulyssippo, que se lê no Canto VIII.

Primeiro Ulysses arremessa a lança
Que com sonido os ares vai rompendo,

Mas Gorgoris si oppõe com segurança
Porque não teme o golpe mais horrendo ;
No firme escudo a toma, e tal pujança
Mostra arrojando hum dardo, que temendo
O Grego furor tanto, se desvia,
Librando na destreza a valentia.

Ambos a hum tempo levam das espadas,
Com iguaes brios, este, e aquelle parte,
Ali se viram juntas, e igualadas
Em hum a fortaleza, em outro a arte:
Por longo espaço em iras porfiadas
Inspira em cada qual tal furôr Marte,
Que nenhum dá logar a que se vêja
Si morrer antes, si matar deseja.

O Grego se recolhe, e com o escudo
Multiplica a defeza ao peito de Aço,
A' vista do contrario o ferro agudo
Oppondo immovel c'o direito braço ;
O Lusitano com marcial estudo
De descompo-lo tracta longo espaço,
Mas acha sempre que, por mais que insista,
Tem firme, e prompta mão, o passo, a vista.

Na defeza impaciente se prepara
Com a força maior a hum golpe horrendo,
C'o forte escudo Ulysses se repara
De furor tanto os raios antevendo ;
Raio a lusente espada se tornara
No fogo, que scintilla combatendo,
O forte escudo, a cujo som parece
O Ceo, que cahe, a terra, que estremece.

Quasi se inclina o Grego, e bem podera
Fender tal golpe a hum penhasco duro,
De corage incitado não espera
Jogar coberto, nem chegar seguro ;
De todo o modo quer ferir, mas hera
Combater com a espada hum forte muro,

A cada qual o brio tanto instiga,
Que dirás, Musa, que igualmente o diga ?

Qual Austro, e Aquilão, tremendo a terra,
E sendo-lhes os ares campo estreito,
Bravos se encontram em furiosa guerra,
Iguaes na competencia, iguaes no effeito :
Taes os dous Héroes hum com outro cerra,
Oppondo escudo a escudo, e peito a peito,
Athe que a furia a cada qual retira,
Para que nelles se renove a ira.

Ergue a viseira o Grego já cançado
Para melhor poder tomar alento ;
Com novo esforço, e animo dobrado
Hum parte para o outro a passo lento ;
Tenta a contraria espada com cuidado,
Ulysses, e com dextro movimento
Usar procura de enganosa traça,
Que a huma parte tira, outra amarra.

Mas Gorgoris veloz tudo attendia,
A todos seus designios atalhava,
E em occasião as armas estendia
Que c'huma ponta o rosto lhe alcançava ;
Já huma alegre voz o ar rompia
Que a Lusitana Gente levantava,
E do Grego brotavam nesta injuria
Mais que a ferida sangue, os olhos furia.

Por offender furioso em vão trabalha
E quanto o vigor falta o furor cresce,
Duplica golpes na cruel batalha,
Mas firme Torre Gorgoris parece
Qual o imigo rodêa alta muralha,
Por vêr si breve entrada se offerece,
Tal busca Ulysses huma, e outra parte,
Mas não acha logar á força, ou Arte.

Finalmente se arroja temerario
De vingança tractando, não da vida,
Athe que a dextra perna, que o contrario

Tinha diante deixa malferida ;
 Aqui com brio novo ao Adversario
 Investe o Lusitano, sem que o impida
 A grave dôr, e bem o Grego entende
 Que vir com elle a braços só pertende.

As forças, prevenindo, giganteas
 De si o aparta, o corpo desviando,
 Junto o suor, e sangue em manchas feas
 A côr ao verde campo vam mudando ;
 As duras Parcas nas prolixas teas
 Pararam do successo duvidando,
 Que a guerra poz em duvidosa sorte,
 E igual balança de hum, e de outro a morte.

Mas quem do ethereo solio governava
 Na mente soberana a clara empreza,
 E mysteriosos meios dilatava
 Por reservar-lhe fim de mais grandeza ;
 Alto Decreto em luz communicava
 Ao Genio, que da gloria Portugueza
 Destinou Protector ; elle se inclina
 Com prompta obediencia á ley divina.

Huma ligeira nuvem de repente
 Escurecendo o ar se precepita,
 Entre ambos ; e a vingança mais ardente
 Quanto mais a desejam lhe lemita ;
 De vigor falto cada qual se sente,
 E quanto mais mover-se solicita,
 Em maiores prisões se julga atado,
 Deixa o contrario, pugna com seu Fado.

Como em pesado sonho representa
 A phantasia triste o mór perigo,
 Ao que affligido está, e em vão intenta
 Com ancias escapar-se do inimigo ;
 Sem poder-sê mover por mais que alenta
 O coração, batalha só comsigo ;
 Assim cada qual delles se occupava
 Nos duros laços, com que peleijava.

« Oh Circe (diz o Grego em voz pesada
Que cholerico apenas profferia)
« Oh Circe fera, estás de mim vingada,
« Si te deixei, venceu tua porfia;
« Mas suspende, cruel, si inda te agrada
« Hum brando rogo, como em algum dia,
« Suspende hoje a vingança, que vingarte
« Poderás desta vida em outra parte. »

No mesmo tempo Gorgoris furioso,
A voz confusa, registrando o alento,
« Oh Grego (diz) oh Grego cauteloso,
« A triumpho adspiraste fraudolento?
« Isto he primor? isto he ser valeroso?
« Conseguir com encanto hum falso intento!
« E vós, oh Deoses, Deoses Soberanos,
« Dais favor tanto para taes enganos? »

Nestas razões turbado se queixava,
Quando hum a voz da nuvem respondia,
« Em vão favor do Ceo solicitava
« Quem do que o Ceo decreta se desvia;
« Não Luso, o Inferno a Polymion fallava,
« E estorvar tanta gloria pertendia,
« Deixa, enganado Rey, teu erro cego
« Funde Cidade illustre o sabio Grego. »

Parou a voz, e a nuvem se levanta
Resoluta no ar em claridade,
Com justa suspensão todos espanta
Por largo espaço a rara novidade;
As armas soltam que evidencia tanta
Faz manifesta a superior vontade,
A Lusitana Gente pazes grita
Pazes, porque o Ceo mesmo as solicita.

Por não alargar mais as citações não transcrevo o
Duélo de Polymion, e Ulysses (Canto XIV) que nada tem
que invejar a este; nem a bella descripção de Lusitana
alborotada, e preparando-se para a guerra, (Canto III.)

a da Tempestade, com que Plutão pertende vedar a Ulysses a entrada no Téjo (Canto I.), e muitas outras pinturas de igual belleza, que a cada passo se encontram no Poema.

As batalhas do Ulyssipo, á maneira das de Homero, são cheias de fogo, e de variedade, os combates particulares cortam os choques das massas; os heroes figuram successivamente nas scenas sanguinolentas, e os estragos, as mortes, e as victorias se alternam com admiravel variedade.

Nenhuma das nossas Epopeias apresenta tanta quantidade de episodios eroticos, e alguns delles sobre maneira interessantes, bem que seja esta a parte, em que o estylo do Author se mostra menos severo, e mais eivado de conceitos, e de affectação; porém este culteranismo de Antonio de Sousa Macedo é de Marini, e não de Gongora, é nisto que elle se differença dos Poetas do seu tempo, e por essa razão o contamos na Eschola Italiana, porque em verdade foi os Italianos, que elle imitou nas bellezas, e nos defeitos do estylo.

CAPITULO II.

D. Francisco Child Rolim de Moura.

De uma familia mui nobre, e oriunda da Normandia, nasceu em Lisboa no anno de 1872 D. Francisco Child Rolim de Moura, que foi Senhor de Alantargel, e de Azambuja, e Commendador da Commenda de Nossa Senhora da mesma Villa.

Seus Pais lhe deram a educação esmerada, que naquele tempo se dava em Portugal aos fidalgos, obrigando-o não só a completar o curso de humanidades, em que se distinguio muito no conhecimento das linguas antigas, na Rhetorica, Poetica, e Philosophia, assim como depois nas sciencias maiores, tornando-se mui perito nas Mathematicas, segundo o testemunho dos seus contemporaneos.

Terminados os seus estudos, entrou no serviço público, foi admittido no Paço, onde sempre encontrou bom galardão, desempenhou diversos cargos, e entre elles o de Presidente da Junta das Lysirias, repartição, que foi creada durante o regimen dos Hespanhoes em Portugal.

Casou duas vezes, e teve geração de ambos esses matrimónios.

D. Francisco Child Rolim de Moura desde os seus primeiros annos manifestou uma grande paixão pela poesia, que sempre cultivou assiduamente nas folgas, que lhe deixavam os trabalhos da sua vida pública, e sempre foi mui estimado pelas suas composições poeticas, nas por desgraça quasi todas se perderam; ou existem sepultadas no pó das Bibliothecas particulares, á excepção dos Novissimos, Poema em quatro Cantos, em formato de 4.º, que foi publicado na Typographia de Pedro Chrasbeck em 1623.

Compoz tambem grande número de Obras em presa

sobre differentes, e variados assumptos, a saber : *Apolo-
gia do Poema dos Novissimos ; Advertencias sobre alguns-
erros de Luiz de Camões na composição dos seus Lusia-
das, a Arte de Tourear*, em que tractava largamente das
regras, e primores deste exercicio, que sempre foi, não
sabemos porque, mui agradável tanto á nossa como á no-
breza hespanhola, *Afforismos* dirigidos a seu filho D. Ma-
noel Child Rolim. Estas Obras prosaicas não tiveram me-
lhor sorte que as poeticas, pois estas, e outras ficaram
tambem sepultadas no esquecimento, publicando-se só-
mente *Commentarios de Juan de Vega* explicados por D.
Francisco Child Rolim de Moura, impressos tambem por
Chrasbeek, em 1628, em formato de 4.º

D. Francisco Child Rolim de Moura juntava á condi-
ção de Poeta, e Literato as prendas de Cavalleiro, sendo
muito extremado em montar a cavallo, e em esgremir
com perfeição toda a sorte de armas.

No meio da abundancia dos bens, rodeado da estima
pública, e no centro da sua familia, sem ser nunca inquie-
tado, nem perseguido durante o largo periodo da Domi-
nação Hespanhola, que foi tão fatal para tantas persona-
gens distinctas, viveu D. Francisco Child Rolim de Mou-
ra sessenta, e oito annos, até doze de Novembro de 1640,
em que falleasco.

O seu corpo foi conduzido á Igreja da Misericordia da
Villa de Azambuja, onde lhe fizeram solemnes exequias,
e jaz sepultado na Capella Mór da referida Igreja.

O *Poema dos Quatro Novissimos do Homem*, que foi
recebido pelo público com tanto applauso encomiastico,
que suscitou tão vivas discussões, está hoje perfeitamente
esquecido, sendo um dos livros mais difficultosos de en-
contrar, nem me consta que delle se fizesse segunda edi-
ção. Parece-me que duas causas influiram para isto. Pri-
meira a tristeza do assumpto, segunda a fraqueza da exe-
cussão.

Para grangear as sympathias do Leitor, para lhe dar
prazer com um Poema de quatro Cantos, em que se não
tracta se não de *Morte*, de *Juizo*, de *Inferno*, e do *Pa-
raiso*, é necessario ter o genio de Dante, e a sua expres-
são pictoresca, e imaginação creadora, e original ; ou a
sensibilidade de fogo, e colorido energico, e a philosophia

sublime, e religiosa de Young, e saber como ambos combinar o mundo visivel com o invisivel.

A *Divina Comedia* do Homero Ghibellino é na verdade uma pintura energica do Inferno, do Purgatorio, e do Ceo, mas em todos estes locaes apparece ali a representação da Italia daquelle tempo, com os seus heroes, os seus tyrannos, os seus costumes, as suas virtudes, odios, crimes, e parcialidades. E a personalisação da idade media em toda a sua grandeza semi-heroica, e selvagem, e as suas porporções gigantescas.

Nas noites de Young as meditações sobre a morte, a virtude, os delictos, e as miserias da humanidade, são accessorios de moralidade, e poesia sublime, que servem de campir magestosamente o painel, em que vemos um Pai que no delirio da saudade abraça o tumulto de uma filha querida, derrama lagrimas sobre elle no silencio da noite, associa á sua dôr todos os seres existentes em todo o mundo, e com o exemplo da sua desventura procura converter os homens, e revoca-os do caminho errado, que levam, illudidos com os bens apparentes da terra, mas estes dotes, e estas idéas quem poderia depara-las em um Poeta Portuguez do seculo dezeseis?

Qualquer que seja o merito poetico do Poema dos *Novissimos*, que eu não pertendo contestar-lhe, é certo que naquella Obra o Theologo soffoca o Poeta, que a devoção apaga a invenção, e que nem o estylo, nem a versificação corresponde á grandeza do assumpto.

Cada homem ajuiza com as suas idéas, e sente com o seu coração; não sei o que succede aos outros, porém a monotonia seja de pensamentos, seja de imagens, seja de estylo, ou de versificação, é uma das cousas, que peior effeito fazem em mim na leitura de qualquer Poema, e o Poema dos *Novissimos* não é pouco eivado desta enfermidade, e creio mesmo que ella é em parte inherente ao assumpto. Por isso me parece que este é do número daquelles, que é prudente não tractar como assumpto de poema, mas sim como quadro episodico de outro como egrégiamente praticou Klopstock fazendo do juizo final um episodio da sua *Messiada*, e abi mesmo apesar da viveza de colorido, e da originalidade das pinturas, magistralmente desenhadas, e gravadas por aquelle grande mes-

tre, creio que serão bem poucos os Leitores, que não desejassem que o Poeta tivesse abbreviado mais aquella scena tremenda.

O Juizo final tem sido uma tentação para quasi todos os grandes Pintores, que tem caprichado em deixar-nos um quadro, que o represente. Tenho visto as gravuras de alguns delles, e sinceramente confesso que ainda não achei um só, de que ficasse satisfeito, pois todos elles me parecem decahir no monstruoso, e no ridiculo, um pela invenção, outro pelo desenho, outros pelas actitudes: acreditará alguém que houvesse Pintor de grande mérito, e grande fama, que levasse a indecencia, por não lhe chamar demencia sacrilega, de neste tremendo espectáculo retratar a um canto do inferno certo Cardeal seu inimigo coberto com uma pelle de burro, cujas enormes orelhas se lhe levantam aos lados da cabeça? Não é isto uma escandalosa profanação, e mais escandaloso ainda que o Papa, a quem o dicto Cardeal se queixava daquelle insulto, lhe respondesse rindo: « Tenho muita pena de não vos poder fazer nada; porque a minha autoridade não é bastante para tirar ninguem do inferno; si vos tivesse posto no porgatorio seria outra cousa. »

Da escolha de um bom assumpto depende mais do que se julga a fortuna de um Poeta: um bom assumpto inspira, e ajuda o Poeta na composição, mas não succede assim quando elle, em vez de soccorro, só apresenta difficuldade, e obstaculos, e ás vezes impossiveis de vencer. Que prazer póde achar um Leitor, não sabindo do objecto de que tractamos, em lêr um canto inteiro, que se reduz a dizer-nos que infallivelmente havemos de morrer, e que é uma hora de afflicção, e de agonia, a hora do passamento; outro em que de principio a fim se vam enfiando umas nas outras, pinturas de tormentos horri-veis, espantosos, e eternos? Qual será o homem de imaginação viva, e de coração sensivel, que se não horrorise- vendo comparecer perante o Tribunal do Supremo Juiz a humanidade inteira para ser condemnada a penas sem fim, com mui pequenas excepções? Estas verdades tremendas sam proprias para o Christão meditar nellas no silencio do seu gabinete, ou para soarem no pulpito na voz eloquente do Ministro do Evangelho, mas tornam-se

insuportaveis n'um Poema; e não será temeridade em um Poeta o querer descrever os prazeres da visão beatifica no Paraíso? Onde hirá buscar as côres para pintar uma ventura, que não conhece, e que é superior a toda a comprehensão humana? Todo o genio de Dante, todo o seu profundo saber Theologico não pôde evitar que elle na *Cantica do Paraíso*, não parecesse inferior a si mesmo nas duas antecedentes, isto prova com quanta razão dizia Boileau na sua famosa Arte Poetica.

*De la foi du Chretien les mysteres terribles
D'ornemens egayés ne sont point susceptibles.*

Mas apesar das graves imperfeições, que si encontram neste Poema, seria muito para desejar que d'elle se fizesse nova edição, tanto porque ha nelle bastantes bellezas poeticas, como pela pureza, e elegancia de linguagem com que se acha escripto, o que torna a sua leitura de grande interesse para os, que estudam a nossa bella lingua.

Segundo o systema adoptado neste Ensaio, especialmente quando se tracta de Obras pouco conhecidas, citarei alguns trechos deste Poema singular copiados do exemplar, que existe na Bibliotheca Pública de Lisboa, unico, que até hoje tenho visto, eis aqui a sua introduccão.

Eu que cantei profanos pensamentos,
Memorias em meu damno eternisadas,
Vâas esperanças, vãos contentamentos,
Chymeras d'impossiveis fabricadas;
Canto da morte os asperos tormentos,
Juizo estreito, contas apertadas,
Do rigoroso Inferno a crueldade,
E da inexhanta Gloria a Divindade.

Oh Musa, vós aonde o ser humano
Se fez de eterna graça viva fonte,
Vós, que não só Estrella do Oceano,
E verde Planta sois d'Excelso monte;
Mas lá no eterno Empyrio soherano
D'onde não ha quem as grandezas conte,
De Estrellas coroada, e Sól vestida,
Sois dos Choros Angelicos servida.

Vós, que na pura essencia transformada
 Como substancia estaes, como accidente,
 Ao Filho em quanto May, em quanto amada
 Aos dous, que sam hum só Omnipotente;
 Tal graça me alcançai, tão sublimada,
 Qual a pede a materia preeminente,
 Que sem ella mal pôde o meu talento
 Seguir tão levantado pensamento.

Já aquella Magestade incomprehensivel
 Do Cáos tinba os dous globos separados,
 Já tinha a maior luz feito visivel
 Quando o Summo Architecto os tinha ornados;
 Já a Machina Celeste incompativel
 Começara seus cursos encontrados,
 Já tem feras a Terra, e no ar vôam
 As inquietas Aves, que o povoam.

Quando do grande assento levantado
 Naquella imaginaria immensidade
 Fôra de tudo quanto está errado
 Logar (sem ser logar) da Divindade;
 Para o Homem na mente já traçado
 Volta os olhos divinos de piedade,
 Com que dando-lhe fôrma n'hum instante
 O fez n'alma immortal seu semelhante.

A immensidade, em que Deos habita, não é imagina-
 ria, mas real, o que o Poeta quiz dizer foi que essa im-
 mensidade não cabe nos lemites da imaginação dos entes
 creados, mas o vocabulo, de que se serviu, está bem lon-
 ge de exprimir essa idéa.

Diante da visão do immenso objecto
 Aquella nova terra já animada
 De outro Mundo mais bello, e mais perfeito,
 Eterna Moradora destinada;
 Mereceu na brandura do preceito
 D'Arvore para elle só vedada,
 Assegurar os bens da humana essencia
 Por huma lemitada obediencia.

Mas em quanto esta obra tão divina
 Foi a Summa Bondade fabricando,
 Do triste Reyno o Rey triste imagina
 Como o grande Edifício vá minando;
 Julga por nova pena a sua ruina
 O vêr que a Terra ao Ceo vai caminhando,
 Quer atalha-lo, qual si elle ignorasse
 Como de Deos a ira castigasse.

Imitação daquelles versos de Torquato Tasso no seu
 Gofredo, Canto IV. Estança XI.

Stolto, ch'al Ciel s'agguaglia, e in oblio pone
 Come di Dio la destra irata tuone.

E tendo os pensamentos commovidos
 A tão damnado, e frauduloso intento,
 Mando logo ajuntar os affligidos
 Moradores do Reyno do tormento,
 Sam d'aspera trombeta conduzidos
 Treme ao som della o cavernoso assento,
 E onde os medonhos echos retumbavam,
 Funde-se a Terra, os Montes se aballavam.

Logo os Deoses daquelle ignea morada,
 Se vêem nas negras portas encontrar-se,
 Cujá fôrma não vista, e variada,
 Excede quanto póde imaginar-se;
 No tremendo rigor da morte irada
 Quando em raios fataes representar-se
 O Espanto, o Temor melhor poderam,
 Nem sombra desta Sombra pareceram.

Hum arrastrando a colla já se via,
 Qual escamosa, e perfida Serpente,
 Acolá vóa a sanguinosa Harpia,
 Aquí ruge o Leão da Libia ardente,
 Outro que a todos juntos parecia
 Sendo de qualquer delles diferente,
 Tem do marinho Monstro a fôrma brava,
 Mas sam de fogo as ondas, que cortava.

Ali ferinos pés, corpos humanos
 Se viam com disforme respondencia,
 Os Centauros crueis, Tygres Hircanos,
 Medonhos Monstros cheios de inclemencia,
 Huiuos, sibilos, roucos deshumanos
 Fazem a mais terrifica apparencia,
 Dos medonhos aspectos temerosa,
 Si cousa ha no temor tão espantosa.

Entram, e nos logares repartidos
 Estavam huns aos outros precedendo,
 A flamma dos assentos accendidos
 Fica novo elemento parecendo:
 Plutão no meio ali dos mais validos
 O sceptro ardente intrepido sustendo,
 Preside com tão fêra catadura
 Quanto já foi formosa creatura.

Os scintillantes olhos tanto ardiam
 Que cometas infaustos semilhayam,
 Na gran cabeça, e barba si esparziam
 Cinzas, que fogo ainda sustentavam,
 Os anhelitos roucos despediam
 Grossos fumos, que o ar inficionavam,
 Livida a côr, os braços retornados,
 Em negro sangue os dentes tem banhados.

O Poeta pinta-nos aqui Lucifer com os dentes enlupados de sangue; desejaria vêr como explicava, como o Diabo mór podera achar sangue em uma fôrma só habitada de espiritos incorporeos, e quando no mundo se não tinha ainda derramado o de algum animal, porque ainda nelle não havia entrado o furor, nem a morte.

Tremendo aspeito, horrenda magestade
 Que a soberba odiada mais altera,
 Faziam na penosa dignidade
 De indomita aspereza mostra fêra;
 Da Corôa hera tal a escuridade
 Que em seu respeito o Céos resplandecera

Tem dous degraus, o gran throno d'Averno,
A desesperação, e o odio eterno.

Fazer que o throno do Rei d'Averno esteja assente sobre dous degraus, e que estes sejam a desesperação eterna, e o eterno odio, é uma idéa poeticamente sublime, que Milton não desprezaria si lhe occorresse, no resto não si aparta Francisco Child Rolim de Moura das noções do Inferno, que vogavam no seu tempo. Os Pintores da idade média, embuidos nas imaginações frades-cas, e pouco apurados em gosto, querendo exaggerar a fealdade dos Demonios, lhe deram formas monstruosas, e extravagantes: pintando uns meio feras, e meio humanos, outros, com azas de morcegos, unhas de harpias, caudas de serpentes, e todos com pés de cabra, e cornos desmedidos, e mais descommunhaes á porporção da maior dignidade, que occupavam na côrte do Rei da Perdicção; assim vieram a lançar sobre os Reinos do Tormento uma tinctura grotesca, quando o pertendiam fazer terrivel: os Poetas seguiram o seu exemplo, e pintaram os inimigos do genero humano com o mesmo desenho, e colorido, com que os viam nos painéis, e nas legendas! Os supplicios no Inferno de Dante, sam quasi sempre tão phantasticos, e tão grotescos como as figuras, e os nomes dos seus Demonios. O mesmo Torquato Tasso cujo bom senso era igual ao seu talento, não escapou nisto á influencia do seu seculo. É só por ella que pôde desculpar-se o haver dito fallando dos Demonios em Poema de estylo tão serio, e magestoso como o Gafredo.

Stampano alcuni il suol de ferine orme,
E in fronte umana han chieme d'Angui attorte,
E lor s'aggira dientro immensa coda,
Che quasi sferza se ripiega, e snoda.

Qui mille immonde Harpie vedresti, e mille
Centauri, e Sphyngi, e pallide Gorgoni,
Molte, e molte latrar voraci Scille
E fisebiar Idre, e sibilare Pithoni,
E vomitar Chimere atre faville,
E Polyphemi horrendi e Gerioni

E in nuovi mostri, e non piú intesi, o visto
Diversi aspetti in un confusi, e misti.

É necessario confessar que os Espiritos das Trevas mascarados em Centauros, Esphnges, Harpias, Pithons, Chymeras, Geriões, e Polyphomos sam mui estranha comparçaria na magnifica scena do Concilio Infernal do Canto IV. da Jerusalem Libertada.

Não deve parecer de melhor gosto este hyberbole a respeito de Lucifer

Siede Pluton nel mezzo, e con la destra
Sostien lo sceptro ruvidòs e pesante,
Né tanto scogliò in mar, ne rupe alpostra,
Né piú Calpe s'inalza, o il magno Allante,
Che anzi lui non paresse un picciol Colle;
Si la gran fronte, e le gran corna estolle.

mas estes desparates, e a nojenta idéa do fetido, que lhe sahe pelas fauces, depressa no-las faz esquecer o Poeta com o discurso energico, e soberbo, que immediatamente põem na bocca do Principe das Trevas. Tal é o privilegio do genio, resgatar as faltas á força de grandes bellezas.

O estylo deste exordio é poetico, e elegante; a linguagem pura, as Oitavas bem construidas; e a versificação corrente, e sonora; mas no corpo do Poema o Author insiste ás vezes demasiado na mesma idéa, presentando-a de differentes modos, e tornando-se assim diffuso, e cansado; este defeito póde observar-se no exordio do segundo Canto, que seria muito mais bello, si o Author correspondesse com elle mais rapidamente, prevenindo a saciedade do Leitor, mui difficil de evitar-se em semelhantes assumptos.

Quando em estado tal, tão rigoroso
A fraca natureza organisava,
Hum terremoto sente temeroso
Que o Ceo hindo-se abrindo segundava
Seu alivio na cruz tão lastimoso
Hum Homem, quam divino! se mostrava,
Pois tocando-lhe o sangue, que derrama
N'alma, dá nova vida, o peito inflamma!

Em tal temor, e em tão nova esperança
Assi vacilla o fraco entendimento,
Que com perpetuo móto faz mudança,
Da pena á gloria, e della ao sentimento;
Mas já vencendo tudo a confiança
Da Visão, que allumia o pensamento,
No doce fogo, em que de novo ardia,
Na arrebatada mente assim dizia:

„Aqui, Senhor, aonde mais me offende
„Vosso temor em passo tão estreito,
„Aqui da fé o fogo mais se accende
„Quando melhor conheço o meu defeito;
„Vêjo a quam pouco a dôr nelle se estende,
„Que todo o bom lemita o meu sujeito,
„Mas onde não alcança esta fraqueza
„Creio que supprirá vossa grandeza.

„Vêjo neste naufragio destroçar-me
„O Tempo de meus crimes excessivo,
„E aquelle mar immenso contrastar-me
„Dos continuos temores, em que vivo;
„Lembre-vos que si foi amor crear-me,
„Que he essencia d'amor ser compassivo,
„E posto que eu faltei quando convinha,
„Não põem lemite em vós a falta minha.

„Quem podera, meu Deos, c'o pensamento
„Accender n'alma hum fogo de tal sorte,
„Que só a dôr deste arrependimento
„Fôra a causa total da minha morte;
„Quem alcançara com o entendimento
„Se haveria outro transe inda mais forte
„Para pedir, Senhor, que nelle entrasse,
„Onde ao gosto da dôr sacrificasse.

„Quem, fugindo de vós, não alcançara
„Como ao remedio foge do seu damno?
„Quem, si não foreis vós, me não deixara,
„Nas duras mãos d'hum obstinado engano?
„Porém, Senhor, si o Homem não peccara,

„ Quem conhecera amor tão soberano?
„ Foi meio elle da culpa restaurar-se,
„ Ella deu-lhe materia em que mostrar-se.

„ Cruzas taes em tal humanidade
„ Nenhuma acção ferina as cometera,
„ Si não só minha immensa crueldade
„ Que nem convosco ainda se modera;
„ Quando pelas não vêr de piedade
„ O Mundo n'hum veio negro se escondera
„ A tal miseria a sorte me condena,
„ Que tenho meu descanso nessa pena.

„ Quanto fôra melhor perder a vida
„ Que a tão custoso preço resgata-la,
„ Mas que digo, Senhor, pois ella he tida
„ Por tal, que vindes vós a restaura-la?
„ A vossa tem a morte suspendida
„ No gosto só de virdes entrega-la,
„ Porque ainda esperais, si em tal estado
„ Ha quem vos peça mais do que está dado.

„ Chamais-me porque vá com confiança,
„ Mostraís a meu temor aberto o peito,
„ Para que possa entrar esta esperança
„ Onde perca da vida o seu defeito;
„ Mas como passaria a dura lança
„ Hum coração no qual Amor tem feito
„ Tal fragoa, que abrandasse qualquer ferro
„ Si não fôra forjado do meu erro.

„ Eclipsada dos Ceos a luz serena,
„ Aberta a porta d'onde Amor vivia,
„ O final transe tudo desordena,
„ A vida fuge, Amor só não fugia;
„ Parece que na gloria dessa pena
„ Elle comigo mesmo competia,
„ Vertendo mais então do lado exangue
„ De intenso fogo, e ardor, que d'agoa, e sangue.

„ Bastava, oh Summo Bem, vossa brandura
„ Na redempção do nosso atrevimento,

» Sem dar por essa humana vestidura
» Tantas portas de gloria a tal tormento ;
» Se não he que de tanto Amor procura
» Que sejais o de amor quinto Elemento
» Pois sou eu tal que sendo elle piedoso
» O faço ser em vós tão rigoroso.

» Crear os Ceos de nada n'hum instante,
» Pôr novo termo, e ley nos Elementos,
» E sobre o ponto delle mais distante
» Edificar etherios aposentos,
» Lá dessa gloria immensa, e radiante
» Lemitar do Inferno inda os tormentos,
» Grandezas sam á Fé communicadas
» E a vós as desta Cruz só reservadas.

» Mas como hade o Poder omnipotente
» Dar nas obscuras trevas do Peccado
» Certa radiação, que occultamente
» Deixe o entendimento allumiado,
» Quando c'os olhos da Razão presente
» Se vê, e chora o tempo mal gastado,
» Não só a graça torna renovada,
» Mas fica em grau maior communicada.

Assim Adão, que, Deos favorecendo,
Sente d'Amor o fogo deleitoso
Onde as passadas culpas vai fazendo
Sacrificio suave, e rigoroso ;
Não passa só chorando, nem gemendo,
O cuidado do crime tão damnoso,
Mas de huma penitencia aspera, e forte,
Hera a misera vida a mesma morte.

Via sempre seus erros figurados
Em qualquer das acções, que se occupava
Que já os mortaes membros trabalhados
A fraqueza mortal difficultava ;
Si levantava os olhos tão cansados
Das lagrimas, em que elle descansava,

No Ceo, no Ar, na terra já conhece
Como a tudo seu crime se estendesse.

Os Viventes, de que hera obedecido,
Não só este respeito lhe perderam;
Mas ainda hera mil vezes commettido
Da natural fereza, em que nasceram;
Olhando para si, vê-se despido
Daquelles ornamentos, que lhe deram
As perfeições da Graça, onde vivendo
Lhos foi uma ambição logo rompendo.

Si dos sentidos tenta de apartar-se,
Acha a mesma afflicção no pensamento,
Onde o cuidado faz representar-se
Irreparavel causa a do tormento;
A grande Descendencia vê queixar-se
Castigada por seu atrevimento,
E nas estreitas contas, que fazia,
Mais o crime, que a pena inda sentia.

Infinitos desejos o tentavam
A passar do seu termo a penitencia,
Logo justos receios o cercavam
Que nunca se descuida a consciencia.
Si quando os annos mais se acrescentava
Mais durava a pesada residencia,
Desejava para isso eterna vida,
E para o que he viver tê-la perdida.

Aquella porporção, que já lhe dera
Quem de tão bella fôrma o tinha ornado,
Não só mostrando está, que se perdera
No Individuo em tudo tão mudado,
Mas de huma côr exangue, e pallida hera
O penitente rosto acompanhado,
Que em pensamentos da alma apoderados
Athe os ossos sam extenuados.

Aquellas pelles, com que se cobria,
Dadas por huma mão tão poderosa,

Que pôde em quem tão mal lhe merecia
Mostrar-se em tal estado piedosa;
Tornou d'asperas sylvas, que cingia
A carne de si mesmo temerosa,
Cujos bicos, que as suas vam rompendo,
Ficam fontes de sangue parecendo.

Os rigores do tempo experimentava
No mais do corpo, que elles não cobriam,
Os espinhos das brenhas, onde andava,
Por mil partes as carnes lhe rompiam,
Sem tento, sem sentido, caminhava
Que os sentidos também lhe suspendiam,
Aquelles tão profundos pensamentos
Onde hera mór a força dos tormentos.

Em alguns passos onde mais acceso
O fogo desta dôr n'alma padece,
Do corpo enfraquecido o grande peso
Prostra, mostrando bem que se condena.
Tractando a vida assim com tal desprezo
Que inda o tracta-la duro lhe parece,
Com tal ancia os suspiros se arrancavam,
Que almas, e não suspiros semilhavam.

Não huma vez, mas cento lhe succede
Que desfazendo o peito a pedra dura,
Do horisonte o Sol se lhe despede
E desterra depois a sombra escura;
Mas nem por isso, não, o curso impede
Daquella aspera acção, porque a brandura
Das cousas, não está no modo dellas
Tanto como no gosto de soffrellas.

No terceiro Canto o Poeta nos representa o Espirito de Abel, a primeira victima da morte, conduzindo Adão aos Infernos, e fazendo-lhe conhecer aquella horrivel habitação da dôr, e das trevas:

Assim dizendo, pela cova entrava;
O Velho Pay traz elle caminhando,

Sobre huma mão o corpo sustentava
Em quanto a outra a via vai tentando;
Aonde ora nos passos se encurvava,
Ora direito n'outros vai passando,
E bem claro estas trevas lhe mostravam
As que o reyno das trevas occupavam.

Havendo já espaço, que seguiam
Este caminho triste, e trabalhoso,
N'hum plaino secco, e arido se viam
Que corta hum rio escuro, e caudaloso,
Por horridas cavernas se sumiam,
As negras ondas, cujo furioso
Romper nas duras rochas, parecia
Que quanto ha hi de horror, tudo excedia.

O Ceo, que o campo, e agoa em si comprende,
Não he de bellas luzes esmaltado,
Antes da rocha se dilata, e estende
A materia de que hera fabricado.
Distilla huma neblina, que se accende
No mesmo ser de que he todo occupado,
E com virtude tal influe, e gira
Que sempre fumo, e fogo se respira.

Dali por huma gruta, que cortada
Estava na aspereza dos penedos,
De conlensadas nevons occupada,
Onde tem seu logar os torpes Medos,
A huma porta chegam, que talhada
Se mostra entre ruinas, e rochedos,
Onde Anciãs, Queixas, Prantos só se ouviam,
Que os echos de seus Antros repetiam.

Hera de negra côr aspera, e dura,
Que ferreas barras toda atravessavam,
Onde igneos bicos esta contextura
Com temerosa vista penetravam,
Dá livre entrada a toda a creatura
Mas cerrada os de dentro sempre a achavam.

Esta Letra com sangue tinha escripta,
«Aqui toda a esperanza se lemita.»

Imitação de Dante, que na sua *Divina Comedia* finge que nas portas do Inferno está gravada esta sublime quanto terrivel inscripção.

*Per me si va nella Citá dolente,
« Per me si va nell'eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente
Justezia mosse il mio primo Faltore,
Fecemi la divina, Potestate,
La somma Sapienza, e il primo Amore.
Imanzi a me nó fur cose create,
Si non eterno, ed io eterno duro,
Lasciate ogni speranza, oh voi, ch'entrate.*

Sobre este gran prospecto cavernoso
Huma Mulher sentada se mostrava,
N'hum animal em tudo monstruoso;
Que sobre varias aguas caminhava;
De sangue, e fogo o misto temeroso
Parece que na côr representava,
Ou aquelles incendios, com que fica
A tarde, que secoura pronostica.

Esta fórma, que em fórma desusada,
Onde sete cabeças se mostravam,
Estava com dez pontas figurada,
Que nodosas antenas semilhavam;
A de Atlante grandeza celebrada
Com que apenas as nuvens se igualavam,
A vista de tão gran monstruosidade
Ficava perceptivel quantidade.

Ella da mesma côr do Monstro horrendo,
N'hum roupa adornada se vestia;
Do metal, que mais nobre parecendo,
Mais vileza nos mostra cada dia;
E delles varios ramos vam tecendo
Tudo, a que a bordadura não cobria,

Onde as perolas grossas se esparciam,
Que fructos destes troncos pareciam.

As joyas, que nas partes ordinarias
Estavam com policia repartidas,
Com esmaltes, que tem de côres varias
As mesmas côres ficam mais subidas;
Assi não só celestes Luminarias,
Se julgavam do Sol sendo feridas,
Mas, si a vista se crêra pareceram,
Que quantas joyas sam, tantos Soes heram.

Nesta Estança ha duas cousas a notar; primeira a estranha accepção em que está aqui tomado o vocabulo *policia*; a segunda que o Poeta diga que as joyas feridas do Sol pareciam *luminarias celestes*, acaso os raios do Sol, penetram no Inferno? Não disse elle ha pouco que tudo eram trevas? Não basta crear boas imagens, achar correlações brilhantes, é necessario colloca-las bem, e aonde não produzam disparates.

Na mão hum aureo vaso levantava,
Divisa propriada a taes sujeitos,
Que d'abominações cheio mostrava
E de lascivias mil torpes effeitos,
O sangue bebe só, que derramava,
O tyranno poder dos firmes peitos,
Dos Martyres daquelle Sol Eterno,
Sustentação do Ceo, terror do Inferno.

De ruinoso monte estão pendendo
Penedos na grandeza monstruosos,
Sobre a porta medonha parecendo
Ameaçar precipicios temerosos.
Por elles repartidos estão vendo
Da velhice os achaques trabalhosos,
As pallidas Doenças, e a pobreza
Cruel incitadora da Villeza.

Os Trabalhos, a Morte insaciavel,
O Somno, seu retrato, ali se via,

A macilenta fome intoleravel,
Que vergonhosos crimes commettia
A Guerra sanguinaria, e implacavel,
Com furibundo aspeto apparecia
A Mentira mais feia e mais damnosa
No penedo mais alto está medrosa.

De hum lado e d'outro lado estão guardando
A triste porta, que he jámais serrada,
As negras Furias aqui estão abraçando
Do Odio a vil acção jámais cançada,
Onde a leve Discórdia machinando
De negro sangue está toda manchada,
Cujos aspeitos tristes, que atormentam
Outros novos Infernos representam.

Os sonhos vão de quem tão cégamente
O Vulgo em seus agouros se governa,
N'hum canto estão, que não se lhe consente
Melhor logar na horrida caverna;
Qual dos penedos della está pendente
C'o grans prospecto! qual na parte interna!
Scillas, Hydras, Gorgões, a gran Chymera
Trifauce, matruosa, e cruel Fera.

As Scillas, as Hydras, as Gorgonas, que supponho que
é isto o que o Poeta designa pelo insolito vocabulo *Gorgões*, sam na verdade muito mal collocados em um Inferno Christão; mas parece que os Poetas de todas as nações não podem fallando do abysmo, passar sem estas figuras mythologicas: o mesmo Milton não evitou esta escolha; Klopstock é o unico, que eu conheça, cujo Inferno seja inteiramente conforme com as nossas idéas theologicas, sem mistura de Paganismo.

Aqui Abel o Medo reconhece
Que o Pay naturalmente retardava,
E com acção, que assegurar mereça,
Quanto tamanho horror representava,
Lhe disse: « Em nada o Summo Ser se esquece
« Do que para este Paço relevava,

» Onde descer he cousa tão factivel,
» Quanto tornar a traz tem de impossivel. »

Entram em fim, e logo acham diante
O logar onde a pena temerosa
Os seguazes aguarda da ignorante
Ley de superstições tão enganosa:
O Tormento descobrem mais ávante
Daquelles, cuja má vida occiosa
Em nada deixou ser exercitados
Para ser de ignorantes condemnados.

E os que de se enganarem desejando
O que mil vezes a razão duvida,
Por hum amor illicito trocando
O livre estado de hum a justa vida,
Heram logo o rigor experimentando
Daquella pena com razão temida,
Porém ainda assi nella affligidos
Não serão de seu erro arrependidos.

E penetrando nesse ardor intenso,
Onde os sanguinolentos terão pena,
Via esforçado com rigor immenso
O modo em que o tormento se lhe ordena,
Ali martyrisada por extenso
Cada culpa será das que o condena,
Ser-lhe-ha cada momento com mil annos,
Sem esperarem fim de tantos damnos.

Mostrava-se outro fogo, que succede
De maior extensão, e mór effeito
Para aquelles, a quem malicia impede
Guardar em tudo a todos seu direito;
Estes, como de Deos se lhe concede
Dar á destribativa justo effeito,
Usando mal de tão divino officio,
Terá tão cruel pena o cruel Vicio.

A'vante estava logo parecendo
Hum incendio, que tanto levantava,

O denégrido fumo, e fogo horrendo,
 Que com razão parece que admirava:
 Adão, com novo espanto percebendo
 As penas, que esta pena ameaçava,
 Ao Filho perguntava que peccados
 Ham de ser em tal modo castigados.

Responde: « Este logar, a que he negado
 » Sinal por onde seja conhecido,
 » Como viste nos mais, está guardado
 » Para o mal que athequi vive escondido,
 » Nelle terá castigo o gran peccado
 » Da mesma Natureza aborrecido,
 » Onde tambem virão pagar aquelles
 » Homedicãs de quem se fiou delles.

» Outra medonha estancia parecia.
 » Na qual novos tormentos aguardavam
 » Aquelles, de que a Patria sentiria
 » Como contra ella o Rey aconselhavam;
 » E porque o sangue della se fazia
 » Preço com que outros cargos se compravam,
 » Não só hera dos cumplices o damno
 » Tractado com rigor tão inhumano.

É necessario que este logar do Inferno seja bem amplo
 para poderem caber nelle todos os réos deste peccado,
 que tão trivial tem sido sempre no mundo! Os maus con-
 selhos dados aos Reis tem sido sempre a causa primaria
 das desgraças dos Povos, e da ruina dos Estados, os nos-
 sos antigos Legisladores estavam tão persuadidos disso
 que nas Ordenações do Reino impozeram pena de morte
 áquelles que não fallassem verdade ao Rei; e quem lhe
 falla menos verdade que os que o aconselham mal, e pa-
 ra lisongear seu gosto, sacrificam os interesses dos Povos?

» Mas por occulta, e nova providencia
 » Que ainda aqui com justa ley governa,
 » Terão estes da propria consciencia
 » Outra pena maior, e mais interna;

» Que com o seu poder a preeminencia
» Maior foram da tyrannia eterna,
» Assi d'alma terão novo castigo
» Além do que esta pena traz comsigo.

» Ah! si a Divina Essencia consentira
» Que estes a seus arbitrios castigados
» Fossem das negras Furias, cuja ira
» Será insaciavel nos culpados,
» E que dos que governam lá se vira
» Porque modo estes crimes sam tractados,
» Por ventura que fôra este receio
» De taes enormes culpas justo freio.

» Mas n'estoutra officina, que parece
» Por mais duros Ministros governada,
» Que em globosa fumaça trepa, e cresce
» De estridentes faiscas penetrada
» Será aquelle logar que se merece
» Da Gente voluntariamente errada
» Cruéis despresadores da Verdade,
» Só por seguir tão bruta liberdade.

» Oh fraqueza cruel, crua, homecida,
» Que nem verdades poderão vence-la,
» Sendo o jugo suave eterna vida,
» Por nojosas torpezas quer perde-la;
» E quando a Fé não fôra conhecida
» Dos milagres, que visto terão nella,
» Bastara vêr Varões tão excellentes
» Reprovar Idiotas insolentes. »

Infinitos logares se seguiam
Onde os duros Ministros concorrendo
Diferentes tormentos se lhe viam
Para as almas estar apercebendo;
Rios estas distancias dividiam,
Que, em logar d'agoa, fogos vam enchendo,
Porque as chammas das penas desusadas
Fossem destas enchentes renovadas.

Em fim não pôde haver culpa tão feia,
Nem traça nova d'animo danado,
Que já nesta infernal, e gran cadeia
Não tenha seu tormento aparelhado
O Desejo, que em males se recreia,
O Fingimento misero, e coitado,
A Inveja tão falta de desculpa,
Que quanto cresce a pena, cresce a culpa.

As machinas medonhas, os bramidos,
As rugidas de ferros arrastando,
As confusões horrendas, os gemidos
Os huiuos nas cavernas retumbando,
Com intenso tremor, frios não cridos,
O fogo nas entranhas ateando,
A misera Soberba, que se augmenta,
Novo cáhos de Infernos apresenta.

Para vêr estas cousas aguardavam,
Que as azuladas chammas scintillassem,
De quem as tristes luzes não obravam
Tanto que as trevas dellas se apartassem;
Cujos grossos vapôres occupavam
O Ar espesso, e negro donde nascem,
Taes corrupções corruptas de tal sorte,
Que assemelhavam ser morte da morte.

Aqui o Poeta, que seguia os principios da Eschola Italiana, e que em geral mostra no seu modo de escrever um gosto bastante apurado, se entregou um pouco á verbosidade e jogos de palavras, que andavam em moda no seu tempo; tão contagioso é o exemplo! Tão difficil é escapar á influencia da moda, que em todas as cousas exerce despoticamente o seu imperio!

Mas lá no mais interno do profundo
Logar, que o centro na sua noite encerra,
Lá onde nasce aquelle furibundo
Fogo, que em boccas rompe sobre a terra,
Estava o grande Imigo, que ao Mundo
Faz tão cruel, tão entranhavel guerra,

Que nunca pôde nella o mortal damno
A sêde mitigar do sangue humano.

Este com tal soberba padecia,
Que inda o reino dos medos assombrava,
E com tremenda voz, que parecia
Terremoto que o Mundo arruinava.
Contra a Celeste Patria repetia
Com tal excesso quanto blasphemava,
Que nas queixas a Dôr se vê presente,
Aonde vive, e morre eternamente.

Qual he o terso globo cristalino
Penetrado da luz, que tem diante,
Sem solução, ou corpo diamantino
Nem se eclypsar o raio penetrante,
Assim Plutão, ardendo de continuo
Naquelle incendio horrendo, e crepitante
Tem outro Mongibello já no peito
Sem divisão alguma de sugeito.

A crua dôr as flammas mais ateia
Quando o mortal sugeito considera,
Onde a abstinção se desenfrea
Com que de novo o fogo mais se altera;
Tudo o que a pena faz horrenda, e feia,
Mostra-se nelle a quanto se estendera,
Mas em tormento tal, tão forte, e horrendo
Maior pena padece, inda entendendo.

Aqui Abel ao Pay, que confundido
Via daquella vista temerosa,
Disse: "Debaixo do mortal sentido
"Não cahe huma afflicção tam espantosa,
"Podes só perceber que sendo crido
"Deste que será pena rigorosa
"Hum momento com quantas vês trocara,
"Que só nesta esperança descançara.

"Porém si onde o erro tem chegado
"Chegar podera algum entendimento,

» Verás ali onde elle está abrazado

» Mór a misericordia que o tormento

» Porque como hera crime incomparado

» O d'onde a pena traz seu nascimento,

» Quanto maior podera padece-la,

» Tanta misericordia se vê nella.

» Estas Visões, que em roda o vam cercando,

» Do tormento cruel Ministros duros,

» Aquelles Monstros varios, que guardando

» Estam da triste cova os igneos muros,

» Fôra hi-los por extenso nomeando

» Haver mister os Seculos futuros,

» E ainda em todos, e com voz de ferro

» Cuidar em dizer tanto hera grande erro.

O que principalmente destingue o Inferno deste Poema dos que tem sido pintados, e descriptos por outros Poetas, é ser digama-lo assim, um inferno em espectativa, pelo menos em relação ao genero humano estam promptos os tormentos, já ardem os fogos que devem tostar eternamente os reprobos, que ainda não nasceram, pois o mundo se acha em seu principio, e o unico homem que tem pago o censo á morte é Abel, e Abel era justo, que tinha por suas virtudes achado graça diante do Senhor: sam ainda os anjos rebeldes os exclusivos habitantes daquella região das trevas, e theatro da vingança de Deos.

Uma das cousas, em que Francisco Child Rolim de Moura me parece que se tornou digno de muito louvor, e deu prova de abalisado tino, e talento poetico, foi em dar ao seu triste assumpto uma tal qual fôrma dramatica, que não deixa de lhe dar movimento, vida, e interesse, e isto mostra um conhecimento da arte, mui superior ao que havia no seu tempo, e isto basta para lhe grangear a estima, e a indulgencia dos Criticos do nosso; devemos lembrar-nos de que elle abriu um caminho novo para o Pindo, sendo o seu o primeiro Poema deste genero que se compoz em lingua Portugueza.

Para fazer conhecer aos Leitores o estylo, e a versificação lyrica deste Poeta, aqui transcrevo dous Sonetos

seus dirigidos ao engenhoso Poeta Manoel de Galhegos : o primeiro escripto para celebrar a publicação do seu Poema Hespanhol, que tem por titulo *La Gigantomachia* ou a Guerra dos Gigantes contra os Deoses do Olympto; e o segundo em louvor do *Templo da Memoria*, que o dito Galhegos compozera para celebrar o casamento do Duque de Bragança, depois Rei de Portugal com nome de D. João IV. com a Senhora D. Luiza, filha do Duque de Medina Sidonia.

SONETO.

De nativo valor pechos armados
Armas fatales, monstros arrogantes,
Com gigantea fuerça entre Gigantes
Los montes sobre montes colocados.

Impulsos de Elementos perturbados
Cielos ardiendo, balas fulminantes,
Y de las Deidades militantes
Intactos hilos d'Atropos cortados.

Efeitos son al vivo resumidos
Merabillas aonde las menores
Ya no temen que el Tiempo las consuma.

Si a logar más sublime por vencidos,
Del que conquistariam vencedores
Volaron muertos solo en una pluma.

O outro é em lingua Portugueza, como o Poema, em cujo applauso foi escripto, e me parece de maior merecimento, que o primeiro.

SONETO.

Bem foi de nova Musa novo intento
Pôr em medida aquella dilatada
Fama, que, em regios troncos sustentada,
C'os ramos toca o alto Firmamento.

O portentoso, e grande pensamento
Harmonica pintura sublimada,
O curso ao Lethes tem, ao Tempo a espada
Suspensos do rigôr do movimento.

A mesma admiração aqui se admira
Fora gloria da Inveja o invejar-te
Por nos mostrar que a tanto se atrevera,

Ao som das armas clausulas-te a Lyra,
A' bella Venus, ao soberbo Marte
Opposição fizeste em sua esphera.

CAPITULO III.

Frey Bernardo de Brito.

Este Capitulo pertence a um homem, que muito honrou a nossa literatura antiga pelos seus talentos, saber e applicação aos estudos, por seu carácter, e pelo accendido amor da patria, a cujo excesso se devem alguns dos seus defeitos; a um homem, que, ainda que não fizesse grande figura como Poeta, como Historiador não cedeo a nenhum dos melhores, ao menos na grandêza de concepção, e na pureza, elegancia, e ás vezes eloquencia de estylo.

Este homem é Frey Bernardo de Brito, luz, e ornamento da Ordem de S. Bernardo em Portugal, Historiographo do Reino, e Chronista da sua Congregação, cuja melhor parte da vida foi repartida entre estudar, e escrever, cujas Obras sam poucas em attenção ao fim, a que se havia proposto, mas demasiadas para a pequena extensão da sua existencia.

Frey Bernardo de Brito nasceu em Almeida, hoje pertencente ao Districto Administrativo da Guarda, em 20 de Agosto de 1569, que foi o primeiro do Reinado d'El-Rei D. Sebastião. Foram seus Pais Pedro Cardoso, que servio na guarnição daquella Praça na qualidade de Capitão, e Maria de Brito de Andrade, de quem elle tomou o appellido de Brito.

Foi baptisado com o nome de Balthasar, que mudou para o de Bernardo quando tomou o habito do Patriarcha dos Monges Brancos, pois no seculo se nomeou sempre Balthasar de Brito de Andrade, sendo mui de notar que não fizesse uso do sobrenome de Cardoso, que era de seu Pai, talvez pensando que o appellido materno de Brito, era mais illustre, persuadido como Manoel Severim de Faria, de que a ascendencia dos Britos, se deduzia dos Celtas Britonios.

Contaria Frey Bernardo de Brito nove annos de idade, quando a desgraçada batalha de 4 de Agosto de 1578 enterrou nas ensanguentadas praias do Mocazim o Reino de Portugal, com o seu intrepido, e mal aconselhado Monarcha, e passado o reinado transitorio do Cardeal Rei, colheo Filippe II. de Castella o fructo das perfidias, e intrigas jesuiticas, e da venalidade da aristocracia, juatando a corôa de Portugal ás muitas que havia herdado de seu Pai, o Imperador Carlos V.

É mui probavel que Frey Bernardo de Brito recebesse a sua primeira educação literaria naquelles calamitosos tempos; não consta porém o nome de seus mestres, nem o local dos seus estudos, pois não é mui verosimil que a Praça d'Almeida podesse fornecer-lhe os necessarios elementos de instrucção.

O tetrico Filippe II. que por seus feitos, e indole foi marcado pelos contemporaneos com as expressivas, e bem apropriadas denominações de *Tiberio Hespanhol*, e *Demonio do Meiodia*, desconfiado como todos os tyrannos, e arteiro como todos os usurpadores, abraçou o systema politico, seguido depois por seu filho, e neto, de assegurar a posse de Portugal enfraquecendo-o, chamando a Hespanha debaixo do capcioso eugodo de honras, e pretextos de serviço a todas as pessoas notaveis por sua nobreza, cabedaes, e feitos, que podessem em caso de uma revolução, collocar-se á testa della, dar-lhe direcção, e consistencia.

Foi um destes o Capitão Pedro Cardoso, que passou, de boa, ou de ruim vontade, a servir nas guerras de Flandres, e da Italia, onde se distinguio muito por seu valor, e prudencia militar.

Bernardo de Brito acompanhou seu Pai, e a sua familia nesta expatriação forçada, e em Florença, e Roma se deu com todo o affinco ao estudo das letras divinas, e humanas, ao conhecimento das antiguidades, das linguas Grega, Hebraica, Caldaica, e Seriacca, pois que elle se li-songeava com complacencia de *haver lido antigualhas em mais linguas, que a Latina, e ter aprendido invenções de letras esquisitas, mui pouco vulgares no seu tempo.*

E com effeito parece que ao estudo das linguas mortas, e Orientaes, e das linguas vivas da Europa então mais

em voga como a Hespanhola, Italiana, e Franceza, juntava os tenebrosos mysterios da *Phylosophia Pythagorico-Platonico Cabelistica*, que naquelles tempos tamanha influencia exercia na imaginação ardente dos mancebos, e de que em suas Obras se deparam não poucos vestigios.

No tempo em que Frey Bernardo de Brito habitava na Italia andava ali a poesia tão valida, e estimada, que ninguém julgava merecer a laurea de literato, sem que ao cultivo dos mais austeros conhecimentos accrescentasse a faculdade de expressar as suas idéas em bons versos Latinos, ou vulgares, não admira por isso que elle se desse ao culto das Musas, na sua adolescencia, como se mostra pela publicação da sua *Sylvia de Lysard* titulo com que este Petrarcha deu á luz o seu Cancioneiro.

Si ha homens, que nascem Poetas como Homero, e Torquato Tasso; Pintores como Raphael; Escultores como Canóva; Musicos como Mozart; Geometras como Paschal, também os ha que nascem Historiadores, e Frey Bernardo de Brito foi um delles: desde a sua infancia se havia desenvolvido nelle o amor da historia; era esta a sua leitura de predilecção, para ella inclinava todos os seus estudos. Fui (diz elle referindo sua sahida da patria) *notando no discurso deste caminho algumas antigualhas, que então me accendiam o desejo, e agora me servem de muito lume no que faço.*

Q Author tinha nesse tempo quatorze para quinze annos e já o espirito da historia o dominava com tamanho impulso, que o perseguia como um espectro, e tornava os prazeres juvenis em investigações dos tempos antigos. Esta inclinação cresceu, e se reborou com os annos, e parece que o desejo de ter o necessario remanso para entregar-se á sua vocação natural, fôra o verdadeiro motivo de abraçar a vida claustral, fazendo a sua profissão na Ordem de S. Bernardo no anno segundo parece de 1585: assim parece concluir-se do modo porque elle se explica no Prologo da sua *Monarchia Lusitana*. « *A quietação, e o encerramento do claustro me renovaram com dobrada força o desejo, com que me criara. E assim as horas, que me ficavam livres das obrigações essenciaes, gastava em licção perpetua de livros antigos, notando o que em cada hum delles achava tocante aos Lusitanos.* »

Mas este socego do claustro, esta folga de tempo necessario para levar a effeito a Obra que projectava, não lhe custou pouco a alcança-la, porque teve de vencer todos os obstaculos, que seu Pai oppoz tenazmente á sua profissão. Não sei si o Capitão Pedro Cardoso repugnava tanto a vêr seu filho encôgulado, por ser inimigo dos Frades, ou se por algum motivo particular o era dos Bernardos, o certo é que pôz nisso todo o empenho, e até chegou a alcançar Bulla do Summo Pontifice para elle ser transferido para a Ordem Militar de Malta; mas o filho oppondo pertinacia a pertinacia, não acceitou a mercê, e persistio em ficar Bernardo, de profissão como de nome.

Além da vocação historica, havia outro sentimento, que instigava Frey Bernardo de Brito a compôr uma Historia Geral da Lusitania, e este sentimento era o patriotismo. Via morta a Monarchia Lusitana, via um poder estrangeiro, e intruso trabalhar incessantemente por espalhar as suas cinzas, para riscar da memoria dos vivos as suas passadas glorias, e todo o seu desejo era recolher, e juntar essas cinzas, e essas glorias para as resuscitar historicamente. Outra prova do seu amor ás cousas nacionaes foi a preferencia, que deu para escrever a sua historia á lingua Portugueza, e em tempo em que a adulação, ou a corrupção de gosto, haviam feito moda de despresa-la, capitulando-a de grosseira, e muito inferior á Hespanhola, que mal se pôde comparar com ella em flexibilidade, e doçura, quando os melhores Escriptores do tempo filhos ingratos, e traidores, escreviam todas as suas Obras em Castelhana, empobrecendo a literatura patria para enriquecerem a dos seus oppressores! Insensatos! Julgaram grangear mais fama, e hoje apenas sam lidos pelo povo que renegaram, e por aquelle de quem se fizeram patricios.

Nem faltaram muitos destes Luso-Castelhanos, que aconselhassem a Frey Bernardo de Brito que escolhesse a lingua Castelhana para escrever a sua Obra, porém o honrado Monge repelio essas sugestões antipatrioticas dizendo *que seria indigno do nome Portuguez em ter tão pouco conhecimento da lingua patria que a julgasse por inferior á Castelhana; si, (acrescenta elle com sobeja razão) a engrandeceram seus naturaes com impressões, e livros*

compostos nella, fôra hoje tanto, e mais famosa, que a Castellhana, e Italiana; mas carecendo deste bem, e tendo dentro de si filhos tão ingratos, que á maneira de venenosas viboras lhe rasgam a reputação, e credito devido, não é muito estar em tal opinião até ao tempo d'agora.

Approvando, e applaudindo, como é de razão este zêlo, e affecto de Frey Bernardo de Brito pela lingua patria, não posso abster-me de mencionar uma inexactidão, que se depara nas suas palavras. A lingua Portugueza no tempo de Frey Bernardo de Brito já não estava no caso de poder ser bella, si os Portuguezes a *decorassem* publicando nella livros, pelo contrario já tinha desenvolvido a sua belleza nos escriptos de Ferreira, Bernardes, Caminha, Camões, João de Barros, e tantos outros Escriptores celebres, que a haviam polido, aperfeiçoado, e opulentado, e isso mesmo affeiciava mais a ingratidão daquelles que lhe preferiam uma lingua estranha.

O ardente patriotismo de Frey Bernardo de Brito pelas cinzas da patria, e pela grandeza, e independencia della torna para mim muito duvidoso que elle escrevesse uma Obra, que tem por titulo « *Disfarze de amor; cuenta-se la Guerra de Portugal, y el derecho de la Magestad d'El-Rey. Fellyppe II. Nuestro Señor* » que se diz que existe na Bibliotheca do Escorial, Estante P Série V. N.º 17, que algumas pessoas não sei com que fundamento lhe attribuiram, e que nunca foi impressa. Custa-me a acreditar que um homem como Frey Bernardo de Brito quizesse advogar a causa do Usurpador da sua patria, e justificar seus direitos em prejuizo dos da Casa de Bragança em quem legalmente recahio a corôa de Portugal: mas em tempos tão calamitosos ha occasiões, em que o medo obriga os homens a ceder á violencia, e operar contra as suas convicções, e mesmo contra os seus interesses.

Nomeado Chronista da sua Ordem, escreveo Frey Bernardo de Brito em desempenho dos deveres deste cargo a sua Chronica de Cister a mais acabada Obra deste genero que possuimos.

Em 1611 foi Frey Bernardo de Brito chamado á côrte de Madrid, e ali em 1616 despachado Chronista Mór, ou Historiographo do Reino, isto é nove annos depois de haver publicado a segunda parte da Monarchia Lusitana;

precedeo por tanto nelle o exercicio do cargo á nomeação para elle, quando pelo contrario tem havido tantos Chronistas, que contentes com o titulo, e ordenado, viveram largos annos, e morreram sem deixar escripto si quer o primeiro Capitulo de uma Chronica.

O Governo ao conferir-lhe aquella mercê lhe derminou que, deixando por mão qualquer outro trabalho, em que se occupasse, desse obra a escrever a vida d'El-Rei D. Sebastião, o que elle cumprio levando a sobredita Historia até á Embaixada de D. João de Borja: mas esta Obra que nunca foi impressa, ou inteiramente se desencaminhou, ou jaz sepultado em algum Archivo, ou alguma Bibliotheca da côrte de Hespanha como as Decadas que nos faltam de Diogo do Couto, que o Commissionado da Academia Real das Sciencias de Lisboa Monsenhor Ferreira Gordo, diz em uma das suas Memorias ter examinado na Livraria de Madrid, e que a nossa indolencia tem impedido de solicitar por copia, para dando-as á luz, inteirar aquella importante Collecção Historica.

Contava Frey Bernardo de Brito vinte, e sete annos quando escreveu uma Obra intitulada « Tractado da Republica antiga da Lusitania dedicado á Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Clara Eugenia em 21 de Março de 1596. » Esta Obra perdeu-se, e muitas pessoas lamentam muito esta perda por lhes parecer que ali achariam valiosas investigações sobre o estado primitivo do paiz; porém á vista do que se lê a este respeito na primeira parte da Monarchia Lusitana, da credulidade, e falta de critica do Author, ou da sua má fé, e tendencia para inventar contos fabulosos, me parece tal perda de bem pouca importancia, salvo na parte que diz respeito a eloquência, que em Frey Bernardo de Brito sempre é pura, elegante, e ás vezes pictoresca.

Existe porém outra Obra de Frey Bernardo de Brito muito estimavel, que se intitula Elogios dos Reis de Portugal, que sahiu á luz em 1603, Obra em que empenhou não só grande cabedal de eloquencia, e de bom estylo, mas grande dispendio de dinheiro, mandando gravar em bronze os retratos daquelles mesmos Reis. E para haver os originaes mais apurados (diz Severim de Faria) *mandou vir alguns de partes remotas com grande custo, e des-*

peza, no que excedeo muito suas forças, e mostrou o grande zêlo que tinha de engrandecer a patria, e de eternisar a memoria dos Reis Portuguezes, a quem neste Livro levantou um tropheo honroso, e tal que a nenhuns outros Reis de Hespanha vemos outro semelhante dedicado.

Porém a principal Obra de Frey Bernardo de Brito, o melhor fundamento da sua gloria, o mais firme abono da perpetuidade do seu nome, é sem dúvida a Monarchia Lusitana, que elle não pôde terminar porque a concebo debaixo de um plano demasiadamente vasto. Garibay tinha principiado a Historia de Hespanha pelo Diluvio Universal; este espaço ainda pareceo curto a Frey Bernardo de Brito, e começou a sua Monarchia Lusitana pela criação do mundo! E chegou com ella até á fundação de Portugal, isto é justamente ao ponto, em que verdadeiramente começa o seu assumpto, parece que tomara a peito o escrever uma Historia Universal segundo a idéa, de Cadalso, que em suas *Cartas Marroquinas* a define assim; *Historia Universal é a historia da patria do Author emborilhada com alguns trechos das historias dos outros paizes*. Pôde pois dizer-se que Frey Bernardo de Brito foi um Architecto que encarregado da edificação de um Templo magnifico, traçou d'elle uma planta tão vasta, que trabalhando toda a sua vida apenas conseguiu levantar-lhe o Peristyllo!

Frey Bernardo de Brito embrenhou-se pelas trevas da antiguidade, e collegindo quantas noticias encontrou ácerca da primitiva Lusitania, e dos Povos della, e sem lhe importar que fossem fabulosas, ou verdadeiras, as arranjou, e dispoz em fórma historica, ligando esses factos mal averiguados, e alguns sem mais fundamento que ficções de Poetas, e derivações de nomes, com muitas ficções de sua casa. Com mais criterio, e mais verdade elle seria o nosso primeiro Historiador, como o é pelo estylo; e pela arte de narrar.

Nestes dous pontos não tem elle entre nós quem o emparelhe; a sua linguagem é pura, e elegante, sem que nella se conheça o trabalho demasiado da lima, e sua cloquação tem todo o vigor, e força, que a historia demanda; narrando os factos por um modo absolutamente diverso do usado pelos antigos Compiladores de Chroni-

cas, e quando a narração é animada pelo interesse interno do assumpto, as pinturas de Brito nada tem que invejar ás dos Historiadores Classicos em pespicidade, eloquencia, e viveza de colorido.

Nenhum homem instruido ignora que o Doutor Frey Bernardo de Brito tem sido accusado de credulo, e falto de critica, de mentiroso, de narrador de patranhas, de falsario, e fabricador de documentos; sam na verdade culpas graves, mas desculpaveis em parte, visto que nascem de elle haver florescido em um seculo, em que se julgava acto mui louvavel, e glorioso o illustrar a patria com ficções, ainda as mais absurdas, e não sei porque Garibay, Florião do Campo, o Padre Higuera, e outros, que encheram de fabula toda a Historia da Peninsula, hão de ser menos censurados que Brito, menos mentiroso, e menos falsario sem dúvida do que esses Escriptores Hespanhoes.

Mas não é como Historiador, mas como Poeta, que Frey Bernardo de Brito tem logar neste Ensaio, e é como Poeta que passamos agora a considera-lo.

Frey Bernardo de Brito como todos os homens doutos do seu tempo cultivou as Musas na sua adolescencia, e o testemunho, que nos deixou dessa sua applicação, foi um pequeno volume de cento e vinte oito paginas, que sahiu á luz pela ultima vez em Lisboa na Typographia de Francisco Luiz Ameno, em 8.º, anno de 1784.

Que estas poesias gozaram de grande acceitação quando se publicaram recopiladas por Lourenço Craesbeck, prova-se não só por se achar mencionada esta collecção com louvor em muitos livros, e outros citarem muitos versos della, mas por terem inteiramente desaparecido tanto as primeiras, como as outras edições, de modo que hoje a *Sylvia de Lysardo*, tal é o titulo do Cancioneiro de Frey Bernardo de Brito, é um dos livros mais difficultosos de achar de venda, visto que um exemplar que possuo da edição de 1784 me custou mais de vinte annos de continuadas diligencias.

A *Sylvia de Lysardo* tem sido julgada de uma maneira inteiramente contradictoria pelos nossos Criticos modernos, tractando-a uns de livro absolutamente insignificante, e dando-lhe outros louvores exaggerados, e elevando-a muito além do seu merecimento, e pôde ser bem que nem

uns nem outros a tivessem examinado. Em todo o caso a gloria do Historiador escureceo em Frey Bernardo de Brito a gloria do Poeta. Se não existisse a Monarchia Lusitana, e a Chronica de Cister é muito natural que os versos de Frey Bernardo de Brito fossem mais conhecidos, e mais estimados, assim como Luiz de Camões seria reconhecido pelo nosso primeiro Lyrico antigo, si não tivesse composto os Lusiadas, que obsorvem toda a attenção, e admiração dos Leitores, fazendo-os esquecer das suas rhythmas em que talvez ha mais correccão, e bellezas de estylo do que no mesmo Poema.

A Sylvia de Lysardo consta de Sonetos, Eclogas, uma Epistola dedicatoria a Sylvia, Romances, e algumas poticas poesias de antigo estylo. Esta Obra dos primeiros annos do Author, e naturalmente escripta pela maior parte na Italia, dá bem a conhecer o estudo, que o Poeta fizera dos modelos Toscanos, e que trabalhava por imita-los.

Algumas destas poesias sam escriptas em Castelhana, segundo o gosto do tempo; o restante em Portuguez, e si nellas se não encontra um genio original, uma imaginação rica, e invenção fecunda; acha-se pelo menos linguagem pura, e correcta como em todas as Obras do Author, estylo claro, e elegante, naturalidade, juizo, e optima versificação, dotes estes, que si não bastam para o collocar entre os Poetas de primeira ordem, lhe grangeam sem dúvida os foros de Poeta elegante, e de engenho polido, e estimavel: e não é isto pequeno merito em um tempo em que o bom gosto começava sensivelmente a alterar-se, e a corromper-se para precipitar-se em breve nos abusos, e desparates do Culteranismo.

Os Sonetos de Frey Bernardo de Brito sam de ordinario bem pensados, e nelles se expressa com muita energia e força; assim acontece no Soneto dezenove da collecção, em que coteja as vantagens do estado livre em que tinha outro tempo vivido, com os incommodos presentes da vida de namorado, e conclue preferindo esta a aquella.

SONETO.

Ponho-me a contemplar na phantasia
Quando me vi em mais ditoso estado,
Si agora, que me vêjo namorado,
Si quando deste amor livre vivia.

Então destes cuidados se fugia
Tendo por isso a vida gran cuidado;
Agora pezaroso do passado,
Tenho por gloria aquillo que temia.

Bem vêjo que hera vida deleitosa
Aquella, que passava sem temores,
Quando os gostos d'amor tinha por vento.

Mas vendo agora Sylvia tão formosa
Julgo as penas presentes por melhores.
E as antigas por sombra de tormento.

Supponho que, si não todos, pelo menos a maior parte
dos amantes, serão do parecer do Poeta.

No Soneto vinte e quatro protesta o Poeta a Sylvia que
a ausencia não produzirá mudança alguma no seu amor.

SONETO.

Bem póde, Sylvia minha, qualquer Serra
Tirar a estes meus olhos sua gloria;
Qualquer Monte terá de mim victoria
Qualquer pequeno espaço em fim da Terra.

Mas contra hum pensamento fazem guerra,
Que traz em si pintada a vossa historia
E quanto mais constante, mais memoria
Conserva hum coração, que vos encerra.

Parto-me destes olhos graciosos;
Mas por elles vos julgo, que mudança
Se não vêja nos meus eternamente.

Porque a magoa de os vêr ficar chorosos
 Estimulo será pera a lembrança
 De quem se vê de vós viver ausente.

Havendo o Poeta recolhido uma rosa, que havia cahido do cabello de Sylvia, celebrou esta circumstancia no Soneto vinte e trez em estylo conceituoso, e florido muito aproximado ao que o cavalheiro Marini costumava empregar em assumptos semilhantes.

SONETO.

Sobram-lhe mil razões de estar queixosa
 A esta Rosa pura, que perdestes,
 Porque si da Roseira a escolheste
 Foi por ser entre as outras mais viçosa.

E vendo-se colhida d'outra Rosa,
 E posta no logar onde a pozestes,
 Ufana com a gloria, que lhe destes,
 Se fez na transa de ouro mais formosa,

E agora com perder logar tão alto,
 E vêr-se em meu poder tem por desgraça
 A ordem, que tivestes em perde-la.

Mas hum só bem lhe fica deste salto,
 Que em vós ficava feia sua graça
 E em mim, por vir de vós, fica mais bella.

O Soneto dezoito, remota imitação de outro de Petrar-
 cha que principia

*Per far una leggiadra sua vendotta
 E punir in un dì ben mille ofese,
 Celatamente Amor l'arco ri, re o,
 Com'Uom ch'nuoce'er luogo, e tempo asppetta.*

me parece um dos melhores, que Frey Bernardo de Brito
 nos deixou.

SONETO.

Querendo Amor tomar dura vingança,
Da liberdade antiga, que eu gozara,
E fazer-me comprar em dobro cara
A vida, que passei entre bonança.

Poz-me o cuidado em aspera balança
Pelo desejo de huma Phenix rara,
E quando o pensamento a mais chegara,
Deixara-o de seguir minha esperança.

Mostrou-me huns olhos verdes socegados,
E por cima dous arcos victoriosos,
De huma certa brandura acompanhados.

Mas achei seus effeitos rigorosos,
Que nunca de matar vivem cançados,
E tam duros me sam quanto formosos.

Este Soneto junta aos seus outros meritos, o ser dos raros, em que o Author se affastou da pratica vulgar dos Italianos, a quem imitava, terminando-o com dous Terceiros perfeitos, a mais harmoniosa de todas estas combinações rhythmicas. O costume de terminar os Sonetos rymando o verso nono com o duodecimo, o decimo com o decimo terceiro, e o undecimo com o decimo quarto, é de mui ruim effeito pela muita distancia, em que as rymas ficam umas das outras, e tiram parte da graça a este pequeno Poema; apesar disso é esta a combinação mais usada entre os Toscanos, e entre os Quinhentistas, que adoptaram tudo delles, assim como os hendecasyllabos agudos, e de quarta e setima, sem examinar si o genio da nossa lingua, e a delicadeza do nosso ouvido admittiam semilhantes praticas.

Compete em belleza com este Soneto outro, que tem o numero doze, em que o Poeta se queixa da pouca constancia da sua Sylvia.

SONETO.

Quem d'amor quer saber o desengano,
Quem da Fé mulheril quer a certeza,
Venho vêr hum Pastor, em que a firmeza
Traz justa competencia com seu damno.

Pagou-me lealdades com engano,
Tem a minha brandura em aspereza,
Vêde que duro amor, pois na firmeza
De huma fingida fé se mostra ufano.

Buscou para roubar minha alegria
Huns olhos verdes, claros, tão radiantes,
Que excede sua luz ao claro dia.

Porém sam em dureza diamantes,
Em galardões de amor geada fria,
Em firmeza veletas inconstantes.

Um dos mais engenhosos é o Soneto trinta e oito feito
a Sylvia, que se estava apertando diante de um espelho.

SONETO.

Não sei qual de vós fica mais ditoso
Nesta formosa troca, que ordenastes,
Si vós, que nesse Espelho vos olhastes,
Si elle, que pintou rosto tão formoso.

Elle não pôde ser mais venturoso,
Pois dentro em seu cristal vos retratastes,
E vós pois a vós mesma contemplastes,
Não tendes que esperar bem mais gostoso.

De modó que, em contenda de tal arte,
Não sei julgar qual he mais excellente,
Pois vantagem não ha, que grande seja.

Só confesso de mim que qualquer parte
Das duas me fizeram tão contente,
Quanto pelas não vêr morro de inveja.

A Epistola a Sylvia, com que principia o volume, mostra o que Frey Bernardo de Brito poderia fazer neste genero, si a applicação á historia lhe não houvesse feito renunciar aos louros do Pindo, e ao cultivo da poesia. O seu muito saber, a perfeição da sua linguagem, e a igualdade, e força do seu estylo, eram dotes bastantes para sobresahir nas composições didaticas. Porei aqui a copia desta Epistola, não só para que o Leitor vêja como o Poeta tractara esta sorte de composição, mas tambem para consignar aqui mais um parto do ingenho de Frey Bernardo de Brito, e fazer-lhe serviço, visto que o seu livro se tem tornado tão raro, que é muito probavel que dentro em poucos annos haja inteiramente desaparecido tanto das livrarias como da memoria dos homens.

EPISTOLA.

A quem darei meus versos temerosos,
Que sam vivo painel das minhas dôres?

A quem estes conceitos rigorosos?

A quem dedicarei estes clamores,
Que lança hum coração d'amor ferido?

A quem o gosto emfim dos meus amores?

Si não áquella causa, que o sentido
Julgou por tão sublime, e poderosa
Que se houve em se perder por bom partido.

Dai-me pois attenção, Sylvia formosa,
E vereis de vós mesma effeitos raros
Postos em baixo estylo, e voz queixosa.

Vereis huns pensamentos pouco avaros
De se mostrar ao Mundo tão captivos,
Quanto pelo não ser foram já claros.

Vereis entre grilhões duros, e esquivos
Huns desejos, que já mortos tomara,
Para me não matar estando vivos.

Vereis de vossa graça estranha, e rara
Effeitos neste tempo desusados,
E fé que pela ter me custa cara.

E si os versos não foram bem limados
A culpa foi de amor, que em os cantando
Trazia novo encanto a meus cuidados.

Será vossa tambem, que governando
O sentido, que a Lyra governava,
Me deixaveis faltar de quando em quando.

E como o pensamento em vós estava,
O bem, que aqui cantei, de vós me vinha,
E o mal de vos não vêr quando cantava.

Que aquella liberdade, que foi minha
No tempo, que de amor livre vivia,
No que de vos tractar não lançou linha.

Quando de mim cantava em vós me via,
Quando vos via em mim ficava cego,
E só com vossa graça me regia.

Ser vossa minha Lyra não o nego,
Pois em quanto cantou vós a guiastes,
Ora cantasse o Téjo, ora o Mondego.

E pois este meu canto governastes
Recebei-o por vosso, que a ventura
Fará que pois o canto em mim causastes,
Cause elle fama em vossa formosura,

Si podesse existir no Japão um homem, que bem entendesse a nossa lingua, e que possuísse em sua livraria uma collecção completa dos nossos Poetas desde a epocha em que a nossa poesia principiou a merecer este nome até ao meado do seculo dezesete, estou bem certo de que esse homem, tendo attentamente examinado aquella multidão de livros, assentaria como ponto de fé, que Portugal era a nação mais campestre da Europa, e que a maior parte dos seus habitantes não tinham mais vida, que pastorear rebanhos, e andar vagueando com elles por bosques, e serras como os Tartaros, os Scythas, e os Arabes Beduinós; e não ficaria o pobre Japonez pouco assombrado, si algum estrangeiro lhe dissesse que pelo contrario os Portuguezes eram talvez de todos os Europeos os menos afeiçoados á vida do campo; que os mesmos que nelle nascem, ou vivem nelle, se empregam de má vontade aos seus trabalhos, e correm para as Cidades, a buscar fortuna, e quando a não encontram, preferem mendigar ali, a voltar para as suas Aldéas.

E apesar disso seria mais que justa a conjectura do cultor d'Amida, á vista da immensidade de Eclogas, e ou-

tras Poesias Bolicas, que se encontram no nosso Parnaso. Desde que o assucarado, e derretido Bernardim Ribeiro deixou o exemplo destas composições, ninguem se julgou Poeta sem haver produzido algumas Eclogas. Compoz Eclogas Sá e Miranda, Eclogas Ferreira, Eclogas Bernardes, e Frey Agostinho da Cruz, Eclogas Caminha, e Luiz de Camões, Eclogas quasi todos os Poetas Seiscentistas, até os Arcades, que nos reformaram a poesia, compozeram Eclogas, e a mania bucolica chegou ao excesso que todos, ou quasi todos os Poetas tomavam nomes pastoris, e no estylo pastoril escreviam, e tractavam os assumptos mais estranhos a semilhante estylo, e se não fosse verdadeira ociosidade, não me faltariam exemplos que citar em apoio desta asserção.

Não admira pois que á vista desta pratica Frey Bernardo de Brito tambem compozesse Eclogas á sua Sylvia, trez sam as que delle nos restam, ambas em Tercetos, e que pelo estylo, e versificação nada desmerecem da maior parte das, que escreveram os seus contemporaneos: ha porém nellas mais poesia descriptiva do que então se usava. Vêja-se o exordio da primeira.

Sobre as agoas, que o Téjo, já cançado
De receber as doces de mil fontes,
Sepulta sem rumor no mar salgado.

A' horas que no mais alto dos montes
O Sol c'os raios de ouro se mostrava,
Fazendo saudosos horisontes,

Do simples Passarinho publicava
A delicada voz muitos amores,
C'o grito que em mil quebros ordenava.

Ouvia-se mil flautas de Pastores,
Cujo alegre som, c'o brando vento,
Causava dentro n'alma novas dôres.

E do rabel, e musico instrumento
A voz que de mui longe ali se ouvia,
Alevantava mais o pensamento.

E dentre as claras ondas se sentia
Hum rumor saudoso, e alterado
Quando huma cousa n'outra se feria.

Saltava o mudo Peixe alvoraçado
A brandura do Tempo festejando,
Por entre o cristal manso, e socegado.
O gado pelos valles caminhando
Se recolhia já pera as Aldéas,
As horas do abrigo adivinhando.
Sentia-se hum rumor sobre as colméas
Do surdo Enxame novo, que se vinha
A's casas recolher de flôres chéas.
O Rouxinol, que a sombra já visinha
Da Noite sobre si considerava,
Em novas harmonias se detinha.
Tudo paixões d'amor representava,
E Lysardo presente a todas ellas,
Como se ausente fôra, as contemplava.

Esta pintura é a meu vêr rica, variada, e bem colorida, e bem se vê que o Historiographo Frey Bernardo de Brito não era tão mingoado de talento poetico como alguns o tem querido fazer. Nos queixumes que o Pastor Liseo fôrma nesta Ecloga da sua Sylvia encontra-se trechos cheios de paixão, de sensibilidade, e de um tom que não sabe fôra do genero.

Olha, Sylvia desta alma, que a dureza
Metida nesses olhos de esperança
Faz notavel affronta á Natureza.

Pois ella nos signaes mostra bonança,
Não a faças falsaria com mostrares
No que ella firme fez tanta mudança.

Pois te dotou de graças singulares,
Satisfaze, Pastora, hum bem tamanho
Sómente com te rir quando matares.

Que não fica morrendo pouco ganho
A aquelle, que por ti morre d'amores,
Vêr presente em seu mal bem tão estranho.

Que se alcançara vêr em minhas dôres
Hum gosto de te vêr contente dellas,
Não pertendera mais outros favores

Porém como he possível padece-las
Quem de ti não vê mais em tantos annos
Que a causa, que inda vê, para soffre-las?

Mostraras-me, si quer, doces enganos,
E com elles ficaram meus cuidados
Satisfeitos na paga de seus damnos.

Ah Sylvia dos meus olhos quam chorados
Tenho teus desfavores nesta Serra,
Que já vêjo enfiada de meus brados!

Quantos ais de si dentro em vão enserra
O concavo rochedo deste monte
Bastantes a fazer com bronzes guerra?

Nos seguintes versos do Pastor Melampo parece reverberar a graça, e suavidade de toques que tanto se admiram, e louvam nas Pastoraes de Diogo Bernardes.

Pastor, sobre estas fragoas
Cantei já mil cantigas amorosas,
E publiquei a Sylvia minhas magoas.
Aqui lhe trouxe já crôas de rosas,
E me vi da ventura tão mimoso,
Que em premio me entregou as mãos mimosas.

E, pera me fazer mais venturoso,
Com lagrimas mostrou quanto sentia
Vêr-me partir de si triste, e choroso.

E eterna fé me deu, que não faria
Fortuna neste amor nunca mudança,
Mas apesar do Tempo o guardaria.

Agora me disseram que esperança
Trazias de alcançar della favores
Posta sobre indiscreta confiança.

Podes buscar, Lysardo, outros amores
Que além desses, que tractas, me offenderem,
Não terás delles mais que cem mil dôres.

E quando em mór ventura te pozerem
Sam favores em fim d'outrem deixados,
Que si huma vez animam, outra ferem.

Emprega em melhor parte os teus cuidados,
Que mil Pastoras ha que te desejam,
Em quem podem ficar bem empregados.

Este estylo, estas idéas, e modos de dizer sam rigorosamente Bucolicos, e abonam o talento imitativo de Frey Bernardo de Brito.

Igual character se encontra na Ecloga segunda, por exemplo.

Vio de Sylvia o rosto transparente,
 E, nas perfeições d'elle transformado,
 Se via de si mesmo estar ausente.
 Queria-lhe fallar, mas enleado
 Ficava nos receios de offende-la,
 Que he natural temor ao namorado.
 Os olhos levantava pera vella,
 E quando c'os de Sylvia se encontravam,
 Tornavam-se a abaixar com temor della.
 Oh que segredos d'alma se fallavam
 Entre aquelle calar, e que conceitos
 Os olhos, com se vér communicavam !
 O fogo, que abrazava os brandos peitos,
 Mostrava com suspiros signaes certos,
 Que não tinha os ardores contrafeitos.

.....

E pois a taes extremos me chegaste
 Ou me torna qual fui antes de vér-te,
 Ou leva tudo o mais, que me deixaste.
 E, si na morte posso comprazer-te,
 Mais que na triste vida, que aborreces,
 Antes a morte quero que offender-te.
 Dize-me só, Pastora, que agradeces
 A vida, que por ti estimo em nada,
 E sem ella verás quem nella impeces.
 Oh Sylvia de meus olhos, quam trocada
 Me tens a condição, que em tempo antigo
 Foi, por livre, de muitos invejada !
 Levou-me tua graça lá comsigo
 Hum cuidado, que em si nenhum trazia,
 E mil de amor cruel deixou comigo !
 Achq guerra cruel na phantasia
 Sem ver d'onde nasceo ao pensamento
 Perder aquella paz, em que vivia.

E o que me dobra mais este tormento
 He vêr que em tão severa gravidade
 Lanço sem fruto algum gritos ao vento.

.....
 E porque em algum ponto iguaes fiquemos,
 Eu em querer, e tu em ser formosa
 Ficaremos no Mundo por extremos.

Que quem chegou a cousa tão honrosa,
 De quem o Mundo todo tem inveja,
 A morte fica nelle mui lustrosa.

E si o meu pensamento mais deseja
 Que morrer por servir-te, o Ceo, e a Terra
 Contra mim conjurados sempre vêja.

Negue-me pasto ao Gado a fresca Serra,
 E quando fôr beber, seque-se a fonte,
 Que neste Cinceiral verde se enserra.

Morra com saudade neste monte,
 Sem ter Pastor estranho, nem amigo,
 A quem minha paixão estranha conte.

Seja-me o brando amor sempre inimigo,
 E de ti com taes veras desamado,
 Que mais gozar não possa paz comtigo.

E por traidor nas leys d'amor julgado
 Me vêja entre as Nymphas, e os Pastores
 E como tal de todos affrontado.

Assim como a Ecloga antecedente principia por uma bella pintura do pôr do Sol o Poeta faz que esta principie por um quadro do meio dia, que nada cede ao outro na belleza da poesia descriptiva.

Pelo ardor do Sol que já tocava
 O ponto principal do Meiodia,
 Todo o animal da calma repousava.

Este ultimo verso é de Luiz de Camões.

Nenhuma voz humana se sentia,
 Mas em commum silencio sepultada
 A Terra, e fresca varzea parecia.

No meio da Floresta mais ramada
 Descançam as Ovelhas, e Cordeiros,
 Em roda mui igual, e compassada.
 Ouviam-se as Cigarras nos Ulmeiros
 Com importuno grito entristecendo
 O Echo, que responde entre os Outeiros.
 As manadas de Bois, que hiam descendo
 A se meter no Téjo socegado,
 C'hum rustica paz si estam lambendo.
 E o Touro feroz, estimulado
 Com a bruta affeição da Vacca bella,
 Atrôa o manso Rio com seu brado.
 Sente-se com voz branda Phylomella
 Cantar d'entre os Cinceiros suas magoas,
 E dar gritos o Melro junto della.
 Ouvia-se hum rumor das claras agoas,
 Que se vinham lançando lá do Monte.
 Quaes serpes de cristal por entre as *fragoas*.
 Está o Pintasirgo sobre a fonte
 Banhando-se com voz palreira, e leda,
 Sem que a ligeira penna se deponte.
 E o negro Estorninho, que se enreda
 No laço, que entre a herva se escondia,
 Com gritos se magôa de tal quêda.

Frangoas, está aqui empregada em lugar de *fragas*, ou rochedos; na mesma significação se depara algumas vezes em os versos de Diogo Bernardes, e de Frey Agostinho da Cruz; Camões porém usa della como synonymo de forjas, ou fornalhas, unica acceção em que é hoje tomado este vocabulo, pois aos rochedos chamam *fragas*.

Nas frangoas immortaes, onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes.

Camões.

O Preambulo da Ecloga terceira differe das outras em ser em oitava ryma contendo uma especie de proposição, e dedicatoria aos corações amantes, mas o corpo do Poe-

ma é em tercetos como as outras, e como quasi todas as de Ferreira, Bernardes, e Caminha; os Quinhentistas faziam grande uso desta combinação rhythmica, que na verdade é das mais felizes, até houve Poetas que não duvidaram de emprega-la em Poemas longos, como Dante na sua *Divina Comedia*, Fazio degl'Uberti no seu *Deltamondo*, e Menzini na sua *Arte Poetica*, e alguns outros.

Nesta Ecloga dous Pastores, Lysardo, e Albano, tem entre si uma larga pratica a respeito de Amor, em que o Poeta derrama muitas idéas engenhosas, e quasi sempre bem expressadas. Albano diz a Lysardo

Ha mil dias, Lysardo, que desejo
Saber do mal de amor algum segredo;
Por quem tantos Pastores morrer vêjo.

E como de seus damnos tenho medo,
Antes de fazer d'elle experiencia;
Folgarei que me digas seu enredo.

E sendo isto materia de Sciencia;
De ti a ouvirei com grande gosto;
Que a tudo dás gentil expediencia.

Sentemo-nos aqui neste recosto,
Que á sombra destes Myrthos levantados,
Poderemos estar the ao Sol posto,

E porque vam os termos ordenados,
Pergunto que é o Amor por quem a Gente
Traz em duro tormento seus cuidados?

A causa porque todos vulgarmente
O celebram com nome de Cupido,
E o pintam em fórma de innocente?

Que quer dizer o arco tam temido,
E as ligeiras azas, com que vôa,
E as vendas, com que o rosto traz cingido?

A setta, com que os Campos despovôa,
De isemptos corações, que a liberdade
Engeitam, e a paixão julgam por bôa.

Si sam isto patranhas d'outra idade,
Que as velhas compozeram em cantigas
Ou cousas assentadas em verdade?

A esta multidão de perguntas, Lysardo responde pelo modo seguinte.

LYSARDO.

Oh ventoroso tu, pois só da guerra
Que Amor ordena (disse então Lysardo,)
Apascentas o Gado nesta Serra.

E cem mil vezes triste eu só que guardo
O meu em mil cuidados trabalhosos,
Sem nunca vêr o fim, que sempre aguardo.

Porque não ha cuidado que hum mal traga
Sem vir de huma esperança acompanhado,
Que serve ao pensamento de Triaga.

E pois de amor desejás explicado
O ponto, em que consiste sua essencia,
E o segredo, que tem menos cesado.

Inda que fique áquem minha Sciencia,
Ficarás entendendo alguma parte,
Si com tudo tiveres advertencia.

Porque as cousas d'amor sam de tal arte,
Que, si apartares dellas o sentido,
Será trabalho vão nellas cançar-te.

Sabe pois que o Amor bem diffinido
He huma alma commua das potencias,
E hum segredo contra elles conhecido.

E como huma alma tem trez excellencias
De memoria, vontade, e entendimento,
Daquella só Essencia trez essencias.

Assim ellas em si tem certo assento,
Que em tudo quanto intenta vai servindo,
De huma conforme Ley, e regimento.

E como em consistorio conferindo
O que o sentido traz por sua via,
Vam o justo do injusto dividindo.

Porque si a vista manda á phantasia
Alguma perfeição extraordinaria,
O sentido commum serve de guia.

E levando-a já de fórma varia,
A poem com perfeição mais realçada
Ante outra Potestada mais plenaria.

Ali do entendimento ella he julgada,
Que achando boa ser, manda á vontade
Que a tenha no seu centro bem guardada.

E como a já recebe de Verdade
A Memoria, d'entre ambos companheira.
A sobe n'outro ponto, e dignidade.

Porque a fixa em si de tal maneira
Que em todos os rebates da lembrança
A faz logo a vontade ser primeira.

E quando sente indicios de mudança
Alembra o pensamento que lhe importa
Pezar tudo em justissima balança.

Assi que si a vontade sente morta
A fé que lhe entregou o Entendimento,
Com os bens da Memoria se conforta.

E recebendo della novo alento,
Se inflamma no desejo, que se espera,
Fazendo mais entregue o pensamento.

E como esta vontade, que antes hera
Regida da Razão, se depravou,
Tardando-lhe o desejo, desespera.

Que como dentro em si depositou
Belleza, que o juizo houve por bôa,
Cuida que logo a posse lhe entregou.

E como deste engano se magôa,
Daqui se gera a dôr, que o triste amante
Em saudosos versos apregôa.

Toda esta philosophia póde ser muito boa, muito verdadeira, muito sublime; porém tenho que é muito inconveniente na bocca de um Pastor, e n'um Poema deste genero, e parece-me que o Poeta faltou aqui ao decoreo pelo desejo immoderado de alardear a sua sciencia, esquecendo-se da sentença tão judiciosa de Bernardes

Está tão mal a hum Pastor de Cabras
Tractar de Astrologia, e Medicina,
Como a hum grande Rey de Gado e Labras.

quid decet, et quid convenit é uma das regras capitaes da Poetica, e da Rhetorica segundo Quintiliano, ou segun-

do a razão fallando pela bocca do grande Rhetorico de Roma.

Não farei a mesma censura de inconveniencia á explicação, que dá Lysardo da fôrma symbolica, com que os antigos pintaram o amor, visto que não excede a comprehensão de um homem do campo, e muito mais si o julgarmos educado nos principios do polytheismo.

Agora quanto ao nome extravagante,
Que os Antigos lhe deram de Cupido,
De segredo tambem foi importante.

Porque o peito, que amor já traz rendido,
No desejo do que ama affervorado,
He d'hum fero appetite combatido.

E como este nome interpretado
Significa appetite, antigamente
Lho deram por não ter outro alcançado.

E pinta-lo Minino a mais da Gente
Foi para declarar, que Amor do peito
Velhice em suas cinzas não consente.

Pelo arco, e pelas settas o conceito
Quizeram ensinar da Liberdade,
Com que nos fere o Amor sem ter respeito.

Pelas azas, que tem, a brevidade,
Com que ensina a vôar o pensamento
Dos ausentes, que se amam de verdade.

Pola banda dos olhos quam isempto
Está de olhar respeitos quem bem ama,
A' conta de seguir seu firme intento.

E quanto he pouco attento pela fama,
E por outros contrastes perigosos,
Quem do vendado Amor sentio a flamma.

De modo que os provérbios fabulosos
Foram antigamente, Albano amigo,
Fundados em segredos proveitosos.

Julgo desnecessario fazer menção especial do resto das poesias de Frey Bernardo de Brito, constantes de Trovas no estylo nacional, Quintilhas, Voltas, Romances, quasi todos em Castelhana, bastará dizer que todos estes Poemas sam bem pensados, e bem escriptos como tudo quan-

to sahio da penna do Author, seria para desejar que alguém fizesse nova edição destas Obras, que estão quasi inteiramente, esquecidas; e promettem desaparecer de todo dentro de pouco tempo.

Ou fosse porque o clima de Madrid não fosse favoravel ao temperamento do Poeta, ou porque as suas continuadas tarefas literarias, e incessante estudo, houvessem deteriorado a sua constituição o certo é que Frey Bernardo de Brito começou a padecer, e sentindo-se cada vez mais defecado teve por conselho dos Medicos de voltar a Portugal, com a esperança de que os ares patrios poderiam restabelece-lo; recolheu-se a Almeida, onde nascera; mas hindo ali cada vez a peor, falleceo em 27 de Fevereiro de 1617, quando contava quarenta e sete annos de idade, e trinta e dous de religioso.

Seu corpo foi levado ao Mosteiro d'Aguiar, da Ordem Cisterciense, situado a trez legoas d'Almeida, e dali transferido em 1649 para o de Alcobaça, onde foi sepultado na Casa do Capitulo, com este epithaphio:

*Condita Lusiadum tumulo, qui gesta revelat,
Bernardus Britto conditur hoc tumulo,
Inter scriptores magnus, Chronistaque major
Regius, a stylo maximus ipse fuit.*

Além da *Sylvia de Lysardo*, que sahio em 1597 sem o seu nome, compoz, e deixou impresso segundo refere Barbosa:

Historia de Sertorio e sua mulher Rorea, fundação da Cidade d'Evora, e derivação do seu nome, escripta em quatro Cantos, e acabada em 1591.

Seria curioso examinar este pequeno Poema, que nos daria idéa do talento epico do Author da Monarchia Lusitana; é muito natural que elle existisse entre os copiosos manuscriptos da Livraria de Alcobaça; mas que caminho levaria elle com a suppressão dos Conventos?

CAPITULO IV.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

De todas as Cidades de Portugal, si exceptuarmos Lisboa, nenhuma pôde competir com o Porto no número de Literatos, e especialmente de Poetas, que tem produzido, e entre estes tem um logar muito distincto D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

Esta senhora foi filha de Ignacio Ferreira Leitão, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór do Reino; e de sua mulher D. Paula de Sá Pereira, e nasceo na segunda Capital do Reino em 1595.

A natureza a dotou de grande belleza, e de graça singular nas suas acções, e gestos, dando desde a sua infancia manifestos signaes de comprehensão, e agudeza de engenho, reunindo assim, o que mui raras vezes succede, a descripção, e a formosura.

Havendo recebido de seus Pais uma educação esmerada, e scientifica, estudou com grande aproveitamento as sciencias divinas, e humanas, tornando-se igualmente muito perita nas artes liberaes, e com especialidade na poesia, em que depreça grangeou grande reputação, e nomeada.

Fallou com muita facilidade, e escrevia com muita elegancia tanto a lingua do antigo Lacio, como a Italiana, Franceza, e Hespanhola, como o provam os escriptos, em prosa, e verso, que nellas deixou.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, foi celebrada pelos melhores Poetas do seu tempo, tanto Portuguezes, como Castelhanos, distinguindo-se entre elles o famoso Lope de Vega Carpio, que lhe dedicou a sua Ecloga *Phylis*, impressa em 1635. Manoel de Faria e Sousa na sua *Fuente d'Aganippe*, Parte III. Estança III. Soror Violante do Ceo nas suas rymas, varias, pag. 34. Manoel de Galhe-

gos no Templo da Memoria, Livro IV. a exhorta por este modo a celebrar as nupcias do Duque de Bragança.

Dona Bernarda, engenho soberano,
Que cantando de Hespanha a Liberdade,
Deu que admirar á Esposa de Lucano,
E fez mais venturosa a nossa idade,
Nos Heroes de Bragança, e de Medina
Grandezas tem de mil Poemas dina.

O Padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio de Lisboa, grande Poeta Latino, e Editor do *Corpus Poetarum Lusitanorum*, em que juntou as melhores Obras dos Poetas Portuguezes, que escreveram em Latim, estava tão possuido do merito poetico de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que no seu Poema intitulado *Enthusiasmus Poeticus*, que precede a collecção dos seus Epigrammas Latinos, não duvidou escrever.

*Certabant magna vi, coram judice Phebo,
Eutherpe, Clioque simul, qua sede Lacerda
Digna foret meritis pro tantis; ista sedile
Se prope deberi tot bellica facta canenti,
Sublato clamore docet; docet illa locari
Cum Lyricis debere suis, et carmina testes
Dulcia producit, quæ ardua calmina montis,
Quem colit Heliadum Gens, cælo proxima, cantat
Judicium Phæbi tandem fuit; utraque vincant,
Utraque Bernardam sibi sumant: Una duabus
Sufficito.*

TRADUÇÃO.

Perante Phebo, que Juiz as ouve,
Eutherpe, e Clio ardentes disputavam
Que lugar a Lacerda pertencia
Por seus meritos grandes; esta affirma
Que a que tantos cantou bellicos feitos
Junto a si estar cumpre: affirma a outra
Que entre os Lyricos seus sentar-se deve,
E chama em prova os mui suaves versos,
Com que os cumes cantou, que os Ceos entestam,

Habitação da Heliada Família.

« Vençam ambas, (de Apollo eis a Sentença)

« Fique Bernarda ás duas pertencendo,

« Que Bernarda he bastante ás Musas ambas. »

Não tractarei aqui de averiguar até que ponto é merecido este elogio, e até que ponto é exaggerado; mas elle prova a grande reputação, de que a nossa Poetisa gozava entre os seus contemporaneos, visto que um Varão serio, um homem tão erudito, e tão distincto na poesia, não daviidou aventura-lo, em um Poema, em que tracta de louvar uma multidão de Poetas Portuguezes, Latinos, e vulgares, de que grande parte viviam, sem rectear offendendo-os, e provocar o riso, ou a censura de muitos delles, que sem dâvida estavam no Parnaso em lugar mui superior a D. Bernarda Ferreira de Lacerda, é pois evidente que a opinião pública, bem, ou mal fundada não importa, estava da sua parte.

A reputação de saber, e de virtude, de que esta senhora gozava foi parte para que Philippe III. vindo a Portugal no anno de 1621 a quizesse honrar com a nomeação de Mestre dos Príncipe D. Carlos, e D. Fernando; porém não pôde conseguir que ella acceitasse um cargo tão importante, e que despertava tantas ambições.

Casou D. Bernarda Ferreira de Lacerda com Fernão Corrêa de Sousa, fidalgo de nobre linhagem, de quem teve alguns filhos, que morreram de morte prematura, assim como seu marido, a quem também sobreviveo.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda soffreu todos estes golpes com uma paciencia, e resignação verdadeiramente christã, mas sem alardo, nem ufania do estoicismo, com que certas almas pouco sensiveis costumam dourar, e desfarçar a sua dureza, e desamor.

Ella estava bem longe da fatuidade de julgar que desabonava a sua philosophia vertendo sincetas lagrimas sobre a sepultura do esposo, que sempre tinha amado extremosa, e as daquelles filhos, cuja educação lhe devera tantos desvelos, e de quem esperava nova illustração para a sua família.

Reconcentrou pois todos os seus affectos na pessoa de sua filha D. Maria Clara de Menezes, que na verdade era

digna de tal Mãi, a quem imitou sempre nas virtudes, e na descripção.

Buscou além disso consolação, e lenitivo das suas magoas nas praticas da devoção, e no cultivo das letras, como o tem sempre feito tantos homens grandes victimas dos caprichos da fortuna, da ingratitude dos homens, ou dos males, com que a natureza nos abbrevia o estame da existencia.

A velhice, que a ninguém perdoa, visitou finalmente esta illustre senhora, com uma severidade, que de certo suas virtudes não mereciam, rodeando-a de penosos achaques, e padecimentos, que lhe deram largo campo para exercitar a sua paciencia, e resignação christã, até que exauridas de todo as suas forças, entregou a alma ao seu Creator no dia primeiro de Outubro de 1644.

O corpo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, foi conduzido por um grande número de pessoas, que em vida haviam sido admiradoras das suas virtudes, e dos seus talentos, ao Convento de Nossa Senhora dos Remedios desta Cidade, onde depois de um pomposo officio de corpo presente, foi sepultada em um decente mausoleo de porfido, e alabastro do lado do Evangelho na Capella de S. José, onde já descansavam as cinzas de seu fallecido esposo, Fernão Corrêa de Sousa; em honra dos dous consortes se gravou ali o seguinte Epithaphio, de estylo um tanto enfatico conforme o gosto, que naquelle tempo dominava.

Fernão Corrêa de Sousa,

D. Bernarda Ferreira de Lacerda,

Offerecem aqui quotidianô sacrificio,

E esperam o Dia da Immortalidade;

Nasceram com honra,

Viveram com applauso,

Morreram com exemplo;

Felizes singularmente ambos,

Elle na sorte de tão digna Mulher,

Ella nos dotes de huma alma tão sublime,

Que sem igual, na idade presente,

Venceo a fama das passadas;

Sua erudição, juizo, engenho,

E a grandeza do seu espirito,

Cantou com heroico estylo

A Hespanha Libertada;

Sua piedade, devoção, e virtude para com Deos,

Despreso, e esquecimento do Mundo,

Repetem com saudosa, e celestial harmonia,

Os Echos das saudades do Bussaco,

Seus Escriptos sam seu retrato,

Suas cinzas nosso desengano,

Foi laureado no Paraíso do Ceo

Em o 1.º de Outubro de 1644.

Como o Convento dos Remedios foi extincto, e profanada a Igreja em 1834, que jaz hoje em completo abandono, ignoro se ainda lá existe o mausoleo de D. Bernarda, e seu Esposo, ou se seria destruido com as mais obras, e retabulos das Capellas, que adornavam aquelle Templo.

Esta Poetisa escreveu grande número de Obras porém a maior parte dellas não viram a luz pública, e essas mesmas que se imprimiram sam hoje quasi desconhecidas; de modo que a fama da Authora é mais tradicional do que fundada no exame, e conhecimento das suas produções; as que tenho visto sam as seguintes.

Saudades do Bussaco. Lisboa 1634, formato de doze; contém versos de diferentes sortes escriptos em lingua Portugueza, Italiana, e Hespanhola. Estas poesias sam escriptas com muita elegancia, engenho, e optima versificação como tudo o que sahio da penna daquella erudita, e estimavel Senhora.

Alguns Sonetos, Decimas, e outras composições em louvor de alguns Authores, que as imprimiram á frente das suas Obras, como recommendação do merito dellas, conforme o costume daquelles tempos.

Espana Libertada, primeira parte. Lisboa 1618, em 4.º A parte segunda, posthuma, sahio á luz por diligencia de sua filha D. Maria Clara de Menezes. Lisboa 1673, em 4.º A terceira parte ficou incompleta por morte da Authora. Este Poema é escripto em oitava ryma; e no principio d'elle a Authora, fallando com a patria, dá a razão de o haver escripto em Castelhana, e não em Portuguez.

Comfiesso de tu lingua que merece
Mejor logar después de la Latina,

Con que en muchas palahras se parece,
Y es como ella de toda Historia dina ;
Y péro el ser tan buena la obscurece,
Y assi la estraña Gente nunca atina
Com su pronunciacion, y dulces modos,
Y la Española es facil para todos.

Não sei que seja mais facil para um estrangeiro o entender, e aprender Castelhana, do que Português, sendo ambas as linguas tão parecidas em sua syntaxe, e prosodia ; tambem me parece falso que o Português tenha uma pronunçiação mais custosa de imitar do que a Hespanhola, pelo contrario tenho visto uma multidão de Inglezes, Alemães, Dinamarquezes, Iliricos, Italianos, e Judeos, pronunciarem o Português com mais perfeição, e melhor accento do que pronunciavam o Castelhana. É verdade que os Francezes de ordinario tornam graves as nossas dicções esdruxulas ; mas isso provém sómente delles não terem esses vocabulos dactilicos no seu Idyoma materno, e o mesmo lhe acontece quando pronunciam o Castelhana, ou o Toscano ; é por tanto friovolo, e sem fundamento o pretexto, de que a Authora lança mão para desculpar-se daquella especie de ingratição para com o idyoma nacional ; porém isso mesmo prova o que asseverei em outra parte desta Obra ; a saber, que si alguns dos nossos Poetas preferiram ao Português o Castelhana, não foi porque julgassem aquelle menos poetico, ou menos harmonioso, mas sim pelo desejo de terem mais Leitpres.

O España Libertada não pôde considerar-se um Poema Heroico, mas uma Chronica, ou muitas Chronicas postas em verso, e ligadas umas com as outras, sem fabula, sem contextura dramatica, e sem maravilhoso. Começa com a perda de Hespanha, e vai narrando todos os reinados dos Reis Hespanhoes, descrevendo as batalhas, que deram para libertar do jugo dos Mahometanos o seu paiz, e creio que a intenção da Authora era terminá-lo com a Conquista de Granada por Fernando, e Isabel, pois só então é que a Península Iberica pôde julgar-se verdadeiramente livre do jugo, e oppressão dos Muslimes, já se vê que este assumpto pôde dar materia para muitos Poemas Epicos com todas as suas partes de quantidade.

Além disso este Poema é pobre de poesia descriptiva, mingoado de sentenças, debil de pinturas, e de paixões, demasiadamente nú de comparações, e sem viveza, e colorido de estylo, o seu principal mérito consiste em alguns episodios como os Amores de Hormesinda, e Mahuza; a historia de Tello, a Vingança de D. Ramiro contra o Rei Mouro, que lhe seduzira, e roubara sua mulher; da maior parte destes episodios poderiam aproveitar-se os nossos Escriptores theatraes para comporem excellentes Dramas, si a leitura deste Poema estivesse mais vulgarisada.

Si a *Espanha Libertada*, escripta por pessoa de tanto talento, e de tanto saber como D. Bernarda Ferreira de Lacerda, sahio obra tão defeituosa, deve isso attribuir-se á difficuldade de empreza, que demandava mais talento do que a Authora na verdade possuia: a grande concepção da epopeia é só para os genios extraordinarios, que a natureza só cria de longe em longe, como se precisasse descansar depois do trabalho de produzi-los; é como a maça de Hercules, que não pôde ser manejada por guerreiros vulgares.

Na copiosa Livraria do Cardeal de Sousa existia um volumoso manuscrito de Obras de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, contendo algumas Comedias Hespanholas, Poesias de diferentes generos, Dialogos, algumas Obras Historicas, e umas Lyras em'aplauso d'El-Rei D. João IV., que começavam

Tinha roubado o Inverno a formosura.

Infelizmente para a nossa literatura o incendio, que se seguiu ao terremoto de 1755 devorou aquella Bibliotheca, e com ella este, e muitos outros thesouros literarios, que ali se encontravam amontoados.

Para dar alguma idéa do estylo desta Poetisa tão admirada no seu tempo, transcreveremos as Decimas endereçadas por ella ao nosso segundo Epico antigo Francisco de Sá de Menezes.

DECIMAS.

Si d'Albuquerque cantais,
A Fama de vós cantando,
Com vossa penna vôando,
Vos chega adonde a chegais :
Porque não ha subir mais,
E poucos subiram tanto ;
Sois ambos do Mundo espanto,
E de Lusitania gloria ;
Que illustre he sua memoria,
E divino o vosso canto.

Por vós vosso patrio Douro
Nova Aganippe se mostra,
Vendo que a vossos pés postra
Apollo seu plectro de ouro.
O Téjo de verde louro
A's Nymphas manda mais bellas
Vos teçam dignas capellas :
Que o Ganges, por mais galantes,
Vos offerta de diamantes
Tão claros como as Estrellas.

De ouro, e perlas vos presenta
Preciosissima grinalda,
Que com palmas de esmeralda
Glorias, triumphos ostenta
Mas por mais que a Arte inventa,
E que o Engenho se cança,
Nenhum louvor se abalança
Com tanto merecimento ;
Que he só vosso entendimento
Quem a si mesmo se alcança.

D'aquella illustre victoria
Foi vosso sangue gran parte,
Que o rigor amou de Marte,
Por ganhar tão alta gloria,
Porém deixo esta memoria

Do nome Sá, pois me toca,
Passe a quem por vós na bocca
Da Fama immortal se véja,
Pois por vossa a mesma inveja
Em seus louvores provoca.

Por vós, claro Sá, se espera
Que novo valor tomando,
Vá com triumpho vôando
Sobre a quarta, e quinta esphera.
Por singular vos venera
Quem corre estas folhas bellas,
Admirando as Flores dellas.
Que com perpetuo verdor,
Sam da Aurora resplendor,
E emulação das Estrellas.

Tambem sam desta illustre Poetisa as doze Oitavas, que servem de argumento a cada um dos Cantos da *Malaca Conquistada*, e será difficil achar obra deste genero com igual merecimento, pois além de resumirem em pequeno quadro todos os factos essenciaes de cada Canto, sam escriptos em estylo mui poetico, em bellos versos, e com admiravel facilidade.

Igual, ou talvez maior merecimento se encontra nas outras doze Oitavas, que D. Bernarda Ferreira de Lacerda compoz para argumento de cada um dos Cantos da *Ulysseia* do Doutor Gabriel Pereira de Castro; e ainda lhe daremos mais apreço, si nos lembrarmos que ha muitos Poemas Epicos, cujos argumentos sem embargo de haverem sido compostos pelos proprios Authores, nem por isso explicam o assumpto de cada Canto com tanta clareza, e perspicuidade, e exacção.

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRÍTICO.

LIVRO X.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Diogo de Sousa.

Na Villa de Pereno, não distante da Cidade de Coimbra, nasceo este Poeta vulgarmente conhecido pela denominação de *Diogo Camacho*, que elle tomou no mais importante dos seus Poemas.

O erudito Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitania é tão escasso de noticias a respeito deste Poeta, que nem ao menos nos indica o anno do seu nascimento, nem do seu obito, limitando-se a dizer que *fôra ornado de sublime genio para a poesia, e que compoz varias obras*, o que com effeito é verdade.

O que pude collegir do que deixaram escripto alguns Autores, é que Diogo de Sousa pertencia a uma familia distincta, que teve uma educação esmerada, que frequentou a Universidade de Coimbra, exerceo a profissão de Advogado, nesta Cidade.

Diogo de Sousa foi um daquelles homens raros, que se mostram superiores ás preocupações do seu seculo. Florescia em um tempo, em que a Eschola de Gongora estava no apogeu da sua gloria, e em que os maiores engenhos se deixavam arrastar da torrente, dando no estylo affectado, methaphorico, e phantastico, elle levado de bom gosto, e discrição, de que o havia dotado a natureza, preferio imitar a nobre simplicidade dos Gregos, e

dos Romanos, e dos alumnos da eschola, de Camões, que os contemporaneos d'elle Diogo de Sousa tractavam sem cerimonia de espiritos acanhados, rudes, e incultos.

Não contente com esta preferencia dada aos antigos, elle empregou a sua chistosa dicacidade, e maneira graciosa em ridiculisar sem piedade os Gongoristas, fazendo sentir os defeitos do seu estylo, e modo de poetar.

É grande pena que a maior parte dos seus escriptos se perdesse, ou esteja em manuscripto sepultada nas bibliothecas de alguns curiosos, que talvez não os aperciem, e até nem ao menos saibam de cuja penna sahiram, havendo sómente sido dada á luz a sua *Jornada ás Côrtes do Parnaso*, que Mathias Pereira da Silva incluiu no Tomo V. da *Phenix renascida*, collecção de poesias na verdade feita sem escolha, nem ordem, onde o mau, e o bom se acham confundidos, mas que com o Postilhão de Apollo, sam o unico repertorio das Obras daquelle tempo, e que o critico não pôde deixar de consultar, para ter conhecimento dos Poetas, que então floresceram, ou para escrever a historia da nossa poesia.

A Jornada de Diogo Camacho ás Côrtes do Parnaso unica composição de Diogo de Sousa, que ali se apresenta, é um Poema em dous Cantos, e em Tercetos, e de mui pequena extensão.

De tantas Obras, que os Poetas Seiscentistas nos deixaram escriptas em estylo burlesco, ou jocoserio é esta sem dúvida a que merece a preferencia. O Authorahi mostra muito engenho, bastante imaginação, optimo criterio, mui vivo colorido, expressão forte, muita graça, e naturalidade, e mui facil, e corrente versificação. Vê-se bem que o Author tinha feito bons, e regulares estudos, e que tinha com grande proveito praticado o judicioso preceito de Horacio

*Vos exemplaria Greca
Nocturna versate manu, versate diurna.*

A idéa da Jornada ás Côrtes do Parnaso foi visivelmente suggerida ao Author pelo Poema de Miguel de Cervantes sobre o mesmo assumpto, e que é também escripto em Tercetos com aquella graça, e engenho, que

caraterisa tudo quanto sahio da elegante, e fecunda penna do Author de D. Quixote, que Voltaire julgava o unico livro bom dos Hespanhoes, e que os melhores Criticos da Europa, que estudaram a fundo a Literatura dos nossos visinhos, avaliam por um dos melhores.

Cumpre porém advirtir que Diogo de Sousa não se contentou de ser um mero copista do Poeta Hespanhol; com tanta graça como elle, excede-o na versificação, e marcha livre, e desembaraçado por novo caminho. Critica, pinturas, allusões, circumstancias, episodios, pilherias, costumes, e apodaduras, tudo é novo, e tudo é original, podemos por tanto comparar Miguel de Cervantes, e Diogo de Sousa a dous habéis Escultores, que na mesma officina, com iguaes instrumentos, e trabalhando em pedra arrancada da mesma pedreira, fazem duas estatuas differentes.

Neste Poema parece que o unico fim do Author, ou pelo menos o principal, é meter a ridiculo os *Culteranistas*, as suas idéas affectadas, as suas metaphoras desasizadas, os seus contrapostos desparatados, tanto é certo que o verdadeiro talento é superior ás preocupações do seu seculo, posto que muitas vezes involuntariamente lhe ceda.

Passemos a dar aos Leitores uma idéa da Jornada ás Côrtes do Parnaso, a Obra, em que se funda toda a gloria de Diogo de Sousa, e que merece ser mais conhecida; o Poeta sem preambulos, nem invocações, principia dando-nos conta das razões, que o demoveram a emprender aquella Jornada.

Sahia o Sol a vinte, e trez de Maio
N'hum coche de Frisoës, com grandes garras,
Vinha diante a Aurora por Lacaio.

De traz em seus rocins vinhã m bizarras
As nove Irmãs cantando a moliã
Em bandurras, rabeis, lyras, guitarras.

Estava eu então pescando á canna
No Rio do Mondego celebrado,
Cuidando em certa Nympha Castelhana,

E para ella nas tripas já traçado
Tinha o melhor Soneto, que na vida
Fiz depois de taludo, e bem barbado.

Chegando a companhia esclarecida
Para dar de beber aos seus cavallos,
Fiz-lhe eu a submissão, que hera divida.

E apresentei ao Sol nove Bordalos
Que elle com cara alegre, e bom focinho,
A hum Nympha mandou fosse toma-los.

Hiam já todos fóra do caminho,
E para lho ensinar dei-lhe hum Podengo
Grande Piloto de entre Douro, e Minho.

E como o Sol he grande, e realengo,
Porque lhe dei Bordalos de presente,
Logo me fez Poeta Bordalengo.

E, para que ficasse mais contente,
Mandou-me dar sua Carta monitoria
Com armas, e signal, selo pendente.

Entrou com isso em mim tanta vangloria,
Que para que de todo não inchasse
Me fez hum furo por sahir a escoria.

Pedi-lhe então, que, tanto que chegasse
A' Villa de Porrinhos tão antiga,
O meu fiel Podengo me mandasse.

Avisei-o tambem que se a barriga
Por algum accidente lhe doesse,
Ou quizesse vasar sua bexiga,

Que dentro em Portugal o não fizesse,
Que em Galliza podia fazer tudo,
Monturo velho, que elle já conhecesse.

Esta allusão á sordidez, e pouco asseio dos Gallegos,
que o Author arrebeça de passagem, produz maior effei-
to porque o Leitor não espera por ella.

Julgou-me o Sol por Homem mui sisudo,
De rara habilitade, e que podia
Hum pedaço montar si fosse mudo.

Mas vendo-me inclinado á Poesia,
E que elle hera o Senhor, e o Pay della,
Que Apollo he Rey em lingua de Turquia.

Quiz-me fazer a mim tão grande nella,
Que me invejassem todos os Modernos
De Italia, França, Portugal, Castella.

E quiz que athe os Poetas dos Infernos,
(Porque ha poucos no Ceo) logo borrassem,
Em vendo os meus escriptos, seus cadernos.

E ás Musas mandou que despachassem
Correios pelo Mundo, que aos Poetas
A's Côrtes do Parnaso convocassem.

Ellas, que heram Mulheres mui discretas,
Buscaram Homens sãos, e corredores,
Que nunca se servissem de muletas.

E deram pinhoada, e lambedores
A'quelles, que mandaram ás terras frias,
Por causa de catharros, maus humores.

Aos, que hiam ás terras quentes melancias
Para passar as calmas trabalhosas,
Com que a Estrella do Cão chamusca os dias.

Depois disto ordenado, saudosas
De mim se despediram, me mandaram
Que fosse áquellas Côrtes tão famosas.

E sem mais se deter, logo montaram,
E foram traz o Sol, que hia diante,
Não saberei dizer se o alcançaram.

O novo Deputado ás Côrtes de Apollo, começa a apromptar-se para a grande jornada, e descreve as suas prevenções, e preparativos de uma maneira tão burlesca como engraçada.

Eu vendo-me ficar, no mesmo instante
Comecei a traçar de que maneira
Hiria honrado ás Côrtes de Levante.

Hera eu visinho de hum Ataphoneira,
A quem picava a pedra muitas vezes,
Por me livrar da fome, e da lazeira.

Fazia-lhe mil versos Portuguezes,
A que ella hera mui mais affeçoada
Que aos Gregos, aos Latinos, aos Francezes.

Boa dúvida! Mas note-se o artificio com que o satyrico zomba da mania dos Poetas do seu tempo, que parece que não se julgavam taes, se não abarrotaassem os seus canhenhos de versos amorosos, Sonetos, e Romances di-

rigidos ás vezes a objectos bẽm pouco dignos destes incensos, e ás vezes imaginarios! Quantas Lauras, quantas Corinas, quantas Philis, quantas Nises, si procurassemos vê-las, nos appareceriam em trages de atafoneiras, de capellistas, e criadas de servir, posto que os seus cantores as tivessem arvorado pomposamente em Nymphas, e Divindades.

A cara tinha hum pouco rascunhada,
Culpa de Amor, que em fim não ha quem fuja,
Si ama de siso, a huma pantufada.

A' feição se toucava de Coruja,
De sua qualidade, inda que pobre,
Constava no Cartorio de Azambuja.

Seu quarto Avô foi hum Gallego nobre,
O primeiro que ao hombro trouxe chuça
Vêde quanta nobreza o tempo encobre!

Hera Senhora de huma mula russa,
Que Reinaldo ganhou em Macedonia
Em singular batalha ao Mouro Muça.

E caminhando nella athe Polonia
Ali a deu a hum Sargento antigo,
E que a vendeu a certa Dona Antonia.

Esta caminhou nella sem perigo
Por toda a Hespanha, e França, athe que em Lagos
A carregou de passa, amendoa, e figo.

Depois por consentir alguns estragos,
Que trez Burras fizeram n'hum centeio
Teve horas más, e dias aziagos!

Athe que por seu bem a parar veio
Nesta Atafona, aonde por regalo
Caminhava ao redor sem trazer freio.

Nesta porque não tinha outro Cavallo,
Determinei partir para hir ás Côrtes,
Muito sentio meu bem tamanho aballo.

- Nesta pintura da Atafoneira, e na historia da sua mula, dá o Poeta novas provas da inexgotavel provisão de chistes, e pilherias, com que a natureza o dotara; e não será mui difficil descobrir neste trecho uma parodia de estylo de Homero.

Segue-se outro rasgo sátyrico, em que o Author mete jocosamente a bulha a superstição de deitar sortes para saber o futuro, que tão espalhada andava no seu tempo, e de que ainda não faltam exemplos no nosso, superstição herdada dos Gentios, propagada pelos livros dos Frades, e acreditada pelos rigores, e castigos atrozes com que a inquisição punia os suppostos feiticeiros, e bruxas, impostores, ou dementes, que desapareceram inteiramente, logo que cessaram de os perseguir, e desde que o povo mais desabusado deu em rir-se delles, em lugar de os temer. A descripção, que aqui se faz das materias, e das formulas empregadas nesta operação devinatoria, é palpitante de verdade, e de ridiculo.

Passatempos d'amor sam laços fortes,
Para saber se a ausencia os quebraria,
Lançou a Atafoneira algumas sortes.

Tinha huma amiga Velha, que sabia
Por sua idade tractar estes assumptos,
E quanto o grande Tamurlão fazia.

Untava-se ella com diversos untos,
E sussurrando peregrinas vozes,
Apparições fingia de Defuntos.

Azeite tinha de estilladas nozes,
E, de Homens corações, que justiçaaram,
Tirados pelas mãos dos seus algozes.

Em sua casa nunca lhe faltaram
Hervas, e pedras, que só ella escolhe,
Embigos de Mininos, que engeitaram.

A semente do feto, que se colhe
Na noite do gran Santo, e ainda nesta
O bravo Satanaz o veda, e tolhe.

Arruda, herva pinheira, que só presta
Para queimar-se pelo bem amado
O aypo, e o serpão, salva, e giesta.

Buço de Lobo, e corda de enforcado,
Do Gallo branco o pé, mão da Toupeira,
Do Gato negro o olho mal mirrhado.

Alguns cuidavam que hera Feiticeira
Por estas cirandages, mas ella hera
Mulher insigne, Bruxa verdacira.

Almanaques fazia, que podera
A Astrologos, e Medicos dar cabe,
Se a vida com mentir passar quizerá.

A Mana Maquieira, que isto sabe,
Não quer sem seu mandado, e seu conselho
Que eu me parta na Mula, e tudo acabe.

Trouxe-me a Velha enfim todo o apparelho,
E para a inteirar bem da verdade
Mostrou-me nú em hum quebrado espelho.

Constituido estava em dignidade
Com capella de ramos me interpreta,
Por Poeta subtil da nossa idade.

Destes graciosos Tercetos se depreheende que o Author estava mui sabedor da *materia medica* da bruxaria: nem cause estranheza eu chamar *materia medica* a este montão de cousas nojentas, e extravagantes, muitas destas drogas, e outras quejandas vem na *Polyanthea Medica* do Doutor Curvo Semedo, inculcadas como remedios soberanos a par do seu *Bezoartico*, e dos *Pós de Quintilio* que heram o *sara-tudo* daquelle famoso, e estupendo Facultativo.

O cuidado da Maquieira, ou Atafoneira, em não confiar a mula a Camacho antes de consultar uma Feiticeira sua visinha, é cousa que mesmo nos nossos dias póde ter sua applicação!

É certo que estamos, ao menos ostensivamente mais desapossados de superstições ridiculas, mas a crensa nos malifícios, e nos sortilegios ainda lavra como o fogo debaixo das cinzas nos corações do *devoto feminino sexo*, e isto não comprende só a plebe! Quantas dessas miuinhas elegantes, e bem fallantes, Leitoras do Paulo de Kock, e dos Jornaes de Modas, não teram recorrido a alguma visinha velha, ou a alguma mulher de virtude para lhe deitar sortes sobre a constancia dos seus amantes, sobre a probabilidade de um bom casamento, e outros negocios de igual interesse? Quantas não tem mandado salgar as portas das suas rivaes com a firme persuasão de lhe fazerem nisso um grande mal.

Ficou a Dama alegre, e mui quieta,
Porque o Amor ordenára, e a Ventura
Que fosse Nympha de tão gran Poeta!

E logo, sem mais publica escriptura,
A Mula me doou ajaezada
Sem mancha, sem lezão, sem matadura:

De Maio aos vinte e seis de madrugada
Com dous caixões de trovas pendurados
Nos arções, comecei minha jornada.

Chega a Lisboa, e um só verso lhe basta para escarnecer, e censurar a pouca limpeza, e aceio das ruas da Capital, talvez a mais immunda da Europa até ao estabelecimento do regimén constitucional, em que este ramo de policia foi levado á perfeição, em que ora o vemos, desembaraçando-se assim a Cidade das malignas, e outras epidemias, que nella eram tão frequentes.

Depois de nove dias já passados,
A Lisboa cheguei, onde os Trovistas
Andavam, com ser Junho, enlameados.

Invectiva os Musicos, a quem acusa de viverem aqui.

Como em Ginebra os mesmos Calvinistas,

Não tracta de hereges os Poetas; mas também os não poupa, uns porque fazem *rymas gordas*, outros porque fazem glosas magras; e ultimamente affreta uma fragata, que o leva com a mula a Aldê-galleja, d'onde parte para Evora em companhia de um vendedor volante. Chegado aquella Cidade, mete a ridiculo os seus habitantes pelo pouco cuidado, que põem, em conservar os monumentos antigos.

Ali hum Velho me mostrou hum Talha,
Que antigamente fôra de Sertorio,
Nem Evora já tem outra antigualhá.

Entrámos igualmente em Consistorio
Meu companheiro, e eu; elle dizia
Que Evora tinha rico lavatorio,

Eu, que hera intemperada em demasia;
Em Junho, Julho, Agosto ardente fragoa,
Em Dezembro, e Janeiro neve fria.

Partimo-nos daqui com grande magoa,
Porque os dias, que nella descansamos,
Nem vimos rio, nem bebemos agoa.

Depois todo o Alemtêjo navegamos
Sem chuva, serração, e sem tormenta,
Athe que hum dia em Badajoz entramos.

A' entrada da ponte co' huma tenta
A mursupia minha tentearam
Hindo ella de tributo livre, e isempta.

Como solida cousa não acharam,
Por sêr gente grosseira, e ideota,
De mim riram, em nada me tocaram.

O Poeta faz aqui allusão ao celebre costume estabelecido nas Alfandegas Hespanholas da nossa Fronteira. Este costume consiste em revistar a bolsa de todos os viandantes, que passam de cá para lá, a fim de lhe fazerem pagar não sei quantos por cento do dinheiro, que levam. Esta postura era executada com tanto rigor que até comprehendia os Franciscanos, o que é bem de admirar em um paiz tão eminentemente fradesco. Parece-me que seria mais logico dar premio aos, que para lá levassem dinheiro, visto que despendendo-o augmentavam o consumo, e o meio circulante do paiz.

Aqui topei hum Fabio Tarcanhota,
Natural Bolognez, Homem mui douto,
Fizemos todos trez nossa derrota.

Eu hera alegre, e Tarcanhota affouto,
Sagaz meu companheiro, a quem chamavam,
Por ser gran Jogador, d'algunha o Couto,
E hera porque alguns, quando jogavam,
A primeira com elle sem ter maço
Não tinha mais que o Couto si envidavam.

De Badajoz sahimos passo a passo.
A Merida chegamos a famosa,
Cuja ponte rendeu pelo espinhaço.

Nada destingue tanto o talento deste Satyrico como a facilidade de descobrir o lado ridiculo em todos os objectos. Vêja-se que elle não falla de algum Logar, Villa, ou Cidade, de que não mencione de passagem alguma circumstancia, qualidade, ou costume, com que nos faça rir á custa dos seus habitantes.

Nos commentos, que fez João de Espinosa Sobre o Piemonte, diz que então se dava Aqui nesta Comarca Caparosa.

E que esta para Flandres se levava,
E traziam por ella cá Bonecas,
Com que El-Rey Gerião logo brincava.

Aqui ha Anguias, Trutas, e Fanecas
Mas com seu mijo a Madre Guadiana
Por ser barrenta todas as faz seccas.

Ficou aqui dançando a disandana
O companheiro Couto em certa casa
Com Dona Catharina de Bedana.

O Tarcanhota, e Eu quando se abrasa
Com calma a Terra, e as pintadas Aves
Deixam por secca esta campina rasa.

E as Damas em chapins se vam mui graves
A's frescas lojeas a passar a sésta
Com merendas, e cantos mui suaves.

Sahimo-nos com furia manifesta
Pela via commum do gran Toledo,
Sem nos deter em vinha, nem floresta.

Entramos nella huma manhã mui cedo,
A' tarde fomos vêr huma Comedia
Filha de hum Dom Cornelio de Penedo.

E, sobre ser Comedia, ou ser Tragedia,
Vieram a punho secco, e bofetadas
Lopo Gentil com o Bacharel Heredia.

Allusão á mixtura do sério, e jocosó do Drama Romantico Hespanhol! Nada mais jocosó que esta bulha, que sobre tal materia se levanta entre os espectadores, o Poeta descreve este graciosissimo episodio com uma bofenaria digna de Theophilo Folengo.

As Damás no corral alvorotadas,
Tendo sobre isto varios pareceres,
Jogaram entre si as chapinadas.

Acodiram de fóra mais Mulheres,
Com rocas, e sarilhos mui compridos.
Espetos, trempes, grelhas, e colheres.

As mais com algazarras, e alaridos,
Traziam tortos, e torcidos cornos
Tirados das cabeças dos Maridos.

Nunca entre os Fregosos, e os Adornos,
Se vio tão intrincada competencia
Sobre os Peixes do mar, poios dos Fornos.

O éstro mordaz do Poeta, que a nada poupa, compara as desordens produzidas em Veneza pelos bandos, e desavença das duas nobres, e poderosas familias dos Adornos, e dos Fregosos, com a rixa dos Toledanos ácerca do titulo de uma peça de theatro, isto com uma seriedade que provoca o riso pela desigualdade dos objectos comparados. Que differença entre elle, e os seus contemporaneos, cuja graciosidade consiste toda nos equívocos, e jogos de palavras!

Como se vio aqui nesta pendencia
Que se accendeo nas Damas Toledanas
Sobre huma curiosa impertinencia.

Acodiram da Sé com partazanas
Seis Conegos mancebos, e em chegando
Fizeram-nas dançar como Ciganas.

Veio o Padre Toledo venerando,
Porém não passou muito confiado
Sob pena de hir ao Téjo volteando.

Camacho separa-se de Tarcanhota, e em companhia de um Poeta Córdovez muito bebado, dirige-se a Madrid, onde se lhe offerece occasião para alardear o seu humor satyrico, e soltar mil jocosas pilherias contra os moradores daquella Capital.

Tomando a cada legoa este tabacó,
Na Córte entramos, Patria verdadeira
Do bem, do mau, do santo, e do velhaco.

Ceguei a ella em huma terça feira,
Infausto dia para os máos Poetas
Por ter Marte com Phebo gran canceira.

Seriam horas quasi de completas,
Quando me recolhi a huma pousada
Com a Mula, e caixões d'obras secretas.

Aquella noite deu-me huma Hyssopada
O Deos Morpheo, e foi tão grande o somno,
Que não pude acordar de madrugada.

Lá pelo meio dia veio hum Mono
C'hum grande espetador de Dormitorio
Dizendo « Levantai-vos, fanfarrono. »

Levantei-me, vesti-me, e ao refeitório
Me fui do gran Mosteiro Picaresco
Por sua antiguidade mui notório.

Sohe-se aqui comer tudo ao brutesco,
Que assim o manda a regra, e que a bebida
Seja conforme c'o primor burlesco.

O que destingue o genio satyro de Diogo de Sousa, é
que os seus tiros parecem sempre lançados sem intensão;
elle não faz se não descrever a sua jornada, e cada cir-
cumstancia, que accrescenta, é uma invectiva, que vai fe-
rir no alvo, com mais força do que se fosse disparada
directamente.

Dous dias dilatei minha partida
Para levar a Phebo hum só bilhete
De Lope, que he sua alma, e sua vida.

Achei-o no mais humido retrete,
Que tem a fertil, e comprida Veiga,
Dos montes Pyrenneos athe Punhete.

Apresentei-lhe huma redonda teiga
Cheia de recheados cumprimentos
Amassados com mel, sal, e manteiga.

Declarei-lhe meus altos pensamentos,
E para Apollo lhe pedi huma carta,
E outra para os Vates fedorentos,

Disse-me: « Padre meu, si vai a Esparta,
» Cidade da Arcadia onde eu já estive,
» Eu lha mandarei dar antes que parta.

» Posto que ha muitos dias, que não tive
 » Novas d'Amphriso, que hera o Senhor della,
 » Não sei si he morto já, ou se inda vive.»

Eu lhe disse: « Senhor, não heide entrar nella,

» Nem menos entrarei em Palestina,

» Si não em mascarada, e com cautella.

» Pois dizem os Mininos da doutrina

» Que quanto Frey Torquato fez primeiro,

» Foi por Vossa Mercê posto em ruina.»

Frey Lope lançou mão do seu tinteiro,

E com elle me fez horrendo tiro,

Virei-lhe as costas, deu-me no trazeiro.

Parece que o Poeta não tem aqui em vista si não descrever um incidente burlesco, mas, segundo o seu costume, enuncia com boa critica, e imparcialidade, como em outros logares o seu juizo sobre as Obras de Lope de Vega Carpio; pois mencionando com louvor a sua Arcadia, dando-o por grande valido de Apollos, não deixa por isso de censurar a sua Jerusalem Conquistada, Poema que dá, como na verdade é, por muito inferior á Jerusalem Libertada de Tasso. Tambem ha muito chiste em fazer dizer a Lope de Vega que *não sabe si Apollos inda vive*, o que equivale a affirmar que nos Poetas, que então floresciam, não havia indícios, de que fossem inspirados por aquelle Numen.

Lancei por elle então hum gran suspiro;

E para Lope bravo, e agastado,

Humilde, e brando me revolve, e giro.

Fechou-me a porta, fui-me envergonhado,

E caminhando só pela Cidade,

Ou Villa, pois do que he não estou lembrado.

Vi na calle maior Dona Vaidade,

Sem bom dinheiro, e heram suas Damas

Poucavergonha, e muita Falsidade.

Como hera no Verão não havia lamas,

Mas o pó me jurou hum Hospedeiro

Dormia entre os lençoes das mais das camas.

Na praça me seguio muito hum Barbeiro

Destes, que sangram bolsas, cousa errada,

Si he a minha Camisa o Thesoureiro.

Hum dia acaso em huma rua estreita
Chegou comigo á falla huma embuçada,
Não sei, como quem sou, si hera direita.

Mas como vio que as obras heram nada,
E as palavras em mim em grande copia,
Huma figa me deu, e huma risada.

Topei mui descontente a Cornucopia,
Por andar com o luxo consumida
Do muito despender, e grande inopia.

Dona Pobreza andava tão valida,
Que hera contínua em casa dos Senhores,
A seu modo levando gentil vida.

Vieram-me buscar trez Mercadores
Para querer comprar sobre fiado
Da minha Poesia os borradores.

« Dois mil annos, e mais ande eu borrado,
Lhe respondi » si alguém vir cousa minha
Si não fôr com dinheiro de contado.

Esta pintura de Madrid, posto que feita por um Poeta satyrico, combina perfeitamente com a pintura, que fazem dos costumes dos seus habitantes as antigas Comedias Hespanholas, e com o que dizem a tal respeito os Authores de viagens, e outros; elles fallam de suas ruas cheias de lama no inverno, e seccas, e cheias de pó no estio, da pobreza orgulhosa dos seus moradores, das leviandades de suas damas, do descaramento das suas meretrizes, da insolencia dos enxames de mendigos, que enfestam suas ruas, dos ladrões furmigueiros, e dos estafadores, que se aproveitam da falta de policia para despojar, e illudir os encautos: é muito natural que uma grande parte destes abusos tenham hoje desaparecido, graças ao progresso da civilisação, e que hoje Madrid já se não pareça com o retrato, que Gongora nos deixou della no seguinte

SONETO.

Una vida bestial de incantamiento,
Harpiás contra bolsas conjuradas,
Mil vanas pertensiones engañadas,
Por hablar a un Oidor mover el viento.

Carroças, y Lacaios, pages ciento,
Habitos mil con virgenes espadas,
Damas parleras, cambios, embaxadas;
Caras posadas, trato fraudulento.

Mentiras arbitreras, Advogados,
Clerigos sobre mulas como mulos,
Enbustes, calles suzias, lodo eterno;

Hombres de guerra medio estropeados,
Titulos, y lisonjas, desimulos,
Esto es Madrid, mejor dixera inferno.

Partindo de Madrid passa Diogo Camacho por Aragão,
atravessa a França, e a Alemanha, chega a Hungria, on-
de se encontra com o grande Poeta Buzaranha, que tam-
bem se fazia na volta do Parnaso para assistir ás Côrtes,
e o toma por companheiro,

Hia chegando o lemitado praso,
Mas porque com Exercito Turquesco
Estava Mustapha em campo raso.

Fiz-lhe huma Petição toda em Tudesco,
Presentei-lhe com ella hum gran Toucinho,
Que elle estimou por singular refresco.

Pedi-lhe que pois hia de caminho
Pela terra do Turco a vêr Apollo,
Podesse em todas ellas beber vinho.

Vendo que hera hum Poeta com miolo,
Mandou passar-me amplissima patente
Que eu levei pendurada a tiracolo.

Passadas as Pannonias brevemente,
E caminhando pelos Reynos bravos
D'Epiro, e Macedonia antigamente.

A Morea cheguei sem deitar cravos
A Mula, nem os Turcos me fizeram
Injurias, desprazeres, nem aggravos.

Daqui fui ao Parnaso, sem que esperem
As Musas lá por mim, nem se lembraram
Que me mandaram hir para me verem.

Com tudo n'hum Palheiro me alojaram
C'hum Poeta Marfuz mui negro, e longo,
Cujo cheiro, e suor muito gabaram.

O Poeta zomba aqui das promessas, e convites dos grandes, que quando precisam dos pequenos, não ha afago que lhe não façam, esperança, de que os não lisongeiem; mas, passada essa occasião, se esquecem delles, ou quando muito, segundo a expressão do Author, os hospedam em um palheiro na companhia de algum preto.

O segundo Canto começa com uma historia burlesca da poesia, alegorisando assim as vicicitudes desta bella arte, e dando razão dos trabalhos, e má fortuna de alguns Poetas, e não é este um dos menos chistosos episodios do Poema.

Depois que aquelle caso desastrado
Aconteceo a Daphne sem ventura,
Ficou perdido Apollo de enfadado.

E vendo da Pobreza a formosura
Empregou logo nella seus cuidados,
Buscando a tanto mal remedio, e cura.

Depois de nove mezes já passados,
No minguate da Lua, em noite fria
A Pobreza pario com dous mil brados.

Nasceo a Rapariga Poesia
Filha d'Apollo, Filha da Pobreza,
Muito mais pobre que ella em demasia.

Não lhe faltou com tudo gentileza,
Mas nasceo a coitada em tal Estrella,
Que nunca teve casa, ou cama, ou meza.

Foi requestada em quanto foi Donzella,
Por ser formosa, mas foi malfadada,
Mofina como a Mãi, como o Pai bella.

Na flor da sua idade foi levada
A casa de David, Rei de Judea,
E ali em santos versos amimada.

Morto David, a Moça que receia
Ficar em terra aonde se não come
Lebre, Coelho, Porco, nem Lampréa,

Pedio ao Pai que á sua conta tome
 Casa-la, porque he mau ser calaceira,
 E servir sem medrar morrendo á fome.

Apollo vendo a Filha tão palreira,
 E que de pena douda, e de vaidade,
 Não queria em Judea ser Tendeira.

Quiz fazer-lhe por fim gosto, e vontade,
 E na Grecia a casou c'o Velho Homero,
 Homem de engenho, e rara habilidade.

Hera este amigo de hum Achilles fero,
 E de Ulysses, que fez em carvão Troia,
 Nem mais nem menos como a Roma Nero.

Este inventou exercitar a Boia,
 Por ser Homem do mar, sagaz, e astuto,
 Piloto Mór dos Duques de Saboia.

Homero falleceo sem deixar fructo
 De benção, e por isso a Poesia
 Não quiz chorar por elle, nem pôr lucto.

Mas buscando algum amo, que a queria,
 Que por qualquer soldada, ou por dinheiro
 Todo o Magano della se servia.

Chegou da Italia ali hum Forasteiro
 Que chamavam Virgilio Mantuano,
 Pobre Saloio, pobre Pegureiro.

Vêja-se o engenho, com que o Poeta para indicar que
 Virgilio imitou a poesia de Homero, conta que desposára
 a sua Viuva.

Della se namorou, mas por seu damno,
 Porque a trouxe a Italia, e nos seus braços
 Em Napoles morreo como Magano.

Depois deste morrer feito pedaços
 Em muito em que lhe pez, a sofraldaram
 De todas as Nações muitos madraços,
 Agora para as Côrtes a chamaram
 Por mandado do Pai das nove Musas,
 E Mula com andilhas lhe mandaram.

Sem pôr impedimento, ou das escusas,
 Se apresentou a pobre mal vestida,
 Cercada de barriz, edres, e infusas.

O Pai lhe perguntou por sua vida,
Ella lhe respondeo que outra não tinha,
Si não comer mui mal, e andar despida.

Mandou-lhe Apollo dar huma Vasquinha,
E huma mui redonda verdugada,
E hum bofete com huma escrevaninha.

E quiz que a esta Junta celebrada
Por ter mil conhecidos, e devotos,
Fosse junto com elle consultada.

E deu-lhe para guarda os Castritos,
Do grande Scanderbergo descendentes,
E mandou-os vestir, que vinham rotos.

Abrem-se as côrtes, chegam pertendentes,
E chegam de tropel sem ser chamados,
Gran somma de Poetas requerentes.

Apollo por não ter tantos cuidados,
Manda aos Campos Elysios trombeteiros
Os Poetas chamar, que heram finados.

Que quiz comsigo ter dez Conselheiros
E entendeo, que só mortos poderiam
Sem respeito nênhum ser verdadeiros!

No campo Elysio todos pertendiam
Não vir ás Côrtes por não ver Trovistas,
Que athe ao mesmo Inferno aborreciam.

Tem lá odio mortal aos Romancistas,
Porque querem mostrar ser sabedores,
Sendo em tudo mui pobres Alchimistas.

O Poeta deu nesta ficção uma prova do seu bom gosto, no seu tempo, em que os Jesuitas monopolisando a direcção dos estudos, haviam conseguido depravar os engenhos, e o gosto pelo ensino da Philosophia Escholastico-Peripatetica, unica que elles admittiam: reinava a ignorancia de todas as boas letras e das sciencias: o mais sabio era o que melhor sabia alambicar as idéas, descobrir subtilidades, equívocos, e sophismas; neste estado de cousas força era que a poesia, pelo menos a boa, se perdesse tambem, Romances, e Sonetos passavam pelo *non plus ultra* do talento poetico; temos volumes inteiros, que não contém mais do que Sonetos, algumas Trovas, e centos de Romances, e era nestes pequenos Poemas, que os

que então se chamavam Poetas, alardeavam a miseria das suas metaphoras rebuscadas, jogos de palavras, equívocos, e os mais *brilhantes falsos* então tanto em moda. Diogo de Sousa com uma só pennada satyrica anathematiza estas malaventuradas nugas poeticas, dizendo que os grandes vates da antiguidade recusam concorrer ás Côrtes do Parnaso só por não verem esses desastrados Trovistas, e não ouvir os seus Romances, que nem o inferno pôde supportar. E não pôde negar-se que não são poucos os Romances Portuguezes, a quem esta sentença pôde com razão applicar-se.

Mas Apollo mandou Corregedores,
Que dos Elysios presos lhos trouxessem,
Si não quizessem vir estes Senhores.

E deu ordem precisa que viessem
Cinco Provincias, dous de cada bũa
Que o número dos dez ao certo enchessem.

Mandou não acceitar escusa algũa
De pobreza, aleijam, ou de doença,
Por huma Provizão, ou Carta sua.

E pôr tirar em tudo differença,
Dos que haviam de vir os nomes manda,
E a cada hum promete juro, e tença.

A viagem dos Poetas diferentes, que atravessam o Acheronte para tornarem ao Mundo, é para o Poeta uma nova mina de pilherias, e apodaduras, em muitas das quaes vem disfarçados excellentes juizos literarios.

Homero, o inventor da Sarabanda,
Foi o primeirô por ser Genro amado,
Mas temeu de passar d'estoutra banda.

Vinha o Rio Acheronte muito inchado,
Porque tinha Plutão muito bebido,
E depois de beber muito mijado.

Hera o Barqueiro Velho mal soffrido,
Pequeno o Barco c'huma pá sem remos,
Do caruncho antiquissimo comido.

O bom Poeta, vendo estes extremos,
Temeu, e com razão vêr-se em perigo,
Que em fim os avisados só tememos.

Rogou então a Ulysses seu amigo
Pois que de marear sabia a Arte,
E hera Contramestre tão antigo,

Que o quizesse passar da outra parte,
Porque o Barqueiro não o enxovalhasse,
Por dar pezar a Apollo, e gosto a Marte.

Ulysses o avisou a que esperasse
Pelos novos Poetas, que faltavam,
Para que mais seguro se embarcasse.

Estando nisto os outros que assomavam,
Em hum abrir de mão chegaram todos,
Onde Ulysses c'o seu Homero estavam.

E levando o Barqueiro por bons modos,
No Barco se meteram, pelo Rio,
Deitando pulhas, foram dando apodos.

Era isto em tempo do abrazado Estio,
Pequeno o Barco, os Passageiros muitos,
O Barqueiro velhaco de assobio.

Tanto que entraram disse: « sois huns Brutos,
« Por tal calma como esta, e tal quentura,
« Querieis hir daqui todos enxutos? »

Isto dizendo por entre elles fura,
Vai-se á Trapeira, e lá hum trapo tira,
Com que hia mal tapada huma abertura.

Eneas, que hia ali, sobre elle vira,
E fez-lhe pôr o trapo adonde estava
Com gema bem tapado, e alcatira.

Si elle não fôra o barco se alagava,
E o Poeta, ou Senhor, que não soubesse
Nadar como Golphinho, se affogava!

Isto passado, sem que mais houvesse,
Chegaram a outra banda a tomar porto
Medrosos de que o Barco se perdesse.

Vinha Petrarcha de enjoado, morto,
Por nunca se embarcar; zombava disto
Hum Luiz de Camões, Poeta torto,

Que hera em cousas do mar este mui visto,
E já comera muita marmelada
Desde o polo d'Antartico a Callisto.

Petrarcha, Conego regalão, acostumado ás delicias das Côrtes dos Principes, e á dos Papas em Avinhão, mais requintada no luxo que todas ellas, não admira que se enjoasse no mais pequeno balanço de uma embarcação, mas Luiz de Camões, soldado, e navegador, que havia muitas vezes affrontado as tormentas do Cabo de Boa Esperança, e dos mares das Indias, devia necessariamente contemplar essas cousas com indifferença, mas o Poeta tem um fim particular em expôr estas differentes sensações dos dous Poetas á vista do perigo, e é comparar o estylo brando, voluptoso, e affeminado das poesias de Petrarcha, com as idéas vigorosas, estylo, e expressão robusta, e valente das composições de Camões.

Em fim este, e os mais de camarada,
Partiram com mais outros companheiros,
Que os quizeram seguir nesta jornada.

Eneas com Ulysses os primeiros
Chegaram a huma Tenda bem provida,
De Mulas d'aluguel, Asnos, Sendeiros.

E por abbreviar sua partida
Para Homero, e Virgilio se alugaram
Dous Asnos de andadura, ambos de brida.

Traz estes os de mais todos chegaram,
E das cavalgaduras se proveram,
Que enfeitadas dos dous ali ficaram.

A allusão satyrica desta circumstancia não é difficilto-
sa de entender.

E sem fazer detensa se poseram
De preça a caminhar, sendo sol posto,
Que todos de maleitas se temeram.

Hera no fim do encalmado Agosto,
Que Baccho tinha já mandado a pipa
A Beja repimpar no branco mosto.

Quando estes dous Galgazes pouca tripa
O Templo descobriram que em Parnaso
Mandou fazer a Phebo Marco Agrippa.

Ⓐ Poeta segundo a sua linguagem symbolica fez a descripção dos estragos feitos no Parnaso pelos Turcos, dan-

do por ahi a entender os damnos, que o mau gosto dos seus contemporaneos havia causado na Poesia, fazendo-a descer daquella gravidade, simplesmente magestosa, de pensamentos, e linguagem, a que tinha subido na bella antiguidade.

Foi este monte já um rico prazo
Das nove Irmãs, que Jupiter lhe dera,
Agora quasi todo he campo raso.

Que o Turco Solimão, supposta fera,
Porque hum Poeta não chamou por elle,
Senão só pelas Musas, cujo hera.

Mando-o esfollar, e a negra pelle
Cheia de Palha, como de Raposo,
Fez espetar n'hum pau no cume delle.

Depois Selim, seu filho, mui raivoso,
Porque perdeu a ultima batalha,
Em que ficou o d'Austria victorioso,

Mandou ao monte somma de Canalha,
A cortar muita copia de madeira,
Pera fazer Galés, de que se valha.

Ficou despido assim desta maneira
O mofino Parnaso, sem já ter
Em todo elle hum pé de Ceregeira.

Pasmaram os Poetas de o vêr,
E muito mais de vêr as Estalages,
Que Ochaly mandou nelle fazer.

Sam por aqui continuas as passages,
Que Turcos fazem, quando vam á Mecca,
A cumprir votos, e a fazer romages.

Ochaly, cuja alma he de caneca,
Pera uso commum dos Peregrinos,
As pôz aqui por ser a Terra secca.

Chegados os Poetas, a Mininos
Começam a dar grita, Appollo manda
Bombardas repicar, disparar sinos.

Poderá meter-se melhor a ridiculo o estylo figurado,
e as methaphoras ridiculas dos Seiscentistas affectados
do que com este verso estrambotico?

Mandou nas ruas pôr muita Vianda,
E para elles, que vinham destroçados,

Becas de catasol, voltas de Hollanda.

Elles de dous em dous, muito ordenados

Nestas Côrtes fizeram tai entrada,

Que pasmaram os vivos, e os finados.

Hia diante com sua calva honrada

O Padre Homero, fraco, e encostado,

Com a sola do pé toda furada.

Ulysses lhe levava pendurado

Aquelle seu trombão, com que atroara

O Mundo todo quando foi casado.

Traz elle hia Theocrito co'a cara

Cheia de lã de Ovelhas, e de Bodes,

Que elle, sendo Cabreiro, tosquiara.

Logo vinha Virgilio sem bigodes,

Que Dido lhos pedio, porque na Eschola

Disse, que hera Mulher de bons pagodes.

Vinha pedindo diante delle esmola

Eneas, que com barbas chamuscadas

Seu Pai aos hombros traz feito Mariola.

Traz elle em quatro Lyras já quebradas

Tangendo vinha Horacio, e seu Mecenas,

Fazendo cabriolas extremadas.

A's costas c'umas sácolas pequenas

As almas vinha diante encaminhando,

Que estavam no outro Mundo em graves penas.

Logo vinha Petrarcha arrenegando

De Laura lhe fugir de hum costella,

Quando elle aos Taralhões andava armando.

Ella vinha diante feita péla,

Fazendo-lhe co'as mãos, e hum adaga

De quando em quando muita remoella.

Carregado de muita viniaga,

De suas Trezentas vinha João de Mena

Por não achar *Ratinho*, que lhas traga.

O *Labyrintho* de João de Mena, antigo Poeta Hespanhol consta de trezentas Coplas de arte maior, e por isso lhe chamam vulgarmente « As Trezentas de João de Mena. »

Aos moradores da provincia da Beira chamavam os nossos antigos *Ratinhos*. Não sei de que nasceo esta appellação, mas é certo que Gil Vicente não os designa por ou-

tro nome, e que este se dá ainda no Alemtéjo aos trabalhadores, que vem daquellas partes, buscar trabalho; e como eram Beirões quasi todos os homens, que vinham a Lisboa ganhar a vida fazendo fretes, e recados, por isso é que o Poeta diz que João de Mena vinha carregado com as Trezentas

Por não achar Ratinho, que lhas traga.

N'huma çanfona rude, não pequena,
Garcilasso da Vega entrou cantando
Cerca del Tajo en soledad amena.

Este verso é de Garcilasso de la Vega; o mais antigo, e melhor Poeta Pastoril dos Hespanhoes, e o primeiro que com João Buscan introduzio na sua lingua os metros Toscanos.

Traz este as Côrtes todas assombrando,
De Mestres, e Pilotos rodêado,
O torto do Camões vinha bradando.
Hum Portuguez pellote remendado
Vestia, que lhe deu Vasco da Gama,
Com palavras Latinas debuxado.

Luiz de Camões só nos seus Lusiadas introduzio de novo duzentas palavras Latinas, e foi este um dos meios, com que enriqueceu a nossa linguagem poetica, separando-a do dialecto da prosa, com que andava confundida nas Obras dos seus antecessores, e contemporaneos, e é a esta circumstancia, que Diogo de Sousa allude na bordadura, que dá ao pellote, ou casaca rôta, de que o finge vestido, e diz que lha dera Vasco da Gama, censurando assim a mesquinhez, que com elle usaram os descendentes do heroe, que o Homero Lusitano havia immortalisado.

Vinha com elle Brigida d'Alfama
De formosas Lampreas mui golosa,
Mais celebre por nome, que por fama.

Este verso é de Camões, mas confesso que não entendo a allusão deste Terceto, que certo não foi aqui posta sem algum fim.

No fim de Companhia tão lustrosa
 Hum Francisco de Sá apparecia,
 Poeta athe o umbigo, os baixos prosa.

Francisco de Sá de Menezes é o Author da *Malaca Conquistada*, a epopeia mais perfeita que temos quanto a boa ordenança, e disposição da fabula, caracteres, episodios, que nascem da acção, e que com ella perfeitamente se ligam, augmentando o interesse, boa escolha de maravilhoso, colorido legal, &c. mas todos os entendedores imparciaes desejariam nella uma poesia de estylo mais forte, e muitas vezes melhor versificação, estas circumstancias todas explicou a seu modo Diogo de Sousa no ultimo verso deste Terceto.

Poeta athe ao umbigo, os baixos prosa.

A este respondeo Busean hum dia,

Porque como Salsicha defumada;

Com seus safurros palmos se media.

Gabou Apollo muito a boa entrada

Dos Senhores Poetas Forasteiros,

E a Côte ficou toda mui pasmada.

E como aquelles heram Conselheiros,

Pera muito do peito consulta-los,

Mandou-os alojar n'huns Pardieiros.

As Musas lhe levaram mil regалlos,

E a Poesia foi com carantonha,

Por mandado do Pai a visita-los.

Estava feito Homero huma peçonha

Por vêr que se fizera tão corrupta

Depois d'enviuvar sem ter vergonha.

Mas ella respondeu-lhe muito enxuta,

Que si elle lhe deixara alguma renda,

Não fôra ella Mulher tão dissoluta.

Que a Moça sem marido, e sem fazenda

He de mau proceder justo receio,

Pois na belleza tem toda a Commenda.

Paz-lhe com isto a Poesia freio,

Porque aonde athe falta o necessario

Não ha costumes bons, não ha bom meio.

Foi sempre o pouco ter vil mercenario,
Que assim o diz Merlin nas Tósculanaz,
Firmado por fraqueza o Secretario,

Esquecidas em fim cousas profanas,
Homero, como Velho, e mais prudente,
Sabendo que as Mulheres são humanas,

Deu á sua hum perdão em continente,
E mais por lhe jurar hum Canonista
Que o morto não aggrava a Delinquente.

Feitas as pazes, veio hum Cabalista
C'hum odre cheio de liquor anciano,
Que os Poetas beberam logo á vista.

Estando quentes, o Hespanhol Lucano
Chegou a vê-los, e lhe fez lembrança
De que estavam no Imperio do Othomano.

E que soubessem que não hera usança
Beberem na Provincia de Thesalia
Do mesmo modo, que se brinda em França.

O bom Virgilio, natural de Italia,
Lhe disse : « Vós, magano, engana-velhas,
« Hide fallar aos campos de Pharsalia.

» Que, si fallaes aqui, essas orelhas
» Vos heide deitar fóra, e juntamente.
» Vos heide arrepiar essas guedelhas. »

O Cordovez, que he Homem mais valente,
Levou de huma catana colubrina,
Que lhe mandou d'Ormuz hum seu Parente.

Mas accodio c'hum Caldeirão d'ourina
O Portuguez Camões a meter pazes,
Que a todos enjoou por ser mui fina.

Logo chegou gran copia de roazes
Gente do tempo, má, falsa, e traidora
Perguntando por tudo aos mais rapazes.

Como Crença a Poesia chora,
E, vendo o seu Collegio alvorotado,
Sahiui gritando pela porta fóra.

E foi buscar o Pai, que acompanhado
Veio c'os Castritos, e foi preso
Lucano só por ser mal ensinado.

E logo por Apollo foi defeso
 Que não viesse mais ás Côrtes vinho,
 Que faz hum Conselheiro duro, e teso.
 Depois de descanzarem do caminho
 Os dez Poetas, veio a abraça-los
 Por mandado d'Apollo hum Biscainho.
 Trazia hum Coche sem nenhuns Cavallos;
 Porque os Poetas Romancistas puros
 Haviam, postos nelle, de leva-los.
 Vieram seis milhões, trinta os mais duros
 Tomaram só pera levar o carro,
 Todos os mais deitaram nos monturos.

Não pôde descarregar-se um golpe mais pesado sobre os Escriptores de Romances, nem tracta-los com maior desprezo: e na verdade só quem teve a paciencia de percorrer as immensas Collecções de Romances, que se escreveram no seculo de seiscentos, em que quasi toda a poesia se reduzia áquellas inspidas composições, é que pôde avaliar com quanta razão Diogo Camacho, ou em nome d'elle Diogo de Sousa, os condena a ser lançados nos monturos. Pena é que lhe não lembrasse condenar a mesma pena ás Sylvas, que de certo não heram melhores, que os Romances, não obstante serem estes dous generos de Poemas os, que quasi exclusivamente se notam nas Academias desse tempo, em que tão precioso tempo se perdeo.

Abrem-se as côrtes com uma pompa burlesca, e depois das discussões do estylo, os Deputados convieram todos nos seguintes Capitulos, cheios na verdade de bom senso, e dos costumados chistes do Poeta.

Pragmaticas do trinque, todas novas,
 Fizeram os Poetas do Conselho,
 Por dentro cheas de coraes, e ovas.

Mandaram que qualquer Poeta velho,
 Que queira em tal idade dizer graças,
 No corral o metessem do Conselho.

Mandaram que o Mancebo de más traças
 Como agora o digamos desta minha,
 O penteassem c'humas almofaças.

Que aquelle que a Saloia, ou a Ratinha
 Fizesse algumas Trovas, ou Soneto,
 Levasse d'agoa fria huma mezinha.
 Que aquelle, que vivendo mais quieto,
 Fizesse trovas para andar seguido,
 O rabo lhe furassem c'hum espeto.
 Que aquelle, que, tocado de Cupido,
 Fizesse trovas a Mulher casada,
 Logo ás mãos fenecesse do Marido.
 Que aquelle, que ou a Freira, ou a encerrada
 Namorasse com Trovas, não comesse
 Doce algum, nem ainda marmellada.
 Que aquelle, que a trovar só se atrevesse
 Por querer obrigar huma Donzella,
 De sarna gravemente adoecesse.
 Que aquelle, que a Viuva, por mais bella
 Que fosse, estando tida por honrada,
 Trovasse, fosse escarnecido della.
 Que aquelle, que, de seu não tendo nada,
 Engeitasse moeda, inda que cobre,
 A barba lhe rapassem c'huma enxada.
 Que aquelle, que a Fidalgo rico, e nobre
 Fizesse Trovas, si lhas não pagasse,
 Fosse pedinte toda a vida, e pobre.
 Finalmente que aquelle, que trovasse
 Sem tirar ganho, ou ter algum proveito,
 Para mangaz de Esguicho se ficasse.

Feitos estes Capitulos, e outras ordenanças igualmente necessarias, e proveitosas, Diogo Camacho, de quem até ali ninguem tinha feito caso, por intervenção, e patrocínio da Musa Polimnia, a quem presenteara com alguns bordalos, quando a encontrou junto ao Mondego, consegue ser apresentado a Apollo, que lhe manda que apresente o seu requerimento, o que elle faz pela fórma e theor seguinte

Senhor, Diz hum Poeta repen tino,
 Que sempre mergulhou no Enxarçama,
 E não bebeo no Téjo cristalino,

Que elle quando compoem as Musas chama,
Mais graves, e mais bellas, campanudas,
Que assi lhe ensinou huma sua ama.

Não as mui delicadãs, as agudas
Porque o querem subtil, não sendo dado
A cousas mui subtis, nem mui miudas.

E assi compoz em verso recheado
A vida de hum Poeta fugitivo,
E que andou pelo Mundo desgarrado.

De Grego sabe hum só nominativo,
Dous verbos de Latim, de Hebraico nada,
Por ser em nossos tempos mui nocivo.

Tem de Toscano sua pollegada,
De Francez hum seitel, de Hespanhol pouco,
Que tudo junto faz gentil salada.

Sabe cantar, mas sempre está mui rouco
Na Guitarrinha pois a Tarantana,
Toca as teclas de hum Cravo, mas he mouco.

E tudo quanto faz nada se damna
Porque lhe deita sal; por tanto pede
Ou capella de junco, ou de espadana.

Apollo, que em fazer mercês excede
Aos Reys do Mundo, disse aos de Conselho,
« Desse memorial os pontos vêde.

« Este Poeta he tronchudo, e velho,
« E assim lhe quero dar a minha Filha,
« Pois tem bom cabedal, bebe vermelho. »

E porque o Mundo de insensato, e tolo,
Não cuidasse que hera eu Poeta falso
Por ter uso, e saber, casco, e miolo.

Mandou fazer hum alto cadafalso,
E assentado n'hum tanho, que hera o throno,
A rabeca nas mãos, e os pés descalços,

Adelgaçando as mãos em grave tono
Tomou huma capella de Carrasco,
Fazendo gatimanhos como Mono.

E disse: « Já que tens tão duro casco,
« E teu miolo he de tanta prova,
« Que o não derruba o mais valente frasco,

- » Pódes compôr qualquer modo de trova
 » Em toda aquella lingua, que quizeres,
 » Athe te sepultarem n'hum cova.
 » Mas, si algum dia vires mãos prazeres
 » Por essa tua casa tão mesquinha,
 » A culpa seja só do que fizeres.
 » Aqui te entrego a esta Filha minha,
 » Bem sei que vai mui pobre, pois não leva
 » Manto, manteo, gibão, saia, ou vasquinha.
 » Mas porque nenhum rustico se atreva
 » A motejar de ti, que he triste peça,
 » Procura ter de teu, que te releva.»

Como isto disse sobre a vãa cabeça

Apollo rufus veluti Flammengus

A capella me poz, e o grau começa.

- « *Si quidem es tam sapiens, et tam sengus,*
 » *Et est tuus versus bene numeratus,*
 » *Esto solus Poeta Bordulengus.*
 » *Et ut sis sempre mihi, et Musis gratus*
 » *Mendicabis ut Picarus, vel quasi,*
 » *Et sic esto Poeta Laureatus,*
 » *Vade in pace, mangaz, datum Parnasi.»*

As habilitações são dignas do requerimento, e o despacho de ambos, e o Poeta teve em vista censurar assim o atrevimento, com que muitos homens ignorantes no seu tempo, (e tambem no nosso) se proclamavam, e haviam por Poetas, só porque alinhavavam, sabe Deos como, um Soneto, uma Glosa, ou um Romance: mas no meio dos actos ridiculos não lhe esquece desparar os seus tiros mais alto, mas com tal disfarce, que não lhe resulte dahi alguma daquellas perseguições inquisitorias tão vulgares no seu tempo, assim lhe acontece quando fallando da sua grande erudição linguista diz,

De Grego sabe hum só Nominativo,
 Dous Verbos de Latim, de Hebraico nada;
Por ser nos nossos tempos mui nocivo.

E porque era então mui nocivo o conhecimento do Hebraico? Considere-se o que então se passava na Europa,

de que fontes Lutherô, e Calvino tiravam os seus argumentos, e se conhecerá o alcance desta reflexão satyrica.

Tal é o Poema da *Jornada de Diogo Camacho ás Côrtes do Parnaso*, que a maior parte dos entendidos sabem de cór, e que é a mais bella composição, que possuímos no estylo burlesco.

CAPITULO II.

Antonio Peixoto de Magalhães.

Nasceo na Villa de Amarante, celebre em nossos tempos pelos repetidos combates, que tiveram logar nas suas vesinhanças entre as tropas Francezas, e as Portuguezas commandadas pelo General Francisco da Silveira Pinto, que ali ganhou o titulo de primeiro Conde de Amarante, durante a guerra comprehendida pela independencia nacional, em que as lustrosas, e brilhantes phalanges do Imperador Nopoleão foram tantas vezes dispersadas por columnas de milicianos, e paesanos armados.

Não consta a data do nascimento deste Poeta, nem a que familia pertencia, posto que o seu appellido não indique uma extracção obscura, e plebea.

Sabe-se que havendo estudado com proveito humanidades, passara a matricular-se na Universidade de Coimbra, onde frequentou o curso medico no fim do qual foi condecorado com o grau de Doutor em Medicina.

Não contente com a applicação ás Artes Mudas, que assim denomina Virgilio as Sciencias Medicas, quando fallando de Iapis, Medico de Eneas no Livro XII. da Eneida, diz

*Jamque aderat Phæbo ante alios dilectus Iapis,
Iapis; acri quondam cui captus amore
Ipse suas Artes, sua munera lætus Apollo
Augurium, Cytharumque dabat, celerisque sagittas:*

*Ille ut depositi proferret fata parentis,
Scire potestales herbarum, usumque medendi
Maluit, et mutas agitare inglorius Artes.*

Juntou ao estudo dos Livros de Hypocrates, e Galeno, o dos Poetas Gregos, e Latinos, fazendo-se logo mui conhecido pelos seus versos, pela maior parte jocoserios, preferindo porém a Eschola Italiana á Hespanhola, que dominava no seu tempo, em que Gongora era o grande môdêlo de poetar, excepto para o pequeno número de bons engenhos, que havia apurado o gosto com a leitura dos grandes genios da antiguidade.

Condecorado com os graus academicos, e habilitado com elles para fazer vida da arte de curar, deixou Antonio Peixoto de Magalhães a Athenas Lusitana, dirigindo-se á Cidade do Porto, aonde habitou algum tempo, e della para Ponte de Lima, ou fosse que ali a Camara lhe fizesse algum partido, como parece mui verosimil, ou por outra razão, que não chegou ao meu conhecimento, nem das pessoas, de quem recebi a este respeito informações; parece porém que um Medico, que preferio a Villa de Ponte de Lima á segunda Capital do Reino, que por sua população, e riqueza de commercio podia offerecer-lhe tantas vantagens no exercicio da sua clinica, não daria este passo sem poderosos motivos de interesse, ou de outra natureza.

Ignora-se igualmente si este Poeta permanecio sempre no estado de celibatario, ou se contrahio o laço do matrimonio, com quem, e aonde.

O que não admite dúbida é que sua vida se deslisou pacificamente em Ponte de Lima, vesitando enfermos, escrevendo receitas, e cultivando as Musas, até que ali mesmo pagou o feudo á natureza, sem que se saiba ao certo o dia, mez, e anno do seu fallecimento. A opinião mais geral é que elle não teve logar antes de 1759 e tenho por muito probavel que fosse no fim do seculo XVII.

Consta que Antonio Peixoto de Magalhães, escrevera avultado número de Obras, que todas se perderam, ou ficaram manuscriptas, o que entre nós vem a ser a mesma cousa.

Entre estas poesias perdidas, ou pelo menos não impres-

sas, acho mencionados com grande elogio um Poema Bocolico intitulado *Amarillis Pastoril*, e um Poema Epico com o titulo de *Lusiphonsiada*, titulos na verdade esqui-paticos, especialmente o do segundo, cujo assumpto eram as acções de El-Rei D. Affonso Henriques.

Deste naufragio universal das poesias de Antonio Peixoto de Magalhães apenas se salvaram na Barca de Noé a *Phenix Renascida*, o *Pegureiro do Parnaso*, e algumas poucas peças mais, de que adiante daremos conta.

Consultando os poucos versos deste Poeta, a primeira cousa que lembra é que elle era o homem de caracter mais jovial, e folgazão do seu tempo: mas como os homens mais graciosos, e motejadores, que tenho conhecido em minha vida, que não tem sido curta, eram com poucas excepções de caracter taciturno, e melancholico, não ousarei affirmar-lo.

Antonio Peixoto de Magalhães combateo nos seus versos contra os Culteranistas com tanta vehemencia, e perseverança como depois o grande Francisco Manoel contra os Gallicistas corrompedores da lingua, e da poesia Portugueza, empregando contra elles, como o Horacio Portuguez a arma do ridiculo, que ambos esgrimem bem, nem os poupa, nem lhe deixa descanso, apodaduras, invectivas, arremedos, e vaias tudo emprega com muita arte, e jovialidade, fazendo assim tocar com o dedo todo o absurdo do estylo do tempo.

Ha tal homogeneidade, e semilhança entre as poesias de Antonio Peixoto de Magalhães, e as de Diogo de Sousa tanto em estylo, como em linguagem, graça, colorido, razão, gosto, e metro, que vendo-as na *Phenix Renascida* impressas em seguida ás *Côrtes do Parnaso*, e sem nome de Author, me persuadi sempre de que eram da mesma mão, e só nas investigações, a que procedi para escrever esta Obra, é que cheguei a desenganar-me desta opinião, e a conhecer cujas eram. Eis aqui o resultado da negligencia, e falta de criterio, com que foi cordenada aquella collecção, onde o bom, e o mau, se acham acervados sem escolha, onde a maior parte das Obras se acham desacompanhadas do nome de seus Authores, e onde muitas Obras sam attribuidas a pessoas, que não as compozeram, pertencendo aliás a Poetas mui conhecidos.

A accusação, que aqui faço a Mathias Pereira, Editor da *Phenix Renascida*, cabe perfeitamente ao Editor do *Postilhão de Apollo*; e sem embargo destes defeitos, que não sam de pouca monta, sustento que os coordenadores daquellas, e de outras semelhantes compilações foram benemeritos das nossas letras, pois sem elles teriam perecido muitos Poemas preciosos para a historia da nossa poesia naquella epocha de mau gosto sim, mas de muito engenho, e originalidade, e sobre a qual sem aquelles documentos mal poderiam assentar juízo seguro.

O Pegureiro do Parnaso, a composição mais importante de Antonio Peixoto de Magalhães, é escripto em metros irregulares, e neste Poema mofa o Author dos desvarios dos Gongoristas, tão applaudidos no seu tempo, e não respeita mais do que os seus discipulos, o mestre, e fundador dessa eschola, D. Luiz de Gongora, Poeta Cordovez, que gozava na Peninsula de uma reputação colossal. Elle nota com toda a franqueza o seu estylo ridiculamente figurado, e methaphorico, a sua linguagem methaphysica, pensamentos rebuscados, conceitos demasiado subtitis, e alambicados, os abusos de termos, os jogos de palavras, e as amiudadas, e nimio-artificiosas periphrases, com que explica, ou antes envolve em trevas, as cousas mais simples, de que nasce a obscuridade, accrescentada pelos hyperbatos violentos, de que foi censurado por alguns dos seus mesmos contemporaneos, e entre elles por Lope de Vega Carpio.

É certo que tudo isto sam defeitos, e que estes defeitos existem nas poesias de Gongora; mas tambem é certo que ali se encontram misturados com muitas bellezas de primeira ordem. E Gongora poderia responder victoriosamente aos seus detractores, dizendo: «Supremi de meus escriptos todas essas cousas, que vos parecem defeitos; reduzi-os á terça, ou si tanto quizerdes á quarta parte, e essa mesma bastará para me conferir um logar mui distincto entre os Lyricos Castelhanos,» mas nem o genio ardente de Gongora, nem seu orgulho exaltado, nem a mordacidade caustica, que lhe era natural, lhe permittiam responder assim aos seus Criticos. Elle respondia em prosa fallando dos que o censuravam, «*suban ellos, que yo non baxo!*» e respondia-lhe em verso no

gosto do seguinte Soneto, endereçado aos que acoimavam de escuro o estylo do seu Poema de Polyphemo.

SONETO.

Pisó las calles de Madrid el fiero
Monoculo galan de Galathea,
Y qual suele texer barbare Aldéa
Soga de gosgues contra Forastero ;

Rigido un Bachiller, otro severo
Critica turba alfuin, sino Pigmea,
Su diente afila, y su veneno emplea,
En el deforme Cyclope Cabrero.

Apesar del lucero de su frente,
Lo hacen oscuro, y el en dos razones,
Que en dos truenos libró de su occidente,

« Si quieren (respondió) los Pedantones
» Luz nueva en hemisphero diferente,
» Den su memorial a mis calzones. »

Vêjamos agora como o nosso Pegureiro do Parnaso ,
tracta o estylo de D. Luiz de Gongora, chamado o Prin-
cipe dos Poetas Castelhanos.

Hera naquelle tempo, em que tangia
Para a lição de Prima o triste sino,
E erguer os lassos membros pertendia
Da tabua dura o Famulo moino!..
Notavel manha tenho! he couse brava
Que sempre heide tomar tono de Oitava.

Vá d'outro metro pois. Nas rouxas horas
Em que expulgando estam sonoramente
Os quatralvos do Sol as almofaces,
E a Aurora punha o vermelhão nas faces...
Notaveis traças investiga hum culto
Para poder fazer versos de vulto!
Triste Cultanaria!
Não he melhor dizer que o Sol nascia,

E não buscar da escuridade o pego,
Deixando de ser Cisne, e ser Morcego?
Tira os antolhos do focinho oh Musa,
Não quero fallar mais por garatusa.

Hera, Silvio, manhã quando hum Correio,
Como Camões o pintá, *negro, e feio*,
A Delphico luzente

Que tanto as vivas saudades sente
Por Gazetas de novas,
Hums alforges lhe deu cheios de Trovas.
Que cada dia Apollo tem Gazetas
Athe mesmo dos sonhos dos Poetas;
Mas não se achou Gazeta, em que se diga
Que algum Poeta encheo nunca a barriga!
Desventuras terríveis,
Que se possa sonhar com impossiveis!
Que nunca houve Poeta affortunado
Que sonhasse comia um só bocado.

Ali hum culto engenho lhe escrevia
Nas phrases, que de Gongora aprendia,
Que o lindo João Moreira,
Deixava do Mondego já a Ribeira;
Por quem sentido o campo
Desde que a luz faltara,
A barba lhe cresceo mais de hum Vará;
Não he phrase proterva
Chamar barba do Campo a fertil herva.

.....
Chegou a nova ás Musas,
Que estavam na Aganippe enchendo infusas,
E tanto que affligidas a escutaram,
Nove infusas co'a nova ali quebraram;
D'onde receio, e temo
De quebra tão notavel, e assim gemo
Amigo, que não possa
Ser mais desde hoje infusa a Musa vossa,
Sĩ Apollo não mandar no seu Laurel
Que valha por infusa algum pichel.

A fonte desmaiada
Por andar muito tempo perturbada,
Doente de catharro

Gritava louça, e descorria barro,
A tempo que hum trovante Castelhana,
Que podera chupar todo o Occeano,
Com grande, e larga bocca
As turvas agoas loca,
Dizendo que as queria tenebrosas,
Para compôr hum Tomo escuro em prosas,
Que hum Compadre de Gongora contara
Que nunca Dom Luiz a bebeo clara,
Que hera de nevoa o tempo, em que ali hia
Beber da fonte fria,
Por isso hindo correndo a largo trote,
Cobrio quanto compoz com hum capote,
Inda que me affirmou certo Letrado,
Que bebeo destas agoas mascarado;
E desde então se conta no Parnaso
Mandara logo Apollo por tal caso
Que dessem muito açoitê
Em quem hia beber nella de noite;
Porque cristal tão puro
Não se deve tocar em tempo escuro,
Que hum amigo de Lobo lhe dissera
Que sempre aqui bebeo na Primavera,
E que Camões famoso,
Poeta, inda que lorto, mágestoso,
Só pelo tempo quente
Na fonte metigava a sede ardente,
Por isso assim cantou em altos brados
As armas, e os Varões assignalados.

Compare-se o que dissemos ácerca do estylo de Gongora, e dos seus discipulos, com o que o Poeta aqui diz todas as vezes, que falla nelle, e vêja-se a exactidão com que o avalia; e do mesmo modo quam bem ajuiza de Lobo, de Camões, e dos outros de que passa a fallar.

Mas eu, segundo ouvi ás nove Musas,
Quando quebraram lá suas Infusas,
Entendo que bebia todo o anno
Athe fartar-se bem o Lusitano:
E que para beber Pereira illustre

Por ser Homem no valle de grão lustre
Pucaros lhe mandou a bella Aurora,
Que quando ri nos Ceos nos Campos chora.

E chegando a beber nada lhe impede,
Porque hia o Portuguez ardendo em sede,
Que antes que fosse o Reyno levantado
Em phrase Castelhana andava inchado,
Que sempre compozera
Com bráva tromba, e catadura fera
Remetteu com a fonte, mas eu logo
Ardendo em ira, e fogo
Lhe disse: « Tem-te, oh Besta grande, e rara
Porque queres manchar agoa tão clara?
Não sabes tu que a Lingua Portugueza
Não tem no Mundo igual outra em nobreza?
Que eu des que guardo Vaccas neste Outeiro,
Porque sou do Parnaso Pegureiro,
Só vi que compozesse o alto Apollo
Poesia divina
Na lingua Portugueza, ou na Latina,
Que tem o Portuguez propriedade,
Eloquencia, brandura, e claridade
Amourisca-se muito o Castelhana,
Tem muitos *ces*, e *cis* o Italiano,
Nâda responde o bruto, as agoas prova,
E logo foi cantando escura trova.

Si isto é uma invectiva contra Gabriel Pereira de Castro, por haver escripto algumas cousas em Hespanhol, a denominação de *besta*, ainda que corregida com os epithetos de *grande*, e de *rara*, me parece tão grosseira, e ignobil, que presumo que talvez haja alguma lacuna no texto, onde se introduzisse personagem nova, a quem o Pegureiro se endereçava, pôde com tudo desculpar-se pelo elogio da lingua Portugueza, com que termina.

Em que acho porém muito chiste é no modo porque o Author caracteriza o merito dos differentes Poemas então usados pela quantidade, e modo porque os Poetas bebiam na fonte de Aganippe; que na verdade é dos partos mais engraçados daquelle cérebro original.

Aquelle, que compôr Sylvas cobiça,
 Só bebe por um corcho de cortiça,
 Os Comicos Poctantes
 Bebem da fonte sem tirar os guantes.
 Outros mandam beber as Nymphas bellas
 Por alguidares, jarras, ou Gamellas.
 Satyros, que compoem trova molesta,
 Bebem pela Caveira de hum Besta,
 Aquelles, que a alguns Livros dam sangrias,
 Bebem, como Barbeiros, por bacias.
 Algum na prata amena
 Está sorvendo pela leve penna,
 Aquelles, a quem a Musa ingrata falha,
 Chupam só pela ponta de hum palha.
 Alguns, a quem custou muito a Poesia,
 Bebem por hum Gomil, e Almotolia;
 Mas cada gota destas, tem virtudes
 Como se aqui beberam mil almuodes.

Antonio Peixoto de Magalhães quer dizer nisto que ha
 Poetas, que compoem lenta, e penosamente, porque pro-
 curam primeiro a idéa, e depois a expressão, com que ham de
 revesti-la; mas esse mesmo trabalho, e difficuldade tor-
 na mais perfeito o seu estylo, dando-lhe tempo para con-
 siderar os objectos em todas as suas faces, assim compun-
 ham Racine, e Alfieri; mas esta regra soffre muitas ex-
 cepções. Voltaire escrevia com uma rapidez assombrosa,
 o mesmo acontecia a Bernardo Tasso, a Francisco Ma-
 noel, e a muitos outros, que de certo nada perderam com
 isso na estima da posteridade. Pela minha parte posso
 affiançar que em todos esses partos de dôres tardonhas
 encontro sempre um certo constrangimento de expressão,
 e certa cadencia monotona de metro, que indiciam a fal-
 ta de facilidade. O grande Poeta, o Poeta de genio pro-
 duz de um só jaeto a idéa, e a expressão.

Antonio Peixoto de Magalhães não era homem que per-
 doasse aos Frades com persumpção de Poetas, e observem
 como elle os arranja neste pelourinho do Pindo.

Alguns ha que sam Frades,
 Amigos de escrever sempre saudades,

A quem permite o sacro consistorio
 Pelos copos beber do Refeitório;
 Outro para fazer trovinha á Dama
 Está chupando todo o dia a lama,
 E depois de cançar, e soar todo,
 Começa em lama, e sempre acaba em lodo,
 Depois em fim de fartos,
 Vam dando ao Mundo monstruosos partos,
 Porque otram variamente estes liquores
 Gerando espinhos n'huns, em outros fiôres,
 Traz o Engenho nas mãos sempre os calções,
 Fazendo nos papeis varios bofrões.

Algum, sem que descance,
 Faz ás barbas do Cid logo hum Romance;
 Outro grave, e queto
 Compoem a Durandarte algum Soneto,
 E porque nunca o consoante chega,
 Batendo no toutiço a testa esfrega,
 Outro mais facilmente
 Vai furtando a toada a Gil Vicente,
 Algum com furia brava
 Unta com alho os versos de huma Oitava,
 Outro por entre os ramos das Canções
 Desfaz de assucar candi alguns torrões:
 Onde, si os versos olhas,
 Não acharás nos ramos mais que folhas,
 Outro, porque sua pipa está vazia,
 Mate-se por compôr huma Elegia,
 Outro, de imaginar já todo secco,
 Alguma obra vai compondo em echo,
 Outro, que labyrintho faz por traça,
 Cuida que tem cabeça, e tem cabaça,
 Assim que por taes modos
 Nascemos tolos os Poetas todos.

Disse eu então: « Senhor, os Gongorantes,
 » Que sempre por candil trovam brilhantes,
 » Que em rhythmas atroadoras
 » Querem fallar cristaes todas as horas,
 » Porque vaso cruel das agoas bebem? »
 « Esses, responde o Velho, só recebem
 » Das agoas desta fonte

- » Quando com chuvas vai de monte a monte,
- » Então por hum pipote,
- » Que em largo torno este liquor lhe bote,
- » Sorvem só com os linfas desta vêa
- » Muitos limos, e arêa,
- » Sevandijas, e sapos,
- » E de Poetas cultos mil farrapos. »

Porém si Antonio Peixoto de Magalhães condena os excessos, affectação, e obscuridade do estylo dos Gongoristas, não se julgue por isso que pertence á seita dos versificadores de prosa, que quizeram substituir a um grande defeito, outro defeito, quanto a mim ainda peor; e por isso pela bocca da Musa Thalia exprime o seu modo de pensar a este respeito.

Mas inda não contente
 De propinar o argenteo transparente,
 Sendo o choro das Musas testemunha,
 Lavei na fonte hum Livro, que compunha,
 Disse-me então Thalia
 Com garganta de tiple de solia,
 Que o verso culto, e claro
 Sempre o julgára Apollo por mais raro,
 Mas porém que não fosse
 Tão claro que ficasse d'agoa doce!

« Não vês (dizia a Nympha)

- » Ao som dessa corrente, e clara Limpha,
- » Que o Mundo he tão formoso
- » Quando se mostra o Sol mui luminoso?
- » Não vês que não deseja alguém a fonte
- » Quando os enxurros tem que vem do monte?
- » Porém depois que clara, e limpa, e pura
- » Por entre as flôres do Jardim murmura,
- » Não ha bocca tão bella
- » Qué não queira molhar os beiços nella?
- » Quem quer fazer escura huma Poesia
- » Tem mais amor á Noite, do que ao Dia,
- » Sam lastimosas magoas
- » Turbar as fontes, e beber das agoas,
- » Seja o conceito fundo,

- » Mas que possa entende-lo todo o Mundo ;
- » Que não perde a beldade
- » O Sol por ter mais luz, e claridade,
- » Por escarneo sómente, ou zombaria,
- » Se póde escurecer qualquer Poesia. »

As regras do bom gosto de estylo, estão nestes poucos versos, não só com toda a perspicuidade, e exactidão, mas mui poeticamente expressadas. Cumpre porém advertir que a escuridade em um Poema póde ser de duas maneiras, uma que é vicio, e defeito, outra que o não é; a primeira nasce do Author, a segunda do Leitor. As causas da primeira sam o embaraço das construcções, o uso de vocabulos pouco conhecidos, as methaphoras mal combinadas, as allusões a objectos muito estranhos, os equívocos, os hyperbotons violentos, os conceitos rebuscados, e os pensamentos affectados, ou nimio subtilezas. Esta é a obscuridade dos Gongoristas, e em geral dos ruins Escriptores.

A segunda sorte de obscuridade, está, como dissemos, na ignorancia dos Leitores, e apparece frequentemente nos Poemas Didaticos, e Didascálicos. Lucrecio tractando da *Natureza das cousas*, Stay dos *Eclipses*, Quillet da *Geração, e da educação do homem*, Boscovich expondo a *Philosophia de Newton*, ou a *Carthesiana*, Pope no seu *Ensaio sobre o homem*, sam na verdade Escriptores de estylo mui correcto, puro, elegante, e claro; não deixam porém de apresentar muitos trechos obscuros, e quasi intelligiveis para os Leitores, que não estejam habilitados para entende-los com o conhecimento das sciencias mathematicas, physicas, e moraes, porém não deixam por isso de ser claros, e intelligiveis para as pessoas devidamente instruidas, que folheam os seus Poemas.

As mesmas bellezas de estylo jocoserio, as mesmas originalidades de pensamentos, e iguaes invectivas contra o gosto corrompido dos Poetas do seu tempo, se encontram nas *Saudades de Apollo*, Silva dirigida ao Licenciado João Moreira Telles, que elle chama filho de Apollo, e logo no exordio apparece uma chistosa parodia do estylo estravagantemente methaphorico, de que usavam os Culteranistas.

Do quarto globo a gemma nunca avara,
Que tem por casca o Ceo, nuvens por clara!..
Nunca ninguém tal disse,
Não vi mais descascada parvoice,
Grande cousa he ser culto,
Fingir Chimeras, e fallar a vulto!
Mas sempre ouvi dizer desta Poesia
Que vestido de Imagem parecia,
Pois quando vemos o, que dentro encobre,
Quatro paus carunchosos nos descobre;
Faça-lhe a Culturana
Mui bom proveito á lingua Castelhana,
Que a phrase Portuguesa por sisuda,
Por presada, e por grave não se muda,
Não se encontra entre cultas ignorancias,
Pois toda he cultivada de elegancias,
Mas porque me não digas, culto amigo,
Que do Ovo a metaphora não sigo,
Quero, como quem traz Raposa morta,
Ovos frescos pedir de porta em porta,
Para que nestes versos, escalfados,
Te possa dar apupos atiplados,
Si esperas adoptar cultos sigillos,
Eu andarei aos Ovos, tu aos Grillos.

Digo que a clara gemma, a quem retrato,
Quando d'Ovos reaes não seja prato,
Nove mezes por agoa foi passada,
Ficando, si não choca, requentada;
Aqui verás, que, sendo o Sol tão puro,
Qualquer culto Poeta o faz escuro:
Em fim quero dizer que nove dias
Nas do Parnaso estive enfermarias,
Onde cheguei a estado
(Sempre, graças a Deos, acompanhado
Das devotas Irmãs brancas, e louras)
Que vi brilhar a Parca co'as thesouras,
Mas deteve-se hum pouco, gentil sorte,
Porque lhe estava então pedindo a Morte
A estopa para oútro Ministerio,
Olha como escapei do duro Imperio!
Mostrei nos olhos tanta graça, e brio,

Que disse a Parca fria

« Deixemo-lo ficar para outro dia ! »

A ultima poesia de Antonio Peixoto de Magalhães, que se encontra na *Phenix renascida*, unico deposito dos versos deste Poeta, e de muitos outros do mesmo seculo, é uma Silva, que se intitula *Lagrimas saudosas, choradas na ausencia do Licenciado João Moreira Telles*, que se havia retirado de Lishoa para o Douro.

O Poeta no seu costumado estylo narra a consternação de Apollo, e das Musas pela ausencia do dito Licenciado, que, pelo o que se collige do que elle diz, parece ser um Poeta distincto, mas de quem nos não restam obras algumas impressas.

Tudo está carregado, tudo triste,
Apollo descontente, e magoado
Em hum grabato jaz tão entravado,
Que, com ser inventor de Medicina,
Desta vez sentirá fatal ruina ;
Posto que o duro Filho bem trabalha
Pela vida do Pay, sem que dê falha
Na continua vigia, na assistencia,
Espreitando do pulso a intercadencia,
E applicando remedios efficazes,
Para entre a vida, e a morte fazer pazes.

Subi hum dia ao monte como pude,
Por saber como estava de saude,
Chegando acima feito mil pedaços,
Fui tão mesquinho, que não vi dos Paços
Huma só porta, nem janella aberta,
Cuidei que estava a casa já deserta
E que a familia assim a deixaria
Depois da morte deste Author do dia.

A' porta me cheguei feito hum escolho,
No boraco da chave puz hum olho,
As potencias applico todas d'alma
Por vêr si d'algun modo collegia
O que no Paço succedido havia.

Estive assim hum grande espaço quedo,
Deos sabe com que horror, e com que medo,

Porque vinha de lá vapôr etherio
 Mui tirante a furtum de Cemiterio,
 E a Cêra dos Enterros, que revia,
 C'o nariz tinha certa antipathia.

Estando pois suspenso, de repente
 Senti vir hum tropel de muita Gente,
 Hum olho arregalei, cerrei outro olho,
 Pondo-lhe o dedo; o habito recolho,
 Eis que vinha com passo acelerado
 Huma das nove Irmãs do Entravado,
 Que trazia na mão hum Candieiro
 De garavato, e vi por derradeiro
 As outras Musas, que a vem seguindo,
 O Ceo todo com gritos, e ais ferindo,
 Tão deslustrosa de sua gala vinha,
 Que jurarei que esteve na cosinha.
 As mãos traziam todas occupadas,
 E com ellas mais sinco, ou seis criadas,
 De lambiques, espatulas, raizes,
 Seringas, ourinoes, almofarizes,
 De ruibarbo, de salvas, de macellas,
 De vidros, de boiões, e de panellas,
 De incenso, sal ammonico, de malvas,
 De violas, salitres, e de salvas,
 De pirolas, borragens, dormideiras,
 De acatelicões, purgas, e d'apistos,
 E de outros mil emplastros nunca vistos.

Tanto pois que esta dança foi passada,
 Ouvi lá dentro grande traquinada,
 E conforme julgava pelo tino,
 Presumi que morava ali Tarquino,
 Ou pelo menos que pelo espantoso
 Saltou Boreas do monte cavernoso.

.....
 Não pude aturar mais de magoado
 Por vêr Apollô tão destemperado,
 Mas que justo cruel não choraria
 Vêr tão destemperada phantasia,
 Que hum tempo oraculava de tripeça,
 As tripas arrojando peça a peça?
 Mas olha não te mates tu por isso,

Que elle fica com todo o teu serviço,
Como he em grau estreito teu parente
Para ti sempre está corrente, e moente,
Tu, Zoilo, que morderes neste verso,
Por não estar mais limpo, puro, e terso,
Acaba de entender que he excellente,
Que para isso lhe basta o ser corrente,
Porém, tornando, amigo, ao que te conto,
Que sempre he grande bem fallar a ponto,
Deixei o cume, e trouxe magoado,
Apollo na garganta atravessado,
Mas subindo-me logo a hum outeiro,
O monte todo quiz notar primeiro,
Que como o Sol estava tão doente,
Se via o pobre já tão differente,
Tanto nos ossos posto, e triste estava
Que ao monte Gelboé se assemilhava.

Oh caso raro! Vi andar no monte
O gran Cavallo de Bellorophonte;
Si este verso não corre com pé franco,
A culpa he do Pegaso, que está manco,
O qual, deixando o pasto com tristeza,
Desperdiçando a vida na aspereza,
Do monte parecia em tua ausencia
Hum humilde Jumento na paciencia.
Andava debicando no tojinho.
E quem tão fraco, e macilento o via
Por outro Roçinante o julgaria,
Parecia o pescoço no comprido,
A hum heroico verso bem medido,
Confesso que me fica a mão folgada,
De pespegar tão grande pescoçada,
As ancas, que de gordas escachavam,
Huma cadeira de ossos figuravam,
Que tendo o espinhaço de diante,
A hum esporão de Nau mui semelhante,
E vendo que o Pegaso estava posto,
Na rostrada cadeira mui composto;
Quando desta maneira assim o via;
Hum Cicero *pro rostris* parecia,
Que ostentando ser mestre d'eloquencia

Orava aos mais Pegasos paciencia.

Este sim, que he valente disparate,

Não o dera maior mais que se mate.

Mas, tornando ao meu conto, junto delle

Vi huns ossos cobertos de hum pelle,

Vi de outra banda, que fataes destroços,

Outra pelle cobrindo a outros ossos,

Bem assim que cobertas as ossadas,

Semilhavam canastras encouradas,

Cheguei-me ao perto, puz-me bem defronte,

Sabeis quem heram? não, Phlegou, Ethonte,

Como o Sol a rege-los não accode,

Cada hum parvoeja como póde.

Tão delgado, e tão longo hera o pescoço

De cada hum, que certo afirmar posso

Que figuravam por aquelles valles

No delgado meus beus, no longo os males,

Aqui tinham logar os escarceos,

Mas adiante com os fogareos.

A pintura da lazeira, a que se achavam reduzidos o Pegaso, e os Cavallos do Sol, é tão viva como burlesca; o verso, em que diz que os seus pescoços semilhavam

No delgado meus bens, no longo os males.

Dá a conhecer que o Poeta não só não estava contente com a sua fortuna, mas que tinha soffrido grandes males, e talvez perseguições, mas a juvenalidade de seu character lhe não permite demorar-se muito nesta consideração, e por isso accrescenta logo

Aqui tinham logar os escarceos,

Mas adiante com os fogareos.

Felizes, e muito felizes os homens a quem a natureza organisou de tal modo, que lhe não é possível sentir profundamente os golpes da sorte, e que tem animo para rir, e folgar mesmo no meio dos trabalhos, e no seio da miseria! Embora lhe chamem estouvados, o folgar no meio da desgraça, e não lhe dar mais attenção, que a

uma mosca, que ás vezes nos importuna, é tambem uma felicidade, que vale bem a pena de agradecer-se a Deos; é verdade que os homens, que sentem pouco a desventura, eu o sei por experiencia, tambem sentem pouco os prazeres, e a fortuna, mas essa mesma apathia estou mui longe de a considerar como um mal.

Finalmente nos dous de macilentos
Quem os bebesse beberia os Ventos.
Quem vio maiores da Fortuna ensaios
Os que escarravam n'outro tempo raios,
Luzes vestindo, os pés calçavam ouro,
Não tem agora mais que o osso, e courço;
Cothurno já não calçam, nem forrado,
Mas o casco descalço, e magoado.
Cavallos, que Epicuros
Dos prados sois, lembrai-vos que ha Monturos,
E que toda essa pompa risco corre,
Porque quem besta nasce, besta morre.
Vi as Pias do Sol, quando mais bellas,
Em campos de Zaphir parcer estrellas,
Vi pedir emprestados seus candores
Os mais Planetas lá do Ceo Senhores,
Vi o bruto de Phlegon, e de Elonte
Não dar ancas ao louro Phaetonte,
Já não tem os Planetas a luz pura,
Que não ha nesta vida honra segura,
Nenhum dá rincho, nenhum faz curveta,
Por mais que tanja o Norte esta trombeta,
Porque está cada qual tanto no fio,
Cada qual tão roido, e tão safo,
Cada qual tão subtil, delgado, e fraco
Que si isso que se escreve de Buflaco,
Da Agulha, do Camello, se escrevera
De hum Cavallo, que rico se perdera!
Este é finalmente
Tu, que vives no Douro tão contente,
Clarissimo Moreira,
Que contemplas alegre esta Ribeira,
O lastimoso estado
Deste monte das Musas consagrado,

Que Apollo, Musas e o que arriba fica,
De essoutra sirandagem de Botica,
O roaz, que escavando abrio a fonte,
Do Sol as Pias, ou Phlegon, e Etonte,
Todos padecem taes adversidades
Affligidos com tuas Saudades.

Finalmente Antonio Peixoto de Magalhães não foi grande Poeta, mas um Poeta de muito bom gosto, de espirito original, que soube aproveitar-se do estudo dos antigos, e que pela força do seu genio, e bom juizo conseguiu eximir-se do contagio literario, que depravou os melhores engenhos do seu tempo: os Gongoristas tiveram nelle um poderoso adversario, que lhe fez continuada guerra, ferindo-os sem piedade com as armas do ridiculo: sabemos que compoz grande número de poesias; mas as poucas, que delle conservamos, sam aquellas que estavam em contradicção com o estylo, que então vogava, e em que os seus contemporaneos sam tão maltractados, isto pôde parecer notavel a muita gente, mas eu creio, que por isso mesmo tiveram mais voga, e se espalharam mais, porque a curiosidade de uns, e o despeito de outros multiplicaram as copias, e as vulgarisaram de modo que poderam assim conservar-se, e chegar ás mãos de Mathias Pereira, que as inserio no quinto volume da sua *Phenix renascida*, que sahio á luz dedicada ao Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, impressa na Officina de Miguel Rodrigues, impressor da Patriarchal no anno de 1746.

A linguagem de Antonio Peixoto Magalhães é pura, e correcta, salvo alguns vocabulos, e phrases plebeas, a que o obriga o estylo burlesco, de que usa, abunda de chistes, e jovialidades sem affectação, a sua imaginação é viva, e fecunda, e a sua versificação harmoniosa, e corrente, e as suas rymas faceis, e bem collocadas.

CAPITULO III.

João Franco Barreto.

Desde o feliz reinado d'El-Rei D. Manoel haviam os Poetas Portuguezes seguido, e imitado os antigos, e Italianos, e exercitado o seu engenho em quasi todos os generos de composição; o Soneto, a Ode, a Canção, a Elegia, a Epistola tinham chegado a um elevado grau de perfeição. Antonio Ferreira si não foi o primeiro, ao menos foi o segundo que se abalançou a dar á Europa uma Tragedia pelo systema dramatico dos Gregos. Gil Vicente, Sá de Miranda, o proprio Ferreira, Prestes, Simão Machado calçaram o socco com merecimento não pequeno. Camões havia creado um novo genero de Epopeia; Francisco de Andrade, Côrte Real, e outros haviam colhido a mesma palma, posto que um intervallo immenso as separasse daquelle grande genio, podia dizer-se porém que a traducção poetica estava ainda intacta.

E certo que Ferreira havia traduzido o *Amor Fugido* de Moscho, e Pero de Andrade Caminha, além deste mesmo Idyllo, algumas outras composições de Ausonio, e de Angeriano; porém estas traducções demasiado paraphrasticas, e a quem cabia melhor o titulo de imitações, não podiam de modo algum prehencher o vacuo; que nesta parte apresentava a literatura Lusitana.

Nenhum dos nossos Poetas se tinha animado a passar para verso Portuguez alguma das famosas Epopeias dos Gregos, e dos Romanos, receiavam arrostrar com os robustos Atletas de Achaia, e Roma, ou porque desconfiavam das suas forças, ou porque julgavam a lingua, e a versificação Portugueza armas de tempera mui fraca para lhe dar a victoria, ou pelo menos a deixar indiciosa.

Houve porém um homem, que confiado no seu bom saber, e no profundo conhecimento do idyoma Portuguez, que havia estudado com esmero, ousou affrontar esses

receios panicos, esses preconceitos mal fundados, e apresentar-nos na lingua materna um dos Poemas mais difficeis de traduzir pela perfeição do estylo, e metro, de quantos a antiguidade nos legara. Este homem foi João Franco Barreto, e o Poema a Eneida de Virgilio.

João Franco Barreto nasceo na Cidade de Lisboa no anno de 1600, seus Pais lhe deram uma excellente educação, de que elle soube aproveitar-se tornando-se mui sabedor das linguas Latina, e Grega, chaves preciosas de todo o saber humano, e mui habil na Philosophia Racional, e Moral, e na Rhetorica.

Applicou-se igualmente ao estudo da lingua Castelhana, e Italiana, então julgadas indispensaveis, em todo o homem, que pertendia passar por bem creado, e a Geographia, Historia Sagrada, e Profana, e Sciencias Mathematicas.

Deveo-lhe uma applicação mui particular o estudo da lingua materna, de que sam boa prova não só as suas composições em prosa, e verso, mas o seu Tractado de Orthographia, que foi recebido com tanto applauso do público.

João Franco Barreto principiou abraçando a vida militar, uma das menos proprias para o cultivo das letras, e fez parte da expedição, que em 1624 deu á vela desta Cidade para restaurar a Bahia de todos os Santos, de que os Hollandezes se haviam apoderado em 1623, e nesta campanha se comportou com uma coragem, verdadeiramente Portuguesa.

Voltando á patria, abandonou o serviço militar, que não era a sua vocação, e se matriculou na Universidade de Coimbra; não pôde porém completar o curso dos seus estudos, e tomar os graus universitarios, porque quatro annos depois teve de acompanhar a Lisboa, no tempo da aclamação d'El-Rei D. João IV., os filhos do Monteiro Mór, cujo mestre, era.

O sobredito Monteiro Mór, sendo enviado á côrte de França na qualidade de Embaixador de Portugal, dando-se por bem servido de João Franco Barreto na educação de seus filhos, e conhecendo a sua probidade, illustração, e habilidade para os negocios, o escolheu para Secretario, e com elle partio para a sua missão no anno de 1641.

Parece que João Franco Barreto não estava fadado nem para militar, nem para magistrado, nem para diplomático: porque havendo fallecido sua mulher, abraçou o estado ecclesiastico na qualidade de Perisbytero do habito de S. Pedro.

Pôde então mais socegado dar-se ao cultivo das letras, e ás suas fadigas eruditas, de que as mais importantes sam:

Orthographia da Lingua Portugueza, Lisboa 1670, 4.^o Obra de muito merecimento, especialmente em referencia ao tempo, em que o Author a escreveo.

Argumentos em oitava ryma para todos os Cantos dos Lusíadas de Luiz de Camões, e Indice dos nomes, e materias, que se contém no Poema, que, a pesar da sua brevidade, provam a muita erudição do Author principalmente em Historia, Mythologia, e Geographia, e acompanham a maior parte das edições daquelle Poema.

Relação da Viagem, que a Armada de Portugal fez á Bahia de todos os Santos, e da Restauração da Cidade de S. Salvador, que estava em poder dos Hollandezes. O Author fez, como acima notamos, parte desta expedição, e escreveo como testemunha de vista.

Eneida Portugueza, ou traducção em oitava ryma do Poema de Virgilio, Primeira Parte, Lisboa 1664, Segunda Parte, 1670. O Poema inteiro 1763.

Além destas Obras, que sahiram á luz, deixou muitas outras manuscriptas, que se conservavam na Bibliotheca da Casa de Lafões, e que é muito probavel, que perecessem no incendio, que se seguiu ao funesto terremoto de 1755. As mais importantes, cuja perda é mais para lamentar, sam as seguintes.

As Odes de Horacio, traduzidas em verso Portuguez.

Uma traducção livre da Ratrachomíomachia de Homero em cento e vinte oitavas Portuguezas.

Um grosso volume de 4.^o contendo as suas Rhythmas.

Bibliotheca Portugueza. O Abbade Diogo Barbosa Machado, fallando desta Obra confessa com louvavel franqueza, que se aproveitou muito della para a composição da sua Bibliotheca Lusitana.

A Traducção da Eneida de Virgilio em oitavas Portuguezas, grangeou apenas appareceu, o applauso de todos

os contemporaneos eruditos, e foi por elles logo declarada classica; e a maior prova de que ella merecia essa estima, está em tê-la conservado até hoje, sendo bem raras as pessoas, que não a tenham lido mais de uma vez, e as livrarias em que não se encontre, e bem que tenham apparecido depois algumas outras traducções poeticas da Eneida, de muito maior perfeição como as do Doutor Lima Leitão, e de José Victorino Barreto Feio, nem um nem outro poderam fazer esquecer o nome de João Franco Barreto, nem diminuir o respeito dos nossos Literatos pelo antigo, e veneravel interprete de Virgilio.

O grande merito desta traducção consiste, si não me engano, na pureza da lingua, que o Author possuia com perfeição; na eloquencia, e louçania do estylo, em uma versificação em geral corrente, e harmoniosa, e no bem fabricado das Estanças; pelo que o Poeta fez podemos avaliar, o que teria feito si, quando empreheu esta ardua tarefa, a lingua tivesse adquirido a flexibilidade, que hoje goza, e se o verso solto, no apuro que lhe deram os Arcades, e Bocage, lhe servisse então de instrumento.

João Franco Barreto diz no seu Prologo que para exprimir o sentido de Virgilio muitas vezes cuidou perder os sentidos. Acredito sem difficuldade, visto a admiravel, e nunca igualada perfeição do estylo do original, que a cada passo nos presenta rasgos, que nenhuma das linguas vivas pôde reproduzir com igual força; é por isso que é mais facil deparar com uma traducção boa de Homero, que com uma de Virgilio.

As idéas de Virgilio estão de tal modo, seja-me licita a expressão, encarnadas no verso, e na collocação das palavras, e número dellas, que separadas daquelles sons, rapidos, ou lentos, brandos, ou fortes, surdos, ou retumbantes, perdem uma grande parte da sua graça, e do pictoresco, que as adornam; como poderão traduzir-se com igual força versos como este

Et dulces, moriens, reminiscitur Argos?

*Ter sese atollens, cubitoque inixa resedit,
Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto
Quæsitit cælo lucem, ingemuitque reperta.*

Vêja-se como *sese atollens* pinta bem á imaginação o vagar, e a difficuldade de se levantar lentamente! Como a precipitada marcha do hemistichio *ter revoluta toro est* nos faz vêr a queda repentina de um corpo desanimado! Como as duas dicções dactilicas *occulisque errantibus*, que parecem arrastar-se, e a pausa que a voz é obrigada a fazer no vocabulo *alto*, e na passagem para o outro verso, o seu levantamento em *quæsivit caelo*, o som surdo de *lucem*, em que termina outro hemistichio, nos figura bem á vista procurando á tôa a luz, e os olhos, ora abrindo-se, ora fechando-se! E no final do verso, *ingemuitque reperita*, na prenunciação clara do *in*, e do *ge*, seguindo-se-lhe o som prelongado do *i*, não nos faz ouvir distinctamente um grito, causado pelo repentino ferimento da luz? e haverá idyoma, em que possa exprimir-se com igual viveza esta harmonia imitativa, esta musica, que fere n'alma, e arrebatá a imaginação? Creio que não; vejamos como nisto se houveram os mais affamados Traductores.

ANNIBAL CARO.

Tre volte sopra il cubito risorsé,
Tre volte cadde, ed ala terza giacque,
E gl'occhi volti al Ciel, quasi cercando
Veder la luce, poiche vista l'ebbe,
Ne sospiró.

Quatro versos e meio para só trez latinos; mas o peor não é isso, o primeiro verso diz completamente que se levanta firmada no cotovello, mas onde a pintura de Dido levantando-se pouco a pouco, e a custo? *tre volte cadde* também não exprime o *ter revoluta thoro est*, e os dous versos e meio que seguem não passam de prosa accentuada, que nada prestam, e nada fazem vêr! *ne sospiró*, lançado no principio do seguinte verso, e fóra do periodo poetico, é a unica expressão, que me parece fazer imagem, e harmonia imitativa.

BARTHOLEMI.

Troia fois avec effort sur son bras redressée,
Sur sa couche trois foix elle tombe affaissée,

Et de ses yeux errants, que la douleur ternit,
Elle cherche le jour, le retrouve, et gemit.

O primeiro verso, si não a representa perfeitamente, pelo menos aproxima-se muito á pintura original, não acontece assim ao segundo, empregado todo para o hemistichio *tu resoluta tero est*. O terceiro exprime bem pelo som o *oculisque errantibus*, mas o *que la douleur ternit* não é de Virgilio; é uma compensação que o Poeta nos dá do *alto calo qucesivit*, que omittiu; o ultimo é excellente como verso, e como traducção. Duvido que em francez este trecho se possa expressar melhor, apesar dos seus defeitos.

ALFIERI.

Bem tre volte in sul braccio sollalzarse
Tenta, e tre volte in sul letto ricade:
Ver l'alma huce alfin supinge incerti
Gli acchi bramosi, e vistala, alto un gemitto
Mandó nell'aure.

Bem os dous primeiros versos, *sollalzarse* no fim do primeiro, dá bastante idéa da difficuldade com que o corpo de Dido trabalha por erguer-se; *in sul letto ricade* segundo hemistichio de um verso de quarta e setima, é quasi perfeito equivalente de *ter revolula thoro est*. O resto é demasiadamente verboso, e pouco digno de tão grande Poeta como Alfieri.

BÉVERINI.

Sorger provó tre volte, e tre cadendo
Torno di nuovo a traboccar sul letto,
Cercó co'gli occhi il giorno, e ne gl'incerebbe,
E sospiró poi che trovato f'ebbe.

Esta traducção pouco deixa a desejar; Beverini é o mais perfeito traductor da Eneida em italiano, Annibal Caro tão gabado, e que teve a grande vantagem de escrever em verso solto, instrumento muito mais maneavel,

lhe ficou muito inferior. Esta foi sempre a minha opinião, e muito me desvaneci ao vêr que era também este o sentimento do excellente critico moderno o erudito Professor Salfi.

DELILLE.

Trois fois avec effort sur son bras se dressant,
Trois fois elle retombe : et d'un œil languissant
Levant un long regard vers le Celeste Empire,
Cherche un dernier raion, le rencontre, et soupire.

Isto não pôde chamar-se traducção, mas imitação livre, em que desaparece todo o colorido de Virgilio, para ficarem só algumas das suas idéas expressadas ao modo de Delille : *d'un œil languissant* não equivale a *occolisque errantibus*, *œil languissant* applicado a um moribundo, é circumstancia tão trivial, que não valia a pena de notar-se em um quadro destes.

Levant un long regard vers le Celeste Empire.

É um perfeito contrasenso : esta expressão indica que Dido olhando para o Ceo prolongou, quanto ella podia alcançar, a vista por longo tempo, e Virgilio não quiz dizer tal, mas que desacordada olhava vagamente para o Ceo : a periphrase de *celeste empire* para dizer o Ceo neste logar é ridicula, e trazida pela necessidade da ryma, ou pela paixão particular a Delille de dizer sempre as cousas de maneira figurada, o *imperio celeste* não tem aqui logar nenhum. *Cherche un dernier raion* um ultimo raio, um raio de que ? naturalmente da luz do celeste imperio, mas si a luz do celeste imperio é perenne, e eterna, como podia Dido encontrar o ultima raio dessa luz ? Mas nem isso mesmo o Poeta especifica. Virgilio, mais singelo, e mais natural na sua expressão, diz muy clara, e especificamente que procurava a luz no Ceo, *quæsit cælo lacem*, sem lhe importar que fosse a primeira, ou a ultima ; e o mesmo devia dizer o seu Traductor.

É evidente que de todos os Poetas citados, ninguem traduzio este trecho melhor que Beverini, e Bartholemi, nem peor que Delille, e á vista do que fizeram tão gran-

des Poetas, não deve estranhar-se que João Franco Barreto, o traduzisse assim:

Trez vezes pertendeu, toda estribada
No cotovello, erguer-se, e com effeito
Outras tantas cahindo desmaiada,
Deu comsigo de golpe sobre o leito.
E c'os olhos errantes, anciada
A luz buscava do celeste leito
The que, achando-a, gemeo! a Omnipotente
Juno sentio então a dór pungente.

Esta traducção pôde julgar-se boa, se attendermos só á reprodução das idéas do original; ellas estão todas aqui, sem acrescentar, nem diminuir, o que é não pequena vantagem, que o Traductor Portuguez leva a alguns dos já citados; mas si compararmos o mecanismo metrico, e collocação artistica das palavras, vêr-se-ha então a grande differença, que corre entre este trecho, e o do Mantuano.

Os defeitos mais salientes da traducção de João Franco Barreto sam quanto á minha opinião: Primeiro, a verbosidade nascida das amudadas circumloquções, que o Poeta era obrigado a empregar para armar ao consoante, e organizar a sua Estança, que lhê não permittia ser tão consiso como devera.

Segundo, a mania, e não sei si alguma causa menos honrosa, de intellir na sua Obra todas as imitações de Virgílio, que encontrou nos Lusíadas; ora como Camões imitava os trechos da Eneida, exprimindo-os a seu modo, o diverso fim do seu trabalho havia dar resultado differente, do que pedia o de um Traductor; e é evidente que, encorporando elle estes trechos na sua traducção necessariamente lhê haviam de acarretar a nota da pouca exactidão.

Terceiro, a frequencia de passar o sentido de umas Estanças para as outras, o que sempre produz um effeito pouco agradável. Uma Estança, que feixa deixando o sentido imperfecto, é como uma desafinação, que destroe todo o prazer do ouvinte.

Quarto, alguns versos duros, outros prosaicos, e algumas rymas forçadas.

Quinto, algumas phrases baixas, ou nimamente vulgares, e alguns vocabulos, que nunca cuidaram passar das cabanas da Ribeira nova para o mágestoso edificio de um Poema Heroico. Apontaremos alguns exemplos

Ad vosso Rey dizei que em sorte dado
Me foi do mar o imperio preeminente,
E que *nada lhe deve* o meu tridente.

Nada lhe deve, com esta significação é só da linguagem popular.

Andam todas n'hum vivo *rebolico*.

Quem esperaria encontrar a palavra *rebolico* em composição tão seria?

Nem menos entre tanto aos companheiros
Vinte Touros á praia, e mar envia
Com horrendos *toucinhos*....

Aqui, si não me engano, o Poeta é reprehensivel como Escriptor, e como Traductor; como Escriptor porque o vocabulo *toucinhos* só podia ter logar em um Poema sobre a *Arte Culinaria*, que não seria mais estranho que um sobre os *Alhos*, e as *Cebollas*, e outro sobre os *Gatos*, e os *Ratos*, com que nos mimossaram dous RR. Poetas Jesuitas. Como Traductor porque dizendo *Virgilie*

Magnorum horrentia centum

Terga suum,

em logar de entender por estas palavras *centum corpora hirsuta Porcorum*, isto é, como nós dizemos, uma vara de Porcos, o que na verdade está em harmonia com o resto do presente, a saber cem Ovelhas gordas, com os filhos, e vinte Touros, donativo digno da generosidade da Rainha, entendeu por *centum terga suum* cem mantas de toucinho; naturalmente o tal toucinho seria para temperar a carne; ou a Rainha Dido tomou os Soldados, e Marinheiros Troianos por Frades Bernardos, e quiz prove-los abundantemente daquelle genero para aquella noite fazerem uma *lauta tremenda* em sua honra, e louvor.

Como pôde se ergueo da *lama*, e ousado
Ergueo-se da *lama* o heroe de um Poema Epico ! De certo
que João Franco Barreto não aprendeu de Camões a
expressar-se assim ! E muito menos a usar da palavra
canalha de que elle se serve em outra parte desta traducção.

Elle então « O desejo de honra, e gloria
« Não cessou de temor, isso é *historia* ! »

Isso é historia nem é phrase poetica, nem é phrase polida, e bem creada ; a força do consoante obrigou quanto a mim o Poeta a lançar mão desta loquução plebea para fechar a Oitava. Si quizesse apontar mais exemplos destas incorrecções, e desleixo não seria necessário correr muitas paginas ; mas passemos adiante, pois gosto mais de demorar-me com as bellezas, que de esquadrinhar defeitos.

Tambem não é raro encontrar alguns logares mal entendidos nesta traducção : no Canto I. diz o original fallando-se de Pygmalião.

Ille Sycheum
Impius, ante aras, atque auri cæcus amore,
Glam ferro incantam superat, securus amorum
Germanæ.

João Franco Barreto traduz este passo assim

E elle, cégo c'o amor desatinado
Do luzente metal do ouro alheio,
Nos Germanos amores confiado.
Com ferro a Sycheo mata sem receio.
Não examinaremos agora si

Do luzente metal do ouro alheio

é, ou não uma redondancia, si *dos germanos amores*, é, ou não expressão incorrecta, e viciosa ; direi sómente que esta traducção é um perfeito absurdo, e que de mais a

mais traz sobre Dido uma imputação de cumplicidade neste assassinio abominavel, pois diz que *confiado nos amores da irmã* ficou desassombrado de receio : imputação que é plenamente desmentida logo nos seguintes versos, que bastavam para advertir o Poeta do seu engano.

E encobrio longo tempo o feito horrendo,
Com enganos a Irmã sempre entreteendo.

Logo a irmã não sabia do attentado, logo Pygmalião não commetteu sem receio o assassinio por estar confiado no amor da irmã; parece impossivel que um Latinista tão habil não visse que *securus amorum germanæ* não queria dizer confiando nos amores da irmã, mas sem attende-los, sem respeitá-los, sem ter consideração alguma com elles.

Oh Danaum fortissime Gentis

Tydide, mene Iliacis occumbere campis
Non potuisses, tuaque animam hanc effundere dextra,
Sævus ubi Æacidæ telo jacet Hector, ubi ingens
Sarpédon; ubi tot Simois cōtrepta sub undis
Senta virum, galeasque, et fortia corpora volvit.

Oh Tydides, dos Daaos o mais forte,
Que eu dos campos Troyanos escapasse,
E me impedisse a minha dura sorte
Que tua dextra esta alma derramasse,
Onde Achyles ao forte Heitor deu morte
E o gran Sarpédon jaz! onde igualasse
Esforçados Varões que do Simoente
Entre as armas envolve a gran corrente;

Verbosidade, e inexactidão! Eneas não diz que desejava igualar os esforçados Varões, que a gran corrente do Simoente envolvia entre as armas; exprime o desejo de haver perdido a vida ás mãos de Diomedes, que era o mais valente dos Gregos, nas campinas de Ilion, onde Heitor atravessado pela lança de Achyles e o grande Sarpédon jaziam; e onde o Simoente revolvía em suas ondas os escudos, capacetes, e os cadaveres de tantos heroes valentes.

Scuta virum, galeasque, et fortia corpora volvit

Verso tam sublime, e pictoresco, desfigurado na versão, e aonde á sua torrente se applica o epitheto de grande como si se tractasse do Têjo, ou do Ebro, e não de um regato, ou torrente, que em toda a parte se passa a vão!

Heu! quæ nunc tellus, (inquit) quæ me æquora possunt
Accipere? aut quid jam misero mihi denique restat?
Cui neque apud Danaos usquam locus; insuper ipsi
Dardanidæ infensi pænas oúm sanguine possunt!

Ai de mim (disse) misero! a que posto
Da terra, ou do mar posso sem receio
De achar môres perigos acolher-me?
Aonde hirei sem mim, de mim esconder-me?

Que farei, miseravel? que me fica
Para experimentar de minha sorte
Que em Grecia sempre achei adversa, inica,
E em Troya me condena a dura morte?

Aqui temos oito versos Portuguezes para quatro Latinos, e que com tanta verbosidade os explicam muito mal, e inda em cima se nos encampa o seguinte

Aonde hirei sem mim, de mim esconder-me?

Onde foi João Franco Barreto buscar este verso enigmático, e ridiculo? Este verso, que até fôra de extranhar no mais rematado Gongorista, para attribui-lo a Virgilio, o Poeta mais judicioso, e correcto da antiguidade? Em boa situação estava Sinon para, collocado na tremenda alternativa de

Seu versare dolos, sen certæ occumbere morti,

se divertir com estes trocadilhos, e subtilezas! Si toda a traducção de João Franco Barreto, fosse escripta neste gosto, ha muito que os seus exemplares estariam consumidos nas tendas em embrulhar adubos.

*Sunt et sua dena parenti.
 Addit equos; addit que Duces,
 Remigium supplet, socios simul instruit armis
 Interea classẽm velis aptare jubebat
 Anchyses fieret vento mora ne qua faventi.*

Logo a meu Pay tambem seus dões envia,
 Com offerecimentos verdadeiros,
 Dá-nos cavallos, Capitães avia,
 A chusma supre, e arma os companheiros;
 Anchyses em este interim fazia
 Apparelhar as Naus aos Marinheiros,
 Para que vendó a viração amena
 As velas desfraldassem da alta antena.

O segundo verso desta Estança não tem equivalente no original, é perfeitamente uma cunha para a ryma; porém o maior defeito é o Poeta não ter entendido a significação da palavra *Duces* neste logar, interpretando-a por Capitães. Pois Eneas tinha precisão de Capitães? Sobejos levava elle comsigo: o que o Poeta Romano indica na palavra *Duces* é que Heleno além de abastecer a frota de Eneas, lhe deu ou Pilotos, que o dirigissem na navegação daquelles mares, para elles desconhecidos, ou Guias, que lhe prestassem igual serviço nas marchas, que tinha de fazer pelas terras, que demandava; destes practicos, e não de Capitães, é que Eneas, e os Troianos necessitavam; e hoje mesmo que os Generaes tem tantos soccorros nos mapas geographicos, é topographicos, de que podem valer-se nas marchas, sempre tomam guias para caminharem com maior segurança. *Interim* não é vocabulo do dialecto poetico, e desgosta encontra-lo aqui.

Disse acima que João Franco Barreto falta ás vezes á fidelidade do texto para aproveitar as imitações, que Camões fez de alguns trechos de Virgilio, como, querendo restituir-lhe os versos, que o grande Epico lhe usarpára; eis aqui um exemplo

*In segetem veluti cum flamma, furentibus Austris,
 Incidit, aut rapidus montano fluminae torrens
 Sternit agros, sternit sata læta, boumque labores,*

Precipites que trahit Sylvas : stupet inscius alto
Accipiens sonitum saxi de vertice Pastor.

IMITAÇÃO DE CAMÕES.

Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos aridos campos, assoprando
O sibilante Boreas, animada
C'o vento o secco mato vai queimando,
A Pastoral companhia, que deitada
C'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se ateia,
Recolhe o fato, e corre para a Aldeia.

Rigorosamente isto não pôde dizer-se uma imitação porque os objectos comparados são differentes. Alem disso Virgilio diz simplesmente, como quando enfurecendo-se os austros cahe a chamma em uma seara; e começa logo a comparação da torrente: e Camões compara os Mouros sobresaltados pegando confusamente em armas, no momento de serem subitamente acommettidos pelos Portuguezes; com os Pastores, que dormindo no campo, acordam ao estridor de um incendio, que devora o mato, ateando-se cada vez mais pelo sopro sibilante do norte, recolhem o gado, e fogem para a Aldêa, não vêjo portanto que os quatro primeiros versos desta Estança sublime, e digna de Virgilio, sejam traducção de versõ, e meio da Eneida, mas não o entendeu assim João Franco Barreto, e chrismando o Boreas em Austros, os apresenta como taes na seguinte Oitava.

Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos aridos campos, assoprando
Os sibilantês Astros, e animada
Ao vento as seccas messês vai queimando;
Ou a corrente desce da empinada
Serra as searas, e agros devastando,
O Pastor ignorante ao som desperta,
E do alto monte está co'a bocca aberta.

Esta Estança é optimamente rymada, e versificada, mas, não representa o texto, para criminar Camões; Vir-

gilio falla de uma seara, que se abraçou com uma faguilha, que para lá levou o furor dos austros, e não n'um mato, que se incendêa; não diz que a torrente devasta as searas, mas que arraza os campos, arraza as alegres sementeiras, e os trabalhos dos bois, e leva consigo os bosques, e João Franco Barreto omitta tudo isto: não diz que o Pastor, que desperta com o estrondo, está no alto do monte com a *bocca aberta* (expressão estranha no estylo epico); mas que o Pastor no alto do monte ouvindo o estrondo, sem saber o motivo d'elle (*inscius*) fica attonito, e assombrado, (*stupet*) de modo que o Traductor dá por effeito do espectáculo, o saúdo, que o original attribue ao Pastor só pelo estrondo, que ouve, sem saber de que elle procede.

Outro exemplo, e mais escandaloso ainda, porque não deixa logar a duvidar-se da má fé, e do pensamento reservado de João Franco Barreto.

TEXTO DE VIRGILIO.

Adversi rupto cœu quondam turbine venti
 Confligunt, Zephyrusque Notusque, et lætus Eois
 Euro equis; stridunt sylvæ, sævit que tridente
 Spumeus, at que imo Nereus ciet æquora fundo.

TRADUÇÃO LITERAL.

Como quando ventos oppostos pelejam em turbilhão desatado, Zephyro, Nótó, e Euro ufano com cavallos orientaes; rumorejam os bosques, e o espumoso Nereo brande irado o tridente, e revolve os mares desde a sua maior profundidade. Cotejemos agora com esta pintura a supposta imitação, ou copia de Camões.

Qual Astro fero, ou Boreas na espessura

De silvestre arvoredado abastecida

Rompendo os ramos vam da mata escura

Com impeto, e braveza desmedida;

Brama toda a montanha, o som murmura

Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida,

Tal andava o tumulto levantado

Entre os Deoses no Olympo consagrado.

Confrontando esta Oitava com os versos Latinos, e com a sua traducção literal, que a precedem, dirá alguem de boa fé que uma destas comparações, é traduzida da outra? Virgilio compara os Gregos, e Troyanos, que combatem enovelados em um só ponto, com os ventos opostos, que luctam nos ares em remoinho, e por accessorio do quadro apresenta o effeito, que esta lucta produz nos mares agitando-os profundamente. Camões compara a agitação, e murmureo dos Deoses no Concilio de Jove, com o sussurro de uma floresta agitada pelos ventos, e dá por accessorios ao seu quadro o effeito, que o sopro dos ventos produz no arvoredado; os ramos que se quebram com estrondo, os sons que rugem da montanha em echos, as folhas, que se rompem &c., o que ha de commum entre objectos tão dessimilhantes? Nada (dirá, o Leitor de boa fé) tambem digo o mesmo; mas porque motivo João Franco Barreto copia na sua Obra como traducção fiel deste trecho de Virgilio os seis primeiros versos da Estança de Camões, e diz assim

*Qual Astro fero, ou Boreas na espessura
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vai da mata escura
Com impeto, e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra enguida
E Nereo espumoso se exaspera
C'o tridente, e do fundo o mar altera?*

Pois estes versos sam traducção dos versos Latinos? onde fallam elles no Zephyro, Nôto, e Euro tñão com os seus cavallos orientaes, que luctam em redemoinho? nesta Estança não ha traducção da Eneida si não nos ultimos dous versos, que sam os unicos de João Franco Barreto, e essa mesma traducção é defeituosa, pois *Nereo se exaspera com o tridente*, é uma expressão incorrecta, e umbigua, que não põe bem claro si Nereo se agasta contra o tridente, ou elle agastado brande o tridente. Este estranho procedimento de João Franco Barreto não tem se não uma explicação, o desejo traiçoeiro de querer assacar a Camões o labeo de plagiario, mesmo quando

nem si quer é imitador, muita pequenez se encontra ás vezes nos homens grandes! Adiante veremos que José Agostinho seguindo as pisadas do Traductor da Eneida, pertendeu provar que Camões havia roubado a alguns Poetas muitas comparações, de que cita a primeira palavra, ou o primeiro verso; e então copiando-as por inteiro mostrarei que tal roubo só existio na imaginação daquelle Zoilo descarado, e calumniador.

Poderia sem grande trabalho apontar na Eneida Portugueza um grande número de defeitos de intelligencia do texto, e de estylo: mas bastam estes para o Leitor fazer idéa desta Obra; e mesmo eu não teria insistido tanto nisto, si não se tractasse de uma traducção, que passa por classica, e que é mui lida, e muito estimada.

Não se pense porém que pertendo desacredita-la; a minha critica é imparcial; e confesso que nella ha bellezas, que sobejamente compensam estes defeitos, que esta traducção é muito superior em todo o sentido á que Leonel da Costa publicou das Eclogas, e das Georgicas, que deveria sahir mui superior, porque o Author a escreveu em verso solto, instrumento muito mais apto para traducções: mas de que serve que a espada seja durindana, si quem a brande não é um Orlando?

Terminarei pois este Capitulo citando alguns trechos que nos dêem a conhecer o talento poetico de João Franco Barreto, e sua aptidão para a traducção em verso.

ENEAS NO TEMPLO DE CARTHAGO.

Aqui a Sidonia Dido hum grande Templo
A' poderosa Juno então erguia,
Com oppulentas peças adornado,
E a Estatua da Deosa, a que he dicado.

A cujas portas de metal lavradas
Por escadas do mesmo se subia:
De bronze as traves tinha cravejadas,
E a couceira no cobre retenia;
Aqui primeiramente inopinadas
Cousas, que Eneas com seus olhos via
O temor lhe abrandaram, e esperança
Deram de haver nos males seus mudança.

Porque em quanto do Templo anda esperando
 A Raynha de a vêr já desejoso,
 Cada cousa per si vendo, e notando,
 E do Povo se admira venturoso,
 O artificio das mãos considerando,
 E o trabalho das obras primoroso
 As Iliacas brigas vê ordenadas,
 E as guerras já pelo orbe divulgadas.

Os dous Atridas vê, e o desgraçado
 Priamo, e Achyles a ambos insolente,
 Aqui parou, e assi disse admirado,
 Soltando de seus olhos a corrente ;
 « Que logar, ou que clima remotado,
 » Que região, que terra certamente,
 » Não está já, por quanto o Sol rodêa,
 » De nosso grão trabalho, Achates, chêa ?

» Eis Priamo, que ainda na pintura
 » O premio tem a seu valor dividido ?
 » Vê-se o pranto da nossa desventura,
 » Que a todos move hum mal tão desmedido ;
 » Não temas ! esta fama por ventura
 » Que de algum bem te seja não duvido. »
 Assim diz, e chorando em larga vêa,
 Co'a van pintura o animo recrea.

Porque via em redor de Troya ardente
 Os encontros belligeros pintados :
 Aqui os Gregos fugir da Tenera Gente,
 Ali os Phrygicos da Grega amedrontados
 Como Achyles do carro armipotente
 Opprimidos os tinha, e apertados,
 Dali perto, chorando as brancas vellas
 De Rheso descobrio nas Tendás bellas.

As quaes Tydides todo ensanguentado
 Na grande mortandade, que fazia
 Contra os de Thracia fero, e encarniado,
 Em o primeiro somno destruia,
 E a seu campo voltou acelerado

Os ardentes cavallos, que regia,
Sem que gostado houvessem entretanto
De Troya os pastos, nem bebido o Xantho.

N'outra parte fugindo o miserando
Troilo as armas tinha já perdido,
Para o valente Achyles peleijando
Moço infeliz em desigual partido:
Resupino os Cavallos arrastrando
O levaram sem força, e sem sentido,
A seu vasio coche pendurado
Tendo com tudo as redeas apertado.

Com as guedelhas, e a cerviz barrendo
A terra o triste Moço a arrastros hia,
E a lança atraz virada estremecendo
No secco pó parece que escrevia,
Entretanto as Iliadas correndo
Ao gran Templo da injusta Pallas via
Com os cabellos soltos, onde o vento
Brando fazia snave movimento.

Com as palmas ferindo os peitos puros,
Tristes consigo o peplo humildemente,
Levavam, mas a Deosa mui seguros
Os olhos no chão tinha em ira ardente;
Trez vezes ao redor dos Teneros muros
Se mostrava, que Achyles inclemente
Arrastrado de Heitor o corpo havia,
E que por ouro exanime o vendia.

Tanto que Eneas vio ali pintado
Os despojos, e o coche do querido
Amigo, e o mesmo corpo desarmado,
Priamo as mãos erguendo internecido;
Do intimo peito arranca magoado
Hum grande, e profundissimo gemido,
Logo em si mesmo attento reparava,
Que entre os Argivos Principes estava.

Ao negro Mémpon, e esquadões do Oriente
 Como a Penthesilea também via,
 Que de Amazonas batalhão furente
 Com lunados escudos conduzia:
 E, Guerreira magnanima entre a Gente
 Militar fervorosa discorria,
 Com aureo cinto o peito solto atando,
 E virgem c'os Varões brigar ousando.

Em quanto o Teuero Eneas suspenso
 A vista no que vê tem occupada,
 Com bellissimo aspeto a Regia Dido
 Foi de muitos ao Templo acompanhada,
 Qual nas margens do Eurota, ou no subido
 Cinthio a Deosa Diana, *acompanhada*
 De quanta Nymphá bella o Monte habita,
 Suas danças, e choros exercita.

Acompanhada, servindo duas vezes de ryma na mesma Oitava é negligencia mui reprehensivel, e muito mais em Obra de tal importancia.

Aos hombros leva a aljava, e caminhando
 Vence a todas no corpo, e formosura,
 Pelo que no interior se está banhando,
 Latona de alegria em gloria pura.
 Tal hera Dido, e tal se mostra andando
 Por entre os seus contente, e mui segura,
 Dando preça á Cidade, que algum dia
 Ser do reino Metrópoli devia.

Da Deosa as portas logo caminhava
 E no solio se assenta, que imminente
 Em o meio do Templo posto estava,
 Cercada em de redor de armada Gente.
 Dali a seu Povo leys, e regras dava,
 Decidindo-lhe as causas; igualmente
 O trabalho por todos repartia,
 Ou como em sorte a cada qual cabia.

Na alta antiguidade os Reis eram os primeiros juizes das suas nações: julgar, e compôr suas demandas, o dever que elles contemplavam como o mais importante da realza; Homero chama muitas vezes aos Reis *Juizes*; e *julgar os Povos* quer dizer na sua linguagem *reinar*. Colhe-se dos Argonautas de Apollonio Rhodio que os Reis usavam de um sceptro de fôrma particular, quando exerciam as funções da magistratura, na Biblia observamos o mesmo, e basta para comprova-lo a sentença pronunciada por Salomão, sobre as duas mulheres, que perante elle pleitearam por um filho, que ambas diziam seu! Em outro lugar Deos dirigindo-se aos Reis diz *audite, qui judicatis terram?* Os nossos primeiros Reis também eram Juizes; o Desembargo do Paço teve este nome, porque este Tribunal se juntava ao Paço, onde El-Rei despachava com elle; o mesmo acontecia com o Tribunal da Puridade, que depois se chamou Mesa da Consciência. A Relação era presidida por elles, e assim o praticou muitas vezes D. João III. Hoje os Reis reinam, mas não julgam; e é pena porque ninguem por suas circumstancias está no caso de ser um Juiz tão recto, e independente como um Rei.

APPARECIMENTO DA SOMBRA DE HEITOR A ENEAS.

Quando por sonhos vêr, e ter diante
De meus olhos a Heitor se me affigura,
Mostrando no tristissimo semblante
Que os soluços, e as lagrimas mistura,
E como quando fôra do rodante
Carro arrastrado, a côr do rosto escura;
De pó sanguinolento, e os pés inchados
Dos inhumanos loros traspassados.

Quão mudado; ai de mi! quão diferente
Daquelle Heitor magnanimo, famoso,
Que de Grecia abrazou a armada ingente
E triumphou d'Achyles victorioso!
A barba tinha cuja enormemente
E os cabellos pegados co'abundoso

Sangue, que lhe manava das feridas,
Pelos muros da Patria recebidas.

Chorando tambem eu com segurança
Fallar-lhe triste assi me parecia,
« Oh resplendor de Troya, em cuja lança
» Toda sua esperança consistia !
» D'onde vens inda agora ? que tardança
» Oh desejado Heitor, esta seria ?
» Como te vemos tristes, e cançados
» Depois de tantos males já passados ?

» Depois de tanto sangue desparsido
» Dos teus, tantos trabalhos, tão extremos,
» Quantos temos passado, e padecido,
» Como tristes, e miseros te vemos ?
» Esse rosto sereno, esclarecido
» Porque razão tão eclipsoado o vemos ?
» Que causa indigna pôde assi affear-te,
» Ou que infido, e cruel tão mal tractar-te ? »

De minhas vãs perguntas não curando,
D'alma hum suspiro arranca assim dizendo,
« Fuge, Filho da Deosa, ao fim infando,
» Fuge, fuge que o fogo vai crescendo ;
» Já os altos muros tem o imigo bando
» E de seu cume Troya cahe ardendo,
» Não ha mais que esperar, e, si o houvera,
» Que esta só mão bastara considera.

» Não quer o Ceo que agora se defenda
» O Reyno de outrem nunca debelado,
» Troya as cousas, sagradas te encommenda,
» E os seus Penâtes põem a teu cuidado
» Este teu braço intrepido os defenda,
» Por onde quer que te encaminhe o Fado,
» Para estes busca regios, e altos muros,
» Aposentos prestantes, e seguros.

» Promettidos te estam no Ceo superno
» Mas primeiro abrirás o seio undoso,

» Padecendo o rigor do duro Inverno ;
 » A fome, a sede, o vento procelloso. »
 Assim disse, e tirou do mais interno
 Da casa o fogo sempre luminoso,
 Os véos sagrados, e a potente Vêsta
 E assim desaparece a sombra mesta.

OS GREGOS ATACANDO O PALACIO DE PRIAMO.

Aqui vêmos huma horrída batalha,
 Como si os inimigos todos juntos,
 Para a cota escallar, romper a malha
 Então se unissem vivos, e defuntos ;
 Hum corta, outra espedaça, abola, e talha,
 E em fim só aqui se vem varios assumptos
 Como si no restante da Cidade
 Tudo paz fosse, e gran tranquillidade.

Nunca Marte se vio tão sanguinoso,
 Sobre os Paços os Gregos carregavam,
 E ás portas huns o Ariete forçoso,
 Ao muro outros escadas arrimavam ;
 E amparados do escudo luminoso
 Por entre as densas lanças, que vôavam,
 Subindo vam' com furia denodada
 C'huma mão no degrau, outra na espada.

O original diz

*Clypeosque ad tela sinistris
 Protecti objiciunt, prensant fastigin dextris*

hem se vê que os ultimos versos da Estança não exprimem fielmente o que estes dizem ; mas sam tão proprios, e tão pictorescos, que quasi desculpam a infidelidade.

Nada imbelles os Dardanos de cima
 Como os que já no extremo se sentiam,
 As ameyas, e tectos d'alta estima
 Arrancando, sobre elles revolviam.
 O transe, em que se vem mais os anima,
 E as aureas traves, onde impressos viam

Altos braços de seus antepassados,
Abaixo fazem vir desesperados.

Outros c'o ferro n'ú no duro braço
As portas defendendo estam temidos,
Onde os nossos se ajuntam, e no espaço
Dellas se vêem encontros nunca ouvidos:
A soccorrer então a regio Paço
E dar auxilio, e força aos já vencidos,
Nos animamos todos, e metendo
O escudo, espada, e pé, fomos rompendo.

Huma porta secreta, e occulta havia
Em as casas de Priamo, huma entrada
Por d'è traz, de commum usada via
Para a Gente de casa accommodada;
Por onde em quanto o Reyno florescia
Sohia hir só, e desacompanhada
Andromacha infeliz levar o oharo
Astianax a seu Avô preclaro.

Por aqui como Touros indomaveis
Nos metemos nos Regios aposentos,
Onde os Teucros estavam miseraveis
Lançando inuteis lanças pelos ventos;
E com gládios nas mãos irreparaveis
A huma Torre subimos, que os cimentos
Tinha sobre hum logar precipitoso,
E a grimpa lá no Olympo luminoso.

Toda Troya daqui se descobria,
Os Danaos arralaes, e a Grega armada,
E por aquella parte, que se via
Do diuturno tempo debellada,
Apesar da tenace pregaria,
Porque hera de madeira fabricada,
Cada qual meneando o forte braço,
Arrancam hum grandissimo pedaço.

Subitamente pelos ares vóa,
E sobre os Danaos cae com grande estrago

O estrepito, e rumor os Ceos atrôa,
 E no campo se faz de sangue hum lago;
 Mas nenhum c'o successo descorreu,
 Peste que vêem da morte o duro trago,
 Sobam huns, baixam ontros, e entretanto
 Vão lanças, cahem pedras, chove o canto.

Ante o Portico Pyrrho não cessava
 Do menear as armas insolente,
 A lança a hum lado, e a outro arremessara,
 Com a luz do metal resplandecente,
 A huma Cobra no aspeito assemilhava,
 Que o veneno comendo na herva urgente,
 O inverno frio tamida se encerra,
 Em as entranhas lobregas da terra,

E vindo a deleitosa Primavera,
 Desenrolada já, da escura cova
 Sae a gozar a luz da quarta esphera,
 Depoem a pelle velha, e se renova,
 E qual si naquella hora então nascera,
 Co'a nova pelle, e mocidade nova
 Alegre o collo empina, e quando o deca
 Com a bocca trilingue resplandece.

A seu lado tambem com bella fronte
 O ajudava na bellica fadiga,
 O gran Peryphas, junto a Authomedonte,
 Seu armigero então, do Pay Auriga;
 E para que de perto o imigo affronte
 Unindo-se c'os Scyrios, gente amiga,
 Ao alcaçar se chega, e dentro logo
 Lança de fóra artificioso fogo.

Virgilio contenta-se com dizer

Succedunt tecto, et flammæ ad culmina jactant.

João Franco Barreto falla de fogo *artificioso*; parece-me que nisto se enganou, porque nem o fogo chamado Grego, nem outros semelhantes meios incendiarios eram

ainda conhecidos, e foram inventados muitos seculos depois. As chammas, que Virgilio diz, que os inimigos, havendo escallado os muros, lançavam ás sumidades, não passavam de fachos accesos, e nada mais : a arte da destruição não estava tão aperfeiçoada naquelles tempos barbaros. O que mais corobora esta minha opinião é ver que Homero quando miudamente descreve as diligencias de Heitor para incendiar os navios dos Gregos, não menciona semelhantes artificios, si elle os tivesse, a armada Grega seria infallivelmente devorada pelas chammas.

C'hum machado nas mãos, entre os primeitos
O mesmo Pyrrho vai firme, e seguro,
E os marmores desfaz, rompe os madeiros
Adonde descarrega o golpe duro ;
Os batentes por terra lança inteiros,
E os portaes descompoem de bronze puro,
Tudo em fim despedaça, e rompe, e corta,
E aos seus estrada faz em larga porta.

Vê-se a casa de dentro, e os dilatados
Palacios se descobrem, e apparecem
De Priamo, e dos seus antepassados
As Camaras, que no ouro resplandecem ;
Logo na entrada armigeros soldados
A's espadas os peitos offerecem,
Porém lá nos retrete's escondidos
Só se ouvem tristes prantos, e gemidos.

C'os femininos gritos, e clamores
As abobadas todas retumbando,
Fere o clamor os Ceos, e nos maiores
Montes o echo se vai multiplicando,
Pelas casas, e pelos corredores
As Mães sem alma pallidas errando,
Com as portas se abraçam lacrimosas,
E as beijam muitas vezes saudosas.

Insta Pyrrho co'a patria valentia,
Não ha claustro fechado, que não rompa,
Nem guarda, que resista á sua porfia,

Muro, que não derribe, nem corrompa ;
Abre o Vaivem nas portas larga via,
Cáem dos quícios, e cáem da antiga pompa,
Abre o valor caminho, entram matando,
De Gente o Paço, e d'armas occupando.

Não sóe assim a rapida corrente
Do Rio pelos campos estendido
Os sulços inundar, que da semente
O Lavrador já tem enriquecido ;
Quando da madre sáe, e sua corrente
Tem os oppostos valles excedido,
E por todos os campos dilatado
Leva os corraes comsigo, e manso gado.

Pelo destroço das mortaes feridas
Eu mesmo a Neptolemo vi furente,
E na porta tambem aos dous Atridas,
Vi Hecuba, e cem Noras juntamente ;
A Priamo entre as aras erigidas
Com seu sangue banhar vi tristemente,
Segundo o fado injusto o destinara,
Os fogos, que elle proprio consagrara.

E como nesta vida tão mesquinha
Não haja em cousa alguma segurança,
Os cincoenta thalamos, que tinha,
E igualava dos netos a esperança,
As portas, onde a vista se entretinha,
C'os pendentés tórpheos da Teucra lança,
Arruinaram já, e o Grego ousado
Tem o que tem o fogo perdoado.

SCILLA, E CARYBDIS.

Todos estes logares se imagina
Que sendo antes continuos, e pegados,
Foram por força de huma gran ruina
Nos seculos antigos arrancados ;
Entrou por meio a furia Neptunina,
E apartou da Scicilia, e Hesperia os lados

Os campos, e Cidades alagando,
Tanto a longinqua idade vai mudando.

Scilla o direito lado, a embravecida
Carybdis tem o esquerdo; e n'hum momento
Já as vastas ondas sorve; já impellida
Com ellas fere o alto firmamento;
Mas Scilla entre hums escolhos escondida
Abrindo a bocca com furor violento,
As Naus a seus cachopos arrebatá,
Adonde de improviso as desberata.

O rosto humano tem, e de Donzella
Mostra fóra o formoso, e branco peito,
Em fim figura humana só the aquella
Parte que esconde o natural respeito;
Tem os mais membros, e remate della
De Pistrice marinha o feio aspecto,
E, para que agil pelas agoas entre,
A cauda de Delphim, de Lobo o ventre,

Mais val que te detenhas rodeando
Do Pachino Trinacrio as altas metas,
E que tua viagem prolongando
Pelo alto golfo a tua armada metas,
Que vêr a informe Scilla, e estar ladraando
Os Cães azues nas agoas inquietas.

VÔO DE MERCURIO LEVANDO A ENEAS A MEN- SAGEM DE JOVE.

Disse, e elle se apresta diligente
A obedecer ao Pay; logo os talaes
Aureos calçou, com que ligeiramente
Descorre as terras, e transcende os mares:
A vara depois toma refulgente,
Com que ao Tartaro tira, e dá milhares
D'almas á Estygia; somnos faz, disvelta,
E na morte também os olhos sella.

Os ventos rompe nella confiado,
E as núvens deixa atraz n'hum breve instante,

Mas já, vôando, o cume levantado,
E os lados vê do excelso, e duro Atlante,
Atlante, que de nuvens mil cercado,
Co'a cabeça pinifera arrogante
O estrellado sustenta firmamento,
Sempre de neve combatido, e vento.

Cobre-lhe infusa neve os hombros frios,
Manam, precipitando-se, da altura
Do seu antigo queixo grandes rios,
E tem c'o gelo a barba horrida, e dura,
Aqui Cylenio, refreando os brios,
Em seu cume primeiro se assegura,
E com o corpo todo ao mar salgado
Desde aqui se arrojou precipitado.

Semilhante áquella Ave, que buscando
Sustento pelas praias, e piscosas
Rochas, humilde, e baixo vai vôando
Ao longo bem das agoas escumosas;
Não de outra sorte as azas meneando
Entre as terras, e o Ceo, as arenosas
Praias de Libia, os ventos hia abrindo,
De seu materno Avô Cyllenio vindo.

HONRAS FUNEBRES DE MISENO.

De pingues teas logo, e de cortados
Sóveros pyra ingente edificaram,
A qual de negras folhas pelos lados
E de Cyprestes pela fronte ornaram;
Nella fulgentes armas, e dourados
Arnezes pelos troncos penduraram,
Outros caldeiras de agoa põem ao fogo,
Lavam o corpo frio, e o ungem logo.

Choram sobre elle, e dam tristes gemidos,
E na fogueira, que ordenada estava,
O poem depois, e o cobrem c'os vestidos
Purpureos, de que em vida alegre usava;
Outros ao grande esquife submetidos,

(Ministerio bem triste) como estava;
Entre os maiores seus em uso posto,
Debaixo a facha tem, virando o rosto.

Com os incensos queima em semeando
Os manjares, e dões o fogo ardente,
E o misto primeiro derramando
Muitos, e varios vasos juntamente;
Desatadas as cinzas, e cessando
De toda a flamma inquieta, e realmente,
As reliquias, e cinzas, que ficaram
Em vinho puro, e liquido lavaram.

Chorineo logo os ossos recolhendo,
Em hum vaso os meteu de cobre, e andando
Elle mesmo trez vezes discorrendo
Com agoa pura em torno o Teucro bando,
Purificou a todos, despendendo
Hum orvalho sobre elles leve, e brando,
Com ramos de frondentes Oliveiras,
E as palavras lhe disse derradeiras.

Porém o pio Eneas levantar-lhe
Sepultura sublime, e sumptuosa,
Mandou, e as proprias armas entalhar-lhe
Com o remo, e trombeta sonora;
No monte Aerio, desde então trocar-lhe
O nome fez co'a machina famosa,
E Miseno se chama hoje ao moderno
No qual seu nome será sempre eterno.

Creio que estes trechos bastarão para os Leitores poderem ajuizar dos defeitos, e bellezas desta traducção, que immortalisou o nome de João Franco Barreto, pois que de todas as suas Obras é esta a mais geralmente conhecida; estou bem certo de que tem sido algum tanto exaggerados os louvores, que se lhe tem tributado pelos admiradores cégos de tudo quanto é antigo, mas também é verdade que elle merece muita estimação, aos Criticos desapaihoxados, e sinceros, que sabem avaliar o trabalho, que

uma tal Obra custa ; e que ha empresas, que basta tent-las para dar gloria a quem as emprehe, ainda que fique o seu desempenho muito áquem da perfeição absoluta.

CAPITULO IV.

O Licenciado Manoel da Veiga Tagarro.

Si poucos sam os nossos Poetas antigos, que possam hobrear com este em talento, e espirito verdadeiramente lyrico ; ha tambem muitos poucos, cuja vida, e circumstancias pessoaes sejam tão pouco conhecidas. O véo do esquecimento cahio em cheio sobre a epocha do seu nascimento, e do seu obito, posto que este parece haver tido logar ainda no tempo da dominação de Castella.

Todas as noticias, que havemos d'elle, reduzem-se a que nascera na Cidade de Evora, na Provincia do Alem-téjo, que estudara, naturalmente na Universidade, que então existia na sua patria, as linguas dontas, a Rhethorica, a Phylosophia, a Theologia, e a Jurisprudencia, e que ali tomara o grau de Bacharel, ou como então diziam Licenciado ; que fôra profundamente versado na historia sagrada, e profana, antiga, e moderna, e em algumas das linguas vivas, cultivando ao mesmo tempo com grande reputação a poesia : a tão pouco se lemitam as noticias que deste Author nos transmittiram Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana, e o erudito D. Nicolau Antonio na sua estimavel Obra da Bibliotheca Hespanica.

A' vista do expellido, não resta mais do que o recurso de investigar nas suas Obras algumas circumstancias da sua vida, que elle talvez ali quizesse transmittir á posteridade.

Parece pois á vista da Ecloga I., que, contando apenas doze annos de idade, se abandonara a uma paixão amorosa, e que esta paixão o acompanhou constante por quasi

toda a sua vida. Vê-se mais da Ode VHI. do Livro I.
que estes amores tinham por fim o casamento.

Quando virá o tempo,
Em que seguindo a ley do santo estado,
Com doce passatempo
O collo já inclinado
Nos possa atar no jugo consagrado?

Da mesma Ode se depreheende que a Dama, por elle
celebrada debaixo do nome de Laura pertencia a uma das
mais distinctas familias do Alemtéjo.

Lhe diz « Oh Mãi divina,
» Já meu arco provou Amphrisa amante. »
Levanta-se Ericyna,
Dizendo « Oh triumphante,
» Que escallar pôdes muros de diamante! »

« Sabeis, Mãi soberana,
Lhe torna o Moço fero, e insolente,
» Huma alta Lusitana
» Filha de hum excellente
» Que illustrou Portugal c'o nome ingente.

» Rompei pois a detença
» E apressai, Mãi sublime, o casamento. »
Venus ouve a sentença,
E logo n'hum momento
Manda nadar os Cisnes sobre o vento.

Mas sem embargo das instancias do Amor, e da me-
dição de Venus, parece que em lugar do desejado hy-
mineo, o que resultou ao Poeta desta paixão foram tra-
balhos, e perseguições, que fizeram a desgraça da sua
existencia, e que servem de principal assumpto ás suas
poesias.

Pelas seguintes Estropes da Ode I. do Livro I. se vê
que o Author se queixa de uma opposição feita aos seus
amores, de que lhe provieram grandes desgostos.

Eis que hum Monstro de fórmas mil deseja
 Tragar-vos; elle abrindo
 Sulphureas boccas da danada Inveja,
 Monstro, a quem a Fortuna
 Deu, com nenhum saber, lingua importuna.

Que males? que desgostos? que agonias?
 Que tormentos? que mortes
 Passei naquelles tão infaustos dias?
 Ai! que heram noites tristes!
 Assim vós, sorte minha o permittistes.

Mas quem seria o Monstro, para me servir da phrase do Poeta, que lhe fez tanta opposição, e desserviços? Por ventura algum rival? O Tutor da sua amada! Algum parente della? Algum inimigo calumniador? É isto que elle nos não deixa bruxelar em nenhuma das suas composições; mas parece que as cousas chegaram a tal excesso, que como se deprehende da Ode I. do Livro III. o Poeta em consequencia desta perseguição foi preso, e sepultado em uma masmorra, onde permaneceu de Setembro a Fevereiro, isto é pelo espaço de seis mezes.

Parece que durante este tempo, e no fundo daquella masmorra, é que elle compoz a maior parte das suas Odes, servindo-se para as escrever de tinta por elle mesmo fabricada, e de papel já escripto como o inculcam os seguintes Tercetos da Epistola dedicatória, dirigida ao Sr. D. Duarte, filho do Duque de Bragança.

Em cova de Dragões, e escuridade,
 Dous partos produzi, e o mesmo Ceo
 Testemunha será desta verdade.

Ali a dura historia se teceo
 Do persegido Amphriso, e o de Fileno
 Que Primaveras d'alma enriqueceo.

.....
 Mas, como póde ser que se apurasse
 Obra, da qual suspeito, que, si a vira,
 Fugitivos Borrões Plauto a chamasse.

Na alheia letra a minha se esculpira,
 Principe meu, co'a tinta adulterada,
 Que apenas quanto olhar traslada, e tira.

Depois que em papel branco a vi lavrada,
Por não ser de Aristarchos offendida,
A esse Templo Real foi consagrada.

Em tempos mais proximos a nós, veremos outro Poeta Lyrico Thomaz Antonio Gonzaga, sepultado nas prisões do Rio de Janeiro, escrevendo as suas bellissimas Lyras a Marilia servindo-se de um pé de laranja em lugar de penna, e da ferrugem produzida pela luz do candeiro em lugar de tinta.

Os desgostos, e amarguras porque passou, lhe anteciparam as rugas da velhice como elle proprio nos informa na Ode IX. do Livro II.

Já invejas, e damnos
Tem o ouro semcado
De prata em verdes annos,
Vendo-se tão mudado,
Que n'hum Cisne de neve estou mudado.

Si não nos enganamos na intelligencia de alguns trechos das Odes VII., e X. do Livro III. parece que esta prisão foi seguida de um desterro voluntario, e peregrinação em traje de romeiro.

Deprehende-se igualmente da Ode VIII. do Livro VI., e III. do Livro V., que a formosa Laura constante nos seus affectos, preferira a desposar-se com outro o tomar o véo em um Mosteiro de Religiosas, e que elle, seguindo o seu exemplo, abraçara tambem o estado ecclesiastico; e parece até pela Ode IX. do Livro VI. que em um Convento proximo ao Tejo.

Descalço, e descoberto
Se mete nas entranhas de hum Deserto;
Onde huma Cova pobre
O penetrante Corpo apenas cobre.

Si é que estes versos, e as outras Estrophes delle não querem dizer que elle tomara a resolução de fazer-se Ermita, o que não era estranho, nem raro naquelle tempo. Cumpre porém advertir que o grande Lyrico Francis-

co Manoel do Nascimento, fallando deste Poeta o denomina: *O Conego Manoel da Veiga Tagarro*. Não sei que fundamento elle tinha para lhe dar esta qualificação; mas nem é probavel que elle a aventurasse sem razão sufficiente; nem é inverosimil que um homem tão douto, havendo-se consagrado ao serviço da Igreja, fosse agraciado com uma cadeira de Conego na Cathedral de Evora, ou Capella de Villa Viçosa, pertencente aos Duques de Bragança, a cuja familia parece ter sempre devido muita amisade, e protecção.

É mui de suppôr que um homem de tanto saber escrevesse grande número de Obras, mas de todas ellas sómente sahiu á luz uma Collecção de quatro Eclogas, e seis Livros de Odes, impressa em Evora no anno de 1627, pelo Typographo Manoel Carvalho, com o titulo de *Laura de Amphriso*; e de que o Sr. Rolland nos deu depois nova edição mui esmerada, e elegante, que sahiu da sua Officina em 1788.

Posto que Manoel da Veiga Tagarro escrevesse em tempo, em que já o bom gosto estava consideravelmente corrompido tanto na eloquencia, como na poesia, soube com tudo escapar quasi completamente ao influxo do Gongorismo, preferindo os bons principios bebidos na leitura dos Poetas Gregos, e Romanos, e na Eschola Italiana, a que pertenceu, sendo por isso honrosamente mencionado por Francisco Dias Gomes, e por Francisco Manoel do Nascimento, que delle fazia grande apreço, e o voto de dous Juizes tão competentes não pôde deixar de ser muito honroso para elle.

A linguagem de Manoel da Veiga é mui pura, e correcta, o seu estylo elegante, facil, e verdadeiramente lyrico, e a sua versificação harmoniosa, e corrente, a sua imaginação é viva; as suas idéas mais graciosas, que elevadas; é erudito sem affectação, nem pedantaria, as suas pinturas delicadas, e amenas, as suas descripções rapidas, e pictorescas, e as suas comparações frisantes, e proprias; só desejaria que o Poeta assim como imitou Horacio no corte, e brevidade das Estrophes, o tivesse tambem imitado na variedade dos assumptos, e metros.

A Collecção Lyrica conhecida pelo titulo de *Laura de Amphriso* principia por uma Epistola Dedicatoria ao Sr.

D. Duarte, que parece ter sido protector do Poeta, assim como todos os membros da Serenissima Familia de Bragança. Esta Epistola é em Tercetos, conforme o uso dos Poetas da Eschola Italiana, mas tem o defeito de ser demasiado extensa, e notarem-se-lhe algumas quebras de imaginação, posto que especialmente no principio contemha muitos Tercetos bem cunhados.

O maior merito desta Epistola está, quanto a mim, em conter algumas circumstancias relativas á vida do Poeta, e ás suas desventuras. Nellas parece pedir ao seu Protector que o leve comsigo em uma viagem, ou peregrinação, que estava para fazer; mas sem nos indicar se esta jornada era para fóra do reino, ou para alguma das muitas terras, de que era donataria a Casa de Bragança.

As suas Eclogas, que sam as primeiras poesias, que se apresentam na Collecção, não tenho em dúvida nenhuma em as classificar como as melhores, que se escreveram no seu tempo; o seu estylo nem é tão culto, e levantado que saia do tom do genero, nem tão rustico que seja indigno da linguagem das Musas, como acontece algumas vezes a Sá de Miranda, e Rodrigues Lobo, e sempre, e com mais excesso a Faria e Sousa, nas suas Eclogas rusticas, em que os Pastores fallam uma algaravia ridicula, barbarizando todos os vocabulos, ao passo que nesta linguagem barbara descreteam, e moralisam como Catões, e o que mais admira é que haja Critico, que, para desculpar este barbaro modo de escrever, diga que não é incrível que os Pastores usem de livros; não reparando que si elles aprendiam as sciencias pelos livros, tambem por esses mesmos livros deveriam aprender a fallar com regularidade, ainda que não fosse com elegancia.

Na primeira destas Eclogas, o Poeta debaixo do nome de Amphriso, nos informa em um dos seus Cantares da epocha em que começaram os seus amores com a bella Laura.

AMPHRISO.

Naquellas sebes vi a dura ingrata
Onde torcendo o passo as parras verdes
Tem os duros espinhos enlaçados;
Vós sereis testemunhas, si quizerdes,

Do meu primeiro amor, rios de prata,
Que correis para o mar despedaçados.

Escaçamente entrados
Tinba doze annos na florida idade:

Já cantando movia

O monte a saudade.

Já as ramas tocar do chão podia,
Quando nos rebatou maligno erro,
Ah! Minino cruel de bronze, e ferro!

Estas duas Estrophes da Canção funebre, em que Alphysibeo lamenta a morte do Pastor Fileno, fazem recordar a graciosa singeleza de Domingos dos Reis Quita.

Verdes Outeiros, mudos horisontes,
Rochedos desiguaes, Bosques sombrios,
Veiga florida dos Pastores gloria;
Ribeiras de cristal, amenos Rios,
Ouvi, ouvi, que faço os olhos fontes,
Para poder contar esta memoria,

Ouvi a dura historia

Escaça, fementida, e triste sorte,

Do vosso bom Fileno,

Em quanto a fera morte

Com meus sentidos ais culpo, e condeno,
Que nos roubou ingrata a hum Pastor
Entre os mais excellentes o melhor.

Meio curso fazia a noite escura
Quando em mudo silencio o campo estava,
Dormia o mar, a terra, os Arvoredos:
Então, então Fileno derramava
Da bocca segelada a alma pura,
Com dôr se partem rochas, e penedos,
Oh profundos segredos
De quem o baixo Mundo assim governa!

Oh duro caso triste!

Oh noite sempiterna!

Que tu, Fileno meu, tão cedo viste!
Pois que na Primavera de tens annos
De morte tão cruel provaste enganoso.

Tanto que o caso funebre souberam
 As Tagides, deixando as télas de ouro,
 Com seu pranto as ribeiras atroaram,
 E dentro em seu riquissimo thesouro,
 Das pérolas dos olhos, que verteram,
 Cristalino sepulchro lhe formaram,
 E em harpás descantaram
 Com Angelica voz, doce harmonia,
 Pagando exequias tristes
 No meio a tuba fria,
 Vós, empinadas Faias, que isto ouvistes,
 As cabeças nos ares meneastes.
 E as Nymphas em seu pranto acompanhastes.

Descobrem-se aqui algumas imitações de Virgilio, mas livres, occupando-se o Poeta em reproduzir os pensamentos do Mantuano, revestidos das côres do seu estylo proprio, e não traduzindo exactamente como costumam os plagiarios, e copiadores servís. Era assim que o cantor de Eneas imitava o cantor de Achyles, Horacio a Pindaro, e Francisco Manoel a ambos.

A segunda Ecloga, dedicada ao Duque de Bragança D. Theodosio, que partia para a capital, a fim de assistir á chegada d'El-Rei, é em tercetos cheios de amenidade, e de graça.

Ditosos campos, verdes Arvoredos,
 Outeiros revestidos de esperança
 Prados de flores mil ricos, e lêdos.
 Onde hum fresco Verão ao outro alcança,
 E onde o fero rigor do Inverno duro,
 E as calmas do Estio o tempo amansa.
 O Ar mais saudavel, fresco, e puro,
 As agoas de cristal mais saborosas,
 E inda o viver mais doce, e mais seguro.
 As veigas mais floridas, e espaçosas,
 Representando eterna Primavera,
 Semeadas de Lyrios, e de Rosas;
 Aqui tocar a Cythara quizera
 Com tanto que eclypsara o Mantuano,
 E o grande Molesigenes vencera.

Não sam menos bellas as cantigas que os dous Pastores Frondoso, e Salicio, cantam alternadamente em excellentes Qitavas.

FRONDOSO.

Pastor ausente, porque nos deixaste?
Para hir vêr do Tejo as agoas claras?
Para que os valles teus desamparaste
Deixando magoas mil, penas amaras?
Depois que destes campos te ausentaste,
As florestas estão de tudo avaras,
Que Flora se ausentou chorosa, e triste
Tanto que desta Terra te partiste.

SALICIO.

Pastor, que vas buscando outro Pastor,
Que lá do Manzanares veio ao Tejo,
E com mostras leaes de puro amor,
Lhe estás manifestando o teu desejo;
Quão contigo contente o Tejo fôr,
Tão tristes estes campos sem ti vêjo,
Que nós te choraremos na espessura,
E o Tejo gozará nossa ventura.

FRONDOSO.

Qual Mãe chorosa pelo Filho ausente,
Que no mavorcio joga o peito ensaia,
Porque o espera triste, e descontente,
Nunca os olhos tirou da curva praia,
E lembrada do nome tristemente
Do nome que entalhado achou na Faia,
O repete mil vezes sobre a areia,
Tal te chora, Pastor, a nossa Aldéa.

Excellentes, e pathetica comparação, nova, e sobre tudo mui exactamente applicada.

SALICIO.

Chorosas vam correndo estas ribeiras
Do Tejo, que te goza, murmurando;

As mimosas Ovelhas, e Cordeiros
 Por ti de saudade andam balando.
 Chamam-te os montes, chamam-te os Outeiros,
 E os Pinheiros também te estão chamando,
 Que hoje mais dita tem do que alcançaram
 Quando o Pastor de Mantua suspiraram.

Nesta Estança ha uma imitação de Virgilio na Eclo-
 ga I.

*Ipsa te, Tylere, pinus,
 Ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta vocabant,*

FRONDOSO.

As Veigas, que mostravam lêdo riso,
 As Cytharas ouvindo sonoras
 Do excellente Ricardo, e doce Amphriso,
 Negam de sentimento as frescas Rosas.
 E ambos elles ao pé de hum tronco liso
 Repetindo mil magoas saudosas,
 Atroaram cantando o secco outeiro,
 E as Lyras penduraram de hum Pinheiro.

SALICIO.

As Lyras penduraram de hum Pinheiro
 Estes, que sam a gloria dos Pastores,
 E ao som destemperado de hum Psalteiro
 Cantaram tua ausencia, e suas dôres;
 Eu os vi ambos juntos de hum Salgueiro
 As corôas quebrar das suas flores,
 Colhendo rosas negras, e amarellas,
 Que á sua dôr competem taes capellas.

Rosas negras, sam flôres de que não tenho conheci-
 mento; nem me lembro de as haver encontrado nos jar-
 dins, que tenho percorrido, que de certo não sam poucos:
 talvez o Author use da palavra *negras* para designar uma
 côr vermelha-escura, que ás vezes se encontra nas rosas,
 e nos cravos, ou talvez o Poeta escreveria *flôres*, em lo-
 gar de *rosas*, e os copistas alterassem o texto.

Os Pastores do Gado se esqueceram,
 E do Lobo voraz o não guardaram,
 E ás Ovelhas tam triste pasto deram
 Que nunca o brando leite lhe ordenharam.
 As Cabras da tristeza, que tiveram,
 Pelos rochedos não se penduraram,
 Negam, soltando ao ar penosos gritos,
 O pasto a si, e o leite aos seus Cabritos.

SALICIO.

As Aves, que, na fresca madrugada
 Davam com branda vós doces reclamos,
 A musica em tristeza tem trocada
 Quando tua partida lhe contamos.
 Já com som rouco, e voz desentoadá
 Se vam dependurando pelos ramos,
 Choram as Aves, choram horizontes,
 Choram os Rios, Arvores, e Fontes.

FRONDOSO.

O Sol então mais bello apparecia;
 Oh Pastor Soberano, em nosso monte,
 De outra maneira ás Aves respondia
 O canto de cristal da clara fonte;
 Outra côr, outra graça, outra alegria
 Mostrava revestido o horizonte,
 E agora tudo he treva escura, e soeia,
 Vem pois, eh Sol, dar luz á nossa Aidea.

O canto de cristal da fonte, é um rasgo de gongorismo um pouco forte, que dá pena encontrar neste Poeta; mas ninguém escapa totalmente á influencia do gosto do seu seculo, e os melhores espiritos pagam esse feudo ás fraquezas da humanidade.

Na Ecloga IV. o Poeta parece ter tido em vista, ao menos no proemio imitar o estylo, metro, e colorido de João Baptista Guarini no seu affamado *Pastor Fido*, que tantos applausos, e tantas censuras excitou, não só na Italia, mas nos paizes estrangeiros, mas que sem embar-

go das criticas, é o Poema Italiano, de que os curiosos sabem mais trechos de cor.

SILENO.

Oh cristaes derretidos,
Que estas veigas ditosas
Como cintas de prata hides cercando;
Oh campos revestidos
De Açucenas, e Rosas,
Que estaes as almas livres captivando,
Oh Jardim fresco, e brando,
Que a rica Primavera
Faz junto destas agoas,
Para desterrar magoas
Aqui hum pouco descansar quizera,
Aqui entre estas flores,
Doce campo, direi vossos louvores.
Mil vezes he ditoso
Quem sobre a relva verde
Da vossa margem de ouro se reclina,
Onde, vivendo em gozo,
Toda a lembrança perde
Dos bens, que nem sonhados imagina;
A prata bella, e fina,
Os rubis extremados,
Topazios excellentes,
Thronos resplandecentes
De formosos diamantes semeados,
Tudo vil lhe parece
Que só do campo as glórias appetitece.
Não o inflamma Avareza,
Nem a Inveja o persegue;
Nem espira dos Reis grandes favores;
Foge toda a riqueza,
E só ao Gado segue,
Ao Gado doce allivio dos Pastores;
Não busca os resplandores,
Que esconde a mina ingrata,

E seus campos freis,
 Antepõem aos doces
 Lavrados de ouro fino, e fina prata,
 E seu arado duro
 A' purpura real, ao Sceptro puro.

Oh bem aventurado,
 E outra vez venturoso,
 Quem fóra de negocios pisa os montes!
 E arrimado a hum cajúdo,
 Com verso numeroso
 Faz relumbar de longe os horisontes!
 Ao murmurar das fontes
 Se fica adormecido,
 Nem teme o tóxico insano
 Do fervente Oceano,
 Nem das sonoras armas o arruído,
 Que vai movendo a Guerra
 Por buscar outro Mundo, e outra Terra.

Vê luctar os Cabritões
 Com os cornos virados;
 Doce Theatro aos olhos de Pastor;
 Escuta os mudos gritos,
 Que os Touros estrellados
 Vam dando por fugir do Lavrador;
 Oh cuidado sem dôr!
 Oh bemaventurança,
 De quem nos campos mora,
 Gozando os dões de Flora,
 Livre de inveja, e cheio de esperança!
 Ditoso, si conhece
 Os bens, que o bello campo lhe offerece.

Imitação de Virgilio

*Oh fortunati nimium sua si bona norint
 Agricole!*

Porém qualquer que seja o mérito das Ecloas de Manoel da Veiga Tagarro, é certo que o melhor fundamen-

to da sua gloria está nos seis Livros de Odes, fazendo ao todo sessenta, que formam a sua collecção.

Nestas composições é mui sensível a imitação de Horacio, e o esmeró, que elle punha em estudar aquelle grande modêlo, os seus vãos rapidos, as suas descripções breves, e brilhantes, a sua maneira sentenciosa, e suas imagens vivas de colorido, e de expressão.

Nenhum dos seus antecessores tinha ousado tactear a Lyra do Venusino; parece que os assustava o mau exito com que o Doutor Antonio Ferreira havia tentado esta empreza; e por isso se contentavam de transportar alguns dos sons Latinos para o Alaúde Romantico, e por isso as suas Odes, perdendo a graça singela, e um tanto desleixada, da Canção, não conseguiram igualar a marcha impetuosa, e desenvolta da Ode propriamente dicto; pelo contrario Manoel da Veiga, elevando-se quanto o permittem os assumptos, que tracta, consegue não poucas vezes enramar sua fronte com as flôres, que se soltam da corôa do Poeta de Venusa.

Daqui vem a predilecção, que o Principe dos Lyricos Portuguezes, o grande Francisco Manoel do Nascimento, mostra por este Poeta, que na verdade merece ser mais conhecido, e estimado, do que é em nossos dias, mas o fado dos homens no Parnaso, e é como no mundo, onde muitas vezes não sam os mais dignos os que a sorte mais prospera, em quem se empregam os sorrisos da Deosa de Antio, sempre cêga, e sempre caprichosa na distribuição das suas graças. Passemos pelos olhos a Ode II. do Livro I.

Das cadeias de Minos vai fugindo
Hum novo nadador, caminho abrindo
Pelo Reino das Aves,
Como quem em seu peito tinha as chaves
Da grã sabedoria!
Donde nasceo tão subita ousadia?

Que não intenta hum triste? ou que não ousa
Si entre duros tormentos não repousa?
O engenho da dôr,
He entre outros engenhos o melhor?

Tudo vê, tudo entende,
Tudo alcança, obra tudo e tudo emprende,

Está Dédalo as azas fabricando,
O Filho para os ares animando,
Já de penna o vestia,
E já entre esperanças, e agonia
Lágrimas derramava,
Como quem sua morte adivinhava.

« Filho meu, pelo meio voareis,
» Para que o raio ardente não proveis
» Da reluzente esphera!
» Que como as vossas azas são de cera,
» Ficarão derretidas,
» E vossas esperanças já perdidas. »

Isto dizendo, o abraça ultimamente,
E já o ar suspenso prova, e sente
Milagrosos extremos,
Levado em vivas naus, de cera os remos,
Que com nobre artificio
Imitam das barquinhas o exercício.

Entretanto seguro o Filho vai,
Em quanto segue o acautelado Pai!
Porém logo, atrevido!
C'o vôo desusado envanecido,
Se levantou aos ares,
Dando pennas ao Sol, e nome aos mares!

As correntes do mar impetuosas
Lágrimas receberam saudosas,
Que os olhos destilaram
Do Pai choroso quando contemplaram
As pennas sobre as agoas,
Ai! que duros tormentos! ai que magoas!

Assim Dédalo triste vai chorando
Ao sepulchro do Filho exequias dando,
Até que em fim parou!

E o remigio das azas pendurei

Para eterno exemplo,

Fazendo a Phebo sumptuoso Templo.

O remigio das azas é fielmente traduzido do Livro VI. da Eneida.

*Insuetum per iter gelidas enavit ad Arctos,
Chalcidica que leves tandem superastitit ance,
Deditus his primum terris tibi, Phæbe, sacravit
Remigium alarum.*

Ali pinta de Andrageo a feroz morte;

Dos Cecropidas pinta a dura sorte,

Tambem urna pequena

Innocentes quatorze ali condena,

Contra os Pais infiel

Duro estipendio, imposição cruel

Cecropidas por Athenienses, é genuino estylo lyrico.

Ali defronte Creta respondia,

Que os agoutes do mar tambem soffria;

Ali mugia o Touro,

Que tem corpo de leite, e cornos de ouro,

Por quem se vio perdida

Pasiphahe, Raynha alta, e subida;

Ali pinta com mão maravilhosa

A Vacca de madeira mentirosa,

Que nos campos pastava,

E a Raynha infeliz, dissimulava;

Ali o gran portento

De Venus torpe insano monumento.

O cego Labyrintho ali pintava,

Que com engano sobre si tornava;

A si mesmo occorrendo,

As voltas, e caminhos retorcendo,

Enredos duvidosos

De paredes sophismas flexuosos.

Mas de Ariadne as lagrimas attenta
 Dédalo, que com arte o fio inventa,
 O qual enovelasse,
 Para que assim Theseo sabida achasse,
 Também te aqui pintara,
 Oh Icaro, si a dôr não o estorvava. (*)

Trez vezes debuxar-te pretendia,
 Trez vezes o pincel da mão cahia,
 Oh Minino imprudente,
 Que serás dôr do Pai eternamente!
 Pois nos ares pagaste
 A gloria juvenil, com que vòaste.

Aprendam em teu damno os voadores
 A temer da Fortuna os resplandores,
 Que em fim azas de cêra
 Mal podem sustentar ardente esphera:
 Vai a Fortuna ardendo
 Ouro, quanto mais cêra, desfazendo!

Ai de quem de ouro as verdes azas teve,
 Mas a vista do Sol voadando em breve
 Em tão alta excellencia
 Logo provou da sorte a inclemencia!

(*) Nova imitação dos seguintes versos de Virgílio.

*In foribus læthum Andragæo; tum pendere panas
 Oecropidæ jussi; miserum! septena quotannis
 Corpora natum; stat, ductis sortibus, urna.
 Contra elata mari respondet Gnoëia Tellus,
 Hic crudelis amor Tauri, suppositaque furto
 Puryphææ, mixtum genus, prolisque biformis
 Minutaurus inest, Veneris monumento nefandæ.
 Hic labor ille domus, et inextricabilis error;
 Magnum Regina sed enim miseratus andrum,
 Dédalus ipse dolos tecti, ambages que resolvit
 Cæca regens filo vestigia; Tu quoque magnam
 Partem opere in tanta, sineret dolor, Icare, haberes,
 Ter conatus erat casus effingere in aëro,
 Ter patriæ cecidere manus!*

Icaro morre em agoas,
Ai daquelle que vive, e morre em magoas!

Dédalo, dividamos o exercicio;
Eu tomo sobre mim o triste officio,
Que a tua dôr te impede,
Eu lavrarei, si a Musa mo concede,
Nos bronzes da memoria
Do teu amado Filho a dura historia.

Quando em seu proprio damno a alma se enléa
Melhor sabe pintar a magoa alheia;
Eu pintarei os teus
Tormentos desiguaes, tu pinta os meus,
Que eu triste quando os pinto
O pincel frôxo, e a mão cahida sinto.

Pinta quem morre em mar de pranto amaro,
Vendo eclipses a pares do Sol claro:
O teu filho acabou
Porque dô Sol ardente provocou
Os raios, que o mataram,
E eu morro porque os raios me faltaram.

O Poeta pretende provar que assim como Icaro morreu por se atrever a aproximar-se demasiado do Sol, que lhe derreteu as azas de cêra, elle tambem morre pelos despresos da sua amada, a quem, sendo tão linda como o Sol, ousou elevar o seu pensamento amoroso; mas em vez de explicar simplesmente esta idéa como o faria em uma Canção, ou Elegia, deixa-se arrebotar da sua imaginação, e á semilhança da abelha, que vai vagamente voltejando de flôr, em flôr, entra no assumpto sem preparação, e tocando rapidamente diversos objectos, e diversas fabulas, ora nos apresenta Dédalo voando pelos ares, ora fabricando, e adaptando-se azas de cêra, e a seu filho, e ensinando-lhe a fazer uso dellas; aqui vemos o despenho do infeliz mancebo, e as lagrimas do Pai, que cahem abundantes sobre as ondas, ali a chegada de Dédalo ás praias de Cumas, onde edifica o Templo de Apollo; acolá vemos na sua fachada a morte de Andrageo, o

tributo de sangue imposto aos Athenienses, Creta agou-
tada pelas ondas do mar; o nefando amor de Pasyphe pe-
lo Touro, e a Vacca de madeira, por cujo meio se unio
com elle; Theseo livre dos ambages do labyrintho pelo
fio de Ariadne; vemos Dédalo também pertendendo escul-
pir na fachada do templo o precipicio de Icaro, e os ins-
trumentos cabindo-lhe trez vezes das mãos, pela força da
magoa, e da saudade, é por meio deste labyrintho de
grupos, que parecem não ter ligação entre si, mas uni-
dos por meio de transições rapidas, e quasi impercepti-
veis, que o Poeta chega a mostrar a semilhança entre a
sua temeridade, e a de Icaro, as suas desventuras e as
delle. Não será isto o que Boileau chama a bella desor-
dem da Ode?

Chez elle un beau desordre est un effet de l'Art.

Não é esta a marcha verdadeiramente lyrica seguida
por Pindaro, Horacio, e Chiabrera? Mas se exceptuarmos
Ferreira, que nas suas Odes apresenta alguns longes des-
te proceder, qual dos nossos Poetas antigos pôde servir
de exemplo a Manoel da Veiga Tagarro? Nenhum, por
que todos elles, sem exceptuar Camões, equivocaram a
Ode com a Canção, tanto na disposição como no estylo,
posto que estes dous Poemas desiram tanto entre si.

Note-se como o nosso Poeta maneia o dialecto lyrico,
prodigalisando as metaphoras, e a dicção figurada, os
Athenienses sam os *Cecropidas*, o ar o reino das aves, ao
voador chama *nadador*, as azas sam *remos*, para dizer
que a Ilha de Creta era banhada pelas ondas do mar diz

Que os acontes do mar também soffria.

e outras muitas maneiras de dizer novas, metaphoricas,
e figuradas, mas entre elles não serei eu que approve,
que elle fallando do labyrintho de Creta, chame aos seus
ambages

De paredes sophismas flexuosos.

Esta phrase gongoristica tinha melhor cabida nas Can-
ções de Vahia, que nas Odes de Manoel da Veiga Tagarro.

A Ode VII. do Livro I. é uma formosa, e livre imitação da Ode de Horacio.

*Difugere Nives, redeunt jam graminā campis,
Arboribusque comæ.*

Já fugiram as neves,
Que vestiam de toga os altos montes;
E em recompensas breves
Aprendem mocidade os horisontes,
Que de ouro, e verde ornados á porfia,
Vestidos apparecem de alegria.

Ao campo as flôres tornam,
Já torna a Folha ás Arvores formosas;
E as veigas já se adornam

De Lyrias, Açucenas, e de Rosas:

Já os laços tambem de fina prata,

Que heram prisões do Rio, o Sol desata.

Com as Nereidas bellas

Surge do mar ceruleo Cytherea,

E com verdes capellas

Ordenam danças mil na lóura areia,

Hymnos, Odes em harpas descantando,

Com que o vento minaz se torna brando.

Porém, oh Natureza,

Pois logo ao bem ligeiro o mal alcança,

Não sabe haver firmeza,

Senão só nesta subita mudança;

Ao doce Outono segue o Inverno rudo,

Porque em fim tudo acaba, e passa tudo.

Que foi do pio Eneas?

Que foi do rico Tullio, e de Aneo forte?

As duras leys letheas

Os fizeram manjar da fera morte,

Porque chegando a hora tributaria

Somos pó leve, e sombra imaginaria.

Quando na eternidade
 Minos fizer arbitrios na urna funda,
 Não poderá piedade
 Nem a lingua subtil, douda, e fecunda,
 Nem poderão os Deuses invocados
 Restituir os annos já passados.

Depois da morte insana;
 Depois de entrar na escura noite eterna;
 Não tem forças Diana
 Para tornar o Moço á luz superna:
 Theseo, bem que prometta grande estrago,
 Perithoo não livrou do estigio lago.

A Ode IX. do Livro I. é um bellissimo quadro de poesia descriptiva, em que o Poeta encontra relação, e semilhança entre o inverno, que desola a mimosa perspectiva dos campos, e o estado de consternação, em que o amor tem posto a sua alma.

ODE.

Depois do Verão brando,
 Se segue o Inverno duro, e enregelado;
 Que os campos vai trocando,
 E o que hontem foi prado
 Já hoje em campo secco está trocado.
 Hontem se estavam rindo
 As rosas c'o cristal da bella Aurora;
 Os botões de ouro abrindo:
 E vêdo os d'ões de Flora
 O mesmo Ceo da terra se namora.
 Hoje está secco o monte,
 E do Tempo esta subita esquivaça
 Chora a Veiga, e a Fonte,
 Porém nesta mudança
 Si falta a Flôr, não falta a esperança.

Que estes calvos outeiros,
 Que as ovelhas de neve andam pisando,

C'os mimosos Cordeiros,
Inda-estam esperando
As douradas libras do Tempo brando.

Só lo penoso Inverno
Do meu penar continuo, e do meu damno
He para sempre eterno;
Passa hum anno, e outro anno,
E o fado cada vez mais deshumano.

Passou-se a idade breve,
Passou-se a Primavera, e minhas glorias;
E agora já se escreve
No Livro das memorias
Hum progresso de tragicas historias.

Tenha embora esperanza
A Fonte, o Campo, o Bosque, a Veiga, o Prado,
Que eu tomarei vingança
De meu duro caldado,
Fartando-me de ser desesperado.

Reina nesta Ode certa amenidade de estylo, certo colorido de imaginação risonha, combinados com a viveza de sentimento, que formam o caracter distinctivo das poesias de Manoel de Veiga Tagarro, e que é baltado buscar em os outros Poetas contemporaneos.

Vêja-se como o espirito, e a maneira de Horacio transfloram na Ode X. do mesmo Livro.

ODE.

Grandeza excelsa, machina de neve
Cobre de Achyles fero a cinza leve;
Que em vão Thetys suspira,
Pois hade vér soar na doce Lyra
Vivendo eternamente
Na memoria do Mundo o Filho ingente.

De palmas rodeado valerosas,
As bandeiras da Grecia victoriosas,

Terceira Monarchia

O famoso Alexandre move, e guia,
Já nos berços da Aurora
O Gangetico mar seu nome adera.

Nobre excellencia, regia magestade,
Temperada com doce humanidade;
Peito nunca vencido
Entendimento alto, e esclarecido,
Liberal, dadivoso,
Sublime em tudo, em tudo grandioso!

Já sua fama os Polos assombrava,
Já de Philippe Rey se despresava;
Já com gloria mais alta
De progenie de Jupiter se exalta,
Confessa que menor
He a Fortuna aos pés do Vencedor.

O qual, tanto que chega ao Mausoleo,
Os olhos revolvendo ao claro Ceo,
Lagrimas derramou,
Quando o valente Achyles contemplou,
Tão bem affortunado,
Que mereceu de Homero ser cantado.

« Oh ditoso Mancebo! (suspirava)
» Que em quanto o gran Neptuno as praias lava,
» E em quanto luminoso
» Corre os campos de prata o Sol formoso,
» Hade viver em gloria
» De teus feitos illustres a memoria.

» Muitos viveram fortes e esforçados
» Que com seu braço em tempos já passados,
» Deram ao Mundo espanto,
» Dignos todos porém de eterno pranto,
» Que em noite escura decem,
» Pois de Vate sagrado em fim carecem.

O Leitor reconhecerá nesta Estrophe uma visível imitação destes versos do grande Lyrico Romano.

*Vixere fortes ante Agamemnona
Multi; sed Omnes inlacrimateles
Urgentur ignotique longa
Nocte, carent quia Vate sacro.*
Od. IX. Liv. IV.

- » Para ti esgotou a fonte Aonia
- » O sublime Cantor de Colophonia
- » Afinando o instrumento
- » Com vozes immortaes, divino accento,
- » A cuja alta excellencia
- » O claro Meles deu branda audiencia.
- » Oh quem os Fados abrandar podera
- » Com que outra vez Homero á vida dera;
- » Para qué eternisasse
- » A quem ou te vencesse, ou te igulasse:
- » Ao Cantor tenho inveja,
- » Não me vences, Achyles na peleja!
- » Quando minhas grandezas contemplaste
- » Outro Homero, Fortuna, me negaste,
- » Temendo que se risse
- » De ti o Mundo todo quando visse,
- » Que com gloria excessiva
- » Fixei hum cravo em tua roda altiva.»

Esta Ode contém um soberbo elogio indirecto da poesia, unica arte que levanta monumentos duraveis aos heroes, aos sabios, e aos homens abalisados, em virtude; é ella que assenta a mancha indelevel da reprobção no nome dos grandes criminosos, e dos que por seus vicios se tornam a deshonra do genero humano. As estatuas, os arcos de triumpho, as pyramides, as pinturas sam consumidas pelos seculos, derribadas pela mão da guerra, sepultadas no seio da terra, pelos terremotos, e pelas inundações, mas os grandes Poemas, especialmente depois da invenção da typographia, espalham-se por todo o mundo, e passam de geração, em geração pelo encanto da harmonia, e pela magia do estylo.

Pela Ode I. do Livro II. vê-se que o Poeta tinha um

irmão, que embarcou para a India, talvez a fim de distinguir-se pela carreira das armas, ou de se enriquecer mercadejando: a Ode, que Manoel da Veiga Tagarro dirige á nau, em que elle navegava, é imitada d'aquella tão conhecida de Horacio

*Sic te Diva potens Cypri,
Et frâtes Helenæ, lucida Sidera.*

e é uma das mais bellas da collecção, e por isso digna de ser aqui transcripta, para se vêr a nova feição, que o Poeta moderno soube dar ás idéas do antigo.

ODE.

Ligeira Nau formosa,
Que cometteis o Indico Oriente;
Tão alegre, e contente,
Que prometteis briosas,
Correndo os mares largos,
De ter assento Ethereo como a de Argos.

Cortaes do azul Imperio
Com vossa proa rochas cristalinas,
Athe que ás agoas finas
Do remoto Hemispherio
Em rio vagaroso
Sustentam vosso pezo venturoso.

Nesta praia ondearam,
Revendo-se no mar, vossas bandeiras,
Que altivas, e guerreiras
Os fados despresaram,
Cuja côr sem descanço
Branda lisonja foi do vento manso.

Destes licença ás agoas
Que vos fossem levando brandamente
Co'a força da corrente,
Mas ai que tristes magoas!
Que grandes saudades!

Esperai, Nau ligeira, não vos vades!

Hum Irmão me levasse,
Irmão, que hera metade de alma minha;
Porque hides tão asinha?
Ou porque me deixaes
Nesta ausencia tão dura
Passando em saudade a vida escura?

Mas já que a sorte ordena
Que escusar-se não possa esta partida,
Parei a despedida
Sobre esta praia amena,
Aos bons Anjos rogando
Que nas palmas das mãos o vam levando.

Praza a Deos, Nau formosa,
Que nunca vossa quilha toque o fundo
Do golfam furibundo:
Nem a Syrte raivosa
Em noite escura, e feia
Vomite sobre vós montes de areia.

Occupe o fresco vento
As brandas vélas preñhes, e redondas,
Vam-vos servindo as ondas
Do humido Elemento;
Sereis, Nau triumphante,
Torre viva no mar, Cidade errante.

O tempo não resista
A estes vossos ageiros tão ditosos
Com trovões temerosos;
Athe que á vossa vista
O Ganges, e o Indo
Por bocca de coral se estejam rindo.

Que quando ao fim chegardes
A vêr os berços de gemante Aurora,
E, já dos mares fóra,
As ancoras lançardes
No doce Rio claro,
Não tenho que temer do tempo avano.

Vêde esse rio santo,
Que seu principio tem no Ceo terreno,
Como corre sereno,
Que a todos faz espanto,
Pois cria finas flôres,
Cujo cheiro sustenta os moradores.

Allusão á crença erronea, de que os moradores das margens do Ganges se sustentavam sómente do cheiro, e aroma das flôres; nas rymas de Luiz de Camões se encontra tambem mencionada esta opinião popular.

Vêde a Cortiça quente,
Que em Ceilão veste as arvores cheirosas,
Vêde as outras, que airosas
Brotam o cravo ardente,
Que em idades passadas
Com sangue Portuguez foram compradas.

Meravilhas por fructo
Gera a fria corrente cristalina;
E com mão peregrina
Em seu riego tributo
Mil gigantes retrata,
Briarcos de coral, Typhoeos de prata.

O original da edição de Rolland, lê *Theseos de prata*, sem nenhuma propriedade.

Nesse grande hemispherio
Fez o Ceo sementeira de Esmeraldas,
Por dar ricas grinaldas
Ao Lusitano Imperio,
Cujos filhos valentes
Sam guerreiros Leões, Touros rompentes.

Mas como, Nau ligeira,
Tiverdes visto tantas maravilhas,
Tornem, tornem as quilhas
A dobrar a carreira;

Ah vinde, vinde asinha,
Trazei-me essa metade da alma minha.

Vinde, penduraremos
Em hum dourado, e sumptuoso Templo,
Para eterno exemplo
Os venturosos remos,
Os calabres, e as vellas
Sempre favorecidos das Estrellas.

Um Critico escrupuloso poderá notar nesta Ode alguns repios de pensamentos, algumas sombras de culteranismo, algumas poucas expressões defeituosas; mas nem por isso deixa de ser uma bella composição.

Coteje-se esta com outra imitação, que o Doutor Antonio Ferreira fez da mesma Ode de Horacio, e que é a VI. do Livro I. das suas, e se verá a liberdade, com que Manoel da Veiga Tagarro, aproveitando-se da idéa do originat, a enriquece com uma multidão de rasgos da sua phantasia, ao passo que Ferreira segue servilmente a pisa de Horacio, contentando-se de o traduzir paraphrasticamente! Vêr-se-ha què si na Ode de Ferreira ha mais correção, e elegancia classica, ha tambem menos movimento, menos invenção, e menos poesia, que na de Manoel da Veiga Tagarro, mesmo sem contar a differença, e desigualdade da versificação dos dous Poetas.

Como é rica de poesia a Ode VI. do Livro V. em que o Poeta quiz mostrar que sabia erguer o vôo a alturados feitos heroicos! Como é lyrica a sua marcha! Que concisão, que força nas suas pinturas! Como o quadro da guerra de Troya vem naturalmente provar a idéa do Poeta! E de certo esta Ode uma das mais bellas producções da sua penna!

ODE.

Gregas praias deixando,
Nadantes Aves pelo mar vôavam!
Azas ao vento dando,
Tão fortes se mostravam
Que o Mundo Universal desafiavam!

Em bojos de madeira
Vai, despresando a temerosa morte,
Gente alegre, e guerreira,
Que com animo forte
Obrará feitos dignos de Mavorte.

Menelao aggravado,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Jurando pelo Fado
Que hade vêr com seus olhos
Em Troya o sangue dar pelos giolhos.

O segundo verso desta Estrophé é todo de Camões, e o ultimo quasi todo.

Que o sangue fará dar pelos giolhos.

Não aponto isto como censura, mas como prova de que Manoel da Veiga Tagarro lia, e imitava as Obras do nosso grande Epico.

Achyles arrogante,
Que debaixo dos pés a morte tinha,
Porque Minino infante
A Mãi, que hera Raynha,
Nas agoas o tingio como convinha.

Ulysses valeroso
Todo se vinha em artes convertendo,
Sagaz como animoso
De longe promettendo
A' miseravel Troya estrago horrendo.

Armas ! armas ! bramavam
Em quanto os verdes mares vam cortando,
Detenças castigavam,
E a Troya já chegando
A Gente, guerra ! guerra ! entra bradando.

Param as Naus formosas ;
No mar se lançam ancoras pezadas,

Com que quêdas, e airosas
Ficaram enfreadas,
Contra as furias dos ventos indignadas.

Assi passam dez annos,
Que tantos os Troyanos sustiveram,
The que manhas, e enganos
A Cidade renderam
Que mil Naus, que dez annos não venceram.

Imitação do verso de Virgilio

Nen anni domucce decem, non mile Carinæ.

Esta imitação foi muito elogiada por Francisco Manoel.

Já com arte divina,
Que a sabedora Palas lhe ensinava,
Grandeza peregrina
Do chão se alevantava,
Figura de Cavallo em si mostrava !

Cheia de Gente armada,
Fatal machina os muros já subia,
Oh Troya sublimada !
Ai tempos de agonia !
Hoje verás em ti o ultimo dia !

Vem a noite correndo,
E os enganos dos Gregos apparecem,
Já do ventre estupendo
Homens armados descem,
Para que Troya antiga desfizessem.

Pelos Templos famosos
Vai Vulcano sem redea embravecido,
Os Troyanos mederosos
Andavam sem sentido ;
Horriavel confusão ! triste ruido !

Morria toda a idade,
Homens, Mulheres, Velhos, e Mininos,

Ah dura crueldade !
Oh peitos diamantinos,
Que provais na Innocencia os aços finos !

Do Xanto as puras agoas
O liquido ouro em sangue converteram,
Ai lastimosas magoas !
Que escudos, que volveram,
Que corpos mortos para o mar trouxeram !

Esta Tragedia dura,
Esta de Troya rigorosa pena,
Causou a formosura
Da peregrina Helena,
Do Juiz Páris gloria não pequena !

Que males tem causado
Estas Feras crueis em fórma humana :
Não só tem assolado
Monarchia Trajana,
Si não também a Iberica, e Romana.

Oh feros Basiliscos,
Aspides brandas, Sphynge venenosas !
Que causais tantos riscos,
Tragedias tão custosas
A's altas Monarchias gloriosas !

Qual será por ventura
Que convosco ser possa isempto a damnos ?
Si vossa formosura,
Seminario de enganós
Destruê Reys, e Reynos soberanos ?

É cousa bem notavel que, sendo os Poetas os mais apaixonados adoradores do bello sexo, desde a mais alta antiguidade, estejam no costume de vomitar contra elle as mais virolulentas invectivas : nas Tragedias de Euripedes, e nas Comedias de Aristhophanes se lhe attribuem a metade pelo menos das calamidades, que tem opprimido o genero humano ; Horacio, Virgilio, e Propercio não as

poupam mais do que os Poetas Gregos; Tasso, victima de uma desenfreada paixão amorosa, diz na sua Jerusalem.

Femina é cosa gasrula, e fallace.

Ariosto, depois de introduzir no seu *Orlando Furioso* o feroz Rodamonte clamando em uma locanda que todas as mulheres sam más, e perjuras, accrescenta com uma seriedade que faz rir: « *Não tinha razão o Serraceno! ha muitas mulheres de character excellente; é verdade que eu ainda não conheci nenhuma, que boa fosse; mas isso é culpa do meu fado, e não dellas; e heide procurar tanto que heide encontrar alguma, que não seja ruim, e promette celebra-la em prosa, e verso!* »

No em tanto é certo que os Poetas amam as mulheres como doudos, e que os que mais as maltrataram sam aquelles que nos consta haverem sido mais enamorados; de que nascerá esta contradicção entre o seu fallar, e o seu proceder? Conhece-las-hão elles melhor porque as tractam mais de perto? ou serão as mulheres como certas comidas nocivas, de cujos ruins effeitos todos se queixam, e de que todos usam, porque tem um sabor delicioso, que pôde mais, que todas as considerações?

No fim do sexto livro vem algumas Odes compostas quando o Author desenganado do mundo, e de suas esperanças, se retirou d'elle, abraçando o estado ecclesiastico para entregar-se á devoção, e penitencia, occupando-se unicamente em grangear a vida eterna. Estas Odes sam as mais bellas composições deste genero, que até áquelle tempo se escreveram em Portuguez, pois foi elle o unico que soube revestir as idéas religiosas com as galas de poesia, não se lemitando como Sá de Miranda, Diogo Bernardes, e outros a escrever orações, e jaculatorias em verso. Eis aqui a Ode IX. feita á sua entrada no claus-tro.

ODE.

Troca a seda em burel, o pranto em riso
Na altiva primavera, o brando Amphriso;
Descalço, e descoberto,
Se mete nas entranhas d'hum deserto,

Onde huma cova pobre
O penetrante corpo apenas cobre.

Ali tem retratado aquella vida,
Que por nós espirou na Cruz subida ;
Ali huma caveira
Saudavel mesinha, e verdadeira
Contra as Torres de vento,
Que fabrica o humano entendimento.

Ali ajoelhado em terra fria,
Suspiros derramando assim dizia ;
» Oh doce companheiro,
» Doce Jesus, amigo verdadeiro !
» Só vós me não deixastes,
» Só vós sempre jámais me acompanhastes !

» Aquelles, que em reciproca amizade
» Me deviam, Senhor, tractar verdade ;
» Quão falsos os achei !
» Mas eu nestas carrancas me ganhei !
» Vé hontem, não vé hoje
» Labão brando, e por isso Jacob foge.

» Carracundo Labão, rosto mudado
» Me fez, que o tenho, qual Jacob, deixado !
» Oh ditosos Espinhos,
» Com que assim me juncastes os caminhos !
» Para que em tantas dôres
» Outros campos buscasse, e outras flôres !

» Escornava-me o Mundo, e a memoria
» Não se fartava na terrena gloria !
» Não de balde João
» Vio aquella porphetica Visão,
» Dez diademas de ouro
» Sobre as pontas crueis de hum bravo Touro.

» Aqui, Senhor, a vossos pés me rendo ;
» Aqui a vida chorarei temendo.
» Adeos, glorias fingidas,

- » Esperanças em fumo convertidas,
- » Minha gloria he a Cruz,
- » Meu unico thesouro he só Jesus.

- » Oh quem as vidas bemaventuradas
- » Dos altos Seraphins recopiladas
- » Nesta sua tivera !
- » Porque com mais vontade então a dera
- » Neste vosso serviço,
- » Que para.vós, meu hem, tudo cobiço.

- » Mas já que de tão pouco vos pagais,
- » Que esta vida tão misera estimais,
- » Eu vô-la dou, Senhor,
- » Prendei-a por refem do vosso amor,
- » Que toma-la eu não possa :
- » Si athegora foi minha, agora he vossa. »

Assim chorava Amphriso saudoso,
Quando o doce Jesus, bello, e formoso,
Com semblante de riso,
Os olhos pondo nelle disse « Amphriso ! »
Ouviram horisontes,
Responderam « Amphriso » os altos montes.

Causa pena que o verbo *escornar*, tão baixo, e tão plebeo, por indigno do estylo lyrico desfeie, e manche esta bella composição ; felizmente estes defeitos sam raros neste poeta, cuja linguagem é habitualmente polida, e elegante.

A Ode X. deste Livro, o ultimo da collecção, seria ainda superior a esta, e a todas as, que o Author escreveu neste genero, si não fosse essa mesma Ode a composição, em que elle mais se abandonou aos conceitos, e idéas gongoristas, de que resulta uma mistura de bellezas, e defeitos, de modo que parece ao Leitor que a Obra é de duas pessoas diferentes, com principios, e systemas opostos de escrever : quem dirá que estes versos

Adeos, Amor da Terra, adeos cuidado,
Porque me vêjo agora envergonhado

Daquella prisão dura
A' vista desta nova formosura.
Adeos, amor terreno,
Que me encobrio os Ceos com brando acceno!

sahiram da mesma penna, que escreveu os seguintes, na
mesma composição?

Ai de mim! que outro tempo não olhava
Para o formoso Ceo, que me accenava,
Doce, amoroso, e brando,
As pestanas de prata meneando
C'os olhos roubadores
Por dar doce principio a meus amores!

Este Ceo com pestanas de prata, que meneava, isto é, que pisca como qualquer rameira, aquelles olhos roubadores, &c., formam imagens pueris, cujo menor defeito é desdizerem da situação do Author já retirado do mundo, e occupado com as meditações da vida celeste, que deviam inspirar-lhe pensamentos mais serios: é necessario que o bom gosto estivesse já mui corrompido para fazer que um tão bom espirito como o de Manoel da Veiga Tagarro, decahisse em laes conceitos, e affectação!

Sem embargo porém destes senões, e de outros de igual jaez, que podem encontrar-se nestas poesias, força é confessar que nenhum dos Poetas antigos comprehendeu melhor do que este o character, e estylo da Ode, nem se aproximam tanto á maneira de Horacio: e a esta circumstancia deve principalmente attribuir-se a predilecção, que Francisco Manoel manifestou sempre por elle.

CAPITULO V.

D. Isabel Corrêa.

Nada mais facil do que encontrar nos Authores, que floresteram no reinado de El-Rei D. Pedro II. e pouco depois desta epocha, grandes encomios aos grandes dotes moraes, e literarios de D. Isabel Corrêa; e apesar de tamanha celebridade sam mui pouco conhecidas as circumstancias de sua familia, da sua vida privada, e epocha do seu nascimento, e morte.

O que se tem podido averiguar a respeito desta illustre senhora, é que nasceu em Lisboa, que seus Pais lhe deram muito esmerada educação, de que ella soube aproveitar-se. Foi por certo dotada de feliz memoria, facil comprehensão, e de uma ancia de saber, que raras vezes, se encontra no sexo feminino, vindo assim a tornar-se uma das Damas mais versadas no conhecimento das humanidades, e de todas as artes liberaes.

D. Isabel Corrêa além de muito instruida nos idyomas Grego, e Latino, fallava com admiravel perfeição, e facilidade as linguas Castelhana, Italiana, Franceza, e Alemãa.

Desde a sua adolescência tinha ella grangeado grande nome na poesia, e os seus versos impressos, e manuscritos eram avidadamente disputados, copiados, lidos nos salões, e assembléas, e as suas decisões eram consideradas, como oráculos.

Ignora-se o motivo porque D. Isabel Corrêa, abandonando a patria, mudou o seu domicilio para a Hollanda; mas considerando a circumstancia, e o tempo, parece-me que sem grande escrupulo, ou receio de errar, póde aventurar-se como conjectura mui probavel, e mui verosimil, e é que esta Dama pertencia a alguma familia judia, ou dos chamados christãos novos, que no reinado de D. Pedro II. emigraram para diferentes paizes, e em maior nume-

ro ainda para os estados da Hollanda, para subtrahir-se ás barbaras, e incessantes perseguições da Inquisição.

Uma das razões, que muito me inclinam a acreditar isto, é o silencio absoluto, que o Abbade Barbosa Machado guarda (contra o seu costume) em tudo o que diz respeito á ascendencia, e parentes de D. Isabel Corrêa, e ás demais circumstancias, e successos de sua vida, que pela proximidade dos tempos lhe deviam ser bem notorias, e conhecidas, quando elle em sua Bibliotheca costuma ser tão minucioso, e pontual nestes objectos de linhagens, e ascendencias.

Seja como fôr, o que é certo é que ella passou grande parte da sua vida na Cidade de Amesterdam, muito estimada, e festejada dos Literatos, não só Castelhanos, e Portuguezes ali residentes, mas dos naturaes do paiz.

Naquella Cidade, e em sua propria casa, fundou uma Academia de Bellas Letras, mui frequentada, onde concorriam os mais eruditos engenhos de um, e de outro sexo, e despendiam agradavelmente o tempo altercando em questões deleitaveis, e judiciosas.

É muito natural que esta Academia fosse como todas as outras do mesmo tempo; em que todo o fim era alardear espirito, e subtileza de engenho, como pôde vêr-se das actas das sessões das Academias dos Anonymos, dos Singulares, e outras que então floresceram.

As poesias de D. Isabel Corrêa sam hoje inteiramente desconhecidas, mesmo porque foram impressas em paiz estrangeiro; sam parte em Castelhana, e parte em Portuguez, ha nellas bastante imaginação, muito engenho, e apurada metrificacão. A mais importante a meu vêr é a que tem o titulo seguinte.

El Pastor Fido, traduzido do Italiano em metro Espanhol, y illustrado con reflexiones. — Amesterdam, en la Imprenta de Juan Ravenstein, 1694, 8.º

Esta traducção é fiel, elegante, e bem versificada: muitas das reflexões, que a acompanharam, sam interessantes, e judiciosas, é muito para sentir que esta Obra esteja sepultada no esquecimento, em que jazem todos os escriptos da Authora.

O Author do *Theatro Heroico*, Tomo I., paginas 537, faz breve, mas honrosa, mensão dos talentos desta Da-

ma, um dos melhores ornamentos do seu sexo, e do Parnaso Portuguez.

O Padre Antonio dos Reis, da Congregação de Oratorio de Lisboa, no seu Poema Latino intitulado *Enthusiasmus Poeticus* consignou o seguinte elogio de D. Isabel Corrêa.

Itala Pastorem fidum Correa vetabat
Dulcia verba loqui, tradens misteria linguæ
Hispanæ, duplicem sanctissima jura per Orbem
Dantis: odora comas nectebat laurea; plectro
Dextera Threiciam Cytharam pulsabat eburno:
Qua tamen in sacri sit montis sede locanda,
Non bene cum Lulis Hollandis convenit; isti
Convictum obijciunt per tempora longa, suisque
Proin jungendam contendunt Vatribus; illi
Deberi Lysiæ jam grandia verba crepantem
Quæ Lusos inter balbas dedit ore loquelas,
Difficiles que sonos meliori jure reponunt.

FIM DO TOMO QUINTO.

INDICE DO TOMO QUINTO.

LIVRO VIII.

CAPITULO I. <i>Francisco Rodrigues Lobo</i>	5
CAPITULO II. <i>O Condestabre</i>	33
CAPITULO III. <i>Novellas Pastorís de Francisco Rodrigues Lobo</i>	69

LIVRO IX.

CAPITULO I. <i>O Doutor Antonio de Sousa Macedo.</i> ..	113
CAPITULO II. <i>D. Francisco Child Rolim de Moura.</i> ..	155
CAPITULO III. <i>Frey Bernardo de Brito</i>	182
CAPITULO IV. <i>D. Bernarda Ferreira de Lucerda.</i> ..	208

LIVRO X.

CAPITULO I. <i>Diogo de Sousa</i>	217
CAPITULO II. <i>Antonio Peixoto de Magalhães</i>	248
CAPITULO III. <i>João Franco Barreto</i>	267
CAPITULO IV. <i>O Licenciado Manoel da Veiga Tagarro</i>	297
CAPITULO V. <i>D. Isabel Corrêa</i>	332

